

Os Buscadores de Prazer

Melanie George



Disponibilização e tradução: Yuna

Revisão: Maryvone

Revisão final: Bellanany

Projeto Revisoras Traduções



A adorável Lady Bliss Ashton foi cortejada pelos homens mais sofisticados e atraentes da sociedade inglesa... mas desprezou todos. Mas quando Caine Ballinger, Conde de Hartland — conhecido em todo o país por sua perícia sexual — começa a tecer uma teia de sedução em torno dela, Lady Bliss sente-se muito tentada a deixar-se enredar. Não só pela paixão que ele desperta em cada poro de sua pele, mas também pela vulnerabilidade que ela percebe debaixo dessa arrogante e perigosa fachada que ele se empenha em mostrar ao mundo inteiro.

Caine está tentado seduzir Lady Bliss para ganhar uma aposta e assim poder recuperar a propriedade que pertenceu durante gerações à sua família — com o estímulo de que, com esse jogo, também poderá vingar do pai da dama. Só está interessado em possuir seu delicioso corpo... e depois envergonhá-la. Mas, por que se sente tão estranho quando seus delicados dedos acariciam seu corpo, ou suas suaves palavras acalmam sua alma torturada?

Agora a aposta veio à luz e Caine terá que escolher entre sua ansiada vingança... ou a mulher que deseja ardentemente com todo seu coração.

Prólogo

Às vezes uma pessoa se vê obrigado a fazer determinadas coisas das quais não se sente particularmente orgulhoso. O dia em que Caine Ballinger vendeu sua alma a uma mulher para seu prazer, desceu o último degrau para o inferno.

PRIMEIRA PARTE

Inglaterra

"Com cautela, com muita cautela" pensou Emma; "ele avança pouco a pouco, e não arriscará nada até sentir-se seguro."

Jane Austen

Capítulo I

“A alma insone pereceu em seu orgulho.”

William Wordsworth

— Vamos, demônios. — O suor escorria pelas costas enquanto Caine dava violentas estocadas no sexo da mulher que estava debaixo dele; seu choro costumeiro fazia que subisse um gosto amargo à garganta. Queria acabar de uma vez para que fosse embora.

Ela sempre estava faminta de sexo ao despertar, motivo pelo qual ele geralmente queria desaparecer; mas ela o tinha pegado despreparado, encarapitando-se na sua cama de madrugada, quando ele tinha bebido até perder a lucidez... Acordou abruptamente quando ela montou sobre sua ereção matinal, por isso quase a estrangulou ao empurrá-la de costas.

— Oh, sim, Caine... Assim — ela ofegava com uma expressão de êxtase no rosto. Olivia Hamilton, viúva do marquês de Buxton, e agora patroa de Caine, estava chegando ao orgasmo. — Agora, Caine. Agora.

Prendeu-o com as pernas, tirando cada gota dele, ele querendo dar ou não.

Jogou a cabeça para trás e gemeu. Um brilhante raio de sol se projetou enviesado em seu pescoço, revelando sua idade: ela aparentava quarenta, mas ele suspeitava que se aproximasse dos quarenta e cinco. Embora seus vinte e cinco, não facilitar em nada sua tarefa. Justo castigo para um homem que tinha vivido imerso em um mundo de pecado e que ganhou o apelido de "Vício" por parte de seus companheiros de aventuras. Que destino perverso... Estar preso em sua própria imoralidade!

Do lado de fora, o estampido seco das armas indicava o começo de uma manhã de caça à raposa e de mais outra semana de festa na mansão que já durava vários dias, onde ele ficaria à margem enquanto

os nobres mais imorais da Inglaterra se hospedavam na mansão Northcote. Pessoas que em outros tempos, ingenuamente, tinha chamado amigos, e estavam na casa que fora sua.

Northcote tinha pertencido aos Ballinger desde o século XIV, sobrevivendo a estados de sítio, as intransigências da costa Devon, e a um incêndio que quase a aniquila um século atrás. Mas não tinha sobrevivido a Henry Ballinger. Seu pai.

O conde tinha sido um bom homem, embora perturbado: a morte de sua esposa o mergulhou ainda mais em seu próprio mundo, com um projeto comercial vacilante até que as dívidas chegaram ao pescoço, e que seu filho herdara quando morreu. Caine tinha escapado da ruína por pouco. O vínculo com Northcote tinha caducado. Não teve como salvá-la do leilão, deixando assim a Caine somente um título como única herança.

Fazia dois anos que seu pai havia falecido: tinham achado seu corpo arrebatado contra as rochas, perto dos escarpados. O último passo na derrocada de Henry Ballinger para a autodestruição foi a incapacidade de devolver o dinheiro pedido em empréstimo ao nobre mais endinheirado da região, Edward Ashton, duque de Exmoor. O conde podia aceitar muitos desafios, mas nada que tivesse a ver com uma dívida de honra. A partir daí sua queda em desgraça tinha sido absoluta.

E assim começou Caine sua própria descida com um crescente ódio que lhe corroia cada vez mais, certo de que seu pai ainda estaria vivo se o duque tivesse concedido mais tempo para pagar. Exmoor tinha empurrado seu pai em direção à morte como se o tivesse feito ele mesmo com sua própria mão.

Depois disso, a vida de Caine se tornou um inferno, e tinha se tornado um homem desalmado, sem consciência. Não restava nada... Nada, exceto a raiva silenciosa e impotente que o fazia se levantar cada dia em lugar de pegar uma arma e dar um tiro.

Olivia choramingou debaixo dele: queixava-se de que estava sendo muito rude com ela. Mas nem isso a afastava. Nem poria fim àquela loucura nem mudaria as circunstâncias que o fazia continuar vivendo. Nem lhe devolveria a vida que em outros tempos havia sido segura.

— Não, Caine — implorou quando ele começou a sair dela, de

uma forma quase mecânica.

Ela amaldiçoou sua crueldade por torturá-la, coisa que provocou nele uma perversa satisfação. Possivelmente ela o tinha dominado, mas ele tinha algo que a deixava louca. Algo de vinte centímetros.

A falta de cooperação dele era uma coisa momentânea; então, ela arqueou os quadris para atraí-lo e acariciou o sexo até ficar duro, com os músculos convulsionando-se ao redor do membro, tratando de espremer sua semente. Embora ele não estivesse disposto a se arriscar. Sempre usava o "amparo *francês*" para evitar que ela ficasse grávida. Uma só semente que subisse nadando e ela o teria preso para o resto de sua vida.

Cumprida a tarefa, Caine se afastou virando-se para o lado, e deixou que a brisa que entrava pela janela aberta esfriasse a fúria e o corpo acalorado. O verão finalmente chegou, banindo o ar fresco da primavera e limitando-o só às horas antes do amanhecer.

O perfume dos jasmims brancos que cresciam em qualquer parte ao redor da casa se infiltrou no quarto, trazendo consigo a única lembrança que Caine conservava de sua mãe. Ela havia falecido quando ele tinha quatro anos, mas a fragrância persistente provocava nele lembranças fugazes de uma silhueta etérea com um sorriso triste.

— Caine, me desamarre. — Ouviu impaciente a voz da nova dama da mansão enquanto, balançava ligeiramente os lenços de seda vermelha que prendiam seus pulsos à cabeceira da cama.

Caine nem se incomodou em olhá-la.

— Não.

— Maldito seja, Caine! Me desamarre agora!

Ele a tinha amarrado para prazer dele, não dela. Assim evitava que o tocasse.

— Vou chamar a criada — disse enquanto pegava o cordão da campainha.

— Não faça isso!

A mão de Caine deslizava ao redor do cordão de seda negra.

— Por que não? A moça poderia ter uma imagem sua muito diferente, ainda mais depois de você ter descontado dela um dia de salário por derramar uma xícara de chá. — Olivia se deleitava

cometendo pequenas crueldades; era a única coisa que fazia sua vida ter sentido.

— Essa idiota mereceu. Devia tê-la despedido imediatamente isso sim.

— Seu constante afã em subestimá-la a põe nervosa.

— Pare de procurar desculpas para justificar estes serventes incompetentes. Sempre fica do lado deles. Qualquer um diria que você se preocupa.

Mas a Caine não importava nem pensar se a razão de sua defesa era outra coisa, senão o desejo de provocar Olívia. Ela precisava dessas pequenas provocações para se tornar um pouco mais humilde.

— Não me importo com nada nem com ninguém. Você mais que qualquer pessoa deveria saber bem.

— Isso é porque não tem coração.

— Certo. Mas não é meu coração o que você quer, verdade? Agora, queira fechar as pernas. — Enroscou os dedos no cordão.

— Algum dia, Caine você vai apertar muito a corda... E então queimarei sua amada casa até reduzi-la a cinzas.

A mão de Caine se fechou. Ele já tinha experimentado da sua maldade, quando destruiu sistematicamente os quadros de seus ancestrais, que tinham estado pendurados na galeria durante séculos. Os poucos que ficavam estavam agora no sótão, transformando-se em poeira.

— Vejo que tenho sua atenção — disse ela. — Bem. Agora me desamarre.

Ele soltou um grunhido e afrouxou as amarras. Virou-se para o lado para afastar-se dela, entrelaçou as mãos atrás da nuca e ficou olhando o teto, pensando no quanto estava cansado; esse simples e fatal defeito de caráter que o tinha feito vender seu corpo e sua alma.

— Isso não foi nada gentil da sua parte, milord — recriminou a indesejada companheira de quarto enquanto esfregava os braços, aquela princesa malcriada e mimada por seus pais e por um marido imbecil que teve o bom senso de morrer.

— Tem o que quer Olivia. Agora me deixe em paz, pelo amor de Deus.

— É um bruto malvado, Caine, embora absolutamente delicioso.
— Passou a palma da mão pelo seu estômago, desenhando um círculo com a ponta do dedo indicador ao redor da glândula, já sem camisinha.

Ele a pegou pelo pulso e a jogou com força sobre o colchão. — Me deixe — grunhiu.

— Não se zangue comigo.

— Disse a você que não viesse ao meu quarto.

— Mas você não vinha para mim e eu precisava de você.

— Então encontre outro homem para passar a noite com você.

— Você é o único que quero.

— Não acredita seriamente nesse delírio, não é verdade, Olívia?

— Por favor, Caine. Pare de brigar. — Ela deitou de lado, mas próxima dele, percorrendo o corpo nu com o olhar. — Me deixe compensá-lo...

Caine sabia o que estava a ponto de fazer e tentou detê-la. Não a suportava, e, entretanto seu corpo gritava por receber algum tipo de satisfação.

Sentiu o ar sobre a carne rígida antes que ela o abarcasse com a boca, fazendo cócegas na virilha com sua loira cabeleira. Ela brincava com ele, sabendo que isso criava nele um amargo ressentimento.

Massageava-o com dedos peritos. Ao mesmo tempo a boca úmida chegava até o fundo do membro, sugando forte, aumentando o tamanho, por mais que ele tentasse refrear o movimento traiçoeiro de seu corpo.

Ela apertou os lábios com mais força, sua língua brincava com a cabeça, mamava só o glândula antes de abrangê-lo até o fundo, tudo o que podia, enquanto com a mão esfregava a base. A sucção crescia junto com a velocidade, e estendia a pressão pelo meio das pernas dele.

Quando estava quase lançando fora sua semente ela montou em cima, e ele soltou um som rouco quando ela introduziu em seu corpo o membro desprotegido e completamente ereto.

Imediatamente, Caine a afastou de si com brutalidade.

— Maldita!

Os olhos dela ardiam de raiva quando se apoiou nos travesseiros, com os mamilos cor carmesim que pareciam escuros em contraste com a silhueta pálida de seu corpo e os lençóis de cetim azul debaixo dela. Parecia querer cortá-lo em pedacinhos. Mas sabia que não chegaria a lugar nenhum excitando-o assim.

— Por que me nega isso? Sabe o quanto quero ter um filho, e, no entanto enterra a sua preciosa semente como se fosse de ouro. Eu tenho dinheiro. Posso dar ao bebê tudo o que precisar: uma babá que limpe suas fraldas sujas, e que o amamente quando tiver fome...

— Mas sem sobrenome, a menos que tenha em mente um casamento, e é obvio que isso está fora de cogitação. Isso é totalmente imoral.

— Como se você a tivesse — devolveu ela. — Não é sem razão que o chamam *Vício*. Essa é sua única virtude. É tão sem escrúpulos como sem vontade própria.

É obvio ela estava certa. Chamar-se *Vício* sempre tinha sido sua qualidade exclusiva.

— Não tem que atender seus convidados? — Olhou o relógio deliberadamente enquanto se levantava da cama e pegava as calças do chão. Vestiu-a e caminhou para a janela com altivez.

Como era lógico, ela ignorou a indireta que jogou para desviar o assunto.

— Me dê um filho, Caine. Alfred foi incapaz de cumprir com suas obrigações de marido. Quem cuidará de mim quando for velha?

— Não me importa nem um pouco.

— Toda mulher deve ter um filho.

— Já passamos por isso antes. A resposta continua sendo não. Poderá dominar minhas finanças, mas não dominará meu futuro.

— É espantoso que diga algo assim! Será que não te dou o que quer? A roupa mais fina, dinheiro para suas apostas, uma adega provida de suas bebidas favoritas, e meu corpo para esquentar sua cama. Que mais quer?

A única coisa da qual estava destinado, pensou Caine amargamente.

— Queria entender o que o incita a se comportar com tanta

crueldade. Sei que as coisas não foram fáceis para você.

— Não seja condescendente comigo — advertiu ele.

— De acordo. Já que quer ser franco... É a pura verdade. Tenho sim, seu futuro em minhas mãos.

Lançou-lhe um olhar penetrante por cima do ombro; a fúria de seu rosto a fez retroceder com medo.

— Não duvide que posso conseguir outra patroa.

— Mas poderá conseguir uma que seja proprietária de sua casa ancestral? - disse ela elevando as sobrancelhas com gesto zombador. — Northcote o obceca, Caine. Corre em suas veias como uma droga e não pode exorcizar. Agora me pertence. Com o tempo, obterei o que quero. Sempre consigo. Então, por que não paramos de discutir?

Caine a fez calar; sabia que fora preso por seus próprios demônios, e que era incapaz de libertar-se. Amaldiçoava-a por ser uma cadela desalmada, por jogar suas fraquezas na cara.

Centrou fixamente o olhar no mar, além dos escarpados. As turbulentas águas azuladas do canal de Bristol refletiam seu mau humor, as ondas se encrespavam com espuma branca e rompiam estrondosamente contra as pontiagudas rochas que se erguiam a centenas de metros de altura.

Apesar dos fantasmas soltos que o espreitava este era seu lar, seu único laço com o mundo que uma vez tinha conhecido. Northcote era sua identidade, seu porto seguro; sem essas terras se sentia sem porto, à deriva. Olivia tinha chamado de sua obsessão, e assim era. Simplesmente não podia partir; não importava o quanto ferisse seu orgulho o fato de submeter-se a suas vontades sexuais. Ele não podia renunciar à última porção de sua vida.

Caine a ouviu levantar-se da cama e caminhar para ele.

— Mesmo merecendo ser castigado por seu comportamento — disse-lhe com voz sedutora — parece que não consigo descartá-lo. É muito difícil resistir, milord. — Abraçou-o pela cintura, e acariciou seu peito e suas costas enquanto ronronava: — é tão bem dotado... — Deslizou as mãos pela frente de suas calças.

Ele fechou a mão em torno de seu pulso com a força suficiente para fazê-la soltar um gemido.

— Não faça mais isso.

Ela tirou a mão.

— Por favor, tente ser cortez hoje. Espanta meus convidados com esse escuro cenho franzido.

— Como se me importasse com isso. Já sabe como me sinto ao ter essas *barracudas* aqui. — Detesto desfilar como se fosse seu reprodutor

— Eu adoro estas reuniões. Se não fossem por elas, este lugar pareceria tão sem vida como uma tumba.

— Se você não gosta, então por que fez que seu amado finado marido cornudo lhe comprasse isso?

— Porque encontrei um estranho e perverso prazer em sua trágica história. Pessoa se quebra financeiramente e que se joga pelos escarpados. Que dramático!

Caine ficou tenso, esse comentário incisivo e mal intencionado refletia uma verdade contundente.

— Cale-se!

— Oh, querido. Sinto muito. Era seu pai, não é verdade? Tinha esquecido.

— É uma puta sarcástica, e sim você se lembrava bem. — Deus, tinha que deixá-la. Estava sufocando.

Ao aproximar-se da janela, captou a imagem de dois cavaleiros. O casal irrompeu do meio do bosque a toda velocidade, realizando as manobras mais imprudentes enquanto apostavam uma corrida até a casa.

Quando o cavalo que estava à frente tentou fazer um salto arriscado por cima de uma fenda, a atenção de Caine se centrou no cavaleiro. Feminino. Uma fêmea idiota que punha sua vida e a de seu cavalo em incrível perigo.

Tinha sobre seu companheiro uma vantagem de uns bons quatro quilômetros quando entraram como um trovão no pátio dianteiro da casa. Sua risada rouca ressonava nos ouvidos de Caine enquanto parava o cavalo, levantando poeira.

Desmontou com um pequeno salto sem esperar ajuda. Já com os pés no chão, Caine se surpreendeu em ver que era bem pequena.

Ela afastou os cabelos do rosto; tinham soltado durante a louca carreira final. As lindas mechas cor de canela escuro chegavam até a metade das costas.

Debaixo do véu de seda havia um rosto realmente impactante. Uma beleza entre exótica e clássica.

Tinha as maçãs do rosto incrivelmente altas, com uma boca tão larga e deslumbrante, que quando sorria, mudava toda a expressão do rosto de sobranceiras escuras, que se desenhavam oblíquas sobre uns olhos de uma cor que ele não podia discernir, mas que seu instinto lhe dizia que era tão azuis como a água que havia atrás dela.

— Ganhei, Court — disse ao outro cavaleiro com voz sorridente e sem fôlego ao mesmo tempo eu que dava um ligeiro beijo no focinho do cavalo. — Se rende?

Do alto e montado, o homem ofereceu a ela uma reverência exagerada. O cabelo loiro escuro, brilhava com o sol do meio-dia.

— Rendo-me, milady. Dou-me por vencido ante sua destreza na equitação. Pode me colocar no rol de um homem a mais que caiu vítima da superioridade de seu estilo.

Deu uma batidinha eu seu joelho com a vara em um gesto brincalhão.

— Lembre-se disso a próxima vez que me desafiar.

— Só um idiota desafiaria você — disse no mesmo tom. Então, algo distraiu sua atenção e fez Caine desviar o olhar nessa direção. Melhor dizendo, para quem.

Lady Rebecca St. Claire, sobrinha de Olivia, passeava junto ao paredão do jardim com a criada, que ia uns passos atrás dela. A moça lançou olhadas tímidas por cima do ombro, em direção ao homem.

— Desculpa-me, prima? — Disse num tom divertido. — Há um assunto que requer de minha imediata atenção.

Ela dirigiu um olhar divertido na mesma direção.

— Ah, sim. Já vejo o "assunto" que requer atenção imediata — respondeu-lhe com voz sarcástica e olhos acesos.

Ele se despediu com um sorriso conspirador e, fazendo um gesto com a vara, partiu a meio galope para sua presa. Ela permaneceu aí um momento, observando-o, com a luz do sol brilhando nos botões

dourados de seu traje de montar de cor verde oliva, com um decote atrevido e uma saia com uma abertura apropriada que permitia montar sobre a sela com as pernas abertas como um homem.

De repente, levantou os olhos e encontrou o de Caine, da janela. Seu impávido olhar mostrava que ela sabia que tinha estado sendo espionada. Não se importou. Nunca tinha sido um cavalheiro e não pretendia ser agora.

O relincho impaciente da égua pôs fim ao duelo de olhares. Ela inclinou a cabeça em um gesto claramente zombador enquanto se virou e levou o cavalo.

Descarada. Ela não sabia a quem estava provocando: era ele quem podia dar lição a ela. As imagens passavam vertiginosas por sua mente enquanto seguia com o olhar, o provocante bamboleio de seu traseiro, que captou sua absoluta atenção até que ela desapareceu de sua vista.

— Não babe querido — recriminou Olivia com tom dominador. — Posso ficar ofendida.

Caine se virou para olhá-la a contra gosto, forçando uma expressão de aborrecimento.

— Ciumenta Lady Buxton?

Ela ajustou apenas os laços de sua camisola, com o mamilo que se notava claramente debaixo do tecido transparente.

— Não seja absurdo, querido. Posso ter você quando eu quiser. — Para demonstrar o que dizia avançou os três passos que os separavam e apertou seu corpo contra o dele.

Caine a olhou com desinteresse.

— A máquina necessita de um descanso. — Passou por ela roçando-a e pegou a camisa.

— Realmente ela o impressionou, não foi?

Vestiu a camisa, fazendo fingindo não ter entendido.

— Já que tive a desgraça de conhecer mais de uma "ela" em minha vida, você se incomodaria de me esclarecer?

— Sabe perfeitamente de quem estou falando. Do pequeno bolo com um montão de cabelo. — A inveja escorria por suas palavras como veneno. A própria cabeleira de Olivia estava começando a rarear em

alguns locais, o que a obrigava a usar postigos para realçar o que a natureza não dera a ela.

Sentado na beirada da cama, Caine enfiou o pé na bota.

— E se fosse?

— Então terei que lembrá-lo que pode olhar, mas sem tocar.

Caine apertou os dentes e se levantou devagar da cama. Diminuiu a distância que os separava e olhou fixamente nos olhos ligeiramente esverdeados de Olivia.

— Permito certas liberdades, mas não sou homem que permita que uma mulher tente controlá-lo. Lembre-se disso.

O sorriso felino deixou claro que continuaria com o jogo enquanto lhe conviesse.

— De repente essa reunião se tornou muito mais interessante do que eu imaginava...

— Talvez para você — Caine se dirigiu à porta, sabendo de sobra para onde se dirigia. Aos estábulos. Ia se perguntando por que permitia que uma pequena e ardente tentação o fizesse reagir desse modo.

As palavras da Olivia o detiveram na metade de caminho.

— Não sabe quem é ela, não é mesmo?

Algo no modo como formulou a pergunta enrijeceu seus nervos. Olhou-a por cima do ombro e notou o brilho em seus olhos.

— Suponho que se refira à impetuosa amazona.

— Por isso vejo que não a reconhece, verdade? Na verdade não tem laços familiares, e pelo que sei passa grande parte do tempo em Paris.

— O que está querendo dizer?

— O nome Edward Ashton diz alguma coisa a você?

Caine se congelou por dentro.

— Sim, vejo que sim. — Ficou junto dele na soleira. Caine permaneceu imóvel enquanto ela passava o dedo pela cicatriz de um corte que ele tinha no lado esquerdo do rosto.

— Ainda dói?

— Não — replicou com aspereza, afastando a cabeça bruscamente; de repente sentiu todo seu corpo tencionar como se fosse explodir.

A cicatriz era uma lembrança de uma idiotice. Um ataque dos lacaios do duque de Exmoor. Mas Caine pensava que tinha tido seu castigo por apresentar-se em sua luxuosa casa em Londres, bêbado e com a intenção de vingar a morte de seu pai. Não conseguiu atravessar nem a porta principal. Um preparado criado tinha tido a vantagem da sobriedade, o peso e ele, uma garrafa.

Caine recordava ter despertado em um hospital de caridade, quando alguém o trouxera febril pela infecção e com o corpo suado. Tinha passado ali dois meses, com seu mundo reduzido a uma esfera solitária capaz de assimilar uma só idéia; a vingança.

Olhou nos olhos de Olívia.

— Quem é ela?

Ela demorou um pouco mais de tempo para revelar o segredo, logo respondeu:

— Lady Bliss Ashton. A filha adorada de Exmoor.

Caine sentiu como se alguém o tivesse pegado pela garganta e arrancado as vísceras.

— O que ela está fazendo aqui? — falou com voz suave, mas só na aparência. — Você a convidou? — Avançou para ela ameaçador. — Juro que se o fez...

— Não, claro que não! Eu não a convidei. — Por um instante pareceu aterrorizada, mas logo recuperou a compostura. — Deve ter vindo com o primo.

— Bem, então mande-a para o inferno.

Ela arqueou uma sobrancelha:

— E há menos de cinco minutos queria *fodê-la*. Que inconstante você é meu amor!

Caine se adiantou um passo mais, e segurou o braço de forma brusca.

— Não me pressione Olivia.

— Se quer que ela vá — começou a dizer elevando o queixo

anguloso e olhando-o fixamente — faça você mesmo. Sei que um homem crescido e temível como você é capaz de espantar uma pequena fêmea, e você faria muito bem isso, por ser um bastardo.

— Lembre-se disso quando vir seu corpo atirado sobre as rochas —disse Caine com arrogância ao sair do quarto

Capítulo II

“Quando sorri ela é Vênus, quando anda ela é Juno e quando fala é Minerva.”

Ben Johnson

Bliss ia caminhando distraída para os estábulos, sentindo-se estranhamente perturbada. Tirou o chapéu repassando a silenciosa confrontação com aquele olheiro quase nu e musculoso. Um impacto inesperado tinha feito com que estremecesse ao encontrar aqueles olhos profundos: tinha lhe devolvido um olhar absolutamente descarado com uma expressão entre atrevida e sexual.

Ela tinha ido a Northcote a convite de seu primo Court, que aparecera na porta da casa de seu pai três dias depois que ela chegara de sua visita a Paris. Ela logo se deu conta do motivo. A adorável Lady Rebecca St. Claire e sua mãe "o dragão", como a chamava Court, seriam as anfitriãs.

Claramente, a presença de Bliss junto ao primo tinha a intenção de dar um ar de decoro à relação entre o Court e Rebecca St. Claire, mas se a mãe da moça soubesse...

Sua criação tinha sido muito diferente da criação de suas companheiras. Sua mãe francesa tinha um espírito incansável, sempre em busca de novas aventuras, transpondo tudo o que ameaçava limitar sua liberdade, ensinando à filha que tudo era possível, mesmo para uma mulher.

Seu pai, ao contrário, às vezes era muito recatado, pesado e ocasionalmente severo. Embora, também fosse um urso adorável e um grande pensador político com um coração tão grande como a

Inglaterra.

Bliss nunca tinha entendido realmente o que tinha unido seus pais. Jamais tinha existido casal tão diferente um do outro, embora sempre parecessem estar tão apaixonados... Mas há seis anos, eles tinham decidido viver separados. Nenhum dos dois tinha confessado o motivo que tinha impulsionado essa decisão, e nenhum dos dois, até onde Bliss sabia, tinham amantes. Seus pais eram fiéis um ao outro, de todas as formas possíveis.

O pai dividia o tempo entre atender suas propriedades em Exmoor e a casa de Londres, e a mãe vivia em Paris com ela. A Inglaterra parecia a Bliss muito restritiva para a artista que tinha dentro de si, embora tratasse de voltar para casa todas as vezes que podia.

Parou perto de um barril de água que estava oculto debaixo de uma lenha retorcida, inundou as mãos e molhou o rosto e o pescoço. Fechou os olhos para saborear o frescor na pele encalorada.

Esponaneamente, as imagens lhe vieram à mente: um rosto moreno e bonito, ombros largos adornados com cabelos sedosos e negros, desgrehados, pelas mãos de uma mulher (que indubitavelmente tinha sido o caso) já que Bliss tinha distinguido uma silhueta feminina atrás dele, escondida entre as sombras.

Bliss invejava quem quer que fosse. Aquele bruto era glorioso. Gostaria de pintá-lo, com esses rasgos duros e essas olhadas sérias. Ele exsudava perigo, e no interior dela tudo respondia.

Frequentemente, em Paris, ela pintava nus de modelos masculinos, embora em sua maioria seus retratos eram de François, seu melhor amigo, que apoiava sua arte em um campo predominantemente masculino.

Mas os artistas eram muito mais abertos a uma mulher que estivesse no meio deles, que o restante dominante mundo masculino, onde as mulheres existiam apenas como bobas mentecaptas de quem não se esperavam outra coisa senão que fossem bonitas e passassem o dia alimentando fragilidade.

Ciara encostou o focinho no seu ombro para chamar atenção. Deu uns tapinhas no pescoço da égua e se dirigiu aos estábulos, onde se encontrou com o cavaleiro, um personagem de avançada idade, enrugado e de sorriso fácil. Pegou as rédeas de *Ciara* e a guiou para

que Bliss a escovasse.

O som de pés correndo anunciou a chegada de um rapazinho, sem fôlego que Bliss reconheceu como um dos cavaleiros.

— Vem rápido, Hap! — gritou — *Fantasma* saltou a cerca e escapou!

— Demônios com essa besta — resmungou o homem, olhou para Bliss se desculpando. — Desculpe meu vocabulário, senhorita.

— Bastante compreensível — sorriu Bliss. Ao ver que ele ficava parado como uma estaca, com uma expressão de incerteza gravada no rosto maltratado pelo tempo, como se pensasse que estava a ponto de abandoná-la em terra selvagem repleta de escorpiões, disse:

— Melhor andar depressa.

Ele pensou um momento, franziu levemente o cenho que juntando as sobrancelhas parecia um alambrado que parecia reter algum pensamento escorregadio. Abandonou seus afazeres, prometendo retornar em questão de minutos e saiu movendo com rapidez suas pernas arqueadas.

Meneou a cabeça divertida, e se voltou em direção ao armário em busca de um pente de metal e uma escova de cerda para passar em *Ciara*.

Então um ruído forte rasgou o ar.

Ao girar em torno de si, descobriu um enorme garanhão negro em uma casinha no fundo do estábulo, empinado sobre as patas traseiras, sacudindo a cabeça, com os orifícios nasais abertos e os olhos acesos e ligeiramente selvagens. Baixou as patas dianteiras e estilhaçou a madeira da porta da casinha tentando liberar-se. Bliss ficou imóvel um instante ante a imagem daquela besta magnífica, até que se deu conta do que estava acontecendo.

Ciara estava no cio e o garanhão preparado para investir contra ela.

Bliss correu para desamarrar a égua, mas o corcel negro já tinha atravessado com seu corpo maciço a porta e a fez em pedacinhos. Velozmente se dirigiu ao centro do corredor, direto para Bliss que com muita dificuldade conseguiu afastar-se de seu caminho para evitar que a atropelasse.

Enquanto ela rastejava até chegar a um lugar seguro, o garanhão *cobria* a égua. Bliss se sentiu indefesa e incapaz de fazer outra coisa senão olhar; só um idiota tentaria separá-los nesse momento. Era só ver o dano que o cavalo tinha feito tratando de chegar a *Ciara* para perceber sua luxúria. Corria sangue pelos cortes nas patas e nos flancos.

— *Khan*, desça! — gritou de repente uma voz masculina enfurecida.

Bliss se virou e viu o homem da janela entrar correndo no estábulo, mas tinha chegado muito tarde. Embora o corcel tenha respondido à ordem de seu amo imediatamente, o fato já estava consumado.

Um olhar afiado como um quartzo cortou o ar em direção a ela.

— Maldita seja! O que você fez?

Por um instante, Bliss não pôde fazer mais que olhá-lo fixo, perplexa, não só pela imponente presença física mas também pelo ódio que lhe dirigia.

Sustentando seu olhar furioso, ela ficou de pé:

— O que eu fiz?

— Será que não tem um maldito cérebro nessa cabeça? Sua égua está no cio! Parou um segundo para pensar que possivelmente aqui haveria animais que reagiriam ao cheiro?

— O que eu esperava — rebateu Bliss com sua própria fúria aumentando — era que qualquer garanhão que houvesse aqui estivesse a salvo no curral longe de toda tentação. Supõe-se que eu tenho que prever um inconveniente como este sendo uma convidada?

Ele a olhou soltando faíscas, com a leve cicatriz rosto que mostrava um tic nervoso a altura da mandíbula, enfatizando o grau de fúria que sentia. O homem era tão altivo como seu garanhão. Forte bonito e imensamente perigoso. Emanava uma energia descontrolada; não havia ternura naquela estrutura alta e sólida. Ela era o único foco de atenção daquele homem prodigioso, alterado e nervoso.

— Onde está a maldito cavalariaço? — grunhiu. — O cavalo deveria estar amarrado e entrincheirado.

Bliss sacudiu o feno da saia.

— Isto não é culpa do Sr. Rigby. Um dos cavalos saltou a cerca. Ele não queria ir, mas eu lhe disse que o fizesse.

Aqueles olhos escuros voltaram-se para olhá-la, como que calculando o benefício que lhe representaria o fato de matá-la:

— E quem a nomeou capataz daqui?

Bliss suspirou:

— Já sei como deve fazer... Talvez se inspirar profundo umas duas vezes, ou se recitar um mantra, se sentirá um pouco mais racional.

— Não acredito que gostaria de ouvir o que eu fosse recitar.

O homem era realmente um terror.

— Alguma vez lhe disseram que tem as maneiras de um coveiro? Se eu não fosse uma dama — estava exagerando, mas ele não sabia — me veria tentada bater em você como uma vara.

— Então eu a jogaria sobre meus joelhos e daria boas palmadas no traseiro.

— Suspeito que sim.

Percorreu-a com o olhar lentamente, como que zombando de seu peso como oponente, e foi subindo a vista para examiná-la sem pressa até que seus olhos se encontraram com os dela. Naquele olhar absorto agora fervia a fogo lento algo mais que fúria.

— Diabos — amaldiçoou com fúria quando *Ciara*, agora sem tolerar a presença do garanhão, começou jogar as patas traseiras para afastá-lo. — Prenda o cavalo!

Bliss passou junto dele empurrando-o e pegou as rédeas de *Ciara* para guiá-la até a baia vazia mais próxima lançando faíscas em silêncio enquanto começava a lavar a égua

Com o canto do olho, ela observava como o bruto desprezível passava as mãos pelo flanco do cavalo a pele do magnífico garanhão tinha manchas de sangue e algumas feridas feias.

O bárbaro a descobriu olhando e lançou um olhar hostil gesto que ela devolveu. Indubitavelmente, ele pensava que a atemorizaria com aquelas olhadas intimidantes.

Jamais tinha cruzado com uma pessoa tão desagradável. Ele usava a ameaça como um aura malvada, o cabelo negro como um gesto

desafiante, com as mechas sedosas que acariciavam o colarinho da camisa branca, com as mangas enroladas até os cotovelos, deixando ver mãos grandes e belos antebraços.

Nesse instante, o cavalarigo irrompeu de repente, e uma expressão de horror se desenhcou no rosto do pobre homem ao ver o que tinha acontecido.

— Onde diabos estava? — o repreendeu brusco. Bliss respondeu indignada:

— Fora, perseguindo um dos cavalos, como já tinha dito a você.

Uns olhos tão frios como o *Mar de Bering* a esfaquearam.

— Não se meta. — Antes que ela pudesse replicar, ele voltou a dirigir aquele olhar diabólico para o encarregado. — Pega um pouco de unguento e algumas toalhas. Agora.

— Sim, milord. — Como uma lebre assustada, o homem saiu depressa.

Bliss o observou partir, com o corpo tenso pela indignação.

Aquele olhar desagradável pousou nela quando ele avançou até a baia onde estava *Ciara*, guiando seu cavalo com graça letal. Parou na porta, a égua se alterou quando viu o garanhão, e disse: — Não tem nem idéia. — Sua voz dizia que em breve ela descobriria. Então levou o cavalo à última baia, grunhindo ao Sr. Rigby enquanto passavam remédio nas feridas do animal.

Bliss resmungou palavras que a maioria das jovens não sabia. Ao ficar só, falou em voz alta sobre as origens desse homem e como ele era desprezível.

Após ter atendido *Ciara*, tirou um torrão de açúcar do bolso da saia. O focinho suave de *Ciara* fez cócegas na palma da mão enquanto comia o bocado

— Agora ficará bem — cantarolou Bliss docemente esfregando o pescoço da égua. — Não deixarei que essa besta volte a se aproximar.

Saiu da baia e lançou uma olhada para o fundo do estábulo onde agora só estavam o garanhão e o encarregado. O amo de *Khan* partira. Em boa hora.

Bliss começou a sair (antes que o "*príncipe das trevas*")

retornasse e ela sucumbisse ante a tentação de trespassá-lo com o tridente mais próximo), quando tropeçou com um objeto sólido como um muro, que, para sua desgraça, era mesmo *Mefistófeles*.

Bliss levantou os olhos e encontrou com uns olhos azuis que a olhavam jogando faíscas com uma expressão nesse rosto cinzelado, tão escura e turbulenta como uma tempestade aproximando-se.

— Vai a algum lugar? — perguntou com voz rouca de álcool.

— Sim — conseguiu dizer. A proximidade dele causava estragos em sua estabilidade. — Onde você não esteja. — Tentou rodeá-lo, mas ele impediu bloqueando a passagem. — Se afaste do meu caminho.

— Sua maldita égua arruinou *Khan*.

Que idiota revoltante!

— É melhor você usar outros termos. Seu condenado garanhão arruinou minha égua. Com certeza ela não vai querer repetir a experiência depois do que seu cavalo lhe fez.

Ele apertou a mandíbula movendo um músculo e parecia que ia estrangulá-la.

— Não acredito que saiba interpretar o significado do que acaba de acontecer aqui.

— Bem, deixe-me ver se meu insignificante cérebro feminino consegue entendê-lo — simulou doçura na voz. — Seu garanhão montou minha égua, ato ao que se seguiram dois minutos de êxtase paradisíaco. E agora, estamos com problemas, segundo você, o professor de todas as coisas, cuja cabeça está tão repleta de vaidade que só espero que o mesmo peso prodigioso caia na boca de uma fossa sem fundo.

O tic nervoso da mandíbula dele se acelerou.

— Sim, sabe provocar um homem.

— Já me disseram isso. Uma grande mancha no meu currículo, se não fosse por uma ocasional nota desafinada no piano e minha má sorte nas cartas.

O rosto dele continuava sem mudar de expressão; se possuía algum outro tipo, estava tão enterrado e era como se não existisse.

— Me deve os honorários de serviço pelo privilégio que a égua acaba de receber.

— Privilégio? — perguntou Bliss quase sem fôlego. — Está brincando.

A expressão dele revelava que jamais brincava.

— *Khan* é do Anazah, árabe puro criado no deserto, com uma linhagem que se poderia rastrear até o *Abbas Pasha*.

Ela percebera que o garanhão pertencia a uma raça muito refinada; cada linha de seu corpo o revelava: a elegante cabeça, a forma cônica dos olhos até o focinho; a cara de talhe anguloso; o suave arco que ia do topete até a cruz; lombo forte, garupa alta, e ancas delicadas; a cauda longa e a coxa curta; fortes e musculosas mas não pesadas.

Um animal espetacular, olhado por todo ângulo. Qualquer potro que *Ciara* pudesse ter, não seria apenas lindíssimo, mas também veloz como o vento. Ainda assim, isso não lhe dava direito de reclamar nada como se ela tivesse alguma culpa.

— A mãe de *Ciara* era uma *Pony Devonshire Salvaje* — respondeu Bliss — e seu pai um garanhão *Dongola* árabe, trazido diretamente de *Knight's Folly*.

Ele permaneceu sem demonstrar qualquer emoção, totalmente irredutível.

— Ainda assim pagará os honorários.

— Eu não farei isso. — Se fosse homem, teria dado um soco naquele nariz arrogante. Aquele apêndice aristocrático já mostrava que tinha sido golpeado de uma outra vez.

Ele cortou a escassa distância que os separava e Bliss teve que controlar-se para não retroceder, inclusive quando ele estava parado tão perto que apenas uma brisa passava entre seus corpos. Um tremendo calor a percorreu, e percebeu que emanava dele.

— Pagará o honorário — disse-lhe com voz sedosa, — ou sofrerá as conseqüências.

Ela o olhou fixamente aos olhos.

— Está me ameaçando?

— Sim.

Bliss só atinou a olhá-lo fixamente um momento, assombrada pelo grau de atrevimento. Então riu:

— Essa atitude de bárbaro funciona com a maioria das pessoas? Porque comigo não. Pode pisar forte e passar por cima de mim e golpear o peito até que fique roxo, que ainda assim não mudará nada. Bom dia.

A tensão estava no ar quando Bliss passou junto dele roçando-o. Podia sentir como o olhar escuro e penetrante cravava suas costas.

Como se atrevia a mandar que pagasse? Agia como se sua égua tivesse entrado pavoneando-se no estábulo e atraído o garanhão com um som de sereia, em vez de reconhecer que sua besta ingovernável não foi capaz de controlar sua luxúria.

Tinha tido sequer a gentileza de perguntar como estava *Ciara*? Ou ela mesma, pelo incidente? Seu maldito cavalo podia tê-la matado, mas a única coisa que importava a ele era o pagamento pelo serviço, como ele mesmo disse.

De repente, algo a sacudiu. Algo a agarrou pelas costas. Ou alguém, pensou ela, com crescente fúria. Virou e descobriu esse bruto pisando na barra da sua saia; ficou presa firme no lugar.

— Está louco? — perguntou furiosa. — Me solte imediatamente.

Inesperadamente, ele o fez, mas só para agarrar a parte superior do braço e atraí-la, contra o peito. Quase roçava com o nariz o V do decote da camisa que deixava ver em linha reta a pele rija e bronzeada. Um leve perfume de sândalo incitou suas fossas nasais. Muito agradável. Muito masculino.

Um estranho calafrio percorreu Bliss quando jogou a cabeça para trás e devolveu o olhar daqueles olhos azuis que a faziam pensar em riachos gelados.

Os cabelos sedosos caíram para frente quando aproximou perigosamente a boca sensual e carnuda:

— Isto não terminou — disse ele, como numa promessa.

Sensações estranhas crepitaram pelas veias de Bliss.

— Me solte. Ou será que tenho que gritar?

Ele fixou os olhos em seus lábios, como se pensasse em silenciá-la desse modo, e Bliss quase se viu tentada a provar. Era tão desconcertante, que o caipira bem merecia um castigo.

Soltou-a um pouco mas com os dedos percorreu o seu braço,

deixando um rastro morno atrás.

Muito afetada por aquele leve contato físico, o esbofeteou e então se virou e partiu.

Caine a observou ir-se, com a mão sobre o rosto como um bobo. Tinha visto vir a bofetada e tinha deixado que ocorresse. Diabo, merecia uma surra por permitir-se distrair assim e ficar apenas olhando-a.

A filha adorada do duque acabava de arruinar a possibilidade de ser um pouco mais brusco, o que o deixava muito mais à mercê de Olivia.

De tal pau tal lasca, pensou Caine amargamente. Mas se amaldiçoaria se alguém se aproveitasse dele esta vez. O destino, que sempre tinha alimentado seu desdém, tinha julgado certo jogar sobre suas pernas um castigo de cinqüenta e quatro quilos... E ele tiraria vantagem ao máximo, onde fosse, quando fosse ou do modo como se apresentasse a oportunidade.

Capítulo III

“Ela é descuidada, com ardiloso cuidado, comovedora para não parecer emocionada.”

William Congreve

Bliss estudava sua imagem no espelho, olhava com olhos críticos o vestido de festas confeccionado segundo a última moda parisiense, com um corpete de decote quadrado, ousadamente baixo, e um sutiã alto que lhe acentuava os generosos seios.

O vestido era verdadeiramente escandaloso. Tinha os mamilos cobertos apenas por um pequeno sutiã. Uma simples e profunda inspiração bem poderia deixá-los ao ar, mas ela gostava dos extremos; de outro modo a vida lhe pareceria muito aborrecida.

A princípio, pensou que a escolha de seu traje era arbitrária, mas bem sabia que se enganava. Sabia que um certo dono de cavalo estaria presente essa noite, e ela o ignoraria, e passaria como se flutuasse sobre uma nuvem de cetim.

Ouviu batidas na porta.

— Entre — pediu enquanto a criada punha um delicado colar de safira ao redor do pescoço que fazia jogo com brincos que estava usando.

Voltou-se e se encontrou Court com um ombro apoiado no marco da porta, com a cabeleira dourada bem penteado, recém barbeado e um sorriso irresistível:

— Está encantadora, prima. — Seu olhar era cálido e elogioso.

— Obrigada.

Bliss passou uma mão pela saia de cetim. Uns fios chapeados brilhavam no tecido azul escuro, criando um efeito fluorescente à vista.

Court lhe estendeu um braço:

— Vamos?

— Sim. — Os nervos de repente remexeu o estômago ao segurar seu primo pelo braço, mas conseguiu controlar essa sensação estranha.

Do patamar, a larga galeria resplandecia. Os candelabros de cristal e bronze que revestiam as paredes refletiam um brilho dourado sobre o chão, e a madeira brilhava como água escura e quieta.

Não era tanto o tamanho de Northcote o que impressionava Bliss, já que ela tinha estado em propriedades maiores, mas sim a combinação de estilos: o tapete turco de tons vermelho escuro, verde esmeralda e dourado que cobria todo o comprimento da escada; a entrada feita de granito de tom rosado extraído dos escarpados; os numerosos batentes e nichos revestidos de painéis rococó de cerejeira que albergavam vasilhas de *Sèvres* repletas de flores de jacinto, decorados com candelabros chapeados. Um pórtico de mármore italiano dava ao salão de baile uma nobreza indizível, e um candelabro exótico brilhava intensamente de uma cúpula, projetando pontos de luz que pareciam diamantes em um céu de meia-noite.

A casa parecia possuir personalidade própria, ou talvez fosse só seu olho artístico que idealizava as elegantes linhas e as galhardas curvas.

— A marquesa o restaurou até recuperar sua glória passada — contou-lhe Court quando ela quis saber a respeito da história da casa. — Mas de algum modo conserva um passado tumultuoso. O dono anterior, o décimo conde de Hartland, jogou-se dos escarpados ao perder tudo, endividado.

Bliss vacilou o passo. Hoje ela tinha estado na beirada daqueles escarpados, eclipsada pela simples vista embora estranhamente fascinada por sua beleza letal. Que tipo de sofrimento teria levado aquele homem a tirar a vida, e daquele modo tão brutal?

— Trágico, sei — disse Court quando leu sua expressão. — Possivelmente seja mais trágico o fato de que o filho do conde espreita o lugar.

Bliss abriu os olhos.

— Quer dizer que há um fantasma?

— Não, o décimo primeiro conde de Hartland está bastante vivo. Ao morrer seu pai, ficou virtualmente na ruína e a casa foi vendida ao marquês de Buxton, que morreu há um ano. Pouco tempo depois, o filho do conde retornou. E agora vive aqui.

— Está relacionando com Lady Buxton?

O olhar que Court lhe dirigiu foi decididamente incômodo.

— Parece que minha língua me traiu. Iniciei uma conversa que não condiz com uma companhia educada.

— Companhia educada? — Bliss riu baixo. — Por Deus, Court, você não vai me tratar como uma mulher cuja sensibilidade se veria ultrajada ante a mera menção da falta de decoro, não é? Pensei que me conhecesse melhor.

— E conheço — respondeu ele com um sorriso juvenil e cativante. — Às vezes me esqueço que você é diferente das demais mulheres.

— Tomarei isso como um cumprimento. Agora me diga, quem é o filho do conde?

Ele vacilou:

— Chama-se Caine Ballinger.

Bliss ficou desconcertada um momento, e tamborilou os dedos no queixo.

— Ballinger. Escutei esse nome antes.

— Isso não me surpreenderia. Suas façanhas freqüentemente aparecem nos jornais de escândalos. As mulheres, o vinho e o jogo eram parte de sua vida, com as mulheres encabeçando lista. Embora seu êxito na quarto não tenha se estendido às mesas de jogo. Tentou fazer seu dinheiro se converter novamente em fortuna mas a *dona sorte* lhe virou as costas. Aparentemente, o fez pagar a conta por seus inumeráveis pecados.

O interesse do Bliss por conhecê-lo foi despertado e cresceu.

— Me mostrará quem é ele, certo?

Quando estavam entrando para o salão de baile, Court se deteve e a fez virar para olhá-lo de frente.

— Ficaré afastada dele. Ouve-me? Sua reputação ficaria manchada para toda a eternidade se a vissem em companhia dela.

Bliss não pôde evitar dar um risinho divertido.

— Minha reputação, Court? Não viu meu vestido? Não admira minha destreza com as armas? Não chamou minha atenção por montar escarranchada, de perna aberta. Não foi a Paris e viu minhas pintura? Minha reputação é o que é. Não imagino que possa sofrer um abuso maior

— Ser vista com Caine Ballinger a mancharia de forma irremediável. Qualquer coisa que tenha feito até agora será sem vida em comparação. Pode acreditar.

Bliss desviou o olhar para o salão de baile, esquadrinhando a multidão em busca de um homem que fosse a personificação do vício. Mas como veria um homem assim? Estaria ali essa noite?

— Bliss — começou a dizer Court em tom de advertência. — Encontra-se no salão? Vê? Maldição, por que tive que abrir a boca? — passou uma mão pelo cabelo. — Pelo menos por uma vez, poderia escutar meu conselho?

— Está começando a falar como meu pai.

— O pobre está preso entre você e sua mãe... — Fez uma

careta.

— Já sei. As mulheres Ashton são uma irritação para os homens. — Sorriu de maneira amável.

Ele devolveu um sorriso torto.

— É o sangue francês?

— *Oui!* Joguemos a culpa no sangue francês.

Com um gesto fraternal, afastou uma mecha de cabelo da testa.

— Entramos agora?

Ele a segurou pelo cotovelo em um gesto formal.

— Por favor, me prometa que não fará nenhuma tolice.

Bliss conferiu a seu primo um olhar de ingênua inocência.

— Tolicie? Por que diz isso, Court? Quando foi que eu fiz alguma tolice?

Então ele, com olhar afiado, disse-lhe:

— Quer que comece enumerar? Podemos passar aqui toda a noite.

— Fique tranqüilo, serei o brilhante exemplo da retidão moral.

— Pagaria um bom preço para ver — Então a olhou com jeito de quem ia lhe dar mais conselhos: — antes de entrar, há algo mais que deve saber sobre o Caine Ballinger!

— Mais?

Ela já estava extremamente intrigada. Aquela expressão tensa se voltou a desenhar no rosto dele.

— Ele...

— Sim? — insistiu ela quando vacilou.

— Ele é um homem mantido.

Bliss estava certa de não ter escutado corretamente.

— Mantido?

— Pela marquesa.

As palavras do primo fizeram sentido:

— Quer dizer que é amante de Lady Buxton?

Sua resposta foi um brusco movimento de cabeça. Esse tema o irritava, o que era ridículo.

— Este homem parece muito empreendedor — disse ela.

— Maldição, Bliss! Está sendo teimosa de propósito?

— Por que se irrita tanto com isso? Se a situação fosse o contrário, não se importaria de mencionar. Os homens se aliam em circunstâncias como essas, dando tapinhas nas costas e brindando por sua boa fortuna, fazendo abertamente alarde de suas transgressões, esforçando-se em pensar (erroneamente) que as mulheres não possuem inteligência suficiente para saber o que eles estão fazendo.

Mas se uma mulher quer um homem com os mesmos objetivos todos ficam boquiabertos e os homens indignados. As mulheres terminam marginalizadas e expulsas como leprosas. Isso não parece a você um pouco machista?

Sem surpreender-se, o primo a olhou com cenho franzido, gesto que fez Bliss se lembrar que ele era dono de um cérebro masculino e, portanto, incapaz de interpretar o conceito de uma mulher independente e auto-suficiente.

— Nós somos homens — disse, como se aquilo o explicasse tudo.
— É diferente.

— E como é isso? Porque os homens acreditam que eles criaram o mundo? E que as mulheres são simples receptáculos de sua luxúria?

— Você lê muitos livros.

— E isso de vez em quando é bom, verdade? Mas não para o delicado cérebro feminino.

— Por que você distorce tudo o que digo?

— Porque o que diz não tem sentido.

Antes que pronunciasse alguma outra coisa absurda que pudesse indigná-la até fazê-la gritar, Bliss desceu as escadas, quase sem esperar que o laçao anunciasse sua chegada.

Com delicadeza, Court a segurou pelo braço e a levou até o patamar ao pé da escada.

— Olhe, sinto muito. Só quero que não a machuquem.

A raiva dela se suavizou, embora aquilo continuasse sendo um

assunto espinhoso para ela. Quando chegaria o dia em que os homens veriam as mulheres como companheiras para conversar, em lugar de vê-las como máquinas para parir e entreterem-se?

— Prometo que tomarei cuidado — disse ela, vendo a necessidade que ele tinha de protegê-la. — O que acredito é que Lady Rebecca está por lá, rodeada por pelo menos oito cavalheiros. Meu Deus, mas se parece um anjo.

O primo esquadrinhou o salão, deteve o olhar quando detectou a sua jovem amada, rodeada de homens de ambos os lados e com sua mãe que, com olhar de fogo do inferno, evitava que se aproximassem muito.

O semblante carrancudo desenhado no rosto de Court deixou claro a Bliss que a recatada senhorita Rebecca significava muito para ele. Claramente ele se debatia entre ficar escoltando Bliss e arrancar a cabeça dos admiradores da jovem.

Com desejos de ficar um momento a sós, Bliss lhe disse:

— Vá, Court. Eu estarei bem.

Seu olhar atento se deslizou em direção dela.

— Está certa?

— Absolutamente. Será melhor que se apresse. Vejo lorde Danridge está entrando. — Aquele foi o único impulso que o primo necessitou; atravessou o salão de baile.

Bliss respirou aliviada. Agora estava livre para procurar o escorregadio Caine Ballinger. Aceitou uma taça de champanhe de um servente e se retirou para um canto do salão para observar a multidão, esforçando-se por invocar a imagem de um homem de façanhas legendárias.

Curiosamente, a cara do trambolho que a tinha confrontado nos estábulos lhe veio à mente; aqueles olhos escuros, tão duros como o quartzo, e esses cabelos espessos e suaves que brilhavam como pele de peixe sabre.

E aquela terrível cicatriz. Como a teria feito?

Sem dúvida teria sido provocada pela espada de algum marido cornudo. O homem era um grosseiro, que intimidava a propósito, sem um pinga de cavalheirismo debaixo daquele delicioso exterior

(impressionante metro oitenta calculava ela e não menos de cem quilogramas de peso, tudo sólido). Tirou o chapéu buscando-o, estranhamente decepcionada ao não vê-lo.

— Aí está querida!...

Bliss se sobressaltou ao escutar uma voz feminina. Virou-se e encontrou a anfitriã com toda a atenção posta nela; quando examinou o traje de Bliss a expressão do rosto da mulher era similar ao de uma máscara.

— Que espantoso vestido!

— Obrigada. — Bliss fez seu próprio exame rápido de Olivia Hamilton. Como seria ter sob controle um canalha tão infame cujo nome circulava por clubes e salões de igual índole?

— Estes modelos parisienses são tão audazes... Não? - adicionou a anfitriã, avaliando o corpete do vestido de Bliss.

Quando conheceu a mulher naquela manhã ao chegar, Bliss tinha tido pouca oportunidade de distinguir o caráter de Lady Buxton. Agora que acabava de ser esquadrinhada, julgada e etiquetada em um segundo, Bliss soube que ela e a marquesa não seriam amigas.

— Os franceses são mais viscerais em sua apreciação da roupa — replicou Bliss. — Eles são da opinião que deve adornar, modelar e realçar a imagem. — Seu olhar agudo captou o traje da mulher mais velha. Aquela cor borgonha escura contribuía pouco em avivar a tez pálida de Lady Buxton ou em dissimular sua silhueta que estava engordando.

O sorriso da marquesa se limitou só a mostrar os dentes.

— Soube por seu primo que é afeiçoada à arte.

Bliss duvidava que Court tivesse usado essas palavras.

— Sim. Minha afeição mais recente foi *Enjoe Amelie d'Orleans*.

A anfitriã ficou boquiaberta:

— A princesa Enjoe Amelie? A filha recém-nascida do rei Luis? Essa Enjoe Amelie?

Bliss assentiu com a cabeça. Queria colocar aquela mulher em seu lugar e queria que visse que estavam no mesmo nível.

— Embora não sinta qualquer tipo de afeição pelo rei, a

gratificação ajudou a muitos orfanatos.

— Gratificação? Quer dizer que recebeu um pagamento? — O olhar pasmado de Lady Buxton expressava claramente sua opinião sobre o assunto.

Supunha-se que as mulheres não ganhavam seu próprio dinheiro. Esperava-se que fossem inteiramente dependentes do homem eleito para isso. Mas já que o bom Deus amavelmente a tinha premiado com dois braços, duas pernas e um cérebro, ela não tinha intenção de deixar que nenhum desses membros se atrofiasse enquanto esperava que um homem dirigisse sua vida.

— Sim — admitiu Bliss, — embora também faça trabalhos exclusivamente para benefício próprio. — Pinturas que ninguém queria, devido a temática. Às pessoas não interessava enfrentar-se diariamente com sua própria miséria; era melhor ignorá-la e fazer como que não existisse.

— Com certeza sua família não aprova.

— Ah, sim. Aprovam. — Sobretudo sua mãe. Seu pai simplesmente tolerava sua paixão pela arte, com a esperança que desaparecesse e ela assentasse a cabeça com algum lorde completamente aborrecido, de escassa inteligência e que esperasse que dela saísse de supetão um filho atrás de outro, como uma esposa deve ser.

Lady Buxton examinou de novo Bliss, como se tivesse perdido algum detalhe na primeira inspeção.

— Talvez permita pintar Horacio.

— Horacio?

— Meu cão.

Bliss se absteve de replicar com uma linguagem inapropriada para uma dama. Em troca, sorriu-lhe de maneira indulgente e desviou o olhar para a multidão, mais que preparada para desfazer-se da mulher. Nesse momento até era capaz de dar a boas vindas ao pagão do estábulo.

Como se lesse seu pensamento, a marquesa disse:

— Fiquei sabendo do incidente no estábulo. Que espantoso deve ter sido para você! Espero que não tenha se machucado.

— Não corri nenhum perigo, enquanto não atravesssei no caminho do amor. — Falou jocosamente.

— *Khan* é um bruto, mas é um garanhão esplêndido.

Igual o seu dono.

— Precisou apenas de alguns pontos. Em uma semana estará novo.

Saber das feridas no garanhão, fez com que Bliss percebesse de seu desinteresse pelo estado do animal. Ela adorava cavalos e em Exmoor virtualmente tinha vivido nos estábulos desde pequena.

Encheu-se de culpa. Em geral ela não era tão indiferente, mas tinha estado preocupada pensando em olhos turbulentos e cabelos desordenados. Logo tinha sido acossada pelo dono desses olhos e esses cabelos, e não tinha havido outros pensamentos que a ocupassem, fora a fúria, e aquele calor inquietante na parte baixa do ventre.

— Pode desculpar-me?

A marquesa fez um gesto inclinando a cabeça.

— É óbvio que sim!

Bliss saiu rapidamente e foi ao balcão tomar um pouco de ar fresco. Nunca tinha gostado muito de bailes; sem mencionar que seu primeiro baile oficial tinha sido um nefasto fracasso. No ano seguinte tinha evitado repetir a derrota. Ela simplesmente não encaixava com esse tipo de gente: as coisas que lhes interessava não eram de seu interesse. Ela gostava de emoção, aventura. De desafio.

Olhos escuros, uma boca violenta e perigosa se misturaram em seus pensamentos. Agora havia um desafio, um homem que se recusava a ser domado.

A lembrança da mão enorme do desconhecido sobre seu braço lhe provocou um estremecimento na pele, apesar da noite cálida e a ladeira da colina que levava aos estábulos atraíu seu olhar. De repente, sentiu imenso desejo de ver *Ciara* e *Khan*.

De repente, sentiu a necessidade de estar em qualquer outro lugar, menos ali.

Capítulo IV

“Milady, tentada por um capricho íntimo, tentou-o, para grande desgosto dele.”

Hilarie Belloc

Ciara relinchou quando Bliss entrou nos estábulos. Ela tinha roubado duas maçãs e uns torrões de açúcar antes de escapular rapidamente pela parte de trás do salão.

Estava sem fôlego e com o cabelo meio soltos, com as sedosas mechas fazendo cócegas no pescoço e a parte superior do peito. Um vestígio de umidade persistia no ar e aderida à pele.

Uma brisa fresca entrou pelas portas abertas do estábulo, perfumada com o aroma salgado do canal de Bristol e o embriagador aroma de terra molhada, devido a uma leve chuva vespertina. Apenas por cima do som débil do canto dos grilos se elevava o bramido distante do fluxo rompendo contra as rochas.

Ali Bliss se sentia em paz. Podia compreender por que o filho do conde se via forçado a "espreitar" aquele lugar; ela mesma estaria muito tentada a espreitá-lo por sua conta. Era como se o mundo começasse e terminasse nos limites daqueles escarpados, como se Deus tivesse conspirado para tornar o ar mais limpo.

Ciara empurrou suavemente a sua mão, trazendo-a de novo à realidade. Ela esfregou a égua entre as orelhas e lhe ofereceu um dos torrões de açúcar.

— Já sei. Estou ficando estranha. Mas quem é você para julgar, levando em conta seu comportamento desta tarde? Que vergonha, permitir que o primeiro garanhão que passe, fazer o que quiser com você! Não sabia que os homens não gostam de mulheres muito fáceis?

— Só os idiotas, você quer dizer.

Bliss se voltou ao escutar a profunda voz masculina que tinha infestado seus pensamentos durante quase todo o dia. Encontrou o grande *titã* musculoso apoiado na baia de *Khan*, agora com a porta reforçada e um compartimento adicional que tinham levantado.

Grande parte do corpo masculino estava nas sombras, motivo pelo qual ela não o distinguiu ao entrar. Mas podia ver-lhe os olhos, e ao

olhá-la com cenho franzido na escuridão, eles lembravam os olhos de um lobo recém acordado após dormir um sono profundo.

— Não é educado se aproximar das pessoas às escondidas — disse-lhe ela com reprovação, tentando não olhar o profundo "v" do decote da camisa, que mostrava descaradamente uma quantidade indecente de pele bronzeada, nem as calças apertadas que vestiam as pernas musculosas.

Uma garrafa de conhaque pendia de seus dedos longos e magros. Dava pequenas batidas rítmicas contra a coxa esquerda, única evidenciava de que algo o incomodava. Seria simplesmente a presença dela que o desequilibrava? Ou era o ressentimento que ficou pelo episódio daquela manhã?

— Não foi às escondidas — dignou-se a responder finalmente com voz muito profunda. — Eu estive aqui todo o tempo.

— Bem, devia ter me alertado de sua presença. Isso se tivesse boa educação.

— Ah... — Assentiu com a cabeça. — Bem, eu nunca faço coisas educadas. A vida assim não seria nada divertida. Se não tivesse esta conduta, teria perdido seu pequeno discurso e consequentemente não teria percebido seu nervosismo.

Com aquele comentário Bliss se deu conta de que tinha as mãos agarradas à saia. Soltou o tecido imediatamente, amaldiçoando a percepção dele.

— Não estou nervosa.

— É um feixe de nervos e corajosamente trata de mitigar o impulso de sair correndo. O que acontece, milady? Preocupa-lhe que eu comece a jogar espuma pela boca?

Bliss criticou: — Você, senhor, não me preocupa nem um pouco.

— Mentirosa!

— Se me conhecesse um pouco, saberia que está longe que disso.

Ergueu a sobrancelha em um gesto zombador mostrando incredulidade, enquanto levava a garrafa aos lábios. Lançou-lhe um olhar rápido para avaliá-la, querendo que ela se sentisse incômoda. E conseguiu o intento, embora ela preferisse levar essa verdade à tumba.

Secou a boca com a costa da mão e lhe estendeu a garrafa, com um olhar claramente desafiante:

— Vamos. Não direi a ninguém.

— Não, obrigada.

— Não é tão tigresa como aparenta certo?

O que mais a chateou foi o fato de que por sua provocação quase agarrou a garrafa para provar que ele estava equivocado.

— Nem tão bêbada como você está.

Ele elevou um pouco o canto dos lábios em um gesto, que pôde interpretar como um leve sorriso.

— De modo que decidiu retornar à cena do crime, verdade?

Desconcertada por sua avaliação precisa, Bliss afastou os olhos.

— Simplesmente saí para tomar ar fresco.

— Bom... Isso tem bastante por aqui, assim respira tudo o que quiser. Eu só observarei.

Bliss detestava que seu olhar penetrante a enervasse tanto.

— O que está fazendo aqui a esta hora da noite?

— Eu poderia perguntar exatamente o mesmo. Tem o hábito de passar a noite nos estábulos vestida de bolo?

O comentário zombeteiro tão sem propósito e a sua conduta a enfureceram.

— Miserável! desgraçado! Estou farta de seus comentários sarcásticos e de sua cara rasgada. Se não te agrada como estou vestida, então não me olhe.

— Eu não disse que eu não gostava de como está vestida. — Mais uma vez, aquele olhar de predador percorreu-a lentamente, parando nos seios o suficiente para fazê-la sentir-se incômoda, até que retomou o tortuoso percurso até os pés calçados em sapatos baixos. — De fato — disse arrastando as palavras e encontrando seus olhos de novo, — eu gosto bastante.

Um estremecimento correu pela pele de Bliss.

— Agrada-me... Como você é petulante! Como conseguiria seguir vivendo sem sua aprovação?

Um brilho divertido se acendeu nos olhos dele antes que as sombras lhe obscurecessem o rosto.

— As safiras também são um belo detalhe, "sua alteza".

Essa brincadeira pôs seus nervos à flor da pele, e atirou nele uma maçã. Ele pegou a maçã no ar e deu uma grande dentada enquanto lhe dirigia um sorriso zombeteiro.

— Era para o cavalo. Você, detestável!...

— Ah, a dama tem sentimento de culpa — provocou-a enquanto oferecia a *Khan* o resto da maçã, que o cavalo farejou na palma de sua mão. — Você, o que pensa amigo? "Sua alteza real" se digna a sentir compaixão por você depois que sua "égua real" abriu as pernas e o arruinou. Isto deveria aparecer nos livros de história como um fato milagroso.

Bliss sentia ganas de matá-lo. Jamais um homem tinha sido tão agressivo com ela, nem lhe tinha falado tão grosseiramente. Ele não tinha a menor intenção de tratá-la como a uma dama. Pior ainda, ela não estava se portando como uma cordeirinha.

— É um doente — disse-lhe. — Absolutamente incivilizado, como um animal selvagem.

— Ouviu isso *Khan*? A dama pensa que sou um bárbaro. Talvez queira comprovar. — Seus olhos emanaram um brilho mal intencionado ao olhá-la fixamente.

Bliss pegou a vara que estava pendurada por fora da baia de *Ciara*, e deu uma estocada na direção dele como se fosse uma espada.

— Se pensa que não usarei isto para golpear você idiota, é melhor reconsiderar.

Ele poderia dominá-la facilmente, mas se controlou, embora não tanto como Bliss pensava. Podia cair em cima dela de uma só investida.

Inclinou a cabeça e tornou a levar a garrafa de conhaque à boca para outro gole. Canalha bêbado. Porque não se parecia com os de sua laia que se sentavam nas ruelas esperando que abrisse o botequim para continuar com sua vida desperdiçada?

Ao contrário, tinha que ser esse moreno esplêndido, com a barba crescendo o que contribuía para criar essa aura de perigo que irradiava como ondas por todo seu corpo.

Quando ele jogou a cabeça para trás, Bliss aproveitou a oportunidade para vê-lo por inteiro. Vestia uma camisa que lhe rodeava o peito bem marcado e realçava os enormes braços, a cintura sem um grama a mais... E as calças coladas em seus quadris da maneira perturbadora.

Ele pigarreou para limpar a garganta e ela levantou os olhos apressadamente. Ele a olhou com uma sobrancelha arqueada num gesto irônico e um riso torto na boca.

— E você, gosta do que vê?

Bliss rezava pra que com a luz fraca, ele não percebesse que seu rosto estava ardendo.

— De maneira alguma. Estava pensando que parece ser um interno de algum manicômio.

Houve um instante de silêncio. Depois sua gargalhada retumbou nas vigas do teto. Seu timbre sedutor vibrava nos nervos dela de maneira perturbadora.

Quando sua gargalhada cessou, com um meio sorriso desenhado no rosto lhe disse:

— É a mulher mais irritante que tive a desgraça de conhecer. O tom de voz e sua forma de olhá-la demonstravam que não a odiava realmente, o que a ela não devia importar em nada, entretanto, sim... (aquela era uma reação absolutamente absurda). — Pensa que sou um bruto arrogante, não é verdade?

— Entre outras coisas. Deveria tomar um banho, já fez essa experiência?

— Ah, sim... Você gosta dos cavalheiros bem polidos. Com os cabelos bem penteados, uma colônia com fragrância de mistura exótica em vez da de feno e pó. Minhas desculpas, "sua alteza". — Simulou uma reverência jocosa. — Se soubesse que tinha se dignado a visitar os pobres desgraçados aqui nos subúrbios de seu reino, teria vestido meus ornamentos e contratado uma orquestra.

— Pare de me chamar de "sua alteza"!

— Minhas mais sinceras desculpas. Certamente não é minha intenção alterar sua delicada estrutura. Você tem um nome? Ou será que nós os plebeus devemos fazer uma reverência e a chamar de "milady" em voz baixa, com o maior respeito?

— Bliss — disse entre dentes. — Meu nome é Bliss.

— Bliss. — Do modo como ele pronunciava seu nome soava como uma carícia. — Um nome dos mais inadequados, pois significa '*felicidade*', '*sorte*'.

— Vá para o inferno! — Girou sobre seus pés com necessidade de partir antes que fizesse algo de que pudesse se arrepender.

— Aí está, fugindo de novo — provocou-a. — Devo dizer que estou surpreso, *Khan*. Pensei que ela tinha mais caráter. Mas aguarda. Está parando. Agora está dando a volta. Acredito que tem intenção de nos fazer mal, amigo. Não é certo, Lady Bliss? Planeja nos açoitá-los com sua vara até nos submeter?

Pelo menos dez palavras diferentes vieram aos lábios, nenhuma delas nem remotamente próprias de uma dama, e era o que ele talvez estivesse esperando. Mas respondeu do mesmo modo imperturbável.

— E por que você está aqui no estábulo se fazendo de doente? Teme a luz? Talvez não saiba dançar, ou não quer que as pessoas o vejam comer com a mão?

Isso funcionou. Ele apertou a mandíbula e os olhos.

— Você é realmente uma cadela, não?

— Tanto como você é um bastardo. Bom, já que nos atiramos alguns dardos, me despeço com um "boa noite".

Estava se afastando quando ele a interpelou:

— E qual é o verdadeiro motivo pelo qual veio até aqui?

Bliss queria simplesmente afastar-se, mas parecia que uma doença se apoderava dela quando estava perto daquele homem.

— Como já sugeri com a maçã, queria ver como estava seu cavalo. Creia ou não, não sou completamente destituída de compaixão. Meu único engano foi presumir que não contaria com sua odiosa presença.

— Suponho que deveria me sentir ferido porque não deseja minha companhia.

— Estou certa de que prefere assim.

— Não tem nem idéia do que eu prefiro.

Bliss se perguntava em que ponto de sua atrofiada evolução

este homem passou a ser tão imbecil.

— Bem, deixe-me dizer que fique tranquilo porque não tenho intenção de perder meu tempo tentando descobrir o complicado mistério que apresenta. Suspeito que se trata de uma façanha que nem um milagre poderia converter em realidade.

— É solteira, certo? Não pode encontrar um homem que queira ser flagelado em vida pela graça de sua espada?

— Não posso encontrar um homem com suficiente inteligência para me manter interessada.

— Com um nome como Bliss, a gente poderia perguntar-se onde estariam seus interesses. — Dirigiu um olhar penetrante ao corpete do vestido. Ousado. — Posso perguntar de onde tirou esse nome?

— Da forma mais comum: de meus pais. Mais especificamente, de minha mãe, que não se dobra ante o conformismo. Isso é culpa da sua herança francesa. Quando nasci, disse que nunca tinha tido tanta sorte.

— Ah, isso explica sua irracionalidade. É parte francesa.

— E de que tribo nômade vem você? — Detestava admitir, mas na realidade ela estava começando a gostar de discutir com o irritante cretino.

— Da Inglaterra, acredito. Não percebe no meu tom culto?

Bliss tinha uma resposta esplêndida na ponta da língua, mas de repente, ele se afastou do poste em que estava apoiado e cortou a distância que havia entre eles.

A vara estava sobre a perna dela. Ele a tirou, segurando-a por trás e levantou. Isso devia atemorizá-la, entretanto ela sentia mais curiosidade que outra coisa.

— Não há mais sarcasmo? — disse ele com tom provocador, com um calor que emanava de seu corpo como se tivesse raios de sol debaixo da pele.

Percorreu com os olhos os largos ombros, o cabelo grosso, a mandíbula proeminente e áspera até chegar aos olhos que a puseram de sobreaviso, embora ao mesmo tempo a desafiassem que tentasse algo.

— O que quer de mim? — murmurou. Pelo modo como a olhava, ela já deveria saber.

— E esses imbecis pretensiosos lá de dentro vestem algo do seu agrado, ou não? Adularam você e a babaram toda? Você os evitou com um simples gesto de sua mão real?

Bliss admirava a boca enquanto falava. Era tão firme e carnuda, capaz de dar o mais irresistível dos sorrisos... Isso quando decidisse fazer dela como os outros mortais. Como sentiria aquela boca em contato com a sua?

— Deveria estar lá pra ver, — respondeu sem ira na voz, em um tom que não tinha visto antes.

Sentiu o ar quente sobre seu rosto quando ele se inclinou.

— Esquece que eu gosto de vagar por lugares escuros?

Bliss umedeceu os lábios que de repente ficaram secos.

— Pergunto-me porque será.

— Nunca se sabe o que alguém pode descobrir. Estou me dando conta de que a paciência seja uma virtude. Talvez a única que tenho no momento.

— Quem é você?

— Quem quer que eu seja? — Perguntou ao tempo que afundava a cabeça na garganta e inalava devagar fazendo cócegas no seu rosto com o cabelo sedoso. — Flores e frutas. Rosas, laranja, um toque de baunilha. E calor. Por que está tão acalorada? — Ele perguntou com um sussurro rouco que a deixou perturbada.

— Porque aqui faz muito calor.

— Não é isso. De fato, a brisa que chega do mar é fresca.

A única coisa que Bliss sentia, era ele tocando-a sem ter encostado nela um único dedo.

— E seu nome? Qual é?

— Se lhe disser meu nome me deixará beijar você?

— Não.

— Então beijarei você de qualquer jeito.

— Por quê? Você não gosta de mim...

— Tem razão. - Atraiu-a contra o peito rígido. - E agora me vejo forçado a provar que não gosto de você. - Pousou os lábios nos seus aniquilando qualquer outro pensamento que não fosse o que estava

fazendo nesse momento.

Segundo sua experiência, aquele beijo não era suave nem terno, mas sim, bem rude, para castigar e chocar; obrigava-a tanto a continuar como a afastar-se. Ela movia as mãos por ambos os lados do corpo de maneira inquieta, procurando desesperadamente tocar algo que não fosse ele. Mas ele estava em todas as partes.

Não conseguia compreender o que incitava este homem, ou a ela, e porque permitia essas liberdades: a língua brincava com a dela, as mãos grandes acariciavam lentamente os flancos do corpo até parar na protuberância de seus seios, deslizando os polegares por baixo enquanto a coxa se insinuava entre as pernas dela.

Bliss se sentiu arder. As coisas que ele fazia com a boca, a deliciosa pressão que exercia sobre a sua, arrancava-lhe suaves gemidos do mais profundo da garganta. Sentia como uma estranha em seu próprio corpo.

Não iria negar suas paixões. Já tinha beijado antes, de fato, tinha beijado muitos homens. Embora nenhum dos beijos se comparasse a este. O homem era um demônio arrogante e revoltante, mas tinha uma boca deliciosa e pecaminosa.

Enquanto não sentiu a brisa fresca nos mamilos, Bliss não se deu conta de que ele tinha afastado o escasso tecido que cobria seus seios. Uma aguda sacudida de desejo subiu até seu coração quando ele acariciou os mamilos endurecidos com os dedos. A realidade desceu sobre ela como um fogo abrasador.

Tirou abruptamente a sua boca da dele e empurrou-o.

— Não!!!...

O brilho apaixonado nos olhos se converteu num brilho de gelo.

— Por favor, não me diga que você vais fazer o papel da donzela indignada. Que tática aborrecida!

— Não, milord; é muito mais simples que isso. Não o desejo.

Ele apertou a mandíbula:

— Está no cio, milady. Como sua égua. Me agradaria muito resolver seu problema, mas não quer continuar com a idéia de brincar.
- Voltou a lhe acariciar os mamilos com os polegares e o prazer chegou em forma de espiral até os dedos dos pés. Estava brincando com ela,

assegurando uma vitória, de uma forma ou outra.

- Possivelmente esteja no cio - respondeu-lhe com a calma que lhe permitia o coração alvoroçado, ao mesmo tempo em que se cobria - mas você não é o garanhão adequado.

Os olhos dele brilharam furiosamente.

- Suponho que nunca saberá se isso é mesmo verdade, certo?
- Retrocedeu um passo e lhe rendeu uma reverência zombeteira. - Seria mais seguro pra você não mostrar tão claramente estar no cio. - Tirou um charuto do bolso e o acendeu, enquanto a observava através de um fino véu de fumaça e adicionou: - Nunca se sabe quem estaria disposto a fazer esse favor a você. Se é que me entende.

Suas palavras grosseiras impregnaram fundo nos ossos.

- Se afaste de mim. Escutou? Não volte a se aproximar, quem quer que seja.

- Ah, é certo. Não sabe quem sou, verdade? Bem, me deixe corrigir isso. - Pegou sua mão e a levou aos lábios; - Caine Ballinger, milady, recente ex-conde de Hartland, a seu serviço.

"Caine Ballinger". O homem que a intrigava e intimidava. Aquele rufião sedutor era o amante de Olivia Hamilton. Devia ter sabido (embora o saber não atenuasse a dor que sentia).

Bliss o afastou com um empurrão. Com uma risada profunda ele a liberou, ela se virou e saiu correndo.

Capítulo V

"Fiquei entre eles, mas não como um deles; envolto em pensamentos que não eram os meus."

Lord Byron

Pela segunda vez no dia, Caine a observava ir embora, sentindo no corpo um desejo tão forte a ponto de querer persegui-la como um adolescente, excitado e ofegante com sua primeira ereção. Mas ele jamais tinha corrido atrás de nenhuma mulher, e se amaldiçoaria se

isso acontecesse algum dia.

Céus, de todas as mulheres do mundo, por que tinha que ser a filha do condenado duque de Exmoor a quem queria levar para a cama? Com aqueles olhos azuis claros, capaz de aniquilar um homem, de despedaçar até esse lugarzinho em seu interior, que ele mantinha isolado de todos e que ainda conseguia excitar de maneira infernal?

Era incrível como um homem tão perverso tinha podido criar essa filha tão vibrante e exótica. E maldição! Preparada, além de tudo. Não importava de que ângulo a atacasse, ela se esquivava. Tanto sua aparência como sua inteligência o tinham desconcertado.

Seu nome tinha provocado nela uma reação muito forte. Ela saberia o que seu pai tinha feito ao dele?

Como a avareza do homem havia acabado com a vida de Henry Ballinger? E embora não soubesse, isso não faria diferença. Ela o detestava de um modo ou de outro, e para ele tudo bem. O sentimento era recíproco.

Caine saiu do estábulo e fechou as portas. Lançou um olhar para a casa e viu as silhuetas das pessoas dançando em **seu** salão, servidos por **seus** serventes, muitos deles dormindo sob **seu** teto.

Evitaria a todos até a semana seguinte, embora para isso tivesse que passar as noites no estábulo. De qualquer modo, seu cavalo era a única coisa que lhe importava. *Khan* era a única coisa que ficara de sua vida anterior (o único presente que lhe tinha deixado o pai, o potro negro há três anos).

Caine passou a mão pela cabeleira e se dirigiu à entrada posterior da casa. Subiria pela escada de serviço a seu quarto, que ficava no extremo mais afastado da ala oeste, longe daqueles palhaços e de suas esposas, com os quais podia encontrar em qualquer quarto que estivessem.

Northcote era única porque continha um elaborado sistema de passagens secretas, construídos por um ancestral saxão para evitar que os dinamarqueses navegassem rio acima até o Exeter. Uma vez soubesse o desenho dos túneis, podia ir quase a qualquer parte do lugar sem ser percebido.

Aqueles lúgubres corredores eram a única salvação de Caine durante as intermináveis reuniões de Olivia. Ela detestava que ele

desaparecesse; adorava exibir seu brinquedo novo.

Ele gostava de ter relações íntimas com mulheres, desfrutava do poder que exercia sobre elas durante a submissão sexual, quando precisavam do que ele podia lhes dar. Mas todo prazer que alguma vez havia sentido no ato se extinguiu ao aceitar o oferecimento de Olivia. Jamais tinha imaginado conhecer o que se sentia ao ser um objeto, um capricho feminino, mas agora sabia e se odiava profundamente.

Ao entrar, seu quarto estava escuro como uma tumba.

Se fosse como tempos atrás, teria uma criada para acender os abajures, alisar seus lençóis e um criado que o ajudaria a despir-se e a vestir-se.

Olivia acreditava que essas coisas não eram necessárias. Se ele precisava vestir-se ou despir-se, podia ir a ela. Nunca tinha feito, embora isso não significasse que ela não fosse a ele.

Caine acendeu um fósforo e com ele o abajur sobre a escrivaninha; o brilho pálido e fraco apenas se refletia no mobiliário escuro e as pesadas cortinas. O dormitório era muito diferente dos que tinha ocupado em sua juventude, com lençóis de cetim e decadente esplendor que tornava o ato de dormir um prazer. Agora contava com a solidão e uma vista das sombrias escarpadas e o som das águas, o que ia melhor com seu estado de ânimo.

Tirou a camisa, recordando o modo como Bliss tinha acariciado seu peito, causando a primeira sensação de desejo genuíno que tinha sentido em anos.

Deus, como tinha desejado que ela o tocasse. Havia algo nela que temporalmente o tinha feito esquecer-se de quem era. Pela primeira vez em muito tempo, havia se sentido consumido por outra sensação que não era rancor nem raiva.

- Onde você esteve, querido?

Caine retesou o corpo ao olhar seu reflexo no espelho e encontrar Olivia sentada do outro lado do quarto, com uma perna pendendo sobre o braço da poltrona, apenas com uma lingerie vaporosa lhe cobrindo o corpo. "Meu Deus, esta noite não!". Não quando outra mulher ocupava seus pensamentos e o excitava.

- O que está fazendo aqui? - perguntou-lhe com aspereza, lamentando-se por ter tirado a camisa e ver que ela percorria com o

olhar as costas até deter-se em seu traseiro.

- Esperando por você, é obvio.

- Falei a você que não viesse ao meu quarto.

- Sim, sei, é seu refúgio do mundo. De verdade, Caine, esta obsessão que tem em se proteger, cresce de maneira cansativo. É só um quarto, pelo amor de Deus.

- E o que quer?

- Que deixe de se esconder. Esta noite sua ausência foi grandemente notada. Meus convidados esperam ver você. Como crê que me sinto quando perguntam por você e eu não sei onde está?

- Não sou seu brinquedo - grunhiu enquanto agarrava bruscamente a camisa do chão.

- Deixa - insistiu ela ronronando. - E, por favor, dê a volta.

Apertando os dentes, Caine a olhou, fechando os punhos da camisa, enquanto ela o despia com o olhar.

- É esplêndido, milord. Tem um corpo que foi feito para dar prazer a uma mulher. Que adorável que seja meu! Porque enquanto eu pagar, você é meu. Pergunto-me se você é bastante agradecido com nosso acordo.

- Não me pressione, Olivia. Essa não é uma jogada inteligente.

- Vem aqui, Caine. - Chamou-o com um dedo. - E deixa a camisa onde estava.

Ele desejava que o largasse e o deixasse em paz, e nesse momento só havia um modo fazer isso, exceto a morte.

Com a fúria revolvendo seu estômago, Caine jogou a camisa no chão, atravessou o quarto e parou a passos da poltrona onde estava ela.

- Não me olhe com tanta fúria, meu amor. - Disse-lhe entreabrindo os olhos e olhando-o através das pestanas, umedecendo-os lábios com a ponta da língua. - Já sabe o que quero.

- Alguma vez você dorme?

- Dormir é perda de tempo quando tenho você.

- Olhou-o sensualmente, parando na virilha sem encontrar evidência de desejo e eu seu rosto desenhou um gesto de desgosto. É delicioso quando está zangado e tão malvado comigo na cama...

- Assim que me provoca a propósito, verdade?

Ergueu um ombro e disse:

- Às vezes, sim. Observar você absorto em seus pensamentos não é divertido. - Ela se inclinou para frente e passou o dedo na parte da frente das calças. - Creio que hoje você se comportou como um menino mau. - Levantou a cabeça e o olhou de esquelha. - Não é verdade?

Caine apertou a mandíbula.

- Esteve me espiando de novo, não é?

- Tenho que vigiar o que é de minha propriedade - respondeu ao mesmo tempo em que deslizava a mão por baixo do cinto para agarrá-lo. - Se não, alguém poderia me roubar. E isto, - ronronou do mais profundo da garganta, enquanto o tocava intimamente - vale seu peso em ouro. Não posso permitir que lhe aconteça nada, certo?

- Isto - começou a dizer com um grunhido, enquanto a pegava pelo pulso, - será quebrado na próxima vez que se referir a mim como propriedade; que seja a última.

Ela franziu os lábios fazendo um gesto próprio de criança e lhe disse: - Não se zangue comigo.

- Pare de me espionar, por mil demônios! Deixa-me farto.

- Na verdade eu não espiono você; isso seria indigno de mim. Chadwick o faz.

Chadwick. Seu secretário pessoal que, de passagem - Caine estava seguro disso, - oferecia a Olivia mais que seus serviços administrativos. Teria visto o beijo que tinha dado em Bliss? Aquele leproso cheio de larvas o teria visto baixar o corpete sem que ela se desse conta? Ou quando jogava com ela sem saber na realidade quem dos dois estava sendo seduzido?

- Advirto que afaste esse bastardo para bem longe de mim, senão a próxima vez estrangularei esse imbecil insignificante.

- Disse que o viu com essa rameira, filha de Exmoor. Acredito que mandei que você se afastasse dela.

- E eu disse que fora do quarto faria o que me desse na cabeça. Ela o agarrou pelo cinto da calça, querendo que ele se ajoelhasse. Um sabor ácido o queimou profundamente na garganta enquanto se

inclinava.

- Minta que isso não esteja excitando você... - Escarneceu ela.

- Por Deus - replicou Caine sufocado, em um tom de ironia. - Quantas ereções acha que posso ter? Você está em cima de mim constantemente, ereto ou não. Meu pênis já não quer nem erguer. Mas é obvio, tenho que dar a qualquer mulher com peitos e que respire. À leiteira, à filha do vigário. À esposa do vigário. À sua sobrinha. À sua irmã. À metade da população do norte da Inglaterra. Me esqueci de alguém?

- Chadwick disse que a beijou, fez isso?

- Sim. - Chadwick era homem morto. - E o que?

- Pensei que a detestasse.

- E a detesto.

- E então por quê?

- Para castigá-la. - Mas era ela a que o tinha castigado, com um golpe seco no peito como um boxeador profissional.

Olivia se acomodou na poltrona e o olhou:

- Vejo que isto vai se tornar um problema.

- Falei que a mandasse embora.

- É uma convidada. Além disso, minha sobrinha parece ter desenvolvido um chamego pelo primo dela. Court Wyndham é uma boa pessoa e não quero ser eu que desalente o casal. - Um olhar que Caine conhecia muito bem, desenhou nos olhos de Olívia. Acariciou-lhe a mandíbula até roçar o pescoço. - Ainda me deseja, Caine?

- O que quer, Olivia? Sangue?

Examinou-o um instante.

- Percebo que está começando a se aborrecer, e quero que as coisas voltem a ser divertidas entre nós.

Aquele era um prazer que ela jamais teria.

- Não vou participar de nenhuma de suas perversões, se for nisso no que está pensando.

- Na verdade, estive pensando em lady Bliss. Hoje falei com ela.

Caine ficou rígido. Olivia sentia especial inclinação em contar a

outras mulheres detalhes sobre sua capacidade sexual, e em consequência, elas faziam todo o possível para levá-lo para a cama.

Não sabia se faziam isso por pura curiosidade a respeito de sua destreza, para tentar sua força de vontade, ou simplesmente porque queriam ter o que Olivia tinha. Ele não estava seguro da intenção de nenhuma mulher para com ele, fazia muito tempo.

- Tenho que me preocupar se por acaso ela tentar me levar para cama, como essas abutres a quem chama amigas? - perguntou-lhe.

Olivia o olhou fixo, primeiro inexpressivamente e logo com fúria, como se jamais tivesse considerado essa possibilidade.

- Minhas amigas tentaram seduzir você?

- E o que esperava?

Voltou a agarrar a cintura da calça e o atraiu para si, entre suas pernas.

- E você que fazia quando lhe pediam isso?

- O que acredita que fazia?

- Maldição, Caine! Diga-me isso - Nada, por amor de Deus!

- Nada, pelo amor de Deus!

- Bem. Porque eu não gosto de compartilhar. - Baixou os ombros e o tecido de seda da bata deslizou pelos braços deixando à vista os seios, com os mamilos eretos, como sempre, coisa que lhe revolia o estômago. - Acha que lady Bliss é mais bonita que eu?

Bliss era muito bela; uma das mulheres mais bonitas que tinha visto. Sua pequena estatura o fazia sentir-se enorme. De fato, por um instante ele se havia ficado nervoso ao tocá-la, pensando em quão frágil era e como facilmente poderia quebrá-la.

Quando ela o tinha obrigado a parar, pela primeira vez em sua vida se sentiu rejeitado, pensando se ela teria sido capaz de ver o buraco onde ele tinha tido um coração, e o tinha visto como era incompleto.

- Sim - respondeu secamente.

- Por que é tão cruel? - perguntou-lhe angustiada.

- Não faça perguntas se não quer escutar as respostas.

De repente, ela o olhou com um brilho estranho nos olhos:

- Tenho uma proposta a fazer.

Caine ficou tenso e de sobreaviso.

- Que tipo de proposta?

Precisamos de um pouco de entusiasmo. Assim, me ocorreu algo que acredito, fará feliz a ambos. Seus olhos brilharam ao acrescentar:
- Quero que seduza lady Bliss.

- O quéeeee...?

- Seria a vingança perfeita pela morte de seu pai.

Caine não podia acreditar no que estava escutando.

- Já se esqueceu que se aborreceu comigo hoje por ter estado com ela?

- Isso foi antes que desse a você minha bênção.

Caine apertou os punhos caídos ao lado do corpo.

- E agora está tudo bem se eu a levar pra cama?

- Não exatamente. Espero que guarde sua paixão para mim... A menos que seja virgem. Violar o hímen dessa santinha do pau oco destruiria seu amado pai. Sua menina apreciada manchada por uma célebre caveira. Que golpe de misericórdia!

"Vingança". A palavra retumbava na cabeça de Caine. Durante muito tempo tinha pensado que se tivesse a oportunidade de vingar a morte de seu pai, se libertaria dessa obsessão que o consumia. Livre para seguir adiante e encontrar uma nova motivação em sua vida.

Aqui estava a oportunidade para dar a Exmoor um golpe direto no coração: a reputação de uma mulher pela vida de seu pai. Não era uma troca justa, sob nenhum ponto de vista, entretanto era um duro golpe.

- Vejo que está lutando com seus demônios - disse ela, enquanto afastava a seda transparente que cobria o monte de Vênus e punha sua mão ali, mexendo impaciente até que ele deslizou um dedo entre as dobras. - E darei a você um incentivo adicional. - Guiou seu dedo até a carne inflamada, gemendo em voz baixa antes de falar: - esta casa.

Caine sentiu que paralisavam todos os músculos do seu corpo.

- O que está dizendo?

- Não pare. - Quando o dedo continuou o movimento, falou: - Se seduzir Lady Bliss e fizer que se apaixone por você então lhe devolvarei Northcote.

Recuperar sua casa. O sonho que o tinha consumido durante dois longos anos. Quase podia saborear a vitória. Mas não podia se deixar tentar, sentir a crescente ansiedade por algo que simplesmente estava fora de seu alcance. Conhecia muito Olivia. Tinha percebido sua armadilha com alguma intenção em mente.

- Você quer algo em troca - rebateu. - O que é?

- Bem, essa é a parte mais difícil deste plano brilhante. Qual seria minha recompensa se você, o perito em sedução, falhasse? Como já sabe, Alfred me deixou bem provida. Realmente não preciso desta casa, mas veio junto com um prêmio tão delicioso... Como podia resistir? - Enganchou a perna esquerda no outro braço da poltrona e abaixou sua mão.

- Diga! Que diabos quer de mim?

- Não o adivinha?

- Deixa de jogos.

Ela se inclinou para frente e lhe sussurrou ao ouvido:

- Quero um bebê, Caine. Seu bebê.

Caine viu que seu sonho murchava e morria.

- Não.

Ela o olhou incrédula.

- Não me dará um filho nem sequer pela possibilidade de recuperar sua casa?

- Nem que me prometa a salvação. Além disso, você não suportaria o fato de ter um bastardo, e eu não deixarei que nenhum meu filho cresça como um.

- Céus, às vezes é tão repugnantemente sentimental. Essa é uma de suas qualidades mais irritantes.

- Mas não eclipsa minhas outras qualidades, verdade? - Aumentou de propósito a velocidade ao tocar o clitóris úmido.

Ela jogou a cabeça para trás e soltou um gemido de prazer.

- Não... Não eclipsa suas numerosas... mmm... E deliciosas

aptidões.

Caine diminuiu a velocidade querendo que ela não gozasse ainda. Precisava mantê-la exatamente onde ele quisesse. Ela estava apostando em algo que ele desejava com desespero e que tinha ao alcance da mão.

- De qualquer maneira, seu plano não funcionará.

Ela se movia em sentido contrário às carícias.

- Por que diz isso?

- Porque eu disse algumas coisas à moça, e eu acredito que ela não vá esquecer.

- Oh, querido. Comportou-te como um bárbaro, não é? - Ela suspirou e meneou a cabeça. - Se bem me lembro, você não estava muito contente de vê-la. Bom, é bastante persuasivo, querido. E sua técnica é... mmm, divina. - Seu corpo vibrava enquanto cobria a mão dele com a sua, para que acelerasse o ritmo.

- Então estamos em um impasse.

- Não necessariamente.

- Não darei um filho a você.

- Pensa só. Se nos casássemos poderíamos seguir com nossas vidas separadas e seu filho cresceria aqui, nesta casa. Continuaría o legado de sua família. Poderíamos ser... Uma família.

Família que ela controlaria com contratos detalhados e mesadas, tudo estruturado para mantê-lo sob seu controle. Casar-se com ela não modificaria as circunstâncias; simplesmente passaria a ser um garanhão permanente em lugar de temporário. Céus, como ansiava por um pouco de paz!

Paz para o coração. Paz para a alma.

A necessidade de encontrar essa paz era como uma dor aguda em seu interior que lhe arrancava palavras à força.

- Sim aceito. Porá tudo por escrito? O brilho da iminente vitória nos cantos dos lábios dela.

- Mandarei meu advogado redigir os papéis. O senhor Carlton é muito discreto. Ninguém precisará saber.

Caine estava preso entre a sensação de vazio interior, que sua

casa preencheria, e a crueldade do estava a ponto de fazer.

Ganharia, é obvio. Tinha que fazê-lo. Havia muito em jogo. Não havia possibilidade de se casar com Olivia, tampouco lhe daria um filho para que pudesse controlar. Esse fato o deixava com uma só opção: triunfar, sem importar o custo.

- Bem - disse. - Redige os papéis.

De toda maneira, já estava condenado mesmo.

Capítulo VI

“Jazia magno e magnificamente derrotado, esquecido de sua fidalguia.”

Homer

Caine estava parado sob a penumbra do alpendre semicircular, pensando no que tinha aceitado na noite anterior. Tinha descido até as últimas profundezas da desgraça e tinha vendido a Olivia o pouco que restava de alma.

Depois de tê-la feito alcançar três orgasmos, ela adormeceu... em sua maldita cama. Levá-la a seu quarto significava correr o risco de despertá-la e ter que agradá-la novamente. Assim sendo, vestiu a camisa e tinha subido ao telhado. Um corredor atravessava todo o comprimento da casa e de lá se podia ver o céu de qualquer ângulo.

Recostado sobre as pedras frias ficou olhando a escuridão em companhia da lua prateada, um monte de estrelas e o som contínuo do fluxo e vazante de uma fonte conhecida e reconfortante, desaparecidos nas lembranças dolorosas de uma casa que uma vez tinha sido cheia de vida e amor.

O telhado tinha sido seu lugar particular quando era menino. Ali escapulia para evitar suas tarefas e para brincar com navios piratas, com bandeiras de caveiras sobre dois ossos ondulando com a brisa, que vinham direto da enseada a bombardear os escarpados e saquear a vila, só ele era capaz de salvar todos.

Grande imaginação para um menino de oito anos que tinha

pensado que por suas valentes proezas, a rainha o nomearia cavaleiro, com estrondosa ovação e aplausos que ressoavam em seus ouvidos junto com um coro de anjos que aclamavam o herói conquistador: - Viva a Bretanha!...

Tinha visto o sol nascer no horizonte, com os raios vermelhos e dourados que se espalhavam pela água, alcançando a terra indevidamente.

Permaneceu imóvel até que o primeiro raio de luz lhe acariciou a pele, esperando, como sempre, que o aquecesse e que passasse por baixo dessa frieza que o tinha aprisionado e que devolvesse um pouco de vida ao seu coração para convertê-lo nesse herói que uma vez tinha ansiado ser. Mas antes não tinha acontecido. E hoje tampouco.

Então, fizera um trato com o diabo e o tinha selado com os lábios, a língua e as mãos. Agora devia cumpri-lo: tinha que seduzir uma mulher que precisava odiar. Tinha que utilizar cada arma de seu arsenal sexual para atrair Bliss e fazê-la acreditar que ele era alguém que valia a pena amar.

Seus corpos se desejavam; isso era inegável. Entretanto, algo o atormentava. Se não estivesse seguro de ter acabado com todo o sinal de consciência, diria que era uma sensação de culpa sobre os ombros.

Era impossível. Estava sentindo a caçada adiantada, a emoção da vitória final. Seduzir as mulheres era um esporte que ele conhecia muito bem. Pelo menos recuperaria sua casa, sua vida ou o que restasse dela. Tinha que fazê-lo por seu pai. Por isso Northcot tinha significado para ele e para as gerações anteriores aos Ballinger.

Caine viu Bliss sair da casa e atravessar o gramado. Ele saiu do alpendre e seguiu. Ainda não tinha conseguido decifrar suas fraquezas, seus desejos, mas o faria.

Ela desapareceu por trás do jardim, passando por um pequeno bosque. Seguia o atalho que ia para o mar, a leste do cabo - aquele afloramento de rochas irregulares que sobressaía por cima do cais.

Caine não tinha estado ali desde a morte de seu pai; não conseguia armar-se de coragem para aproximar-se dos escarpados. As lembranças o invadiam ameaçando derrubar o muro que o protegia de coisas que não queria ver.

De modo que se deteve a certa distância, escondido atrás de

uma árvore; a seu redor havia um arvoredo silvestre com troncos espiralados e ramos que apontavam para longe.

Mais perto dos escarpados, as árvores davam lugar às urzes, samambaias e gramas. As águias imóveis se sustentavam na corrente de ar ascendente, enquanto as gaivotas saindo de seus esconderijos, dirigiam-se em bando para o mar como flecha.

Acendeu um charuto com o corpo rígido pela tensão ao observar como Bliss se aproximava da beirada do precipício. Um escorregão e cambalaria até cair. Começou a caminhar em direção dela, mas então ela se deteve, absolutamente absorta ante a vista.

Durante um longo momento, ela elevou seu rosto ao céu. Os raios de sol a banharam, rodeando-a de um tom dourado, como se fosse um anjo de cabelos castanhos enviado à terra para tentar e atormentar. Uma inesperada onda de profundo desejo invadiu Caine ante aquela imagem.

Finalmente, ela se sentou sobre a grama verde. Ajeitou as saias e abriu um bloco de papel de desenho. Ele não tinha prestado a menor mínima atenção ao que acontecia. Tinha a atenção presa na esbelta curva de suas costas, na fina cintura que ele abarcaria com ambas as mãos, o modo em que meneava o traseiro com um ritmo hipnótico, e como a brisa fazia estragos em seus cabelos, as mechas se soltando das fivelas de um em um até que a maior parte da pesada massa caía em cascata sobre as costas.

Tinha uma linda cabeleira e ele queria pegar uma mecha para sentir como aquela seda fresca e exuberante lhe queimava a palma das mãos, como tinha feito na noite anterior quando a jogou para trás e lhe beijou o pescoço. Podia imaginar essa juba espessa espalhada a seu redor ao jogá-la de costas sobre a grama e ele em cima dela, ambos com os dedos entrelaçados sob a cabeça.

Céus! Tinha que controlar-se. Sua missão era seduzir e destruir. Enquanto caminhava para ela, Caine soube que gostaria muito dessa tarefa.

Uma sombra de inconfundível forma humana caiu sobre Bliss: um homem com ombros tão grandes que bloqueavam o sol. Não teve necessidade de olhar para saber de quem se tratava. Sua pele arrepiada avisou.

Elevou os olhos surpresa ante a imagem de Caine: aqueles olhos

azuis, mais intensos que um mar tempestuoso; os cabelos negro azeviche com fios dourados, com uma aura luminosa que delineava o corpo e lhe dava um aspecto de anjo caído do céu, como ressurgido das trevas, e que tivesse vindo à terra para convidar os mortais para fazer parte do reino dos sensuais.

As imagens daquele rosto com cicatriz que a tinha fascinado, da boca sobre a sua, de seus seios entre aquelas mãos enormes, tinham feito que ficasse acordada quase a noite inteira. Dividida entre o desejo de enterrar uma faca nas costas ou estar debaixo dele. Um enorme cansaço se apoderou dela e dormiu um sono inquieto, sonhando com ele perseguindo-a. Ao acordar, decidiu que nesse dia ele não a incomodaria.

- Está tampando a luz - disse ela, afastando os olhos. Não lhe agradou o que viu ao olhá-lo nos olhos. Zombaria, arrogância. Dor. Um pequeno indício de vulnerabilidade. Impossível: ele era tão vulnerável como uma cascavel.

Sobressaltou-se quando ele ajoelhou-se ao lado dela sem pronunciar uma única palavra, o que possivelmente era mais inquietante que se tivesse falado ou feito alguma outra coisa.

- O que você quer? Perguntou ela bruscamente. - É que esta é sua porção de pasto particular? Meu vestido é da cor equivocada? Por favor, me diga o que é o que perturbou sua frágil sensibilidade no dia de hoje.

- O pasto não me pertence - replicou ele comedido, arrastando as palavras. - E seu vestido... - Percorreu-a com o olhar, examinando-a minuciosamente antes de voltar a olhá-la nos olhos. - Seu vestido é perfeito. Faz que seus seios fiquem incrivelmente exuberantes. São de um tamanho surpreendente para uma estrutura tão pequena.

Um rubor indesejado subiu no rosto. Jamais um homem tinha tido tão estranha habilidade de impactá-la, com tão pouco. Caine desfrutava claramente de seu comportamento perverso, o que fazia que as reações mais incomuns que lhe provocava fossem tão exasperantes.

- Está bêbado? - perguntou-lhe. Por seu aspecto desleixado, o queixo coberto de incipiente barba, os cabelos soltos e selvagens que chegavam até os ombros, e as roupas um pouco desordenadas, ela não tinha dúvida que ele tinha continuado beber depois que ela o deixou no

estábulo.

Respondeu-lhe com um sorriso torto:

- Possivelmente um pouco.

Bliss se afastou dele.

- Bem, não espere que o salve quando cair e quebrar seu estúpido pescoço.

- Sempre é tão cruel com os homens que olham com lascívia seus notáveis atributos?

- Você é o único que me olha com lascívia.

- Bem, custa-me crer. Por que esses mequetrefes parisienses não se jogam em cima de você?

- Alguns estão muito ocupados com atividades fora do quarto para se preocuparem com essas coisas.

Ele a olhou com indiferença e ela soube que não o atingira em nada.

- Se está querendo descobrir sobre minhas atividades de alcova - começou ele em tom suave, - porque simplesmente não me pergunta isso? eu adoraria satisfazer sua curiosidade.

- Você crê de verdade que é uma incrível bênção para a população feminina, não é mesmo?

Ele encolheu os ombros, maciço e incrivelmente largo.

- Ninguém nunca se queixou.

Bliss estava certa de que isso era verdade. Não era ele quem tinha conseguido por as mãos nos seus seios com incrível rapidez? Muito pior ainda, ela virtualmente tinha suspirado entre aquelas grandes mãos.

A expressão em seu rosto a denunciou, porque lhe disse:

- Vejo que se lembra. Bem. Espero que continue. Deus sabe quanto continua em mim.

Aquela revelação a surpreendeu. Tinha jurado que ele a tinha esquecido em menos de cinco segundos. Mas esse olhar ardente indicava que ele não tinha esquecido nada.

- Será que sua mente só viaja em uma única direção? - perguntou ela com aspereza. - Talvez se ampliasse seus horizontes,

teria mais do que falar.

Um brilho divertido iluminou seus olhos:

- Ampliar meus horizontes, é? A idéia soa intrigante. Sim, ampliemos meus horizontes. E do que quer falar? Platão? Aristóteles? Ou simplesmente contemplamos o céu e nos perguntamos como começou tudo?

- De igualdade. É disso que desejo falar, embora duvide que você esteja familiarizado com esse tema.

Ele ergueu uma sobrancelha escura e fingiu estar sendo insultado.

- E estamos nos referindo à igualdade de quem?

- Das mulheres.

- Ah... Suponho que seja uma terrível reformista, decidida a acabar com a população masculina com seu incendiário grito de guerra.

- Acho que você não tem a menor idéia que as mulheres possam ser suas companheiras. Dentro e fora do quarto. Mas ao que parece é onde as prefere: no quarto e debaixo de você.

- Assim é muito mais prazeroso o fato de ter que lutar com seu sexo, admito. O sorriso que de repente ela tinha em frente era absolutamente irresistível. - Mas confessa: você gosta de todos os modos, verdade?

- Me solte. Gosto de você sim. Longe. Bem longe. - O homem era revoltante.

Ele cruzou os pés.

-A possibilidade de lutar com você aqui nesse pasto é muito atraente pra mim.

- Então parto eu. - Bliss começou a ficar em pé, mas ele a agarrou pela cintura e a tombou no chão, de costas. Ela apoiou as mãos em suas coxas e sentiu como o calor do seu corpo a envolvia.

- Eu tinha razão - murmurou com a boca perigosamente junto à sua.

Bliss engoliu a saliva com dificuldade.

- Sobre o quê?

- Seus olhos. São azuis e profundos como o mar. Tirou do seu

rosto uma mecha de cabelo com suavidade, e roçou seu rosto com os nós dos dedos, provocando um leve estremecimento em seu corpo. Não vá. Prometo que me comportarei bem.

- Você não sabe o que é se comportar bem.

- Isso é verdade - disse com uma expressão cativante e animada no rosto. Mas podemos fingir que sei, não é mesmo?

Bliss segurou um sorriso. Ele podia ser encantador quando queria e ela suspeitava que poucas mulheres o resistiriam. Mas por que tentava conquistá-la?

Sedução: devia ser isso. O homem encarnava a perseverança mesmo. Bem, teria que esperar bastante se pensava que com um sorriso - embora fosse um perito em sensualidade - a derreteria.

De repente, deu-se conta de que continuava suspensa no ar sem que ele a tocasse. Rapidamente se afastou e voltou a sentar.

Ele cortou uma flor rasteira e a ofereceu. Ao ver essa pequena flor, Bliss se comoveu mais que o esperado; algo lhe dizia que gestos como esse não eram próprios daquele homem.

Mas ainda assim não podia confiar nele.

Voltou o olhar para a vista que tinha em frente, fazendo o maior esforço possível para ignorá-lo, o que ela não tinha certeza de conseguir.

Abriu o bloco de desenho e procurou uma folha em branco; ele deixou a flor em cima do papel, frustrando os esforços dela. Quase pegou a pequena flor, mas se deteve no último momento e a jogou no meio do mato. Ele levou a mão ao coração, num gesto de estar profundamente ferido pelo desprezo.

Tirou seus *crayons* e estudou a imponente paisagem que se descortinava diante dela. Lindas praias se estendiam por toda a costa. Protuberâncias cobertas de ervas caíam abruptamente para a baía. Os cais de rochas baixas e escuras rodeavam um vale de grama que se deslocava para o este, mudava de forma.

A mão dela começou a desenhar sozinha antes que tomasse consciência: era como acontecia sempre, deixando-se guiar pelo tema sem pensar. Pois o pensamento podia arruinar o que ela tentava criar.

Estava conseguindo bloquear o homem que tinha ao lado até que

ele murmurou:

- Carlyle.

Esquecendo seu objetivo de não prestar atenção nele, Bliss lhe deu um olhar, e isso foi um engano. Seu rosto de perfil era tão diabolicamente belo como o de Lúcifer, e tão tenebroso e comovedor como os escarpados que estava desenhando. Estava folheando distraído o exemplar do livro Sartor Resartus.

- É um livro - disse ela. - Já ouviu falar dele? Contêm palavras que às vezes podem ser instrutivas. Recomendo que prove pelo menos um.

- Provei alguns em minha vida. Quer saber quais? - Lançou um olhar de soslaio cheio de maldade.

- Não. - Bliss suspeitava que a única sabedoria que podiam conter era o detalhe exaustivo da anatomia feminina. - Estou certa que seu agudo intelecto não seria capaz de interpretar o assunto.

Uma risada suave, profunda e curiosamente musical brotou do peito masculino.

- Bem, deixe ver se meu "*agudo intelecto*" me faz lembrar o que Carlyle queria transmitir. Se me lembro bem, ele dizia que os membros da aristocracia não são mais que ociosos preservadores do jogo e parasitas da sociedade que passam seus dias caçando faisões ou mocinhas enfeitadas em bailes de Londres, abstraídos da realidade do mundo exterior fora de seu ilustre estrato social. É mais ou menos assim?

Bliss não queria deixar-se impressionar por seu conhecimento sobre a obra do Carlyle, mas ele tinha conseguido surpreendê-la.

- Sim mostrou que tem cérebro, milord. Bravo!

- E você, milady, continua sendo uma cadela. Embora seja muito bonita.

Seu comentário mordaz, embora um pouco adoçado, foi irritante.

- Não tenho por que escutar isto. - Arrebatou-lhe o livro que tinha em suas mãos, mas ele segurou pelo pulso quando estava a ponto de levantar-se.

- Fique.

Ela não voltaria a cair nessa.

- Se não tirar as mãos de cima, vou golpear você na cabeça.

- E eu mereceria isso. Mas se ficar, vou falar a você a respeito da ilha, que está desenhando. Tem uma história interessante.

Bliss se propôs não se deixar levar por seu oferecimento, por ser intrigante. Este homem destilava problemas, entretanto, isso era exatamente o que a atraía para ele. Se Court não tivesse comentado nada a respeito de Caine, de como rondava a casa e de como seu pai tinha sido impulsionado a tirar a vida, possivelmente não representaria tanta fascinação.

Ela deu um safanão na sua mão para soltar-se e se afastou:

- O que há de intrigante nessa história? - Lhe devolveu o bloco de papel, que lhe tinha grudado na saia.

- Era o lugar preferido dos piratas - respondeu-lhe.

- Isso não é tão incomum. - Devon sempre tinha sido o paraíso dos piratas e ladrões: suas enseadas isoladas e cavernas ocultas eram lugares perfeitos para guardar botas de cano longo roubadas.

- É isso mesmo - disse ele. - Mas essa ilha em particular foi habitada em uma ocasião pelos *cavaleiros templários*. Uma lembrança do Henrique II. A lenda também conta que ali habitou uma raça de gigantes.

- Gigantes? - riu ela. - Agora sim está inventando coisas.

- Não, um grupo de ilhéus encontraram uma cisterna de pedra enorme com esqueletos que mediam quase dois metros de altura.

- Suspeito que você é um descendente deles, - comentou Bliss de maneira distraída, examinando ligeiramente as pernas longas e musculosas estendidas pra frente, o peitoral bem definido que tinha estado apertado contra o seu na tarde anterior, até que deteve no rosto, onde o mexer das sobrancelhas a fez cair em si sobre o que estava fazendo. - Quero dizer... É alto. Mais alto que a maioria dos homens.

- Um metro e noventa provavelmente pareça a você que sou um gigante. Você não deve medir mais de... Quanto? Um metro e cinquenta?

- Um metro cinquenta e oito.

- Do tamanho de um bebê.

O comentário a irritou.

- Possivelmente seja pequena, milord, mas as comparações terminam aí.

Como deveria imaginar, aqueles penetrantes olhos azuis escuros se fixaram em seus seios, e Bliss se mortificou ao sentir que os mamilos se endureceram.

- Não, pequenos não - rebateu com um murmúrio rouco. - Na realidade, espetaculares. Inquietantes, de fato. Não cabem numa só mão, se bem me recordo.

A lembrança das mãos dele em seus seios provocou nela um calor que subiu em forma de espiral.

- É que sempre tem a cabeça fixa aí.

- Certamente. Sou um pecador insolente, estranhamente com boa intenção. Hoje mais que nunca. Há algo em você que estimula meus instintos.

- Que adulator! Mas duvido que seja a única mulher que obtenha essa façanha. - O rosto frio e bonito da Olivia Hamilton lhe veio à cabeça, imagens dela com Caine na cama, seus corpos fundidos, os lábios quentes e as mãos que tinham acariciado Bliss com aquele poderoso desejo acariciando a ardente viúva. - Possivelmente devesse partir se provoco isso em você.

- Prometo não tocar em você se não quiser que o faça. - Inclinou-se para ela, com a brisa lhe encrespando os cabelos sedosos enquanto murmurava. - Mas isso eu quero. Muito. Não posso evitar. Estou fascinado por todos esses botões de seu vestido.

Bliss seguiu seus olhos. Os pequenos botões de madre-pérola percorriam todo o caminho do pescoço até a cintura, como florescentes cintos de castidade que mantinham afastados os libertinos.

Ao levantar os olhos, descobriu o rei dos libertinos estudando-a.

- Está tentando me seduzir, não é?

- Sim - confessou-lhe, com gesto de menino esperançado. - Está funcionando?

A resposta direta e honesta a fez menear a cabeça e sorrir, embora se virasse para que ele não notasse.

Ela começou a ir-se quando ele a segurou no queixo pondo-a de frente, forçando-a a olhá-lo nos olhos.

- Menti a respeito do seu nome, sabia? - Seu hálito deixou seus pelos eriçados. - Você percebeu isso.

Bliss percebeu sua intenção em seus olhos, afastou suas mão e as pôs sobre o peito.

- Não...

- Não, o que?

- Não me beije.

- Só uma vez. - Avançou mais, quase até tocá-la com os lábios, tomando a mão dela na sua e deslizando-a por baixo de seu casaco; o coração dele pulsava com ritmo forte debaixo da mão dela.

- Não.

Ela pensou que ele insistiria apesar de seus protestos. Entretanto, murmurou algo em seu ouvido:

- Lembra-se de meus dedos em seus mamilos? - Aquelas palavras sensuais lhe provocaram um calor que percorreu a coluna.

Queria repreendê-lo por sua maldade, entretanto apenas sussurrou:

- Sim.

- Estavam tão duros e ardentes que queria tê-los entre meus lábios para provar a doçura deles. - Baixou os dedos do queixo lentamente até a garganta. - Alguma vez você teve a boca de um homem sobre seus seios, amor? Ou o pênis entre suas coxas, dando-lhe prazer de forma que nem imagina? - A fina capa de barba por fazer no queixo raspou suave na face. - É virgem, doce Bliss?

A rede erótica que ele tinha tecido se desvaneceu.

- Como se atreve a me perguntar isso? - Afastou-o com um empurrão no peito, que sequer o moveu.

- Já tenho minha resposta. - Tomou sua mão e acariciou a palma com o polegar. - Como conseguiu se manter casta tanto tempo?

Tirou sua mão da dele com um puxão.

- Mantendo-me afastada de homens como você!

- É injusto me comparar com homens que não sabem nada a respeito de dar a uma mulher o que ela realmente precisa. A esse tipo de homens só lhes preocupa seu próprio prazer. Embora eu nunca tenha levado uma virgem para a cama, asseguro que desfloraria você com o mais absoluto cuidado. Estaria tão presa na força de sua paixão que só sentiria um calor quando a penetrasse.

O corpo traiçoeiro de Bliss reagiu ante aquelas palavras ousadas embora não notasse nada na voz.

- Esse tipo de amor verbal funciona com Lady Buxton? Se for assim, essa mulher tem menos gosto do que eu pensava.

Ele endureceu o olhar e esticou a mandíbula.

- Ela não tem nada que ver com isto.

- Não? Eu diria que ela tem muito a ver com isto. Duvido que aprove sua conduta. Já que é seu...

Um segundo depois, Bliss ficou deitada de costas com Caine em cima, apertando suas mãos contra o chão, com uma fúria nos olhos como uma força tangível.

- Não - disse-lhe ela choramingando, a sensação de tê-lo em cima, com seu peso sólido, os músculos duros como uma rocha, que podia ver como se moviam debaixo da camisa, confirmavam-lhe quão vulnerável ela era.

Estavam muito afastados da casa para que alguém escutasse se ela gritasse. Mas queria pensar que na realidade não lhe faria mal, embora soubesse de sobra quão inconstante era seu temperamento.

- Ninguém me diz o que tenho que fazer. Nem Olivia, nem ninguém. Entende-me? - Como ela não respondeu imediatamente, gritou-lhe: - Entende?

- Sim!

Um músculo se moveu em sua mandíbula.

- Céus... Fiquei louco. - Esse tom de voz mortificado quase a convence de que assim era, e aquele olhar vulnerável voltou a aparecer em seus olhos-. Por favor, só me beije.

- Caine... - Bliss sabia que devia recusar, mas ao tocá-la ela se esqueceu de tudo.

De modo gentil, deslizou as mãos pelos ombros, seguindo o contorno rígido até o pescoço, enfiou os dedos nos cabelos sedosos e umedeceu os lábios involuntariamente. Ele olhou a boca e de novo os olhos enquanto inclinava a cabeça lentamente.

A suave pressão de seus lábios nos dela provocaram todo tipo de sensações. A intensa palpitação que sentia entre as pernas crescia com cada movimento da língua em sua boca.

Adorava a sensação do corpo pesado e firme. De um modo que jamais havia sentido, embora percebesse que ele tomava cuidado de não apoiar-se com todo seu peso. A fazia sentir frágil, feminina. Protegida.

Este pensamento era estranho considerando que ele a tinha jogado sobre o pasto à força, embora ela não preferisse a suavidade. Ela desejava alguém enérgico, forte e imponente. Nenhum homem tinha satisfeito o seu desejo, mas este homem era mais que seu par.

Segurou suas mãos e as imobilizou debaixo de sua cabeça, deixando-a indefesa, completamente à sua vontade. Ela ofegou ao sentir a mão cobrir o os mamilos eretos e sensíveis.

"Alguma vez você teve a boca sobre seus seios, amor?"

Nunca, mas deseja sentir a boca dele em seu corpo.

Moveu-se inquieta, roçando com as coxas a dureza que se ergueu entre as pernas dele.

Ele gemeu emitindo um som profundo e primitivo e lhe apertou os seios. Com a boca encontrou seu ponto sensível no pescoço e com o polegar continuava acariciando o mamilo sobre o vestido.

Levou a mão ao primeiro botão. Seu coração pulsava selvagememente cada vez que abria um, e os lábios dele provavam cada pedaço de pele descoberta.

Ela soltou um gemido quando baixou até o vale que se formava entre seus seios. Então ele elevou a cabeça e os pesadas pálpebras dela se abriram para encontrá-lo observando-a enquanto desabotoava os botões que restavam, afastando lentamente o tecido e deixando só a anágua que separava o corpo nu de seus olhos ardentes.

Desenfreadamente, ela se arqueou para buscar sua boca, lançando a cabeça para trás quando com a língua ele umedecia o mamilo através do tecido, duplicando a dor que ela sentia entre as pernas. Ele

Logo cobriu com a boca as pontas sensíveis e as sugou com a pressão exata, como se instintivamente soubesse o que ela queria.

Mas não lhe tinha dito que ela estaria cheia de paixão quando ele a possuísse? Ele era um perito em seduzir mulheres, até ontem a detestava, tinha querido dar-lhe uma lição.

Talvez ainda o quisesse.

Não seria a total desmoralização dela se alguém aparecesse por ali e a encontrasse rebolando debaixo deste homem? Um homem que acumulava conquistas em quantidades inimagináveis para Bliss? E além disso pertencia à marquesa, seu corpo era de seu uso exclusivo. Ele tinha alguma intenção em mente; conquistá-la e jogar fora. E ela o estava permitindo.

- Basta! - Ao ver que ele não respondeu imediatamente, ela o puxou pelo cabelo e o mamilo escorregou de sua boca. Chegou a ver a parte úmida no tecido da anágua, a auréola escura contra o tecido, e a vergonha a invadiu.

Ele rolou para o lado. Ela saiu de debaixo dele e ficou de pé. Ele a olhou fixamente com os olhos escuros acesos e uma incipiente fúria pelo desprezo.

- Chupei-a muito forte, "sua senhoria"? Se quiser tentar outra vez, posso tentar de novo. Estou certo de que desta vez farei bem.

Ela tinha o peito apertado e com movimentos bruscos fechava de novo os botões do vestido.

- Vá para o inferno - disse-lhe com voz trêmula, com as pernas a ponto de paralisar quando se virou e tratou de voltar para a casa sem correr.

Capítulo VII

“Ali, à luz da lua, penumbra com orvalho, sem perguntar por que nem para que, rondaria qual fantasma e ficaria fixo como uma estaca...”

Walter da Mare

O último reflexo de um sol agonizante cobriu o mar deixando-o com uma linha vermelha brilhante até sumir no horizonte, e se introduziu na noite sobre a paisagem completamente negra. Entretanto, Caine ainda podia distinguir a iminente silhueta das rochas maciças bordeando o cais, e os dedos azuis da névoa que se enroscavam ao redor dos picos dentados dos escarpados que abriam caminho para Morwenstow.

Abaixo, à distância, as construções rurais caiadas de branco e as casinhas da vila se sobressaíam como faróis. Ali se vivia outro tipo de vida, que pouco tinha a ver com a do homem que uma vez tinha sido destinado a dirigir a mansão (antes que seus hábitos em busca de prazer o tornasse alheio ao mundo que uma conhecera).

Os inquilinos de seu pai, agora inquilinos de Olivia, eram os únicos que o tratavam como a mesma pessoa que se criou entre eles. Não se comportavam de modo diferente com ele pelo fato de que seu destino tivesse mudado. E entretanto, Caine se sentia como se estivesse parado do outro lado de uma parede de trezentos metros de altura, com os portões fechados para ele.

Possivelmente a sorte incerta dos populares, igual à sua, era o que o mantinha unido a este lugar, somando um laço mais que evitava que partisse. Olivia era uma intrusa. Ela não entendia como eram as coisas.

Caine olhou para a janela de Bliss. Tinha as cortinas fechadas, mas ele sabia que ela estava ali. Tinha visto uma sombra indo e vindo como se estivesse caminhando, possivelmente tão confusa como estava ele.

Por mais que se felicitasse pelo triunfo daquela manhã - que de fato tinha sido, já que ela tinha sucumbido e o tinha feito com tanta doçura e sabia que seu corpo ardia com a marca das suas mãos - ele não se sentia vitorioso.

Ele não tinha levado bem as coisas. Ao olhar Bliss, não via simplesmente a filha do duque de Exmoor. Também via... Bliss. Mas não podia permitir o luxo de distrair-se. Tinha que seduzi-la com a mesma decidida crueldade que tinha empregado no passado. Não obstante, por um momento fugaz, sentiu algo que não sentia desde muito tempo. A

volta de sua humanidade.

- Aí está, querido.

Caine ficou tenso quando Olivia se materializou na escuridão, qual meretriz envolta em uma bata cor creme, tão refinada e desagradável como uma efígie de cera, embora ela não deixasse de acreditar que parecia jovem e inocente: essa era uma brincadeira de proporções monumentais. Qualquer inocência que Olivia tivesse pussuído alguma vez, se deteriorara fazia muito tempo.

Em uma ocasião tinha lhe contado que tinha seduzido a um dos melhores amigos de seu pai, um viúvo solitário, quando só tinha dezoito anos. Tinha visto que a olhando e se deu conta de que ele a desejava.

Uma vez que o tinha levado à cama, quase o deixou a beira da morte com suas travessuras sexuais e tinha rido dele na cara acusando-o de ser um rude velho bastardo por manchar a uma juvenzinha, ameaçando dizer a seu pai que a tinha violado. Jogou-o no caixão ao lhe jurar que logo toda Londres se inteiraria do que tinha feito.

O homem se matou com um tiro nessa mesma noite.

Caine se afastou dela. A imagem dela o irritava mais que o habitual. Esse dia ele teve algo puro, algo que jamais tinha experimentado: uma mulher absolutamente inocente às carícias de um homem, alguém que tinha florescido em seus dedos inquietos e sua boca ardente.

Excitava-se só imaginando os seios cheios e erguidos de Bliss, com aqueles mamilos doces e eretos. E foi essa excitação que Olivia sentiu ao abraçá-lo pela cintura levando a mão à virilha, no moneto errado.

- Devia ter me avisado que estava com vontade de brincar - ronronou enquanto o massageava.

Caine se deixou levar pela fantasia, fazendo de conta que era Bliss quem o acariciava, Bliss desabotoando os botões das calças e agarrando sua ereção entre as mãos, Bliss massageando-o com destreza.

Imaginava ela como aquela tarde, atirada debaixo dele ouvindo sons, com seu desejo como um afrodisíaco embriagador que o fazia tremer as mãos e suar a jorros pelas costas, com um único pensamento

veemente lhe golpeando o cérebro implacavelmente: levá-la ao ápice do êxtase e deixar impressas suas carícias na memória. Entretanto, em algum lugar perdido de sua mente, onde ainda restava um pinga de prudência, ele queria que Bliss o insultasse da pior maneira para afastá-lo, sem permitir a menor liberdade. Céus será que ela não se dava conta de que ele não era bom? Não via o risco que corria?

E apesar de tudo, ela tinha se rendido, entregou-se à sua sedução. Agora, em suas fantasias, ele fazia o que tinha querido fazer nesse momento: subir as saias até a cintura; e ela com as coxas suaves e firmes abertas para que ele a possuísse, revelando em seus olhos o quanto o desejava.

Ele penetrou brandamente e a calidez o embainhou, sentiu o fino véu de sua virgindade lhe impedindo de avançar e vacilou. Ele tinha estado com tantas mulheres que suas imagens se tornaram difusas. Mas esta era diferente. Bliss era diferente. Ele não podia arruinar isso como tinha feito com todo o resto em sua vida.

Mas ela afastou esses pensamentos, arqueando-se e atraindo-o mais forte para si, mais profundo, absurdamente profundo e apertado. Tinha o corpo em chamas por ela. Queria que sentisse cada investida, que sentisse cada beijo erótico, que lhe rogasse por mais.

Queria que ficasse em sua memória.

E não simplesmente como um garanhão para ser usado cada vez que uma mulher necessitava de seus serviços, mas sim como o homem que a tinha desflorado, como se tivesse estado destinada só para ele.

E com cada investida profunda, com cada deslizamento, cada degustação desses mamilos que pareciam protestar, ele tratava de assegurar-se de que o que estava fazendo era um castigo, seu dever, sua esperada vingança, em lugar de simplesmente agradecer a Deus por haver concedido o presente de sua virgindade a um covarde bastardo como ele.

Enquanto ela arqueava o corpo contra o seu, com os mamilos altos para que ele os lavasse com a língua, levando-a ao limite da doce inconsciência, a primeira convulsão a percorreu como uma quebra de onda. Ela apertou os músculos que rodeavam o membro viril, atraindo-o às cálidas umidades, brotou um gemido profundo do peito quando alcançou seu próprio alívio, com os braços dela enroscados ao redor do pescoço aterrando-o mais e mais, como se não quisesse soltá-lo nunca.

- Mmm... foi delicioso - murmurou Olivia a suas costas, o sonho se evaporou. - Gozei gostoso, imaginando toda esse creme delicioso dentro de mim, em lugar de ficar desperdiçado sobre minhas apreciadas orquídeas, embora suspeite que agora crescerão o dobro de tamanho.

Caine sentia desejos de soltar um grito. Abriu os olhos, com um asco fervente em seu interior. Céus, no que estava pensando? Estavam ao ar livre, qualquer um podia tê-los visto. Bruscamente olhou para a janela de Bliss, aliviado de encontrar as cortinas ainda fechadas.

Separou-se de Olivia e abotoou as calças, sentindo-se enojado, furioso e com remorso. O que tinha sido de sua vida, de seu amor próprio? Em algum momento tinha sido castrado e já não podia reverter a situação.

Caminhou para a beirada do penhasco e olhou para abaixo.

- O que você quer?

- Um agradecimento, no momento - respondeu Olivia, com ar de suficiência. - Deve admitir que tenho mãos espetaculares.

Caine não queria nem pensar em como as imagens de Bliss o tinham deixado vulnerável com Olivia.

- Por que não vai procurar seus convidados? Provavelmente estejam sentindo saudades do reinado de sua rainha.

- Fui - disse ela com um sorriso, - sim me adoram. E devo me esforçar por mantê-los assim. Querem ver você, sabia?

- Esquece!

- Alguns de seus velhos amigos estão aqui. Desejam saber como você está indo.

Nesse dia, mais cedo, Caine tinha visto Clarendon, Lynford e St. Giles chegarem juntos. Nenhuma dessas víboras tinham sido seus amigos. Os únicos amigos verdadeiros que ele tinha tido era o grupo de homens que integravam o *Clube dos Buscadores de Prazer* - todos solteiros convictos com um único objetivo: a busca do prazer de qualquer tipo, com ele à cabeça como membro fundador.

Desde a morte de seu pai ele tinha evitado todos eles, e uns dias antes tinha proibido a entrada de Lucien quando o amigo tinha chegado de surpresa antes de continuar viagem a Cornwail para fazer

companhia a Lady Francine Fitz Hugh, cujo irmão havia falecido servindo a pátria.

Caine não podia se encontrar com eles, não nesse momento em que tinha transformado em uma brincadeira sua vida, perdendo tudo aquilo que construía sobre si. Quanto a St. Giles e seu grupo, preferia morrer antes de compartilhar um segundo com eles.

- Vá entretê-los você mesma. - Disse-lhe num tom raivoso - Sempre faz uma boa atuação.

- Bem - replicou ela mal-humorada. - Faça como quiser. Simplesmente terei que deixar que esta noite St Giles entretenha Lady Bliss.

Caine ficou rígido. St. Giles era muito mais imoral que ele. Enquanto uma mulher podia adivinhar as intenções do Caine, ele era um condenado encantador de serpentes, com seu aspecto loiro de aparência agradável camuflava a podridão que havia debaixo. A única coisa que tinha que fazer era sorrir e a mulher era dela. Nenhuma se dava conta da profundidade de sua perversão até que estava com ele na cama e descobria que sua idéia de prazer incluía chicote e venda nos olhos.

- Se interessou bastante por ela - Olivia continuou seu intencionado arremesso. - Aparentemente a viu esta manhã e disse ter ficado locamente apaixonado. Lynford e Clarendon são mais rudes; eles só querem levá-la para cama. Os dois ao mesmo tempo, numa deliciosa *ménage à trois*.

Ao ver que Caine não respondia, ela insistiu:

- Talvez convide St. Giles ao nosso quarto. Confesso certa curiosidade em comprovar se seus dotes estão à altura dos teus, embora suspeite que fique longe. - Riu, divertida com seu trocadilho. - Seria uma noite bastante agradável, não acha?

Lentamente, Caine se voltou para olhá-la, com o estômago contraído. Não podia permitir que nenhum daqueles bastardos estivesse com Bliss.

Tinha intenção de reservar esse momento para ele.

- Vejo que finalmente tenho sua atenção - murmurou ela, com uma satisfação maliciosa brilhando nos olhos. - Sei que não quer arruinar sua oportunidade com a dama, a quem esta tarde vi ir

apressadamente para a casa. E um segundo depois, aí estava você, vindo da mesma direção, com uma expressão nada feliz.

- O que aconteceu, querido? Descobriu que a dama era imune a seus gloriosos encantos? Inclino-me a pensar que ela não será uma conquista fácil. Terá muito trabalho não é verdade?

- Não se preocupe com minha parte no pacto. Posso muito bem dirigi-lo.

- Ah, não duvido. Além do mais, quem pode resistir a você? - Ela deteve os olhos abaixo de sua cintura antes de voltar a olhar em seu rosto. - Bem, então espero ver você dentro de cinco minutos. - Começou a partir, mas parou em seguida e lançou um olhar por cima do ombro. - Imagino que terá algo bem divertido para fazer comigo mais tarde, considerando o estupendo presente que acabo de dar a você, não é verdade? - Não esperou resposta.

Durante toda a tarde Bliss tinha considerado, a idéia de enviar uma nota à anfitriã, lhe dizendo que não se sentia bem e que não poderia participar do banquete dessa noite.

Mas finalmente, sua veia rebelde se impôs, o que era tanto uma bênção como uma maldição. Para certo conde arrogante, o fato de ela não aparecer significaria que a tinha afetado e se vangloriaria disso. Essa idéia a incitou a vestir-se.

Escolheu o traje com cuidado, confeccionado em um tecido delicado na cor chantillí e cachemira manteiga claro, que realçava suas curvas e lhe dava um aspecto delicado e feminino.

Ainda reconfortada pelos cumprimentos de Court sobre sua aparência, Bliss se apossou do braço de seu primo, enquanto escutava os entusiasmados relatos sobre Lady Rebecca. Bliss sorria e assentia com a cabeça, embora tivesse a mente no suntuoso salão e em quem estaria lá.

- Espero que não esteja chateada comigo por ter abandonado você hoje... Está?

Bliss demorou um instante para perceber que Court tinha feito uma pergunta.

- Não seja tolo. Sabe que sou perfeitamente capaz de me entreter sozinha.

Lhe ofereceu um sorriso cativante.

- Sou digno de castigo, senhorita. E me diga, o que fez hoje?

A imagem dos lábios de Caine fundidos nos seus e essa boca gloriosa deixando em sua garganta rastros de beijos ardentes antes de sugar seus mamilos a fizeram conter a respiração.

- Estive desenhando um pouco junto aos escarpados.

- São realmente admiráveis, não é verdade?

- Sim. - Bliss pensou em Caine. - Muito admiráveis.

Ele era arrogante, irritante e perigoso, e mesmo assim a deixara fascinada. Ela tinha se convencido de que a atração era somente física, um instinto básico, como havia dito ele. Imoral ou não, ele era o macho mais viril tinha conhecido, e usava sua masculinidade como insígnia de honra.

Ela se negava a ser como qualquer outra mulher que ele tivesse conhecido, dessas que queriam seu pedaço para satisfazer sua curiosidade. Entretanto, quando ele a seduzia, ficava bastante difícil concentrar-se em seus inumeráveis defeitos e indecências.

Bliss viu a marquesa que sair da biblioteca e dirigir-se depressa para o salão de jantar que estava ao final do vestíbulo, onde os convidados estavam reunindo. Quando passou com Court junto à biblioteca, Bliss não resistiu olhar lá dentro. A sala estava às escuras e ela se perguntava o que teria estado fazendo a mulher ali. Lendo era uma possibilidade improvável.

Bliss diminui o passo ao distinguir uma silhueta negra reclinada na soleira das portas francesas abertas, iluminado somente pela ponta do charuto aceso. Seus olhos se cruzaram com os de Caine quando ele a viu passar. Tinha estado com Olivia, a sós na escuridão. Uma mulher e seu amante.

É que não tinham suficiente de noite, tinham também que aproveitar para estar estes momentos juntos? Seria que Caine ficava com a Olivia, não por obrigação mas sim por nutrir sentimentos por ela? Teria se deitado com a mulher apenas minutos depois dela ter se negado a ele?

Aqueles pensamentos perturbadores continuaram em sua cabeça ao entrar no salão de baquete, banhado em uma luz tênue. Em lugar de utilizar os candelabros do teto, estavam acesos os das paredes e cada fenda tinha uma vela, dando ao lugar um aspecto de

contos de fadas.

A comprida mesa de mogno brilhava encerada e os cristais resplandeciam como ouro em contraste com a prataria e os filetes da baixela fina. No meio havia um chamativo centro de mesa com flores recém cortadas do jardim.

- Superou-se a si mesma, Lady Buxton - comentou um dos cavalheiros, ao tempo que pegava a mão de Olivia para beijar.

Sua espessa cabeleira dourada brilhava sob a luz e tinha a pele bronzeada e os dentes tão brancos como o forro da mesa. Muito bem arrumado. Entretanto, quando pousou os olhos em Bliss, seu olhar lembrava o de um falcão que detectou a presa.

- E quem é essa encantadora criatura? - Perguntou avaliando-a com olhar audacioso. Acredito que não fomos apresentados formalmente.

Olívia deu um passo a frente e com uma mão no antebraço o guiou para onde estava Bliss.

- Jeremy Lockhart, conde do St. Giles, apresento Lady Bliss Ashton e seu primo, Court Wyndham, marquês de Seaton.

- Seaton - repetiu o conde com uma breve inclinação de cabeça antes de olhá-la com aqueles olhos cinza chumbo. - Encantado, milady. - Ergueu a mão e a beijou, demorando muito tempo nesse gesto. Court ficou rígido junto dela, preparado para brigar mas então o homem se endireitou, com um leve sorriso nos lábios. - Ashton. Onde escutei esse sobrenome antes?

- Exmoor, você sabe - murmurou um dos outros cavalheiros, um tipo gordinho com óculos de aro de metal, cara de mocho e expressão azeda. A marquesa o apresentou como Lorde Lynford.

- Está relacionada com o duque de Exmoor? - quis saber um terceiro cavalheiro, Lorde Clarendon. Era um pouco mais alto que os outros dois homens, de cabelos escuros com algumas mechas cinzas à altura da têmpora.

- Sim - respondeu Bliss. - É meu pai.

Lorde Lynford pigarreou. Ruidosamente.

- Acontece algo, milord?

Ele queria dar sua opinião, mas parou por um instante.

- Seu pai sempre causou rebuliço na Câmara dos Lordes. Sem ir mais longe, a semana passada propôs uma reforma da lei Gresham. Perdendo o tempo em tolices, devo dizer.

Bliss sabia de que lei ele estava falando, já que tinha tido um animado debate sobre esse tema com seu pai no jantar da primeira noite de volta a casa.

- Parece ao senhor, sem sentido a educação das classes baixas?

- Sim, acho. -Respondeu com um gesto desdenhoso. - Os Lordes têm assuntos muito mais importantes que tratar.

- Eu acredito que é nossa responsabilidade, como sociedade, assistir aqueles que não tem nossa sorte.

Ele lhe franziu o cenho:

- O que precisamos é mantê-los no lugar onde pertencem. Que benefício há, em lhes ensinar algo? Isso não trocará em nada seu destino.

- Então sua oposição se apóia na crença de que qualquer educação por mais rudimentar que fosse, poderia causar desconformidade com o que possuem? E a alfabetização poderia torná-los suscetíveis ao aviltamento da propaganda radical e atéia?

Ele acomodou os óculos no rosto e a olhou de maneira displicente.

- Não precisamos lutar com nenhuma sublevação. Quando mais sabem, mais esperam.

A ira de Bliss cresceu ante esta linha de pensamento tão básica, própria quase exclusivamente da classe social alta.

- Eu vejo sua opinião, própria de uma mente muito estreita, milord.

Os óculos caíram bem como o queixo, como uma ponte levadiça.

- Mente estreita?

- Sim. Você não é capaz de imaginar um mundo mais à frente. A emancipação da mente comum enriquecerá o gosto dos homens e possivelmente realçará o nosso, através de percepções que eles obtêm de experiências que nós não temos. A sociedade poderia beneficiar-se de uma infusão de novo sangue intelectual. O humanitarismo

verdadeiro requer que se tomem medidas para ajudar a aqueles que não podem fazê-lo por seus próprios meios.

- Aí está o motivo pelo qual agradeço que não haja participação feminina nos assuntos políticos dos homens - comentou ele com tom fanfarrão. - Significaria a ruína de um país justo. Deveria ser preparada, juvenzinha e preocupar-se com temas mais apropriados a uma dama...

Antes que Bliss pudesse dizer o que pensava de sua opinião pedante, a marquesa interrompeu:

Vamos para a mesa e nos assentemos. - E levou o homem com ela.

Uma mão morna tocou o cotovelo de Bliss suavemente. Sobressaltada elevou os olhos e encontrou Lorde St. Giles sorrindo. Guiou-a até sua cadeira e a puxou para que se sentasse pensando que era um engano, já que com certeza ela se sentaria junto de Court. Bliss lançou um olhar rápido aos cartões que havia em frente dos pratos. De fato, o cartão do conde estava ali e seu primo assentaria dois lugares mais atrás, junto de Lady Drayton, que imediatamente o entreteve em uma conversação.

O olhar de Bliss estava fixo na cadeira vaga que estava em frente. A cadeira de Caine, à esquerda de sua amante, destituído da cabeceira da mesa, onde deveria sentar-se se a sorte não tivesse intervido.

Bliss não podia culpá-lo por não aparecer; devia lhe doer ser um convidado em sua própria casa. Por que ficava? E onde se encontrava naquele momento? Ainda na biblioteca, escondendo-se de todos?

Essa idéia ainda passava pela sua cabeça quando percebeu uma mudança no ar. As vozes ao redor começaram a silenciar-se e ela sentiu arrepiar a pele dos braços.

Levantou os olhos e olhou para a entrada. Ali estava Caine, apoiado com desinteresse contra um pilar de mármore, vestido com traje negro que se ajustava perfeitamente a sua estrutura muscular, com o rosto recém barbeado e o cabelo ordenado, com o olhar fixo nela.

- Querido! - Chiou Olívia. Venha e assente-se. Estava a ponto de comentar com lady Bliss, que ordenei ao chef que preparasse vários

pratos franceses só para ela.

- Ah, Harthland - Disse St. Giles. - Finalmente nos honra com sua presença o fantasma da mansão. Como está, amigo?

Caine não respondeu. Em troca percorreu com o olhar a cada uma das pessoas presentes, provocando que algumas se retorcessem em seus assentos. Logo se dirigiu ao bifê com passo firme e serviu um gole. Ao voltar-se, tinha duas taças na mão.

Dirigiu-se à cabeceira da mesa. Bliss olhou sua taça de vinho, com o corpo esticando-se a cada passo que ele dava até que parou justamente atrás da dadeira dela.

Não quis olhar, mas como passavam os segundos e ele não se movia, sentiu-se obrigada a olhar por cima do ombro e encontrou-o olhando-a com olhos turvados.

Logo lhe entregou a taça que Bliss pensou que tivesse servido para Olivia.

- Beba. Vai precisar.

Ela pegou a taça sem pensar e o observou rodear a mesa e ocupar seu assento, com ombros cansados, de modo descuidado e bebendo o vinho a grandes goles; o desafio emanava de cada linha de seu corpo.

Era absolutamente alheio à mulher que estava junto dele, que abertamente o comia com os olhos. Segundo Court, a generosamente dotada Lady Fairfax tinha apenas vinte e seis mas já tinha enviuvado duas vezes.

Aparentemente, os apetites carnis da dama eram bem conhecidos e percorreu Caine com o olhar sem pressa do alto da cabeça, o corpo até deter-se intencionalmente em sua própria saia. Bliss surpreendeu-se que a mulher não lambesse os lábios.

Mas Caine olhava Bliss fixamente, como se estivesse zangado com ela. Não tinha dado a ele o que queria e estava insatisfeito... Mas ela não era como nenhuma de suas conquistas. O dia que se entregasse a um homem, seria sob suas condições. Não as dele.

A tensão no salão se acumulou até que Lorde Clarendon rompeu o silêncio. Virou-se em direção a Bliss e lhe perguntou:

- Você é francesa, milady?

- Sou parte francesa, milord - respondeu ela enquanto bebia um gole da bebida em busca das propriedades revigorantes. - Por parte de minha mãe.

- E também é artista - acrescentou Olivia, com um tom docemente condescendente.

- Artista? - perguntou Lorde St. Giles, que lhe ofereceu de novo um olhar avaliador. - E o que é o que pinta, milady?

Bliss desenhou com os dedos a borda da taça de maneira distraída.

- Em geral, gente desenvolvendo sua vida cotidiana. A florista, o vendedor de peixes, as prostitutas.

- Prostitutas! - exclamou Lady Fairfax. - Por que? Isso é escandaloso!

Aquele comentário vindo de uma mulher como ela soava ridículo,

- E por que é escandaloso?

- Porque nenhuma dama respeitável deveria lhes dirigir o olhar, quanto mais as retratar.

Bliss emitiu um suspiro mental. Muitas vezes era capaz de fazer frente a pessoas com critérios dissimulados, mas essa noite estava ficando sem paciência.

- E por isso são menos importantes que você ou eu? - perguntou-lhe com calma. - Talvez se prestássemos mais atenção aos motivos pelos que uma mulher vende seu corpo, aprenderíamos algo.

- Bom, eu não o faria jamais - disse Lady Drayton num tom arrogante, com as jóias lhe adornando os braços, o pescoço e os lóbulos da orelha, o que denotavam que não tinha conhecido outra vida. - Não me interessam esses motivos.

- Inclusive se estivesse morrendo de fome e tivesse três meninos famintos que alimentar? - Bliss tinha conhecido uma mulher nessas condições (de fato, muitas). Lisette não era muito mais velha que Bliss naquele momento, e entretanto tinha olhos envelhecidos, esgotados.

Tinha estado escondida com seus filhos nas escadas do *Mont do Piété*, onde as pessoas iam empenhar objetos com a esperança de sobreviver um dia mais.

A moça tinha tentado encontrar trabalho em uma das fábricas, conforme lhe tinha confessado, mas nenhuma lhe deu emprego. Então um cavalheiro de aparência agradável lhe tinha oferecido dois francos pelos *seus serviços* em uma ruela.

Isso era o máximo ela podia ganhar na fábrica, trabalhando dezesseis horas ao dia. Necessitava muito desse dinheiro, mas tinha recusado.

Bliss não tinha podido suportar a idéia de uma mulher sendo utilizada para satisfazer as necessidades sexuais de um homem e prometeu encontrar um trabalho para Lisette. No dia seguinte, um amigo a contratou como criada. Mas Bliss sabia que não podia salvar a todas. Cada semana, as caras novas se pulverizavam pelo *boulevard* entre o *Gymnase* e a *Madeleine*.

Lorde St. Giles zombou:

- Nenhuma pessoa com auto-estima consideraria trocar seu corpo por dinheiro. - Fixou o olhar em Caine, essas palavras claramente soavam como um insulto.

Caine permaneceu imperturbável, esvaziando a taça com tranqüilidade. Só o brilho de seus olhos denotava os sentimentos assassinos que o invadiam.

- Qual sua opinião, Hartland? - insistiu o conde. - Estou certo de que tem uma opinião formada a respeito.

O salão ficou em silêncio e Bliss se deu conta do engano ao discutir esse tema. Por mais que Caine a enfurecesse, não queria vê-lo sendo ridicularizado.

Ergueu os olhos por cima da taça para olhar para o conde.

- Acredito que você sabe melhor que eu, St. Giles. Não é verdade que o Conde du Lac ainda anda procurando por você para lhe dar um paulada por sua falta de tato com a condessa?

- Assim é - observou Lorde Lynford, olhando o conde atentamente. - Não pode retornar a Paris devido aquele pequeno incidente, não é certo, St. Giles?

- Cale-se, imbecil - uivou o conde, sem tirar os olhos de Caine; a hostilidade claramente fervia entre os dois homens.

Nesse momento entraram alguns serventes que silenciou a

todos enquanto serviam os pratos.

Assim que os serventes partiram, o conde disse:

- Vejo-me obrigado a lhe recordar que perdeu uma boa soma em uma aposta comigo, mais ou menos nessa mesma época, Hartland. Você sempre foi o bastardo mais desafortunado nas cartas. Esbanjava cada centavo que seu pai enviava. Que vergonha!

Só a mão tensa envolvendo a taça denotava a fúria acumulada de Caine.

Tratando de desviar a conversação, Bliss comentou:

- A comida parece deliciosa.

A anfitriã sorriu com prazer como se a tivesse preparado com suas próprias mãos.

- Espero que os manjares franceses a façam sentir como em casa.

- Que amável de sua parte!

- Como chama a isto? - perguntou Lady Buxton, levantando uma pequena porção da comida a que se estava referindo.

- *Laitance de Carpe au Xérés*.

- Céus, que exótico soa isso. E o que é?

- Esperma de peixe - replicou Bliss, sorrindo atrás da colher quando Olivia deixou o garfo ruidosamente no prato e pegava a taça de vinho. Bliss acreditou ver um fugaz sorriso torcendo os lábios de Caine antes que desaparecesse detrás de sua bebida.

- É muito saboroso - observou Lady Fairfax com tom contralto hipócrita, deslizando o olhar em direção a Caine enquanto metia a colher na boca com suavidade e a chupava saboreando a iguaria.

Os homens da mesa ficaram boquiabertos.

No extremo mais afastado, Lorde Kingsley, que até esse momento tinha estado calado, perguntou para Bliss:

- Vive na França, milady? Ou seu lar é aqui?

- Compartilho um apartamento com minha mãe no *Montmartre*, mas visito meu pai sempre que posso.

- Ali é onde eu a encontrei - disse Court, dando um sorriso. - Com a esperança de que me agradasse com sua encantadora companhia.

- Alguém tinha que manter você na linha - respondeu ela devolvendo o sorriso e provocando risadas abafadas.

- *Montmartre*. - Lorde Clarendon a olhou de maneira intrigante.
- "*Monte dos mártires*": acredito que essa é a tradução.

- Sim. Alguns acreditam que recebeu esse nome de São Denis, o primeiro bispo de Paris e seus diáconos, os Santos Rusticus e Elutherius, no século III. Outros pensam que se deve aos mártires desconhecidos e enterrados no topo do monte.

- Eu acreditava que no *Montmartre* só viviam camponeses e meretrizes - disse Lorde Lynford, em tom brincalhão embora o brilho de seus olhos denotava maldade.

Bliss notou a fúria que se apoderou de Court, mas um defensor inesperado falou antes que ele.

- Ponha um plugue na boca, Lynford - advertiu-lhe Caine, lançando a ele um olhar cortante. - Ou o calarei eternamente.

Lynford sibilou:

- Escuta, Hartland...

- Cale-se, imbecil - ordenou-lhe Clarendon em tom baixo. - Ele fala sério.

Enquanto Lynford resmungava algo entre dentes, Bliss olhou fixamente para Caine, surpresa não só porque finalmente tinha falado mas sim porque de fato a tinha defendido.

Antes de que ela tivesse um instante para admirar-se por aquele milagre, ele se virou para avaliar, descaradamente, o abundante "patrimônio" de Lady Fairfax. Puteiro desprezível!

Logo dirigiu o olhar para Bliss, com a sobancelha levantada, em um gesto interrogante e esvaziou o copo.

Capítulo XVIII

"A verdadeira aristocracia está isenta do pavor: Sou capaz de suportar mais do que me atrevo a cumprir."

William Shakespeare

Bliss mal pode conter o suspiro de alívio quando a noite se deu por concluída. Court riu entre dentes quando ela aceitou com entusiasmo o braço e a escoltou até o quarto. Assim que ficaram fora do alcance dos ouvidos ele começou a rir do castigo verbal que ela tinha proporcionado a Lorde Lynford.

- Ele não compreenderia a idéia de igualdade nem que o Senhor descesse dos céus e falasse em seu ouvido. - Falou empolgada pelo efeito do vinho que tomara.

Court gargalhou vendo o entusiasmo dela.

- É um encanto, prima, e me agrada muito que tenha vindo comigo.

- Precisava de uma companhia responsável para manter bem longe a intransigente mãe de Lady Rebecca. - Bliss cambaleou, as pernas frouxas. - E onde estavam esta noite?

Ele ergueu apenas uma sobrancelha em um gesto carrancudo.

- A mãe de Rebecca não se agrada das pessoas com quem sua irmã se relaciona.

Bliss não podia culpá-la por isso, tendo conhecido as pessoas em questão.

- E então por que está aqui?

- Está vivendo às custas das dádivas da irmã - explicou-lhe. - O marido perdeu todo o dinheiro no jogo antes de morrer indignamente em Leighton Field, onde foi forçado a duelar com um trapaceiro.

- Já entendi. - Outro triste exemplo da absoluta dependência de uma mulher para com um homem, que a tinha obrigado a ficar sem fazer nada, sendo assim a deixou a mercê de outros.

Pararam em frente à porta do quarto de Bliss rapidamente. Ela precisava deitar-se.

- Vejo você pela manhã. Inclinou para a frente ziguezagueando e ternamente deu um beijo em seu rosto.

Court a deteve pondo uma mão no antebraço.

- Sente-se bem? - Com preocupação nos olhos.

- É obvio que sim.

Ele não parecia convencido.

- Hoje bebeu muito o que não é comum em você. Sei que Lynford é um cretino, mas já vi você se defender de homens muito piores que ele.

Lynford representava a menor das preocupações. Era Caine e sua maldita presença no jantar, observando-a daquele modo desinteressado tão dele, o que a tinha mantido com a taça de vinho nos lábios. Era capaz de pô-la nervosa sem o menor esforço, e isso a punha furiosa.

Ele era desumano e resolvido. Ela podia ler seu próprio desejo em seus olhos e se sentia impotente para evitá-lo. Era como um rio caudaloso que arrasava tudo o que encontrava em seu caminho e ela não era capaz de fugir a tempo. Se não fosse por essa obstinação absurda que não a deixava partir, já teria feito isso da primeira vez que ele a tocara.

- Bliss?

Bliss se deu conta de que estava parada muda.

- Sinto muito, Court. Esta noite estou preocupada.

- Percebo. - Parou e estudou o rosto antes de lhe perguntar com muita astúcia. - Aconteceu algo entre você e Caine Ballinger?

- Acontecer? - Se Court tinha notado a tensão que havia entre ela e Caine, quem mais teria notado?

- Algo me diz que não escutou meu conselho de se manter afastada dele.

É obvio que ele tinha razão. A tinha advertido, mas ela tinha feito o que tinha querido:

- Ele disse algo a você? Ou fez algo impróprio?

O fato de beijar seus seios podia ser considerado impróprio, embora quase tivesse implorado que fizesse?

- Está se preocupando a toa - Finalmente respondeu. - Esse homem é inofensivo - Aquele era um exagero de proporções épicas; Caine era tão inofensivo quanto um barril de dinamite perto do fogo. - Posso controlá-lo. - Outro exagero, embora ela odiasse admitir.

A expressão de seu primo era de incredulidade mas se rendeu.

- Se tentar fazer alguma coisa, me contará não é?

- É obvio. Agora, sinceramente, preciso dormir um pouco. - Ele essentiu com a cabeça: - Boa noite!

- Boa noite! - Bliss se virou, entrou no quarto e encostou contra a porta, esperando recuperar o equilíbrio enquanto se perguntava até onde chegaria antes que a semana terminasse. Algo estava sendo tramado.

Quando terminou o que restou na taça, Caine sentiu mal-estar, ao observar Olivia aproximar-se sorrateiramente de St. Giles, cujo olhar lascivo tinha seguido Bliss quando o primo a acompanhou ao quarto.

Juntaram as cabeças; aquele par falava em voz baixa, Olivia tinha um leve sorriso desenhado nos lábios quando se separaram. Piscou um olho de maneira sugestiva antes de abandonar o salão, meneando o traseiro em um óbvio convite.

Quando St. Giles se voltou e encontrou Caine observando-o, olhou-o de maneira zombeteira, com a expressão que Caine já havia visto numerosas vezes durante o transcurso de sua relação e que sempre anunciava problemas.

Caine ficou de pé lentamente, os pés da cadeira raspavam o chão e seus punhos doíam pela vontade que tinha de torcer o nariz daquele bastardo e deixar do outro lado da cabeça.

Negava-se a pensar que aquela raiva tinha algo a ver com o interesse de St. Giles em Bliss: pelo modo como esse canalha tinha babado por ela durante toda a noite, rondando perto com aquela maneira pretensiosa e confiada que o caracterizava, para poder olhar o decote ou tabular uma conversa a sós com ela; lhe servir vinho quando sua taça estava na metade, ou procurando estar em permanente contato físico (tocando suas mãos ou apoiando os dedos em seu antebraço).

Não, a irritação de Caine não tinha nada que ver com Bliss. Ele simplesmente detestava esse bastardo sodomita. Para sua imensa satisfação, St. Giles não o provocou mais. Em vez disso, inclinou a cabeça em um gesto zombador e abandonou o salão.

Caine o seguiu um momento depois.

Algo lhe dizia que St. Giles não estava se dirigindo a seu

quarto, nem o de Olivia. Tinha lançado olhares a Bliss e Caine não podia permitir que algo lhe acontecesse. Ela representava sua entrada para a liberdade e ia se amaldiçoar se permitisse que aquele bastardo a arruinasse antes que ele tivesse a oportunidade de fazê-lo.

No andar superior, Caine ficou na escuridão observando St. Giles, que também se encontrava ali espiando Bliss e o primo que conversavam em frente a porta do quarto dele. Caine suspeitava que estivesse esperando que Seaton partisse para poder entrar no quarto de Bliss, e tomá-la à força e de surpresa.

Caine apertou os punhos nos lados do corpo, calculando as maneiras mais dolorosas de castrar esse miserável. A idéia de deixar St. Giles incapacitado ao lhe arrebentar a cabeça contra a parede também era uma imagem agradável.

Entretanto, o homem lhe negou essa oportunidade ao continuar seu passo com cautela pelo corredor, chegou a passar quase ao lado de Caine e logo deslizou dentro do quarto de Olivia. Nem um som de protesto se escutou lá dentro.

Em lugar de retornar a seu próprio quarto, Caine se aproximou mais de Bliss e do primo e ouviu a última parte da conversa. Então a moça o considerava inofensivo, seria isso? Grave erro de julgamento (que seria muito útil para dar cabo aos seus planos).

Quando ela finalmente entrou, Caine mergulhou em um dos corredores ocultos, desaparecendo exatamente no momento em que o primo passou no lugar onde ele tinha estado parado.

Os passos de Caine eram rápidos e precisos ao dirigir-se pelo túnel escuro para a parede cavada, onde havia pequenos orifícios abertos para que os vigias tivessem acesso aos quartos dos visitantes.

Olhou através de um, com a intenção de assegurar-se de que Bliss tinha fechado a porta. O interlúdio com Olivia podia não ser suficiente para mitigar a luxúria de St. Giles e Bliss estava bastante bêbada e não seria capaz de defender-se de um homem.

Caine a encontrou apoiada contra a porta, com os olhos fechados, com o corpo tão quieto que parecia estar dormida em pé. Um abajur de azeite brilhava solitário sobre a mesa perto dela, projetando sua silhueta na parede e banhando-a em um tom mel.

Cambaleou e abriu os olhos, piscando para clarear a visão

nublada. Sacudiu a cabeça e esfregou as têmporas. Obviamente, o álcool a tinha afetado mais do que tinha imaginado. Ela tinha bebido vários goles e o conhaque que tinha lhe servido era bastante antigo e forte.

Andando vacilante, separou-se da porta, tirou um sapato e logo o outro. Dirigiu-se para a mesinha que havia em frente ao espelho e se inspecionou.

Caine se perguntava se ela veria o que ele via: os seios cheios e a cintura fina, a pele sedosa e as feições delicadas, a cortina espessa cor mogno que formavam seus cabelos que tinham soltado e que o tinham fascinado ao observá-la passar os dedos em todo o comprimento.

Levou as mãos para os broches escondidos na parte dianteira do vestido, tirando o vestido pouco a pouco, até ficar de frente para o espelho com nada mais que uma fina combinação.

Maldição, ela o confundia. Às vezes parecia ser duas mulheres: uma dama de graça e aprumo, que não sabia render-se e que brigava pelos direitos da mulher com tanto ímpeto e firmeza jamais visto por ele em mulher alguma; e a outra mulher era um tanto insegura, ligeiramente vulnerável e inocente de um modo que despertava nele todo seu instinto protetor.

Permaneceu ali um longo momento, estudando sua própria imagem refletida no espelho e ele ficou qual *voyeur*, incapaz de retirar-se para preservar-se. Ela o tinha enfeitiçado.

Foi difícil respirar ao vê-la massagear o estômago com aquelas mãos pequenas de dedos longos e magros e ficou pasmado quando ela as deslizou para cima até cobrir os seios, tocando com os polegares os mamilos eretos que se cravavam no tecido, e o corpo respondeu estremecido.

Ele bateu os punhos contra a parede dura e fria e emitiu um gemido que brotou da garganta e uma onda de calor varreu todo seu corpo.

Abruptamente, como envergonhada de seus atos, ela se afastou do espelho, sentou-se sobre o sofá e levantou a da anágua até a metade das coxas para poder tirar as meias, mas parou na metade de caminho. Apertou a cabeça com uma mão e se cambaleou um pouco.

Virou-se para trás e fechou os olhos, com o rosto tão pálido que o preocupou. Deslizou uma mão sobre a almofada onde ficou com a palma para cima e os dedos imóveis.

Adormecera.

Caine ficou parado ali, tentando se convencer de que o único motivo pelo qual ainda não partira era porque a porta dela continuava sem trancar. E ele tinha que trancá-la. Pela manhã ela não lembraria se o tinha feito ou não. No dia seguinte ele encontraria um modo de lhe assegurar que tinha sido ela, mas esta noite não tinha mais remédio senão cumpri a sua tarefa.

Empurrou o painel, que cedeu e entrou no quarto. Deslizou silenciosamente para a porta, mas parou quando ela se moveu em sonhos; a alça da combinação deslizou pelo ombro, e deixou descoberto o seio esquerdo. A luz do abajur de azeite brilhou no fino linho deixando ver seus seios túrgidos e o leve contorno dos mamilos.

Jazia ali como uma tentação, qual fruta madura, pronta para a sedução. Podia possuí-la nesse instante, apoderar-se de seu corpo essa mesma noite, começar sua tarefa de destruição.

Ao invés disso, soprou a chama do abajur, o que deixou o quarto às escuras salvo pelo leve resplendor da luz da lua que se filtrava entre as cortinas. O raio batia em seu rosto obliquamente e formava uma onda no corpo como um riacho de ouro branco que o torturava em cada lugar que tocava.

Ao parar junto dela, esqueceu a porta. Seu cabelo comprido cobria o ombro e abraçava a curva de seu seio.

Ele segurou uns fios sedosos e os acariciou entre os dedos de modo absorto.

Ainda não entendia porque homem nenhum tivesse tomado seu corpo. Por que? O que ela estava esperando? O amor verdadeiro não existia, se é que era isso o que ela tinha esperança de encontrar. Aquele sentimento era só um suborno para os corações românticos e tolos. E ele não a considerava nenhuma coisa nem a outra.

Involuntariamente, ela tinha dado os argumentos que ele necessitava para usar no seu empreendimento. Ele tinha descoberto suas debilidades, as que toda mulher possuía: o atrativo do amor incondicional. Com o único objetivo primitivo de enredar algum pobre

incauto por suas declarações poéticas de devoção infinita, seus heróicos atos de galanteria e seus gloriosos leitos de rosas. E pela fidelidade. Sempre a fidelidade.

Era um defeito comum, uma mulher precisava apropriar-se por completo do coração de um homem para que fosse dela e só dela. E agora que Caine sabia disso, contava com vantagem. Para recuperar sua vida, aproveitaria toda vantagem que aparecesse pra ele. Não restava alternativa.

Tirou a mão do cabelo, mas o rosto pálido e suave se converteu em outra tentação. Não pôde resistir. Passou um dedo pelo queixo, a garganta, pela suave curva da clavícula, detendo-se onde os laços da combinação seguravam o corpete.

Abaixou a mão e apertou-a. "Passa a chave na porta e cai fora, idiota!" Que diabos estava acontecendo com ele esta noite? Muito álcool. Não. Esgotamento, desrespeito por si próprio, apatia. Olhou fixamente para Bliss, esperando a que a fúria o detivesse, e que o rancor voltasse; mas só sentiu uma dor aguda no coração.

Por que não a tocava e fazia o que tinha que fazer? Ele não vivia segundo a ética moral. Não era um cavalheiro e ninguém esperava que fosse.

Ajoelhou-se e colocou as mãos em ambos os lados das coxas, mas não a tocou. Em vez disso, olhou os bordados das ligas que seguravam as meias que alisavam essas pernas firmes com músculos definidos.

Na realidade ele jamais tinha visto uma liga; somente as tinha tirado às cegas e impacientemente. As de Bliss temam tinham fecho na cor vermelha cereja com folhas verde escuro. Muito femininas. Surpreendentemente eróticas.

Passou um dedo sobre uma, como memorizando o estampado, antes de deslizar os dedos pela pele que estava livre acima das meias. A combinação tinha ficado mais acima, só um pedacinho de tecido cobria a protuberância feminina entre as coxas. Sua mão doía, tamanho era o esforço por se conter e não tocar o centro de sua feminilidade.

Resistiu; enganchou um dedo debaixo da liga e a desceu lentamente pela perna, até que a meia transparente seguiu o mesmo caminho.

Caine segurou o pedaço de seda entre seus dedos. A sentia ainda morna pelo calor da pele. Fechou os olhos e inspirou a excitante fragrância de flores e inocência; um profundo desejo despertou em seu interior. Nem parou pra pensar do porque de tê-la guardado no bolso. Simplesmente começou a tirar a outra liga e a meia, até que as pernas ficaram nuas diante dele.

Perguntava-se que diabos estava fazendo, inclusive quando apoiou firmemente as palmas das mãos sobre as pernas, sentindo a pele mais sedosa que as meias e muito mais tentadora.

Seus dedos alcançaram a barra da combinação, levantando até o momento em que suas mãos começaram a tremer. Por efeito do álcool, tratou de convencer-se; entretanto, não pôde avançar.

Pensou ter visto algo na parte interna da coxa direita. Com uma mão separou as pernas com delicadeza e com a outra abriu a cortina, para iluminar com um raio de lua o que não tinha conseguido distinguir.

Uma mancha pequena, perfeitamente redonda e linda.

Perigosamente perto do vértice escuro que o seduzia.

Caine inspirou fundo, titubeando entre ficar como um pecador ou um santo, até que se obrigou a retirar as mãos das pernas e afastar-se com cuidado. Permaneceu por um longo momento abaixado, tentando compreender que tipo de loucura o tinha possuído. Sentia calafrios, o estômago tenso, a garganta seca.

Tinha que sair dali.

Ficou de pé, preparado para ir. Mas por algum motivo, inclinou-se e pegou Bliss em seus braços, dirigiu-se para a cama e a deitou. Não sabia ao certo que intenção tinha com ela ou o que fazer a ela, até que a cobriu com a colcha e decidiu não fazer nada. A vingança seria muito mais doce com a vontade dela sob seu domínio.

O leve clique do trinco atraiu a atenção de Caine, esticou o corpo e olhou por cima do ombro, o pequeno rangido do piso de madeira o alertou da chegada de um intruso. Escondeu-se entre as sombras no momento em que a porta se abriu lentamente. Uma luz tênue que vinha do corredor penetrou dentro da quarto e deixou ver o rosto da pessoa.

St. Giles.

Caine sabia que aquela larva lasciva não se daria por vencida. Tinha marcado território no momento em que tinha posto os olhos em

Bliss e agora tinha intenção de fazer o que tinha planejado.

A porta se fechou com um ruído seco e o ferrolho que Caine tinha ido com intenção de fechar encontrou seu lugar.

Viu a silhueta escura de St. Giles quando foi parar junto à cama. Vestia calças negras e uma bata negra, e tinha claras intenções.

Olhou fixamente para Bliss, com um ligeiro sorriso sádico desenhado no rosto ao lhe passar os nódulos dos dedos pela curva da garganta:

- É um bocado deliciosa - murmurou enquanto enfiava um dedo no laço da combinação para soltá-la. - Agora vejamos essas tetas deliciosas.

Caine saiu do canto escuro, o soco certo na mandíbula de St. Giles, fez ranger os ossos um contra outro e jogou o filho de cadela ao chão até ficar inconsciente. O grosso tapete *Aubusson* atenuou o ruído; um fino fio de sangue caía do lábio.

Caine a olhou ao escutar o rangido do colchão, pensando que ia encontrar Bliss acordada e pronta para atirar o atizador de fogo na virilha dele. Mas ela simplesmente virou para o outro lado.

Sem muito cuidado, Caine levantou St. Giles sobre os ombros e abandonou o quarto de Bliss dirigindo-se ao do homem, que estava a duas portas do de Bliss (Caine se deu conta nesse momento de que tinha sido intencional).

Deteve-se na última porta do lado esquerdo, levantou o pé calçado em uma bota e abriu a porta com um chute, sobressaltando a ocupante que estava diante da penteadeira.

Olivia se virou ao escutar o ruído na entrada.

- Meu Deus! - exclamou. - Você ficou louco?

Sem cerimônias, Caine jogou St. Giles aos seus pés. Um enorme hematoma estava se formando na mandíbula do homem, que pela manhã estaria completamente negro e azul.

- O que ele fez a você? - perguntou ela, olhando com os olhos muito abertos o homem caído. - Oh, céus, será que o matou?

- Não. Mas devia ter feito isso. - Caine lhe cravou o olhar quando ela elevou a vista e notou a fúria que fervia em seu interior. - Estava no quarto de Bliss. Mas você já sabe, não é?

O nervosismo substituiu o olhar surpreendida dela.

- Não tenho a menor ideia do que está dizendo.

- Hoje vi os dois juntos. Você conhece os gostos femininos de St. Giles. Você disse algo que o fez acreditar que Bliss daria a ele as boas-vindas a seu quarto, não é verdade?

- Meu Deus, não! Por que faria algo assim?

- Porque você gosta de manipular as pessoas, não importando em nada as consequências desse ato.

A risada abrupta dela soou melancólica.

- Isto, vindo de você? Um homem que anda pela vida sem sentir absolutamente nada?

- Eu não mando outros para que façam o trabalho sujo.

- Você é homem; não tem necessidade. Nós as mulheres temos que empregar todos os meios que temos à nossa disposição.

- Engano, traição e pretensão?

- Se for necessário... - Inclinou a cabeça para o lado para deixar à vista uma pequena mancha no pescoço. A marca de St. Giles. - Simplesmente estou fazendo que as coisas sejam um pouco mais interessantes.

Caine apertou a mandíbula.

- Isto não era parte do trato.

- Ninguém disse que não haveria nenhum tipo de competição. Eu não deixaria isso tão barato, não concorda?

- Você foi muito longe. Conhece a reputação de St. Giles.

- De primeira mão. - Um sorriso provocador torceu o canto dos lábios. - Ciúmes? - Ao ver que ele não respondia, ficou mais áspera. - Ele é um pouco rude (a algumas gostam de rudeza).

- Bliss não é como você.

A fúria brilhou nos olhos dela.

- A moça é uma pretensiosa. Todo esse sermão sem sentido sobre a igualdade das mulheres. Existe uma só maneira de sermos iguais aos homens: conquistando-os na cama.

- Ela tem sua opinião. Talvez você deveria formar alguma que

não tenha a ver com os temas da cintura para abaixo.

- Ai Deus, isso sim, é gracioso. O desalmado conde de Hartland se preocupando com os temas de mulher. Me pergunto o que virá a seguir. Também nascerá em você um coração?

- Não conte com isso. A única coisa que me interessa é manter você fora do meu caminho para poder ganhar esta aposta.

Ela brincava com o cinto da camisola.

- Imagino que estive no cama da dama, e é assim que se transformou em seu cavalheiro errante. A imagem de si mesmo como protetor das virtudes das mulheres e sendo aquela mulher a filha de Exmoor, embrulha meu estômago.

- Estive em seu quarto, sim. E se você não tivesse interferido, poderia ter começado a preparar o terreno para sua queda.

- Para levá-la para a cama, você quer dizer?

- Precisamente.

- Já averiguou se é virgem?

- Sim.

Olhou-o com admiração e inveja.

- Trabalha rápido, milord.

- Tenho motivação de sobra.

- De fato. - Olhou-o através das pestanas, com uma expressão obviamente sexual - Bom, já que ficou frustrado e que me joga a culpa, me agradaria muito tomar o castigo reservado à dama.

- Peça a St. Giles - respondeu ele enquanto se virava e se dirigia para a porta - Você gosta de trabalho sujo.

O ruído de um vaso chocando contra a porta fechada ecoou no corredor inteiro.

Capítulo XIX

O homem é o paradoxo personificado, um molho de contradições ..

Charles Caleb Colton

Bliss seguiu o atalho que serpenteava pela beirada do escarpado sentindo-se como se estivesse suspensa sobre o mar; a idéia de estar suspensa por cima da água dava uma sensação aterradora embora curiosamente excitante.

Abaixo, a água turquesa brilhava como uma jóia reluzente com o sol da manhã; a espuma salpicava as rochas pontiagudas e os cabos, que um após o outro, elevavam-se para o oeste, projetavam enormes sombras que se deslocavam formando estranhas figuras no meio da paisagem levantada. Os pontos duros eram suavizados por uma bruma cinza, a terra, o mar e o céu, todo coberto com um véu de tom rosa pálido, e as espessas nuvens empanavam as pontas escarpadas por enormes protuberâncias.

Ela inspirou profundamente o ar com cheiro de mar, com o vento fresco como seda contra sua pele que lhe agitava os sentidos, a mente nebulosa e os membros pesados voltavam para a vida gradualmente, castigo de sua excessiva indulgência.

O que lhe tinha acontecido nessa noite que tinha bebido tanto?

Uma só palavra respondeu essa pergunta: Caine.

Seu olhar fixo lhe tinha colocado seus nervos a flor da pele. Por mais que tentasse, não conseguia tirá-lo da cabeça.

Nem em sonhos conseguia ficar em paz. Tinha imagens vivas dele tocando-a, da mão sobre seu rosto, a palma cálida e grande descansando sobre sua coxa, o desejo ardente de seu corpo querendo arquear-se contra o seu, mas incapaz de fazê-lo por ter os membros adormecidos.

O grasnar solitário de um falcão perfurou a quietude que a rodeava; como uma mancha contra a palidez do céu azul, o pássaro ficava suspenso em uma rajada de ar invisível, e suas asas estendidas e encurvadas açoitavam a brisa.

O extremo oeste do vale a atraía - as descidas pronunciadas cobertas de pasto baixo, genciana e tomilho, e com um enorme cais - para o interior, onde as cordilheiras áridas cediam lugar à exuberância

dos pequenos bosques e matagais, havia vários vales estreitos muito fendidos transbordantes de árvores e flores cor vermelho vivo.

E no meio emergia a torre de uma igreja, como um comprido dedo apontando para a impecável assinatura: - *Comentó*. Bliss se encaminhou nessa direção, possivelmente pensando que ali encontraria respostas às perguntas que a assediavam.

Um leve movimento no topo do escarpado chamou sua atenção. Uma silhueta alta estava parada perigosamente perto da beirada do precipício, olhando fixa e completamente absorto para a fúria que se agitava abaixo.

Bliss diminuiu o passo ao aproximar-se de Caine, já que temia que um movimento brusco o sobressaltasse e o fizesse cair. Ele parecia distraído, distante. Talvez era pela desolação que provocava sua pose, ou a solidão dos arredores, mas havia algo nele que parecia diferente.

O perfil desenhado pelo sol matinal era rude, angustiado. Não usava jaqueta, tinha as mangas da camisa enroladas, umas calças de cor bege que lhe marcavam as coxas e umas botas de montar gastas de cor marrom escura.

Tinha os cabelos de ébano fustigados pela brisa e pintados como com nervuras vermelhas. Um homem viril em todos os sentidos, embora nesse momento ele parecesse mais um menino perdido e sozinho.

As pedras se deslocaram a seus pés e o alertou de sua presença.

Girou a cabeça bruscamente e seu olhar cortou o ar em direção a ela.

- Que diabos quer? - A expressão dele foi pouco grata, um sabor de desesperança nas palavras.

Ela devolveu o olhar fixamente, com o coração que pulsava errante. Era um homem de uma beleza assombrosa, tão selvagem como aquele lugar indômito e perigoso, e igualmente temível. Parecia balançara beira da destruição. Via nos olhos, tão tumultuosos como as ondas rompendo contra a costa.

Não a queria ali. E nesse instante, Bliss realmente acreditava que ele a odiava. Sabia que devia partir, deixá-lo com aqueles pensamentos que o afligiam, mas a angústia gravada nesse rosto a fez

permanecer imóvel.

- Não quis importunar.

Deu-lhe as costas e voltou a olhar as águas turbulentas. O mar refletia seu próprio estado de ânimo, pondo em perigo qualquer um que fosse irracional o bastante para aproximar-se muito. Mas o que realmente era irracional era que ela acreditasse capaz de sentir alguma emoção que não fosse egoísmo. Em muitas ocasiões ele tinha demonstrado que atuava só por seu próprio interesse, e que faria qualquer coisa para obter o que queria.

Ela se aproximou.

- O que quer? - grunhiu-lhe quando ela parou ao seu lado.

Bliss olhou para o horizonte. O débil fulgor das primeiras horas da manhã tinha dado passagem ao vermelho vivo de um sol quente que se pulverizava na paisagem como ouro derretido.

- Lindo, não é?

- A vista agrada você, não é? - As palavras soavam frias como um iceberg. - Talvez o verdadeiro motivo pelo qual está aqui é para repetir a escaramuça de ontem no pasto. É isso, milady? Já decidiu que gosta de sentir minha boca em seu...?

- Basta! - Ela virou para ficar de frente. - Por que tem que por tudo em termos sexuais? Nem todas as mulheres desejam que as leve para a cama.

- Ah, não? - Elevou a sobrancelha com gesto sardônico. - E o que é que você deseja? Amizade? Companhia? Um homem que nem pense em pôr um dedo em cima de você? Um homem que não se atreva a manchar a *vasilha sagrada* arremetendo com seu pênis entre suas virginais coxas? É isso que deseja? Ou será que você é frígida?

O dardo penetrou como tinha sido sua intenção, mas era como se ele estivesse tratando de afastá-la de propósito, detestando o fato de que qualquer um, e especialmente ela, o tivesse encontrado nesse momento vulnerável.

- Há muitas coisas que desejo, milord - replicou Bliss em um tom calmo. - Talvez se gastasse um instante para falar realmente comigo, em lugar de zombar de mim, saberia.

- Sei mais do que imagina.

- E o que acha que sabe? Que sou uma frígida, bruxa que detesta cavalos, capaz de crucificar qualquer homem que não esteja de acordo com meu modo de pensar?

- Não. Que é teimosa, problemática e uma maldita descarada. - Apertou os dentes e adicionou: - Forte, segura e valente - disse como se lhe arrancassem as palavras.

O que ele disse inesperadamente no final a agradou. Então ele se virou abruptamente:

- Vá para o maldito inferno, está bem?

Bliss vacilou e se perguntou por que. Ele tinha deixado bem claro seus desejos. Seria uma parva se acreditasse que Caine precisava de alguém, em especial dela.

Virou-se para partir, mas ele a alcançou e a segurou pelo braço para detê-la.

- O que está fa...?

- Fique. - A frustração brilhou nos olhos, e algo mais. Algo escuro e especulativo. Bliss queria desprezá-lo, não podia tratar-se de alguém confiável. Mas ele a segurava.

- O que quer de mim? - perguntou ela.

- Não sei.

- Sempre é tão complicado?

- Sim.

A resposta honesta abrandou-a e seus lábios relutantes sorriram. Ele baixou os olhos para a sua boca, mas pela primeira vez, nenhuma intenção oculta afetou esse rosto tão lindo, mas sim uma expressão que como sempre era... de desejo.

- Tem medo de mim? - perguntou ele, procurando a verdade nos olhos dela.

- Às vezes.

Ele deteve e disse rapidamente:

- Talvez devesse ser mais precavida.

- Está me pondo de sobre-aviso, milord?

- Sente-se advertida?

- Não.

Com essa resposta ganhou um leve sorriso a contra gosto.

- Você é bem diferente das demais mulheres, não é verdade?

- Temo que sim - disse ela, perguntando-se se essa verdade provocaria nele desprezo como à maioria dos homens. - Meu pai se desespera com esse fato. Tenta, mas não consegue me compreender. Frequentemente me olha como se eu fosse um problema desconcertante e sem solução possível.

O rosto de Caine de repente se eclipsou e voltaram a aparecer os olhos agudos, furiosos,

- Vamos - disse bruscamente enquanto a pegava pela mão e a levou.

-Aonde?

Ele não lhe respondeu, só continuou caminhando, devorando o chão com cada passo, forçando-a a fazer dois passos por cada um dos seus. Bliss teve que gritar para chamar sua atenção.

- Pare! Por favor.

Aquele olhar penetrante se fixou nela daquele modo desconcertante habitual.

- O que foi?

Seu coração pulsava fortemente, mas pouco tinha que ver com o passo rápido.

- Aonde vamos?

- Acaso importa?

A essa altura, Bliss não estava certa disso. Agradava-lhe o modo como sentia a mão de Caine, e aquele brilho possessivo em seus olhos. E também lhe agradava seu modo tosco e descortês, como ele não se reprimia de nada. Isso era o que mas lhe agradava.

Sabia que não era bom passar o tempo com ele. Havia outra mulher, e Bliss nunca tinha sabido compartilhar. Possivelmente se devia ao fato dela ser filha única. Se algo era dela, era só dela.

Mas Caine jamais pertenceria a mulher alguma. O ser fiel não estava em sua natureza. Se um homem como ele se casasse, geralmente era pra obter uma herança, mas a amante estaria do lado.

Mas isso não tinha importância. Ela tinha uma vida completa e não esperava que ser esposa e mãe fizesse parte de sua vida. Ela vivia além dos limites, e isso intimidava a maioria dos homens. Entretanto, uma vizinha em seu interior dizia que Caine não era o tipo de homem que se intimidava facilmente, se é que alguma vez o tinha sido.

- Acredito que será melhor que continue sozinha daqui. -
Tratou de puxar a mão para soltar-se, mas ele a segurou mais forte, negando-se a soltá-la.

- Está quente.

- Perdão?

Ele tirou um lenço do bolso e cortou a distância que havia entre ambos. O coração dela se deteve como um motor quando o olhou nos olhos.

- Está transpirando - murmurou ele.

- Ah. - ruborizou-se ela. - Bom, literalmente tive que correr...

- Ssh... - Se aproximou mais e com delicadeza começou a secar seu rosto, que ardeu ainda mais sob seu escrutínio. O pequeno retalho de tecido não se interpunha no contato de sua mão, a delicadeza dos dedos, o calor da palma.

Todas essas sensações desceram até a garganta.

E logo ao seio.

Ali estacionou com olhar quase diligente, a tarefa se converteu em uma carícia que lhe dificultava a respiração.

Finalmente, ela se afastou vacilante.

- Será melhor que eu vá.

Ele baixou o braço lentamente.

- Por que? Será que desgosto você tanto assim?

Ela não conseguiu dizer sim; talvez isso o tivesse afastado. Mas as palavras não saíam.

- Isso não está certo.

- Simplesmente estamos dando um passeio. - Deteve-se e em seguida continuou. - Acha que obrigaria você a fazer algo que não quisesse?

Bliss desejava sinceramente dizer que sim. Dizer que ele era

bastante desprezível para forçá-la. Mas quando ele a tocou antes, ela tinha respondido imediatamente: seu corpo se manifestava sob seus lábios, desejava-o com cada fibra de seu ser. Sob nenhum ponto de vista ele a tinha forçado a fazer nada que ela não quisesse.

- Não - respondeu baixo.

- Então com que terá que preocupar-se?

Com muito mais coisas que ela era capaz de enumerar.

- Possivelmente seja porque simplesmente desejo estar só. - Para salvar o que ficava de amor próprio e valor antes que ele os demolisse.

- Entendi. - Endureceu a mandíbula. - Bem, sinto que é meu dever me assegurar que chegue a salvo a seu destino. Os escarpados são perigosos. Um escorregão e se converteria em carne de tubarões. Certamente me afligiria se acontecesse isso.

O sarcasmo dele em contraste com a honestidade dela a zangou.

- É sério? Qualquer um pensaria que aceleraria minha partida deste mundo.

- Como me julga mal...

- Desculpe minha rabugice. Esqueci que se o fossem canonizar, seria Caine Ballinger, Santo padroeiro dos Grosseiros e Desencaminhados.

Não chegou a ver o sorriso divertido que brotou no canto da boca.

- Deveria ser um homem, querida minha. Guarda rancor como qualquer um de nós.

- Rancor não, milord. Opiniões.

- Também tem muitas. Ontem à noite seu objetivo era esfolar vivo Lynford com sua própria língua? Se era assim, fez um trabalho admirável.

- Surpreende-me o fato de que tenha notado, considerando que estava muito ocupado. - Maldita língua impulsiva! Agora pensaria que ela se importava que ele não deixasse de olhar para Lady Fairfax.

Ele elevou uma sobrancelha, torcendo os lábios sensuais em um

gesto de diabólica provocação.

- Estava atenta, não é verdade? Pergunto-me por que.

- Possivelmente porque estava sentado exatamente à minha frente. A gente tende a perceber quando um homem tem os olhos fixos no decote de uma mulher. Eu pensei que seria mais discreto.

- Sério? E por que?

- Por respeito, talvez?

- Ah, agora começa seu sermão sobre os direitos da mulher. Já me perguntava quando eu seria submetido a uma longa dissertação sobre o tema. Bem, estou preparado. Me mate, milady.

- Se acreditasse que serviria para alguma coisa, talvez tentasse essa *hercúlea* missão.

- Ah, mas sim servirá. Estou absolutamente impressionado com seu cérebro, sabe disso. Funciona de maneira tão intrigante. Desfruto em particular de seus pontos de vista sobre a prostituição. - Zombou dela com brilho nos olhos ao dizer - Então me diga, amor, abriria as pernas se eu a pagasse?

Aquele comentário cortante tinha sido descabido, e antes de pensar em nada ela levantou a mão para esbofeteá-lo. Caine segurou seu pulso, detendo-a a poucos centímetros do rosto e puxou-a com força para si, esmagando seus seios contra o peito musculoso.

- Já fui tratado com esse remédio em particular. Desta vez preferia algo mais original.

O corpo de Bliss fervia pela fúria, presa quando um calafrio a percorreu por estar tão perto dele. Como podia não querer e ao mesmo tempo querer estar apertada contra ele?

Soltou a mão com um puxão.

- O que foi o que me fez pensar que haveria redenção para você?

Algo cintilou nos olhos dele antes que a emoção fosse aplacada.

- Redenção pra mim? Acredito que deveria me sentir lisongeadado por pensar que posso me tornar respeitável. Entretanto, não posso. - Antes que Bliss pudesse replicar, ele continuou - Agora, por favor, o que a irrita tanto nos homens? Sinto-me fascinado por você, mesmo não querendo. Sob o feitiço dessa estranha teimosia estou

experimentando um inesperado desejo de te conhecer melhor. - Passou o dedo em seu rosto; o gesto parecia um sinal de iminente posse e ela sentiu o desejo de encostar o rosto na palma de sua mão.

- Pra você não sou mais que um desafio. Nada mais.

- É um desafio, verdade. - O ardor refletido nos olhos dela deu a ele um ponto de vantagem. - E me diga, qual sua opinião sobre o casamento?

Bliss não respondeu, certa de que ele só estava se divertindo à sua custa.

- Vamos - insistiu. - Deve ter uma opinião formada com respeito a este tema em particular. Além do mais, é tão extrovertida...

- Para que saiba - começou ela levantando o queixo, - vejo um conceito errado de uma instituição tendenciosa e expectativas sufocantes.

- Agora sim estamos nos conhecendo. Continua.

Esse era um convite que Bliss não pôde resistir.

- O casamento não trás benefícios para as mulheres enquanto os homens estiverem governados pela idéia de submissão como valor supremo. A existência dela se torna inútil já que é impulsionada a passar seus dias como um adorno decorativo e inútil. Espera-se que as mulheres vivam sob uma redoma de cristal em lugar de levar um tipo de vida que tenha sentido.

Os lábios de Caine formaram um leve sorriso.

- Um relato impressionante. - Então citou: *"As mulheres estão destinadas a ser pulseiras ou brinquedos debaixo dos homens, ou uma espécie de anjos se estiverem em cima deles"*. Thomas Henry Huxley, creio.

- E isso é o que você pensa, milord?

- Acredito que uma declaração como essa omite um elemento primitivo.

- E qual é?

Ele se inclinou para frente, acariciando seu rosto com osua respiração quente.

- A paixão.

Bliss tentou não pensar nas imagens que essa palavra evocava ou em como a deixava estranha.

- Supõe-se que as mulheres não são apaixonadas, milord. E mais, nossa falta de paixão é uma idéia universalmente aceita como um fato. Assumir o contrário seria indecente.

- Então, suponho que você ficaria excluída desse rol.

Bliss não quis responder a essa pergunta inesperada, nem a seu olhar, mas definitivamente sentiu as pernas bambas quando disse:

- Acreditei que me achava frígida.

Ele parecia fascinado pela curva de seu pescoço;

- Talvez simplesmente penso que possues muita mais paixão do que se permite expressar. Possivelmente não seja tão livre como parece.

- Tolices - brincou ela, entretanto, esse comentário ficou soando em sua mente. Será que ela temia soltar seu desejo? - à margem - não quer dizer que me tivesse contido de me haver interessado...

- O que? - ele a apertou quando ela vacilou e viu-se forçada a olhar para ele de frente.

- Em fazer o amor com você - respondeu-lhe. - Me deixe esclarecer algo, - disse-lhe com tom rouco de modo perturbador. - Você não me permitiu que a seduzisse; você desejava que a seduzissem. Há uma diferença. E ninguém ainda conseguiu. Mas não por falta de vontade, asseguro-lhe isso. - Antes de que ela pudesse discordar de sua arrogante hipótese, ele continuou: - Então, com este débil ponto de vista que tem a respeito da população masculina, devo entender que não tem intenção de te casar jamais?

- Resignei-me a ser solteira.

- Habilmente expressa a opinião, meu amor. Mas não responde à pergunta.

- Por que uma mulher inteligente iria querer casar-se? - argumentou ela do contra, enquanto observava um passarinho que voou de uma árvore ao longe, pensando em todos os sonhos que tivera sobre o homem com o quem um dia se casaria, e em como esses sonhos tinham começado a desmoronar-se ao dar-se conta de que ela não possuía as

qualidades que um homem apreciaria em uma esposa.

Caine segurou com seus dedos quentes o seu queixo para que pudesse olhá-la de frente. - Pelo mesmo motivo que um homem querer casar-se - murmurou enquanto acariciava seu rosto com um dedo. - Amor, companheirismo. Filhos.

Filhos. Só a idéia fazia doer o coração. Afastou-se dele. - O marido goza de todos os direitos. Pode levar os meninos se quiser. Pode negar o dinheiro e os bens, ter uma amante abertamente. Mas se a esposa demonstra ser desobediente, ou pior, infiel, um divórcio facilmente o beneficiaria. De modo que a palavra "esposa" fica muito melhor em espanhol: "algema" e simplesmente é sinônimo de "pulseira", "prisão".

- Não todos os homens são como os descreve. E você evita o tema - pressionou-a implacavelmente para obter uma resposta.

Bliss afastou a vista dele, observando como a brisa agitava os pastos altos.

- Possivelmente me casaria se encontrasse ao homem indicado. Embora duvide que exista.

- Quanta desfaçatez vindo de uma jovem! Embora suspeite que tem razão; os homens são uns idiotas. Entretanto, minha curiosidade precisa ser saciada. Que tipo de homem ganharia seu coração?

Bliss se inclinou para apanhar uma pequena flor selvagem e acariciou as pétalas.

- Alguém afetuoso que se preocupe com os outros. Alguém com quem eu possa falar, que ache que minha opinião é importante. - Ela levantou os olhos e ficou presa pela intensidade com a que ele a olhava. - E principalmente, quero um homem que jamais pense em olhar para outra mulher em busca de consolo. E desejo honestidade, porque sem ela não existe nada mais.

Ele a olhou por um longo momento, através daquelas pestanas espessas, com o vento alvoroçando os sedosos cabelos escuros, e ela tirou o chapéu curiosamente impaciente por escutar a resposta.

- Ao que parece você quer tudo o que eu não sou. Suponho que não possa ser considerado um candidato favorável. - Um momento de silêncio os envolveu até que ele disse num tom surpreendentemente

gentil: - Acreditaria em mim se dissesse que estou decepcionado?

Ela queria acreditar. E como queria!...

- Não! Não acreditaria.

Ele afundou as mãos nos bolsos, e a observou com olhar indecifrável. Bliss não entendia por que seu silêncio doía... Mas assim era.

Retornou das emoções estranhas em busca da segurança das conhecidas:

- Há algum motivo especial pelo qual tenha se levantado tão cedo hoje? - Possivelmente querendo provocá-lo acrescentou: - Não achava que fosse um homem que se levantasse antes da hora em que servem as bebidas.

Uma leve expressão sardônica suavizou as linhas severas do rosto.

- Sua tendência em falar sem rodeios é estimulante, doce, mas minhas feridas sarariam mais rápido, se não me encontrasse tão frequentemente do lado contrário, recebendo seus projéteis verbais.

- Então não deveria me provocar.

Ele enrugou apenas os olhos com gesto divertido.

- Lembrarei disso e levarei em conta. Embora deva confessar que você é um verdadeiro espetáculo quando suas paixões a excitam.

Bliss sentiu o rosto ardendo, invadiam-na imagens da boca dele pressionando intimamente a sua e a outros lugares do corpo.

- Se esse foi um comentário oculto...

O sorriso que de repente desenhou em seus lábios ao dar um passo em direção e ela era de volúpia.

- Tinha seus pensamentos em lugares proibidos não é?

- Não, eu... - Ela retrocedeu um pouco, tratando pôr distância entre ambos, mas seu pé se chocou com uma rocha e cambaleou.

Caine jogou o braço como uma garra de ferro e a segurou pela cintura puxando-a para si. As saias roçando suas pernas.

- Cuidado - murmurou ele olhando fixamente os lábios como se quizesse beijá-la. Um estremecimento percorreu o seu corpo, com a esperança de que ele o fizesse, e sabendo que não deveria fazê-lo.

- Não. - Ela o empurrou, com as palmas das mãos marcadas pelo calor do corpo masculino.

Ele pareceu não escutá-la. Tinha a atenção fixa na boca. Inclinou a cabeça e um instante depois, roçou-a com os lábios como se fossem as asas de uma mariposa, suave e incrivelmente macia. Antes que ela tivesse a oportunidade de saborear o beijo, ele se afastou e a soltou.

Bliss tocou os lábios tratando de acalmar o formigamento provocado pela cálida pressão de sua boca.

- Será eu nenhuma vez pensa em pedir primeiro?

- Não quando vejo algo que quero. - Olhou-a nos olhos com firmeza e seguiu: - Queria que lhe pedisse isso?

Ela não sabia nem o que queria. Jamais um homem a tinha aturrido tanto, nem causado emoções que se agitavam com tanta turbulência.

- Não acredito que deva andar me beijando.

- Por que não?

- Não deveria.

- Bem, alegre-me que um dos dois esteja seguro. - Enroscou uma mão na sua. Parecia ser algo de sua propriedade pelo modo como tomava, mas não importava. Não queria mais continuar brigando.

Caminharam um junto ao outro, afastando-se da casa e entrando mais para a frondosa campina. A torre da igreja que tinha visto mais cedo apareceu à vista.

Ela se deteve no topo para olhar para baixo a igreja gregoriana assentada na base da colina. Estava coberta de hera e umas árvores altas apareciam por cima de uma parede desmoronada; supunha que teria sido usado como muralha para evitar a entrada do inimigo. Agora uma exuberância de flores silvestres suavizavam as beiradas.

- É linda -murmurou ela. - Como se chama?

- São Bernardo.

- Podemos descer? - Ao não receber resposta, olhou-o. Seu perfil parecia esculpido em pedra quando olhava a igreja, segurou sua mão com mais força, de maneira quase imperceptível.

Finalmente, fez um gesto abrupto com a cabeça descenderam a colina. Uma sensação de desconforto invadiu Bliss: uma sensação de estar descendo para um destino do qual não haveria retorno.

Capítulo X

Comprido e árduo é o caminho, que do Inferno leva à luz.

John Milton

A igreja estava virada para o leste e tinha um jardim em frente; um muro antigo a separava do extenso e frondoso vale verde que havia abaixo. A parte oeste da edificação estava estragada pela ação da umidade, com uma abóbada alta construída no centro do muro. Uma trepadeira de cor verde pálida subia pelas pedras.

Com a mão ainda segurando-a fortemente, Bliss deixou que Caine a guiasse para a parte norte da igreja, onde uma janela perpendicular dava o padrão característico à capela. A porta central se abriu a um espaço cavernoso.

Ao entrar, o ar cheirava algo mofado e um silêncio aprazível os rodeou quando entraram no interior. Prismas de luz solar penetravam através das janelas de vidros de cores e se projetava no chão como um caleidoscópio.

Avançaram silenciosamente pela nave lateral e se detiveram ante o altar como se fossem confessar seus pecados a Deus (ou a comprometer-se em matrimônio com o "até que a morte nos separe").

Aquele tinha sido um pensamento estranho e Bliss o reprimiu, concentrando-se no espaço quadrado embutido na parede de cima do altar, onde ainda se conseguiam distinguir tênues vestígios de um afresco de Cristo contemplando os seus devotos.

Ela olhou ao redor e viu a coluna da escada que dava ao piso de acima, onde suspeitava vivia o vigário. Uma janela pequena com dois pequenos buracos que permitia ao sacerdote olhar para dentro da capela; a altura do batente do piso dava idéia de que devia servir como lugar para orar.

Como se o tivesse invocado com seus pensamentos, abriu-se

uma porta lateral e uma grossa coluna de luz natural penetrou dentro da igreja, fazendo desaparecer as sombras e a brisa levantando bolinhas de pó que dançavam no ar quando o vigário parou na soleira. Tinha uma rebelde massa de cabelos brancos açoitados pelo vento e as bochechas vermelhas pelo sol. Trazia na mão um buquê de flores recém- cortadas. Um sorriso cálido e acolhedor se estendeu por seu rosto.

- Filho querido - disse-lhe em tom sereno, enquanto se aproximava deles. - É você de verdade ?

Bliss ficou fascinada com a transformação que invadiu Caine; foi como se qualquer tumulto interno tivesse desaparecido.

O vigário se aproximou e tomou as mãos de Caine entre as suas.

- Já faz muito tempo.

- Dois anos.

O rosto do vigário se escureceu.

- Sim. Dois anos. - Se iluminou ao mirar Bliss com o olhar terno e brindou-a com aquele sorriso cálido. - E quem é esta encantadora senhorita, milord?

Uma expressão incômoda tomou o rosto do Caine ao responder:
- Esta é Lady Bliss Ashton.

De repente o vigário olhou bruscamente para Caine, com um gesto de alarme no rosto.

Mas o olhar de Caine estava se fixou nela intencionalmente, como evitando de propósito o olhar do homem.

- Milady, este é o vigário Meade. Está aqui desde antes que eu nascesse.

Bliss se inclinou fazendo uma leve reverência.

- Como vai, senhor?

O vigário voltou a olhá-la lentamente, ainda com aquela expressão estranha desenhada no rosto. Pigarreou, e lançou um último olhar para Caine, que tinha se afastado para examinar o quadro que estava sobre o altar.

- Encantado de conhecê-la, milady. Posso lhe perguntar o que a traz para nossa tranqüila aldeia?

- Estou hospedada na casa do Northcote para as festas com meu primo.

- Sim, claro. - O vigário continuou olhando-a com desconforto. - Espero que esteja gostando.

- Sim, obrigado.

O homem voltou a olhar Caine por cima do ombro que se afastara de onde estava agora estava parado em uma porta lateral que estava aberta.

Por cima do ombro, Bliss viu o cemitério que havia fora, as lápides dos defuntos dispostas em fileiras misturadas, com monumentos cinzas e quadrados. Caine estava parado tão quieto que parecia esculpido no mesmo granito.

- Pode me acompanhar? - pediu ao vigário em tom distraído.

- É obvio. - Bliss observou o robusto pároco aproximar-se de Caine e pôr uma mão sobre seu ombro.

Um momento depois atravessaram a porta, e o reflexo do sol que os trouxe como se tivessem desaparecido nas portas do céu.

Mais uma vez, uma sensação de incômoda invadiu Bliss que se perguntou o que estava acontecendo. Quando ela e Caine tinha começado a descer a colina, havia-o sentido ficar cada vez mais tenso até que lhe pareceu tão frágil que pensou que podia quebrar-se.

- Olá.

Bliss se voltou sobressaltada. A uns poucos metros estava parada uma mulher mais velha, corpulenta, com o rosto redondo e óculos de aro fino encarapitados na ponte do nariz, mas que não ocultavam os olhos brilhantes que pareciam contradizer a idade da mulher.

- Assustei-a - disse com tom amável, ao mesmo tempo que se aproximava e tocava apenas a mão de Bliss. - Pensei tinha me ouvido entrar. Sou Margaret, a esposa do vigário.

- Como vai?

- Um prazer conhecê-la, querida. Lady Bliss, não é mesmo?

- Sim, mas...

- Escutei por acaso a conversa que manteve com meu marido.

Por favor, não pense que estava escutando às escondidas, estava no fosso do coro ajustando o pedal frouxo do órgão. - Apontou para uma estrutura de pedra localizada bem acima da entrada da igreja. - Meu marido é muito brilhante quando se trata de dar sermões, mas temo que não possua aptidões para reparar coisas. Venha, sente-se comigo.

Bliss a seguiu e se sentaram no primeiro banco, enquanto lançava um olhar à porta lateral com a esperança de ver Caine. Havia algo que o perturbava. Mais agora que quando o tinha visto parado na borda do escapado. Em um instante de absoluta claridade Bliss acreditou entender possivelmente parte do que estava acontecendo.

- O pai de Caine está sepultado aqui?

Margaret se virou para olhá-la, com um traço de tristeza nos olhos.

- Sim. Sepultado há dois anos no terreno da família, junto a sua esposa, Lady Francis. - Desviou o olhar para a velha cruz de pedra que se erguia atrás do altar como um sentinela. - Jamais acreditei que veria esse moço voltar a entrar nesta igreja. O dia que estava parado só sob a árvore onde está enterrado o pai vi como toda a bondade o abandonava. Algo morreu dentro dele ao morrer o pai, e nem meu marido nem eu pudemos ajudá-lo.

Ela tornou a olhar para Bliss.

- Henry era um homem maravilhoso. Amava a este moço com todo o coração. Não havia pai que quisesse mais a um filho.

Bliss vacilou e logo fez a pergunta que já não podia ficar sem formular-se.

- É verdade que o pai se suicidou por causa das dívidas?

A mulher a olhou fixamente, com o cenho franzido acrescentando mais ruga.

- Não sabe?

- Saber o que?

Margaret meneou a cabeça.

- Pensei que possivelmente... Mas não, ele não é assim.

- Não compreendo.

A mulher segurou as mãos de Bliss das mãos e as apertou com

gesto terno.

- Seja paciente com ele. O moço sofreu muitíssimo e se converteu em um homem que odeia o mundo. Ele nunca foi assim. Eu o recordo como um menino inteligente, sorridente, que se preocupava com seus animais e que era amado pelos aldeãos.

Para Bliss era difícil imaginar o homem de quem Margaret falava com tanto afeto. Ela só tinha conhecido o lado escuro de Caine, salvo por fugazes momentos de algo que havia debaixo de sua severo aparência externa e que ela se debatia por compreender. Sob as capas de subterfúgio existia um homem profundamente vulnerável, e esse era o homem a quem ela desejava conhecer desesperadamente.

- Ele jamais trouxe ninguém até aqui - comentou Margaret, como se fosse importante que Bliss soubesse daquilo. - Inclusive quando seu pai morreu manteve todo mundo afastado. Eu tinha esperança de que quando retornasse... - As palavras se desvaneceram e uma vez mais ela olhou para a cruz, possivelmente em busca de consolo. Quando por fim voltou a olhar para Bliss havia um brilho de renovada determinação. - Faria algo por mim?

- Se puder...

- A única coisa que peço, é que tente compreender Caine. Não se apresse em julgá-lo como o fizeram muitas outras pessoas. Acredito que ele pensa ter decepcionado o pai e dia a dia a carga vai ficando cada vez mais pesada. Ele e seu pai eram tão parecidos... Ao morrer Lady Francis, o conde trabalhou ainda mais duro para dar a seu filho a vida que acreditava que merecia, e quando as coisas... - Meneou a cabeça com tristeza.

Um som que vinha da porta fez as duas levantar a cabeça. O vigário estava parado na soleira, com os ombros cansados, com uma mão fincada no marco, o rosto pálido e a respiração entrecortada, como se estivesse correndo. Um tremor sacudiu o corpo de Bliss.

Levantou-se com rapidez, enquanto a esposa perguntava:

- O que aconteceu, marido?

- Sua senhoria... está fora de controle.

Bliss não esperou para escutar nada mais. Foi ao encontro do vigário que estava na porta.

- Onde ele está?

- Não, milady. É muito perigoso. Está com um humor terrível. Temo que possa lhe machucar.

- Não me fará mal. - Como sabia? Não poderia dizer a razão. Mas sentia no coração. - Onde está?

Antes de responder, ele titubeou enquanto olhava para sua esposa, que fez um gesto afirmativo com a cabeça:

- No local mais ermo, ao norte.

Um instante depois, Bliss já tinha saído.

Encontrou Caine parado no meio de uma pilha de escombros, com pedras pulverizadas por todo seu redor, os ramos das árvores próximas caídos e as flores semeadas junto a uma lápide, arrancadas do chão. Bliss não teve necessidade de ver para saber a quem pertencia.

- Caine - chamou-o com voz suave.

O corpo inteiro dele ficou rígido.

- Saia daqui! Vá para o diabo! - disse bruscamente, advertência que a qualquer pessoa cordata teria feito retirar-se. Entretanto, Bliss não podia ir-se, não podia deixá-lo sentindo essa frustração.

Aproximou-se até ficar a seu lado e ele a golpeou com o olhar. Ela jamais tinha visto tanto dor nos olhos de um homem, tão grande desolação.

- Não entende, não é?

- Acredito que sim - murmurou ela. - Ao menos em parte.

- Céus - disse em voz baixa de causar pena, - o que é o que estou fazendo aqui? Antes não via a hora de sair deste lugar. Sentia uma louca vontade de deixar tudo para trás e encontrar outra coisa, algo diferente... Aqui não havia nada além da terra e do mar, ambos desdobrando-se diante mim como um enorme abismo. Tudo o que eu desejava estava fora, esperando que eu fosse pegar. Não queria passar o resto da minha vida sendo um honrado criador de ovelhas. Não queria me converter em meu pai. Não queria sua herança.

- Não há nada de mau nisso. Se tivesse, então eu também seria culpada. Eu me rebelei contra a vida que tinham escolhido pra mim simplesmente porque era mulher.

- Não é a mesma coisa. Seus pais... - Fechou a mandíbula com

força, ao apertar os dentes moveu um músculo.

- O que? - perguntou Bliss com delicadeza.

Uma intensa emoção marcou sua boca.

- Nada.

- Caine, por favor... me fale.

Ele girou a cabeça bruscamente, com um brilho estranho nos olhos.

- Seus pais não são como meus! Agora me deixe em paz. Guarde seus sentimentos ternos para alguém que a interesse. Não pedi que fosse minha salvadora.

- Talvez seja exatamente o que necessite.

Ele soltou uma risada curta e amarga.

- Não de você. - Desviou o olhar e repetiu em voz baixa: - Não de você

Suas palavras doeram mais do que imaginava. Ele era com a maré que a afastava e a empurrava para trás, precisando dela, mas sem sem querer e deixando suas emoções em constante estado de ebulição.

- Caine... - Ela apoiou a mão em seu antebraço mas ele empurrou.

- Vá! - replicou com aspereza, num tom gélido; - Agora, antes que faça algo do qual me arrependa. - Só lhe deu um momento para obedecer, talvez na realidade, sem intenção de lhe dar a oportunidade para que o evitasse, logo a agarrou pelos braços, afundando os dedos na carne, e a atraiu para si com força.

Beijou-a com força e brutalidade, como se estivesse querendo castigá-la por ter visto sua dor. Não importou que estivessem junto a uma igreja, nem que o vigário e a esposa pudessem estar vendo-os.

Bliss empurrou seu ombros, lutando para libertar-se, mas ele a imobilizou enroscando o braço na cintura ao tempo e empurrando-a contra uma árvore, com o corpo rígido e quente amoldando-se estreitamente contra o seu enquanto uma mão subia e apertava seus seios.

Mesmo lutando, arqueando o corpo debaixo dele, seus mamilos se endureciam, quando os pressionava contra a palma das mãos. Roçou

os pontos eriçados com os polegares e um gemido brotou da garganta dela.

Afastou a boca de repente.

- Caine... por favor...

E continuou com a tortura por mais um momento, logo se amaldiçoou pelo procedimento e se separou com um empurrão, deixando a árvore como único ponto de apoio. Ela tinha as pernas moles pela força do arremesso (e também pelo desejo que ele tão facilmente lhe provocava).

Passou uma mão pelos cabelos e ela notou que ele estava tremendo; isso demonstrou que ele não era tão frio e indiferente como queria fazer acreditar. A esposa do vigário tinha pedido que o compreendesse, mas a que preço? O que quer que fosse que estivesse acontecendo entre eles, estava se tornando uma loucura, que estava saindo do controle e ela não sabia como detê-lo.

- Caine - repetiu com tom suave, e sua voz ficou quase perdida com o vento que se levantava e o rugido das ondas debaixo deles. - Me fale.

- Nem sequer é capaz de distinguir a sua própria destruição parada em frente de você. - Olhou-a sem mostrar nenhum tipo de emoção. - Se você se aproximar outra vez, prometo que darei o que está pedindo.

- O que você está dizendo?

- Céus, é virgem de verdade. Muito bem. Vou soletrar para você. *A foderei*, sua senhoria. Torna a me tentar com seu oferecimento de falsa bondade e darei a você toda a gratidão que seu corpinho deseja capaz de receber.

Ao olhá-lo, ela percebeu que estava ferindo-a de propósito, para afastá-la.

- Meu oferecimento não é falso - disse-lhe com voz trêmula -. Quero ajudá-lo.

- Me ajudar? - Um sorriso selvagem torceu seus lábios enquanto a percorria com o olhar de modo grosseiro - Então se jogue no pasto e abra as pernas. - Avançou para ela, imponente e se inclinou para frente até que seu fôlego aqueceu sua pele de detrás da orelha. - Dizem que sou bom. Quer comprovar?

Bliss o empurrou.

- O que o faz ser tão cruel?

- Não imagina o motivo, senhorita? Uma alma perdida que deseja salvar? - Torceu a boca em um gesto áspero-. Temo que tenha chegado muito tarde.

- Não acredito em você. - Ele a olhou de maneira tão agressiva que ela se ruborizou. Obrigou-se a sustentar seu olhar: - Não há homem cujo semblante reflita tanta frustração que não sinta arrependimento. Se necessitar um amigo, aqui estou. Se necessitar um confidente, sou toda ouvidos.

- É disso que se trata? - perguntou-lhe zombeteiramente. - De ser minha amiga? Ou é porque quer escutar os detalhes da covarde morte de meu pai? De como saltou de um escarpado e o corpo ficou tão machucado quando o resgataram das rochas lá em baixo que tiveram de deixar o caixão fechado? Será que isso calma sua insaciável curiosidade? - Tinha os punhos tão fortemente apertados ao lado do corpo que os nódulos dos dedos ficaram brancos. - Agora falemos de outros temas, de acordo? Por exemplo de como me sentiria entre suas sedosas pernas, com meu pênis entrando e saindo de você, com seus seios tremendo em minhas mãos e meus lábios. Isso a derrete, carinho? Seu corpo se excita?

As imagens que evocavam suas palavras tiraram o ar dos seus pulmões e o corpo respondeu, sim. Mas não daria a satisfação que ele procurava.

- Não - respondeu com voz apenas audível.

- Mentirosa. - Afastou dela os olhos e os fixou em algum ponto detrás dele. Murmurou uma maldição entre dentes.

Bliss se virou e encontrou o vigário e a esposa, pálidos e preocupados, parados perto da casa paroquial. Quando Bliss voltou a olhar para Caine notou uma expressão que parecia ser de remorso.

Pegou-a pela mão e a levou.

- Aonde vamos? - perguntou, tentando acompanhar seu passo.

Ele não respondeu, mas diminuiu um pouco o passo e também o aperto na mão, embora soubesse que não a soltaria. Ele brigava consigo mesmo e ela não conseguia entendê-lo.

Depois de um momento, pegaram um atalho sinuoso por trás da sacristia que os encerrou no silêncio e em uma sensação de paz. Caminhavam sem falar. O atalho se abriu em um vale fechado. Ali havia uma aldeia com choças cobertas de palha e pequenas casas de telhas com seus próprios jardins, dispostas como se tivessem sido construídas todas juntas ali acidentalmente. Era pitoresco e encantador.

Bliss levantou os olhos e olhou para Caine. O via naquele momento, como um menino que tinha perdido o rumo e ao fim tinha retornado para casa, e isso sacudiu seu coração.

Nesse momento, uma anciã os saudou, com os olhos acesos e um sorriso cálido adornando o rosto deteriorado pelo tempo, fazendo gestos para que se aproximassem.

- Fique aqui- disse Caine, advertindo Bliss com o olhar para que obedecesse. Logo se dirigiu para a anciã, que lhe deu um tapinha na mão de modo maternal.

Os dois permaneceram ali um momento, a mulher falava sozinha e o fazia gestos indicando algo no interior da casa. Caine entrou e Bliss, curiosa, aproximou-se mais. Conseguiu ver um ancião que jazia na cama e a uma mulher mais jovem, possivelmente sua filha, sentada a seu lado.

O homem sorriu para Caine fracamente, do jeito que Bliss tinha visto a mulher sorrir e supunha ser sua esposa: iluminado de felicidade ao vê-lo. Um pouco mais tarde, o homem tivera um acesso de tosse tão forte que os espasmos devastavam o que ficava de estrutura corporal. Os rostos de sua esposa e sua filha empalideceram. A mulher se inclinou e o fazia beber algo quando o acesso terminou, enquanto a filha segurava fortemente sua mão e secava a fronte com um pano frio.

Caine permanecia rígido junto à cama do homem; entretanto, quando pensou que ninguém o estava vendo, fechou um pouco os olhos em sinal de evidente angústia, pensou Bliss.

O homem adormeceu, claramente exausto para sustentar qualquer conversa, com uma tosse ocasional que sacudia todo o corpo enquanto Caine e a esposa se afastaram uns metros.

Embora a penumbra do interior da choça cobrisse a maior parte do rosto e o corpo de Caine, Bliss viu que ele deixava dinheiro nas mãos da mulher. Ela ficou pasmada sem dar crédito. Não havia considerado

Caine um homem preocupado com os problemas do próximo. Seu mundo parecia estar envolto na desilusão e o cinismo.

A mulher meneou a cabeça e tratou de devolver o dinheiro, mas ele fechou as mãos num gesto excessivamente eloquente.

A mulher levantou a cabeça lentamente e o abraçou, fazendo-o inclinar-se e deu-lhe um beijo no rosto. Pela rigidez de sua postura, Bliss deduziu que o se sentiu incômodo com o agradecimento.

Com gesto amável, ele se soltou do abraço da mulher e aceitava constrangido, um abraço da filha antes de sair da choça com passo firme, e deixou que Bliss decidisse se o seguia ou ficava.

Seguiram caminhando pelo atalho, onde as árvores cederam espaço a um bosque de abetos. Ao longe, Bliss conseguiu ver o mar através dos troncos avermelhados e dos enormes leques escuros que formavam os ramos. O aroma de pinheiro e mar era inebriante.

No final do atalho havia uma clareira e, descendo um pouco mais, uma piscina natural de água cristalina. A folhagem protegia o vale estreito dos brilhantes raios do sol que projetavam bolinhas no chão de tênue luz misteriosa.

Caine a conduziu pela inclinação, até parar à borda da água. A menor brisa mexia a superfície, e o reflexo de ambos se formava em pequenas ondas. Era exatamente a maneira como ela faria o quadro do Jardim do Éden.

Bliss olhou para Caine e a respiração apertou sua garganta pela intensidade com que ele devolveu o olhar: como se estivesse selando-a com fogo. Naquele frondoso bosque ele parecia estar em casa, como um homem rodeado de seu harém.

- Por que me trouxe até aqui?

Ele pegou pela mão e a atraiu para si, com a voz que soava profunda e rouca ao responder:

- Porque tenho intenção de fazer amor com você.

Capítulo XI

É impossível enquadrar conceitos equivalentes aos desejos da alma; e a tarefa mais difícil é “mantê-los” à altura que a alma é capaz de alcançar.

William Wordsworth

As palavras de Caine acenderam um calor que se espalhou em seu interior e Bliss se deu conta do que sentia, e do que tinha reprimido muitas vezes.

Seu próprio desejo.

Já não podia negar a atração que sentia. Mas a necessidade que Caine despertava não era simplesmente uma resposta à imensa beleza física, a essa ardente virilidade que aderiu a cada sinuosa curva do seu corpo, nem ao profundo desejo refletido em seus olhos que fazia pensar que ele poderia perder-se nela.

Era tudo isso e mais. Era a imagem do homem que havia atrás do muro que ele mesmo tinha construído, que despertava nela algo intenso e dilacerador em seu interior.

Tinha sido enfeitiçado. Era desconcertante. O que ela sentia... era quase insuportável. Mas não podia permitir que isso tivesse relevância, porque não podia ser desse modo.

- Não - disse-lhe com tom suave, retrocedendo. - Você não fará amor comigo.

Ele a atraiu lentamente, mostrando com o olhar de quem seria a vitória.

- Quem me deterá?

- Não me obrigará.

- Não? - A palavra soou como uma brincadeira, e não que lhe

roçava os quadris, de maneira atrevida cobriu seus seios, enchendo-a de sensações que ela rogava a Deus que ele não notasse. - Parece que esquece que eu tomo o que quero.

- Mas não se rebaixaria me violentando.

Seus lábios se curvaram num sorriso sem graça.

- Não seria violentada, milady. Teria se entregado de boa vontade.

Bliss levantou o queixo trêmulo.

- Você, senhor, possui uma tremenda arrogância.

- Pode ser. - respondeu-lhe ele pronunciando com tom lento, baixo e profundo- A arrogância é a única coisa que um homem tem. Agora me beije.

Bliss se manteve firme, e o empurrou.

- O que aconteceu ao homem que estava na vila?

Caine deslizou o braço ao redor da cintura e a rodeou.

- Não é de sua conta. - inclinou-se para frente para beijá-la, mas Bliss virou a cabeça.

- Estava doente?

A fúria brilhou em seus olhos, mas parecia dirigida não a ela, mas a si próprio.

- Está morrendo. Agora deixa dessa conversa. - Beijou-lhe o pescoço, acariciando-a com o nariz.

- Deu dinheiro à esposa dele - disse ela, tentando não reagir ao calor irresistível que estava se formando nela. - Eu vi.

- Cale-se!

- Isso o incomoda. Por que não admite?

- Falei pra se calar. - Acariciava seus seios. - Estou farto deste maldito jogo do gato e rato.

Mas Bliss tentou afastar suas mãos de seus seios, embora seu eu interior exigisse rendição, porque o desejava da mesma maneira como ele a desejava..

- Talvez esteja farto de ouvi-lo, mas de qualquer maneira não me obrigará.

- Maldição! Pare de repetir isso.

- Por que? Porque não é tão desonesto como quer que todos criam?

- Sim, sou desonesto.

- Então me tome. Atreva-se. - Bliss sabia que estava jogando um jogo perigoso, não tinha esperança de sair ganhando se ele a dominasse. Notou um brilho profundo em seu olhar e muito tarde se deu conta de que ele estava decidido a provar-lhe.

- Como você quiser. - Tomou de assalto a sua boca, forçando com a língua para abri-la, deslizando-a dentro até encontrar a sua, enquanto levou uma mão ao traseiro dela apertando-a contra sua ereção.

Com a outra mão agarrou seus cabelos virando o seu rosto para cima. O beijo doeu; essa era a intenção. Ela sentia a raiva nele; entretanto, um desejo ardente a percorreu no momento em que ele a acariciou, deixando-a com aquela sensação penetrante enquanto as pontas de seus seios eretos se moldaram contra o peito masculino, desejando sentir suas mãos com urgência.

Como se tivesse entendido o que ela desejava, ele cobriu o seio e acariciou o mamilo através da roupa, fazendo sair da sua garganta um som rouco a quando o tecido o impediu de avançar.

Habilmente ele desabotoou os botões do corpete e logo desatou as fitas que prendiam a combinação. Olhou-a com os olhos como brasas ardendo, com o desafio escrito em suas profundidades, enquanto a mão deslizava pela pele nua e debaixo do tecido de renda para acariciá-la.

Bliss mordeu os lábios para não gemer quando ele ficou brincando com o mamilo, enquanto ia desabotoando os poucos botões que restaram, descendo a roupa até a cintura e deixando-a completamente nua ante seu olhar sexual.

- Céus - começou a dizer com voz gutural - por que tinha que ser tão linda? - A pergunta soava tanto um elogio como uma maldição, como se não quizesse reconhecer a atração que sentia por ela.

Deitou-a no chão, fechando os lábios ao redor do mamilo e sugando-o. Um gemido grave brotou na garganta de Bliss que inclinou a cabeça para trás. O que o fazia estava tão bom...

Ele a olhou e com um brilho febril nos olhos perguntou:

- Estou obrigando-a, milady?

Muda pelo desejo, ela negou com a cabeça e se arqueou para atrás, envergonhada enquanto pedia silenciosamente que não parasse. Com um brilho de satisfação, cobriu o mamilo com a boca, lambendo uma vez, duas... O outro era acariciado com leves toques, e uma dor palpitante se concentrou no meio das pernas dela.

Sem nenhuma suavidade, levantou suas saias, segurou firmemente as coxas e a atraiu para si, incendiando-a com sua violenta fogueira masculina.

Levou uma mão entre as pernas, pressionando com os dedos até encontrar a beirada da calcinha, separou as úmidas dobras de suas zonas mais íntimas até encontrar a dolorida protuberância de prazer.

Começou a massagear o clitóris lentamente, em círculos, incitando-a; os olhos dele ardiam na profundidade dos seus e ao olhá-la a mantinha presa.

- Está tão molhada - disse-lhe com voz áspera e sensual.

- Não... -Ela meneou a cabeça, sem querer que ele continuasse enfeitando-a ainda mais.

- Não, o que? -As carícias dos dedos entre as pernas eram como plumas sobre a pele sensível e continuou tocando seu corpo ansioso.

- Por favor, Caine... eu... - Os pensamentos coerentes a abandonaram quando ele se inclinou e chupou os mamilos.

- Me diga o que quer, amor. E eu o darei a você.

Bliss balançava a cabeça para frente e para trás, com um gemido quando acariciava suavemente as pontas sensíveis. Quando parou, ela quase grita.

- Você gosta do que faço em você?

Ela se sentia como um animal primitivo, retorcendo-se no pasto; o que restara de sua mente racional dizia que não respondesse, sabendo que ao pronunciar palavra, ele se apropriaria de parte de sua alma. E entretanto não pôde resistir.

-Sim...

Ele sorriu para si mesmo e acariciou os seios, apertando os mamilos antes de metê-los na boca, lhe arrancando gemidos do mais profundo de suas vísceras. Logo se afastou um pouco e soprou sobre aquela pequena pedra turgente que se enrugava e inflamava por causa daquela boca malvada.

- Devo beijar a ponta assim?... - Beijou o mamilo com ternura mas eram beijos malvados e eróticos. - Ou chupá-lo assim? - Aquela boca linda se fechou sobre a ponta tensa e a mordeu, provocando nela uma onda de calor que a percorreu até abaixo.

Bliss sabia que ele queria que ela implorasse por cada carícia sedutora. E se tinha que fazê-lo, faria.

- Chupe-o.
- Forte ou suave?
- Suave.
- Com a língua?

Mortificada pelo desespero com que o desejava, não chegou a assentir. Seus cabelos longos e sedosos caíram sobre sua pele ardente, como uma carícia erótica. Bliss enredou seus dedos neles, atraindo-o mais, enquanto ele com a boca torturava as pontas sensíveis docemente, provocando ondas de êxtase em cada lugar que tocava.

Ele queria mais dela, mais que sua entrega total. Mas ela temia olhá-lo mais de perto, temia ver que ela só fora uma conquista a mais.

Ela ceifou a ver um fugaz brilho de maldade em sua expressão quando a olhou... antes que descesse por seu corpo e colocasse a cabeça escura entre suas pernas.

Ela arqueou as costas quando a língua se tocou em seu centro como uma chama ardente, pressionando com movimentos para dentro e para fora, logo roçando seus lábios internos. O primeiro contato daquele fogo intenso em seus clitóris a fez contorcer-se contra ele e lsegurar sua a cabeça aí. Ele sorriu para si entre dentes, gozando do poder que exercia sobre ela, prendendo os seus braços ao chão enquanto a lambia, chupava e a acariciava, com os dedos nos mamilos.

Sentia uma necessidade imperiosa que acontecesse algo, de uma consumação que não conseguia entender, e quando estava a ponto de descobrir, ele deteve sua sensual investida.

Bliss protestou, com o corpo estremecido ao abrir os olhos e encontrá-lo observando-a, sem permitir que ela desviasse o olhar quando a sua língua lambeu esse ponto de seu sexo inflamado, provocando nela uma onda de fogo que a fez gemer.

- Sinta - disse em tom áspero.

Ela compreendeu suas intenções muito tarde com as reações retardadas pela pesada frouxidão em seu corpo, seus lábios sussurraram uma prece reprimida enquanto agarrava sua mão, embora não a tempo para evitar que lhe introduzisse um dedo, invadindo-a, levando-a a um novo nível de intimidade.

Bliss se retorceu; detestava sentir invasão e adorava ao mesmo tempo; queria que parasse, mas queria que continuasse.

- Deus. - Ele fechou os olhos e pressionou mais; um músculo moveu em sua mandíbula quando deslizou outro dedo, fazendo movimentos circulares lentos dentro dela enquanto massageava com o polegar o casulo tenso, levando-a de novo ao topo; o corpo inteiro estava pronto, mas ele a mantinha aí em suspense, fazendo-a retorcer-se até começar de novo.

Então mudou o ritmo, entrando e saindo, dilatando-a, gerando uma pressão quando tentava empurrar mais para dentro; a boca úmida escorregava entre os seios, sugando os mamilos até convertê-los em pontas rígidas, enquanto sussurrava palavras eróticas que descreviam como os sentia dentro de sua boca, como eles respondiam ante as carícias de sua língua.

Então introduziu mais dois dedos mais na cavidade molhada.

- É assim que vai se sentir quando eu estiver dentro de você - disse-lhe com voz profunda e apaixonada. - Embora mais cheio. Mais profundo.

Bliss tinha desejo tanto de afastar a sua mão como de aprofundá-la ainda mais.

- Caine... - Ela não sabia o que queria lhe dizer.

- Sei, amor. - Lentamente tirou a mão e soprou a umidade de seus dedos, depois os beijou, os lambeu gostosamente; várias vezes. Depois, novamente com os dedos excitou-a de novo, levando-a até o precipício e por fim, felizmente, terminou o tortura levando o ponto quente à boca.

Quando ele o mordeu com suavidade, pareceu-lhe que o mundo tinha explodido em mil pedaços. Ondas de calor se chocavam dentro dela.

Logo, ficou saciada, sem sentir os ossos, incapaz de movê-los enquanto as últimas ondas reverberavam em todo seu corpo. Ela jamais tinha imaginado que era assim quando um homem estava com uma mulher. Jamais compreendeu exatamente o quanto estava perdendo.

Caine se separou dela, girando até ficar de costas e colocou as mãos atrás da cabeça, olhando o céu através da cobertura de folhas que havia acima.

Ele era tão grande, tão maciço... Tão completamente real... Ela sentia desejo de abraçá-lo, de apoiar a cabeça em seu peito e escutar os batimentos de seu coração em seu ouvido.

Mas sua postura, solitária e desafiante a afastava. Ele tinha obtido pelo menos parte do que ele tinha querido. Contorceu-se debaixo dele, como ele o havia dito que faria. E entretanto, não a possuía.

Deslizou o olhar para seus quadris, atravessando-a com aqueles ardentes olhos azuis tão peritos como sua língua um momento atrás.

- E foi tão bom como esperava?

Bliss tentou não olhar para ele, pois houve uma abrupta mudança e sua atitude voltou a ser novamente desdenhosa. Ela estava segura de haver sentido uma certa ternura em seus beijos e no modo como ele a tinha acariciado, mas o que tinha acontecido entre eles não significava nada para ele.

Detestando sentir-se ferida, esforçou-se por recuperar a compostura.

- Como não tenho outro homem com quem comparar suas habilidades, - disse-lhe, rogando para que ele não notasse as mãos trêmulas ao vestir as saias e o corpete - não tenho nem a mais remota idéia do que você entende por fazer o amor inclui tudo isto. Mas se isto puder acabar com seu frágil orgulho machista, prometo dar a você uma qualificação adequada, tão logo eu tenha acumulado informação suficiente.

Agarrou-a fortemente pelo antebraço para fazê-la voltar-se. Caine a olhou com olhos selvagens.

- O que acaba de acontecer entre nós não foi fazer o amor - falou com fúria em cada palavra. - Mas já que tem dúvidas sobre meu desempenho, suponho que terei que mostrar a você agora!

- Não, Caine...

Deteve o protesto com a boca, segurando a cabeça e puxando-a com força contra si enquanto mais desabotoava habilmente os botões que ela acabara de fechar.

Os sons de protesto brotavam de sua garganta enquanto tentava afastá-lo, mas era uma luta pela metade. No momento em que a tocou com a boca, a espera a invadiu vertiginosamente, com o sangue que corria pelas suas veias com crescente excitação. Agora ela sabia o que ele podia fazer e seu corpo ansiava pelas sensações que ele era capaz de despertar.

Deslizou aquela mão grande e cálida até cobrir seu seio, puxou-a para cima dele, para que sentisse a dureza pressionando contra seu ardor, queimando-a através da roupa.

Sugava um mamilo e acariciava suavemente o outro.

Ela gemia tremendo quando a mão roçava a panturrilha até chegar à coxa, sabendo para onde se dirigia, o corpo precisava encher-se com o que ele podia lhe dar.

O primeiro contato do dedo no ponto sensível entre seu suave pêlo encaracolado a fez jogar a cabeça para trás desenfreadamente, abrindo as pernas de maneira atrevida por cima dele.

- Levante a saia - ordenou-lhe com um murmúrio rouco.

Sem pensar, Bliss obedeceu.

-Mais acima. Quero ver você.

Com todo o corpo tremendo, ela levantou a saia sem se dar conta de que ele tinha tirado as suas calcinhas, deixando-a absolutamente nua diante de seus olhos. Tentou se cobrir mas ele afastou suas mãos.

Pegou-a pelo traseiro e a levantou, ainda com os olhos fixos nela. Ergueu a cabeça e atravessou o centro do seu prazer com a ponta da língua. Essa era a parte mais deliciosa.

Ela arqueou as costas, as palavras saíam de sua boca pedindo estímulo, prazer, demandando. Nesses momentos de êxtase ela não

sabia quem era. A única coisa que sabia era que precisava daquilo que Caine estava lhe dando.

No momento em que o segundo orgasmo subiu em espiral do mais profundo de seu ser, Bliss se sentiu repleta e drogada, com o corpo curvado contra o outro; ele a rodeava com os braços e a apertava contra o peito, havia algo possessivo e terno no abraço.

Ela se abandonou à deriva nesse mundo leve por um instante, mas a realidade invadiu seus sentidos rapidamente. Rendeu-se ao domínio completo de Caine, não apenas uma, mas duas vezes.

Ela esperava ver uma expressão malvada de regozijo desenhada no rosto, mas ao contrário, ele contemplava o céu como se fosse um tecido de folhas, com os olhos e a boca que denotavam o esforço realizado.

Ela não o compreendia. Estava aqui um homem conhecido por seus apetites sexuais, e no entanto, mais uma vez não a possuía. No meio da paixão que ele tinha tecido tão habilmente, ela teria deixado ele fazer o que quisesse.

Desviou os olhos para a cicatriz que ele tinha na face. Sem pensar, estendeu a mão para acariciá-la com o dedo. Um instante depois, a mão do Caine segurou fortemente seu pulso.

- Não - falou, afastando-a bruscamente.

Bliss umedeceu os lábios de repente secos, tentando fazer o ar passar pelo peito apertado ante a advertência daqueles olhos. Mas ela queria respostas, precisava saber mais a respeito dele.

- Como aconteceu isso? - ergueu a mão que estava livre esperando que ele a detivesse de novo, mas a seguiu com o olhar, até que o braço dela subiu e os dedos passaram a poucos centímetros. Então, ela inspirou fundo e a tocou. Ele fechou os olhos e apertou a mandíbula, embora desta vez não a afastou com um puxão.

- Me fale, Caine - pediu-lhe com voz suave.

Ele não falou. Deixou o corpo tenso e imóvel debaixo de seus dedos exploradores.

- Ainda dói?

Um instante de silêncio, e respondeu:

- Não.

- Fizeram-lhe isso em uma briga?

Ele emitiu um som, amaldiçoou entre dentes. Ela não conseguiu escutar bem.

- Sim.

- Foi terrível?

- Céus. - Emitiu um som frágil e fugaz. - O que você quer de mim? Será que não pode falar de outra coisa?

Essa recriminação devolveu à Bliss a fria sensação de realidade. Separou-se do corpo dele e se sentou.

- Foi um dos dias dos mais edificantes, milord. Agradeço seus serviços. Se me desculpar, tenho necessidade de compartilhar outro tipo de companhia.

Ela tentou ficar de pé, mas ele a agarrou pelos cabelos. Ela soltou um grito de surpresa e uma vez mais se encontrou olhando aqueles olhos penetrantes.

- Não! Maldição.

- Não, o que? - respondeu ela com tom tão frágil quanto zangado.

- Não me agradeça isso. Nem agora nem nunca. Não permitirei essa merda. Não a você. - Afrouxou a mão mas não a soltou.

- Então fala comigo. Me diga o que o preocupa.

Uma expressão entre angustiada e furiosa assomou em seu rosto e Bliss sentiu desejo de enroscar os braços no pescoço e abraçá-lo. Mas sabia que ele não permitiria.

- Sua dor tem que ver com meu pai? Sei...

- Você não sabe nada - interrompeu-a, ficando de pé e caminhava para o bosque, com as mãos afundadas nos bolsos das calças. Permaneceu tanto tempo em silêncio que pensou que tinha esquecido que ela continuava ali. Então disse com tom impávido:

- Os aldeãos acreditam que meu pai ronda pelos escarpados. Afirmam tê-lo visto na costa, abaixo do cabo.

Bliss avançou até ficar atrás dele e olhou para baixo, para um declive com samambaias e maleza, com a terra que caía tão abruptamente que só se via o vazio. Caine parecia estar a léguas desse

lugar, com a mente nas lembranças.

- Outros dizem que o viram conduzindo carruagens ou a cavalo pelo Challancombe Downs, seguido por uma matilha de cães de caça. - Ele meneou a cabeça.- Céus, as coisas que essa gente acredita.

- E você, crê em que? - perguntou ela com serenidade.

Ele olhou lentamente para ela.

- Morte é morte. E não há nada que possa mudar isso.

- Não. Nada pode mudar esse fato. Mas podemos nos segurar às lembranças que temos. Ninguém nos tirar isso. - Parou, considerando o peso das palavras que estava a ponto de pronunciar: - O que aconteceu a seu pai não é culpa sua.

Ele apertou a mandíbula e se afastou dela.

- Quer nadar?

Bliss negou com a cabeça enquanto ele passava perto dela. Escutou-o tirar a roupa, as peças caíam no chão quase sem fazer ruído.

Ela evitou olhar até que soube que ele tinha entrado na água, e então se virou. Naquela superfície suave e transparente como vidro apenas um leve ondulação marcava seu caminho.

A água parecia fresca e convidativa e o maravilhoso corpo de Caine se ergueu qual deus dionísio, com os cabelos escuros molhados que chegavam aos ombros, o peito lustroso como bronze, com pequenos filetes de água deslizando-se pelo corpo musculoso e dançando sobre os firmes sulcos do estômago até desaparecer sob a superfície que ocultava o resto do corpo.

- Tem certeza de que não quer entrar? - perguntou-lhe.

Bliss negou com a cabeça, sem poder deixar de olhá-lo, sentindo uma atração inegável que era muito mais que física.

O olhar raivoso fez com que levantasse dos olhos.

- O que aconteceu? - perguntou-lhe.

- Você.

- O que foi que eu fiz?

- Não sabe que não deve olhar para um homem desse modo? Está pedindo que a deflorem. - Amaldiçoou de novo e mergulhou sob a água.

Ela se ruborizou e se sentiu ridícula. Era uma mulher amadurecida e do mundo e entretanto Caine as usava para expor as debilidades femininas que nem sequer ela sabia que tinha.

Quando ele apareceu na superfície, estava decidida a recuperar o controle.

- Por que não fez amor comigo?

- Porque não estava preparada - respondeu-lhe sem esconder nada, com a água escorrendo enquanto ele se aproximava da borda, deixando o corpo descoberto a cada passo, com um brilho desafiante nos olhos ao aproximar-se mais, o que a fez desviar o olhar. Embora ela o desejasse, não podia fazê-lo.

Então ficou de pé sobre chão firme, nu e glorioso, com as gotas de água acariciando o corpo musculoso enquanto ficava ali parado ao sol, com os raios iluminando-o por trás.

Ela seguiu o trajeto de uma gota de água que lhe rodeou a clavícula, e correu célere pelo dorso acetinado e formou uma curva no formoso estômago esculpido, até desaparecer no arbusto de pêlo escuro à altura da virilha.

- Basta, Bliss. - As palavras soaram como um grunhido de advertência, e enquanto ela observava, o membro grosso até então sem ereção, começando a inchar e aumentar.

Ela levantou os olhos e encontrou os dele. Tinha os olhos tão escuros, tão ferozes... mas ela vislumbrou também o desejo. Tudo por ela. Saber disso a acendeu por dentro.

- Podia ter feito amor comigo. - Escutou-se confessar, lembrando que ele a tinha deixado no momento em que tinha começado a aplicar a magia em seu corpo com aquelas mãos e aquela boca - Por que não o fez? Pensei que tomava o que desejava.

- E assim é.

- Então não me desejava?

Um músculo se moveu na mandíbula.

- Sabe que sim.

Ela começou a aproximar-se, observando cada inflexão sutil daquele semblante severo, o modo em que as mãos lentamente se fechavam ao lado do corpo. Ele não era tão severo, tão perigoso. Não

naquele momento. Não no modo em que a estava olhando.

- Desejaria que eu não fosse tão ousada, não é verdade? Posso ler isso em seus olhos.

- Vou meter você em problemas.

- Sério? - Ela não sabia ao certo o que a tinha impulsionado a estender a mão e acariciar a sedosa protuberância de sua ereção, mas sentiu satisfação ao escutá-lo inspirar profundamente.

Ela sempre se forçou a enfrentar o que a intimidava, e jamais um homem a tinha intimidado tanto como Caine. Ele atentava contra o equilíbrio de sua vida

Sem que ela esperasse, ele pegou fortemente a sua mão. Chegou a sentir dor.

- Não, por Deus. Não sou um animal, sou um homem. Por Deus...

- Disse com voz derrotada. - Sou um homem.

Se afastou dela. Enquanto ele apanhava a roupa do chão, Bliss se perguntava o que acabava de fazer, e como o tinha ferido involuntariamente.

Quando ele voltou, vestido, aquela expressão fria como uma pedra tinha retornado. O olhar que lhe lançou congelou a desculpa nos lábios dela.

- Vamos - disse zangado.

Ela o seguiu pelo atalho. Votaram pelo mesmo caminho da vila quando a jovem da choça correu a seu encontro com o rosto pálido.

- O que aconteceu, Sara? - quis saber Caine, num tom preocupado.

- Oh, milord - disse chorado e torcendo as mãos nas dobras da saia- É a patroa.

- Lady Buxton?

Ela assentiu com a cabeça.

- Nos mandou embora. - As lágrimas escorriam por suas faces.

- Mandou vocês embora?

- Sim, disse que temos dois dias para nos mudar. Nós entregamos a ela o dinheiro que o senhor nos deu, mas ela disse que se papai está doente e não pode trabalhar, temos que nos mudar O que

vamos fazer? Não temos pra onde ir.- A custo ela tentava conter as lágrimas.

- Não irão a parte alguma.

- Mas a patroa...

- A patroa que morra. Não empacotem nada. Pensarei em algo.

- Oh, mas o senhor já tem feito muito, milord. Não posso permitir que se arrisque mais por nós.

- Já disse que ajudaria e o farei.

As lágrimas dilaceradoras desciam pelo rosto de Sara e Bliss viu ali a idolatria que sentiam por ele. A moça se equilibrou sobre o peito do Caine, jogando os braços magros em volta de seu pescoço. Ele parecia não saber o que fazer. Aceitou a gratidão mas manteve o corpo inquebrável, com os braços rígidos em ambos os lados.

- Obrigado, milord. O senhor é o homem mais maravilhoso do mundo.

Ele soltou-se do abraço com gesto amável.

- Retorna e diga à sua mãe que faremos algo.

- Sim, senhor. E obrigado. - Ela titubeou e o beijou no rosto. Ergueu a saia e retornou à vila voando.

Bliss se aproximou e ambos observaram Sara até que desapareceu de vista.

- Ela ama você, sabe disso.

- Sei - respondeu ele sombrio e sem alegria. - Ela não percebe seu engano. - E empreendeu a volta para a casa.

Capítulo XII

A loucura dele não era da cabeça, mas sim do coração....

Lorde Byron

A mansão estava tranquila quando Bliss entrou com Caine. Tinham caminhado em silêncio, como se o momento passado no bosque jamais tivesse ocorrido. Mais uma vez, Bliss tinha ficado excluída.

Pensando no papel de Caine com respeito ao bem-estar da família de Sara, Bliss se lembrou do preço que tinha exigido pelos serviços de Khan. Ela tinha acreditado que seus motivos eram puramente maliciosos; agora percebia que possivelmente naquele pedido tinha existido algo mais.

Ela nunca tinha levado em conta o modo como ele estava sendo forçado a viver, nem como um homem com tanto orgulho podia se virar com recursos reduzidos. O fato de apoiar-se em outra pessoa era algo que não combinava com alguém como ele. Talvez a drástica alteração de seu estilo de vida era, em parte, o motivo de seu rancor; o que fazia com que ele se mantivesse afastado das pessoas. O fato de viver como um convidado na casa que fora sua por direito não devia ser algo fácil de suportar.

Bliss não sabia que força mantinha Caine aí, que laço invisível o atava a estas terras; embora era evidente. Possivelmente simplesmente era porque ali havia falecido seu pai.

Ela estava convencida de que o que realidade havia por trás daquela frustração e daquele rancor era a morte do pai, embora não pudesse deduzir se a raiva estava dirigida a ele mesmo ou ao seu pai.

Uma gargalhada vinda do outro lado do vestíbulo os fez parar um instante, e Bliss reconheceu a voz de Olivia. A outra voz também era familiar: Lorde St. Giles. Reconheceria essa gargalhada em qualquer parte. Tinha tido esse homem pendurado no ombro durante toda a noite anterior, quase sufocando-a com sua galanteria pegajosa.

Ao entrar com Caine na sala para tomar o café da manhã, Bliss encontrou Olivia e o conde em plena conversação, com as cabeças unidas uma a outra. Bliss se perguntou o que sentia Caine com o que via. Estaria com ciúmes? Sentiria algo por Olivia? Talvez não fosse simplesmente o atrativo da casa o que o mantivesse ali. Possivelmente o verdadeiro atrativo era a mulher que os olhava com um sorriso sensual que desenhava nos lábios logo que viu Caine, com aqueles olhos verdes felinos que foram se esfriando ao olhar para Bliss.

- Onde estava, carinho? - perguntou-lhe com voz rouca e sensual. - Estive procurando por você em toda parte. St. Giles e eu estávamos a ponto de tomar um café da manhã tardio. Quer nos acompanhar?

O conde cumprimentou Bliss com o olhar, com um quê de zombaria na profundidade daqueles olhos cinzas quando inclinou a cabeça. Bliss se perguntava se seria capaz de adivinhar o que tinha ocorrido entre ela e Caine. Será que o rosto de uma mulher tinha uma luz diferente quando acabava de receber prazer? E mais, se o prazer tinha sido enorme?

Bliss notou o grande golpe que o conde tinha na mandíbula, um machucado escuro e bastante desagradável. Franziu o cenho quando uma estranha e fugaz imagem veio à sua mente: seus olhos nublados abrindo-se com dificuldade no meio da noite até distinguir duas silhuetas brigando na penumbra de seu quarto. Mas só tinha sido um sonho, dissera a si mesma. Como o que tinha tido com Caine que a carregava em seus braços com ternura e a depositava na cama com cuidado.

- Tenho que falar com você - disse Caine a Olivia com tom entrecortado, depois acrescentou com ênfase: - a sós.

Olivia continuou sentada, numa postura quase desafiante.

- Pode falar adiante de St. Giles. Ele não é um fofoqueiro. - E virando-se para o conde, disse: - Não é certo, milord?

- Sim, milady. Sou a descrição em pessoa. - E olhando Caine,

adicionou zombeteiramente: - Diga o que tem a que dizer, Hartland. Estamos entre amigos.

Seu olhar deixou Bliss pasma. Instintivamente se aproximou de Caine para que soubesse que ela estava ali e do seu lado.

Caine atravessou o conde com o olhar, com os olhos negros injetados ao focar a cara do homem.

- Como amanheceu sua mandíbula, St. Giles?

A provocação era evidente. Será que Caine tinha golpeado o conde? Se foi assim, por que?

A expressão presunçosa desapareceu da cara do conde enquanto limpava a boca com um guardanapo.

- Um pouco dolorida, mas não vale a pena mencionar. É estranho que nem me lembro como aconteceu. Poderia chegar a pensar que fui vítima de um ataque gratuito. Mas só um covarde faria uma coisa assim. Conhece algum covarde, Hartland?

- Só conheço um - replicou Caine, em clara cumplicidade.

O conde apertou os punhos.

- Caine, querido - interrompeu Olivia em tom apaziguador. - O que o fez ficar tão chateado?

Lentamente, o olhar de Caine se voltou para ela.

- Você.

- Eu? O que foi que eu fiz?

- Não se faça a inocente.

- Falei, St. Giles e eu...

- Não me importa nem um pinga vocês dois. Estou falando da família Doyle.

Olivia percebeu a raiva nos seus olhos.

- O que tem eles? - perguntou na defensiva, elevando o queixo.

- Não pode expulsá-los da propriedade. Vivem aqui há vinte e dois anos. Will Doyle é a pedra fundamental que colaborou para que Northcote seja o que é hoje. Ele e meu pai trabalharam juntos cultivando os campos.

- Essa é uma história realmente comovedora, querido. Mas não

posso aceitar ter inquilinos que não contribuam com a manutenção da propriedade. O que pensarão os outros se eu permitir que o homem e sua família vivam grátis em minha propriedade?

- Que tem um pingo de compaixão, talvez? O homem está morrendo, pelo amor de Deus.

Olivia entrecerrou os olhos com aborrecimento.

- Aqui não há espaço para caridade. Os inquilinos trabalham, ou partem. É assim simples.

- Sara deu a você o pagamento desse mês.

- Sim, é estranho que tivesse o dinheiro. A gente poderia se perguntar de onde o tirou. Faz três meses que o pai está doente e entretanto ela teve o dinheiro todos os meses. Você não terá idéia de como fez, não é? - Olhou já sabendo a resposta.

- Tem seu maldito dinheiro - disse Caine com os dentes apertados. - Então deixa-os em paz.

Ela suspirou e olhou para os dedos adornados com jóias, como se o assunto a aborrecesse.

- Eu não quero seu dinheiro. Quero-os fora das minhas terras. - Levantou os olhos. - E esta terra é minha, se é que não se lembra. Minha casa. Meus inquilinos. Posso fazer o quiser.

- Seu pai está morrendo.

Como uma rainha imperial, levantou a xícara de chá como uma ordem tácita para que um dos serventes voltasse a enchê-la.

- Esse problema não é meu, certo?

O olhar desenhado no rosto de Caine era aterrador, e nesse instante, Bliss realmente acreditou que ele desejava aplicar em Olivia algum castigo físico.

- Se quiser algo, diga. O que custará a você permitir que fiquem? Ponha seu preço. Sempre tem um.

Aqueles olhos felinos brilharam de satisfação e um leve sorriso brincou nos lábios de Olivia quando ficou de pé e deslizou em sua direção de maneira sedutora.

- Me conhece muito bem, meu amor. - As saias volumosas roçaram suas pernas quando se aproximou dele, até ficar a uma

distância indecentemente curta, quase roçando o peito dele com os seios, olhando só para ele, sem se importar com o olhar dos convidados.

- Mas me pergunto o que você poderia me dar que ainda não tenha dado. - Algo implícito ardeu entre ambos e Caine esticou o corpo. - Suspeito que tenha dado seus últimos xelins a esses indigentes.

Ela suspirou e meneou a cabeça.

- Sempre soube que alberga um afeto anormal pelos aldeãos e estou bastante chateada por fazer certas coisas pelas minhas costas. Se não fosse informada por Chadwick, eu não saberia de nada!. - Riu mordazmente quando Caine apertou a mandíbula com fúria. - Disse a você que ele era um homem de talento. Entre outras coisas, disse que o viu visitando essa gente há várias semanas.

- E então esperou para armar essa arapuca.

Ela encolheu de ombros com frivolidade, com um olhar triunfante, breve em direção a Bliss quando passou o dedo fino de unha esmaltada pelo ombro de Caine.

- Bem, tinha que ver o que aconteceria, se você apareceria com o dinheiro. Como recusou aceitar minha oferta, a única coisa que me ocorre é que tenha posto a seu maldito cavalo a servir. Sempre com suas invenções para sair bem das situações, não é verdade? Sempre soube apreciar sua perspicácia.

St. Giles ficou de pé.

- Que desafortunado, Hartland - disse o conde em tom zombador, com a malícia brilhando nos olhos enquanto esfregava o machucado da mandíbula. - Deve ser difícil ver as pessoas de seu pai excluída.

- Fecha a boca - disse Caine em voz baixa e selvagem. - Ou farei você engolir os dentes.

- Caine! - gritou Olivia. - Não permitirei que fale com meus convidados nesse tom. Se desculpe com St. Giles imediatamente!

Caine se aproximou de Olivia e Bliss celhou a ver nela um brilho de temor que a deixou pálida.

- Não me desculparia com esta larva nem que me cobrisse de parasitas carnívoros e os deixasse fazer um festim com meu corpo pelo resto da minha vida.

- Mas que bastardo arrogante! - siceou St. Giles - Deveria ter acompanhado seu pai pelo escarpado.

O momento seguinte foi impreciso, Caine se equilibrou e mergulhou sobre a mesa do café da manhã; St. Giles abriu os olhos pasmado enquanto a maciça mão de Caine envolvia sua garganta.

Uma cacofonia de sons se instalou. Com as pessoas que gritavam, St. Giles que ofegava e a baixela que se rompia.

- Caine! Não! - implorou Bliss. Se matasse St. Giles... Ela tentou tirar as mãos ferozmente presas à garganta, mas estavam muito apertadas. O conde começou a ficar azul.

Sabendo que Caine mataria St. Giles se ela não encontrasse um modo de detê-lo, Bliss subiu sobre a mesa, quebrando as xícaras jogandoas no chão enquanto tentava ficar de frente pra ele, para que a olhasse.

- Por favor, Caine - pediu, pondo a palmas das mãos no rosto; tinha a pele tão quente que quase a queimava - Não faça isso. Ele não vale a pena. Por favor... por favor, solte-o.

Seus olhos brutais, temíveis e escuros, cortaram o ar na direção dela como se ela fosse outra ameaça que tinha que aniquilar.

O coração dela pulsava fortemente e tinha os pulmões oprimidos pelo temor. Apesar disso se manteve firme, obrigando-se a sustentar seu olhar.

- Caine, ele não vale a pena. Por favor, deixa-o.

Passou um segundo, dois, três. Finalmente, como um torno quando se abre, soltou o conde, que retrocedeu aos tropeções e caiu na cadeira agarrando a garganta com as mãos e ofegando para recuperar o ar.

- Farei que... pague por isso... bastardo - prometeu-lhe o homem com a respiração agitada, com as marcas dos dedos de Caine como um claro aviso do que acabava de acontecer.

- Deus santo, Caine! - exclamou Olivia, quando a comoção deu lugar ao aborrecimento. - Olhe o que você fez! Esta era minha melhor baixela de cristal e porcelana!

- Ao diabo com sua condenada baixela de cristal e sua porcelana! - exclamou aflito St. Giles. - Este lunático quase me matou!

Insisto em que chame o prefeito. Este canalha deve ser preso.

- Se você tivesse se metido em seus próprios assuntos, nada disso teria acontecido - respondeu Olivia bruscamente.

- Está me jogando a culpa ? - Uma onda de fúria sufocou a garganta quando o conde ficou de pé bruscamente.

- Se afaste da minha vista antes que me sinta tentado a jogar algo em você.

O homem irradiava ira, e com um olhar cortante que podia deixar Caine em fatias. Com uma promessa nos olhos que advertia que aquilo ainda não tinha terminado saiu da sala feito uma fúria, atropelando a multidão que se juntou na entrada, com expressões entre o horror e a fascinação.

- Vem comigo - insistiu Bliss com calma, segurando a mão de Caine e descia da mesa, escutando apenas o ruído de vidros quebrados quando Caine a seguiu; os pedaços soavam sob seus pés calçados em botas quando parou em frente dela, com aquele olhar selvagem que ainda não tinha apagado dos seus olhos.

Bliss se virou e encontrou Olivia que observava suas mãos obstinadas, com olhar desafiante quando elevou a cabeça. Bliss devolveu a provocação, com uma necessidade de proteger Caine que crescia em seu interior.

Ele se soltou bruscamente e se afastou, e essa atitude atravessou seu coração e seu orgulho. Olivia sorriu com satisfação, rindo dela.

- O que você quer, Olivia? - disse-lhe, com voz impávida enquanto olhava pela janela que dava para os jardins, com as mãos afundadas nos bolsos das calças.

- Bem - começou ela - há uma coisa, como já sabe, mas acredito que obterei esse desejo. - Lançou um olhar para Bliss, com um sorriso malicioso ainda desenhado, e Bliss soube que esse comentário tinha algo que ver com ela. A saia de Olivia rangeu quando se deslocou para junto de Caine como que deslizando-se até parar a seu lado junto à janela. - Parece milord, que possuo tudo que um dia foi seu.

Caine se virou apenas para olhá-la.

- Nem tudo.

- SÉrio? - Jogou a cabeça para o lado. - O restou?

- Khan.

- Essa besta? - riu ela. - O eu que poderia querer dele?

- Khan é o melhor cavalo da região. Nenhum dos seus se compara a ele. Uma vez os criadores viajaram centenas de quilômetros para fazer servir suas potras com seu sêmen.

Olivia o observou um instante, logo assentiu com a cabeça lentamente.

- Seria muito bom, não é verdade? Poderia cobrar uma soma exorbitante por seus serviços, deixando uma lista tão exclusiva que as pessoas reclamariam direitos de reprodução. Também poderia fazê-lo servir minhas éguas para engendrar gerações futuras. Sim, - murmurou com um sorriso crescente. - Reconheço as vantagens.

- Então é seu com uma condição.

- Não acredito que esteja em condições de negociar.

- Ou aceita ou não há trato.

- Quando escutar sua petição então considerarei.

- Se quiser Khan, então não poderá expulsar os Doyle nem nenhum outro inquilino destas terras.

- Como? Isso é ridículo! Você está indo muito longe...

- Ganhará dinheiro mais que suficiente para compensar qualquer inconveniente. Pegue, Olivia. Está levando tudo.

- Bem - disse ela finalmente. - Seriamente estou levando a melhor parte deste trato. Está bem. Aceito. Há outros modos de manter aos aldeãos na linha. - Sorriu de maneira provocante. - Brindamos ao nosso arranjo?

Caine a ignorou e saiu, com uma ligeira risada dela atrás de seus passos. Ao chegar à soleira, ele se voltou e advertiu:

- Mantenha St. Giles fora da minha vista ou da próxima vez matarei esse galo de briga pedante.

Então partiu.

Capítulo XIII

Estou a ponto de sair em minha última travessia: um grande salto no vazio.

Thomas Hobbes

Bliss olhava pela janela de seu quarto a noite que cobria os campos. Uma brisa cálida com aroma de mar inflava as cortinas a sua volta enquanto ela observava uma fileira de luzes brilhantes que titilavam e ricocheteavam à distância. O espectro fantasmal se dirigia para o extremo oeste do cais até ir desaparecendo pouco a pouco, como desvanecendo-se no enorme buraco negro.

Ao ver isso, pensou na história de Caine sobre o pai rondando os escarpados. Embora seu coração desejasse acreditar que os seres queridos falecidos podiam permanecer de algum modo no reino dos vivos, estava certa de que o que tinha visto não eram os olhos demoníacos e brilhantes de cães de caça que seguiam a seu amo imaterial, mas sim os faróis de um grupo de pescadores.

Ela tinha ouvido alguém dizer por acaso que a frota de pesca de salmão frequentemente saía depois de meia-noite, quando a maré estava baixa. Também havia visto largas escadas de corda que conduziam às enseadas isoladas onde havia corais que dançavam agitados pela maré. Não havia fantasmas, salvo os que existiam em sua imaginação.

Depois do incidente na sala do café da manhã, Bliss tinha ficado no quarto com a desculpa de uma enxaqueca, quando Court tinha ido

procurá-la à hora de jantar. Sabia que ele se inteirou do ocorrido. Indubitavelmente, ele também sabia o papel que ela tinha feito; entretanto, não fez nenhum comentário, embora com o olhar dera a entender que podia falar com ele quando assim o quisesse.

Mas o que podia lhe dizer? Que ele tinha razão? Que deveria ter se mantido afastada de Caine? Mas como ela poderia saber que o misterioso e pensativo conde de Hartland se converteria muito mais em um risco para o coração que para o corpo?

Devia partir. Tinha decidido há algumas horas. Quanto mais tempo passava com Caine, mais atraída se sentiria. Uma ou outra vez tinha pensado nele como um desafio, mas agora representava muito mais que isso. Ele era como uma viagem por um caminho sinuoso que ameaçava acabar com sua vida.

A mais pura verdade é que estava assustada. Algo estava acontecendo, algo que jamais tinha experimentado: como se tivesse o sentido eclipsado, uma sensação de descontrole, como se a mesma essência de sua vida estivesse trocando, e pouco a pouco a pessoa que sempre tinha sido e estivesse sendo substituída por outra. O que temia e a aterrorizava era o fato de que estava começando a preocupar-se com Caine.

Debaixo dessa aparência desumana havia um homem, que como ela, sentia paixão pela vida, que jamais se rendia, que tomava o que queria, dizia o que sentia e que possuía uma profunda emoção que ela jamais tinha descoberto em ninguém.

E pertencia a outra mulher.

Bliss encostou a testa contra o frio vidro da janela. Perguntava-se em que momento Caine tinha entrado em sua pele para ficar ali e quanto tempo passaria até que se dissipasse essa dor que ela sentia no coração.

Tinha pensado em partir sigilosamente à primeira hora, antes que as pessoas da casa acordassem, antes de ter Caine parado à sua frente e sua determinação evaporasse.

Deus, em que momento se tornou tão covarde? Por mais que ela quisesse tomar o caminho mais fácil, se sucumbisse ante um só temor, sucumbiria ante muitos outros.

Tinha que dizer a Caine que partiria. Devia isso a ele.

Sabia bem onde se encontrava; o tinha visto entrar nos estábulos mais cedo. Podia imaginá-lo ali sozinho, rodeado da única coisa que significava algo para ele. A compaixão que Caine não podia conceder a outro ser humano, a concedia a seu cavalo. E agora tinha perdido sua última tábua de salvação.

Enquanto saía do quarto sem fazer ruído e se dirigia silenciosamente pelo vestíbulo em penumbras para a parte dianteira da casa, Bliss não estava segura de que curso de ação que planejava seguir era o correto. Mas temia que enquanto Caine estivesse envolvido, jamais saberia.

Estava bêbado.

Bêbabo e tonto. Mas não o suficiente, pensou Caine. Nem sequer o suficiente.

Deus, o que tinha acontecido com sua vida? Quanto tempo fazia que tudo estava mal? Em que momento tinha dado o primeiro passo para mau caminho? Possivelmente tinha nascido assim, sua chegada ao mundo tinha sido como uma sentença de morte para qualquer um que se preocupava com ele. Primeiro a mãe. Depois o pai.

Todo este tempo tinha vivido sob uma falsa ilusão de auto-indulgência. Mas a hipocrisia era muito mais fácil de confrontar que a verdade. Entretanto, a mentira o tinha conduzido a um engano atrás do outro, até que as transgressões tinham alcançado dimensões tão desmedidas que ele tinha sido incapaz de encontrar o caminho de volta. E tudo por possuir a única característica que não podia suportar em ninguém: a debilidade.

Ele dava uma falsa impressão, como se sua vida fosse perfeita; com a raiva dirigida ao exterior porque era muito fraco para aceitar culpar-se a si mesmo.

Ele tinha decepcionado a todo mundo.

Agora, a Bliss.

A doce e fatal Bliss. Fatal tê-la ao seu lado. Fatal vê-la, acariciá-la, desejá-la.

Fatal preocupar-se com ela.

Céus. Por um instante ele se permitiu esquecer-se de quem era

ela, permitindo penetrar por baixo de suas defesas e fazê-lo pensar que possivelmente...

Afugentou o pensamento, cancelou qualquer tipo de emoção salvo o rancor que o permitia continuar. Tinham tirado dele tudo o que tinha. Tinha perdido tudo o que desejava. Devia ter deixado que St. Giles a levasse para a cama e adeus!

Fechou os olhos fortemente e apertou-os com os dedos para tratar de bloquear as imagens de St. Giles fazendo com Bliss o que ele tinha feito essa tarde

Sentindo sua pele suave, afogando-se em seu ardor, escutando esses gemidos quando estava chegando ao orgasmo, sentindo-a. Tomando absoluta posse dela. Encontrando paz.

Caine inspirou longa e profundamente até quase se afogar, enquanto a areia movediça de sua própria estupidez sugou quase sua cabeça. Maldita Bliss! Por todos os demônios! Tinha aberto uma greta, uma fenda no já precário equilíbrio de sua vida, e agora ele não sabia como devolver tudo a seu lugar.

Céus, por que o atormentava tanto?

- Sua vida é um maldito desastre, velho - riu de si mesmo, com a língua pastosa; as palavras se misturavam enquanto se balançava como imensas ondas de *Nivelo* e a garrafa de *Armagnac* até a metade. Olhou por cima da porta do compartimento onde estava Khan O cavalo o olhou de maneira cínica, como dizendo: - "safado está de novo com taça".

De repente, Caine achou divertida aquela situação patética.

- Pelo fantasma da mansão! - Elevou a garrafa, - Saúde!

Virou a forte bebida na boca e esvaziou o restante. Então, com um grunhido, virou-se e a jogou nas portas do estábulo; os vidros se esmigalharam e provocaram um delicioso estalo contra o piso. Um grito de sobressalto o fez olhar bruscamente, e ali na porta, estava parada a causa de sua tortura.

Bliss. Encantadora, prudente. Exuberante. Amaldiçoando o último pingo de decência que restava na alma.

Ela o olhava com os olhos muito abertos, como se achasse que estava louco. Muito tarde; ele já tinha atravessado o caminho para a loucura fazia muito tempo.

De fato, fazia dois anos. Dois anos a cozinhar em fogo lento, de pensar na forma de vingança contra Exmoor. Dois anos a esperar aquele momento.

Aquela noite, ele já não se negaria. Bliss ficou cravada no chão, com o olhar penetrante de Caine que a mantinha cativa, com o corpo trêmulo sob a rajada de fúria e desejo.

Ele tinha a camisa desalinhada e fora das calças, com as pontas sobre os quadris estreitos, e o brilho do suor no peito nu. E entretanto, a invadia outro tipo de calor, que emanava seu próprio corpo, provocado pela força de vê-lo ali, alto, desafiante, examinando-a descaradamente, desafiando-a que saísse correndo.

Detestando-a, embora a desejava.

- Que estranho, não é mesmo? Como terminamos sempre nos encontrando aqui. - Aquela voz profunda punha os nervos a flor da pele e arrepiava o pêlo da nuca. - Pergunto-me se terá algum significado especial. O que você acha?

- Acho que está bêbado. - Ele brilhava temerário, selvagem.

Esse aspecto o tornava perigosamente atraente, com aquela estranha beleza desumana que possuía, como de um glorioso pagão, preparado para violar e saquear.

Sorriu e a curva sensual e sedutora de sua boca era um gesto de auto- desprezo, mesmo civilizado.

- Sempre soube que é uma moça inteligente. Quer saber o que estou pensando? - passou uma mão pela parte dianteira de suas calças grosseiramente, atraindo a vista dela para o membro rígido que pressionava contra os botões. - Vejo que imagina. Boa garota. - Começou a aproximar-se dela das sombras, qual lobo saindo da toca.

O instinto de sobrevivência a fez retroceder até ficar de costas contra um poste, imóvel enquanto Caine se aproximava. A luz da lua se infiltrou pela porta aberta, formando em seu rosto uma figura sinistra. A linha ameaçadora da boca expressava que nada (salvo uma intervenção divina), a salvaria de sua ira.

- Não permitirei que me faça mal - disse com voz trêmula, enquanto levantava a mão para o advertir, como se um grão de areia pudesse resistir a um mar encapelado.

- Não é dor o que pretendo infligir, meu amor. Pelo contrário.

Finalmente conhecerá o verdadeiro significado de seu nome: Bliss.

Bliss estremeceu e começou a rodear o poste enquanto ele continuava avançando.

- Compreendo como se sente. Mas eu não tenho nada que ver com o que aconteceu. Não tinha que entregar Khan.

Ele endureceu a mandíbula.

- E eu disse o que aconteceria se você voltasse a se aproximar com oferecimentos de falsa bondade. - deteve-se deliberadamente, e para pôr ênfase :- Lembra o que falei, não é?

Bliss se lembrava e seu tremor aumentou ao evocar mentalmente suas vulgares palavras: *"Vou foder você, sua alteza... darei toda a gratidão que seu corpinho apertado seja capaz de receber."*

Seu coração pulsava com força até que seus ouvidos se encheram com esse som, um leve enjôo ameaçava fazê-la desmaiar, como se tratasse de engoli-la.

- Não vim aqui oferecer bondade. Vim me despedir.

Aquelas palavras o detiveram.

- Se despedir? - Algo se acendeu em seus olhos, algo quase parecido ao desespero. Logo desapareceu - Bem, suponho que será melhor que me apresse .

Tirou a camisa pelos ombros, com os músculos que se ondulavam e flexionavam com o movimento, jogou-a no chão rapidamente, tinha a pele tensa e lisa mas incrivelmente forte... incrivelmente provonte.

E imensamente perigosa para os sentidos dela.

- Caine, ouça. Por favor. Queria dizer a você algo mais que simplesmente adeus.

- Que consideração de sua parte! - riu ele arrastando as palavras, enquanto a rodeava lentamente, como um predador voraz que sabia de sua presa fraca e indefesa.

- Não quero ver você entregar o Khan.

- Isso é indiscutível, milady. - Disse-lhe com tom levemente cruel. - Trato é trato. Passemos a outro assunto, assuntos mais prementes, se lhe parecer.

- Tinha razão - disse ela, com a respiração superficial, mantendo-se fora de seu alcance. - Devo honorários de serviço. Quero pagar.

Um músculo moveu na mandíbula e seus olhos brilharam com um fogo renovado que ela não havia tornado a ver desde aquele dia em que a tinha abordado nos estábulos.

- Agora quer me pagar, não é? E por quais serviços seria? Pelo meu ou os de meu cavalo?

- Você sabe qual.

- Não estou certo. Mas não tem importância. Não quero seu maldito dinheiro. - Seus olhos lançavam fumaça como em um incêndio. - Não estou aqui para satisfazer seu sentimento compassivo.

- Não sou eu a que está sendo compassiva. Você sim! - A ira que lhe provocava sua estúpida negativa em reconhecer seu orgulho e arrogância lhe dava vontade de gritar. - Seu pai se foi Caine, e nada mudará isso, não importa o quanto tenha desejado fazer as coisas de forma diferente.

Ele apertou a mandíbula, o que indicava que tinha ido muito longe, mas não importava. Alguém devia dizer isso a ele.

- Se renda - suplicou, desesperada para que ele a escutasse. - Esta casa, estas terras, não são tudo o que há. Tem muito a dar. Não é apenas o amante de Olivia, ou de qualquer outra mulher. Pensa que falhou mas não é assim

Bliss não percebeu que estava chorando até que uma lágrima salgada caiu em seus lábios. - Por favor. Toma meu dinheiro, diga a Oliva que cometeu um engano e recupera o Khan. Não é muito tarde.

Ele ficou olhando-a, com os olhos duros e implacáveis

- É muito tarde. Para todos.

Bem no fundo, Bliss sabia que ele tinha razão No momento em que ela tinha posto os olhos nele sua sorte tinha mudado, sua vida se precipitava impetuosamente por um atalho de destruição.

- Não - sussurrou, meneando a cabeça enquanto ele se aproximava, deixando como alternativa só o instinto de fugir para o mais longe possível da ameaça que ele representava.

Com um soluço, levantou as saias e fugiu em meio da escuridão.

Capítulo XIV

Um prazer tão delicioso quase equivalente à dor.

Leigh Hunt

- Bliss! - a voz de Caine soava angustiada, e rasgou sua alma. Continuou correndo de todas formas, tropeçando, procurando às cegas algum refúgio em meio à escuridão que a rodeava.

Escutava os passos dele retumbando em suas costas. Ela sabia que jamais poderia correr mais rápido que ele, mas continuou, caindo de joelhos, raspando as palmas das mãos, obrigando-se a ficar de pé enquanto escutava o bramido distante das ondas batendo contra as rochas, cada vez mais perto.

Então o ar foi forçado a sair de seus pulmões quando um braço de aço a pegou pela cintura e a levantou do chão, chutou por todos os lados, golpeou com os braços o peito quente, sólido, como um muro implacável contra suas costas, até que ele a girou bruscamente para pô-la de frente. Luzia feroz, poderoso e catastrófico; preparou a boca para silenciar qualquer protesto.

Que Deus a perdoasse, mas ela o desejava. O ofegar mútuo se confundiu com o som da crescente fúria do mar quando ele a apertou contra uma pedra plana, ainda quente pelo sol do dia.

- Por Deus — disse ele com um grunhido, jogou-lhe a cabeça para trás e a seduziu com beijos no pescoço - Não me resista, Bliss.

Por favor... Preciso de você!

Bliss sacudiu a cabeça, enquanto lutava uma batalha já perdida no instante em que a tinha tocado. Não podia entregar-se, render-se como muitas mulheres tinham feito antes que dela; mulheres que ele havia possuído.

Como fazia Olivia noite após noite.

Um som doloroso cresceu em sua garganta.

- Não! - Empurrou o peito, sólido como uma rocha, irremovível e quente, duro e masculino. Ela desejava cada centímetro dele, desejava absorver o membro ardente por completo, de baixar e acariciar a protuberância que se mexia intimamente contra ela. - Não serei uma de suas mulheres, maldição! Basta. Por favor, basta!

Ele a agarrou pelos ombros, sacudiu-a levemente, mesclando seu fôlego com o dela enquanto a olhava fixo, com os olhos tempestuosos ardentes de desejo e rancor.

- Você é a única mulher a quem desejo - disse-lhe com um grunhido. - Maldita seja por me fazer isto. Por fazer que precise de você tanto assim..

- Vou partir. Disse isso a você.

- Não. - recusou a escutá-la.

Caiu sobre ela machucando-a no pescoço, com uma mão desabotoava os botões do corpete enquanto a outra se movia com desesperada urgência debaixo do vestido, o contato da palma da mão quente com a pele era erótico e enloquecedor.

Ela se virou e abriu mais as pernas para acomodar o tamanho maciço dele, aquela voluptuosa presença que a imobilizava, calor contra calor.

- Não me deixe, Bliss. Não me deixe - repetia enquanto acendia seu corpo com o fogo da paixão.

Os lábios dela soltaram um suspiro de prazer quando ele abarcou com os lábios o mamilo e atraiu as pontas eretas, sugando, lambendo, torturando as pontas sensíveis enquanto arrancava as calcinhas com a mão que tinha entre as pernas, deixando-a nua, vulnerável e em chamas ao deslizar o dedo longo e caloso entre as dobras molhadas até encontrar o ponto amadurecido de seu sexo.

Gemidos entrecortados brotavam da garganta dela, um som similar aos gemidos roucos que emitia Caine enquanto movia os lábios febrilmente entre os seios, mordiscando, acariciando até que os mamilos se tornaram dois exuberantes pontos de prazer, que se dilatavam, que lhe rogavam que os acariciassem, enquanto ele massageava essa protuberância sensível que tinha entre os lábios vaginais, com os dedos empapados nas quentes umidades.

Ela agarrou seus cabelos quando a levantou pelos quadris para levar a boca e o fez da maneira mais carnal que um homem podia tomar a uma mulher, sugando a diminuta protuberância enquanto acariciava os mamilos, com essa língua que trabalhava tão magicamente como ela jamais tinha imaginado, que brincava grosseiramente, explorando seu tamanho inteiro, deslizando-se em seu interior como uma chama ardente, entrando e saindo, levando-a ao precipício e mantendo-a ali, torturando-a com sua perita sedução até implorou a ele que a penetrasse. Queria-o dentro, para que a possuísse, para pertencer-lhe, embora fosse por essa noite apenas.

- Bliss... - gemeu ele enquanto deslizava por seu corpo com o membro ereto pressionando profundamente contra esse doce lugar que palpitava por ele.

Ela capturou seu olhar e o sustentou enquanto seus dedos trêmulos desceram pelo peito até os botões da calça. Queria senti-lo, segurar todo esse poder quente e rígido entre suas mãos, acariciá-lo como ele a tinha acariciado.

- Bliss - Tentou dizer de novo, com a voz desafinada, dolorida. - Não aguento mais.

Tal confissão vinda de um homem como ele a fez sentir-se poderosa, como se ao menos naquele momento ela o possuísse como a um escravo. Ele lhe pertencia.

O último botão se desabotoou. Então aquela parte inteira e sedosa ficou entre suas mãos, queimando-lhe enquanto o explorava: a cabeça grande e vermelha, a veia pulsando, até os testículos que cobriu com as mãos. O som discordante da inspiração demonstrou que estava dando prazer e lhe deu mais segurança enquanto o massageava.

Ele se movia num vai-e-vem em contato com os dedos exploradores, com os olhos fortemente fechados. Um grunhido profundo e sensual escapou dos seus lábios; o som rompeu nela como

uma maré erótica e a ficou mais audaciosa. Brincava com o dedo na ponta acetinada, tocando a pele úmida ao redor da glândula,

Então ele abriu os olhos de repente, e a paixão e o ardor desse olhar arrancaram a respiração dos pulmões.

- Lute comigo comigo - disse-lhe com voz rouca; as palavras soavam como uma ardente súplica de salvação. - Não me deixe fazer isso com você.

Bliss se arqueou contra o corpo dele, apertou a ereção masculina contra seu vale úmido e deslizou suavemente, muito suavemente ao longo de seu membro, como um convite tentador e desavergonhado.

- Desejo você.

- Por que?

Porque ela sabia em seu interior que isso era o correto. Nenhum homem a tinha feito sentir-se tão mulher. Nenhum homem a tinha feito sentir o poder de cada instinto que havia em seu interior. Nenhum outro homem merecia sua virgindade

- Porque essa é minha escolha... E eu o escolho. Não espero declarações de amor nem votos de fidelidade. A única coisa que peço é que quando estiver comigo seja meu e só meu. Não quero você pensando em nenhuma outra mulher, Caine. Só em mim.

- Não há outra mulher. Não existe ninguém além de você. - Segurou sua cabeça entre ambas as mãos, com o peito como um maciço bloco de calor em cima dela quando baixou a cabeça e a roçou com os lábios até dar-lhe um beijo dilacerador. - Me ajude... por favor.

- Ajudo - prometeu ela num sussurro.

Ele fechou os olhos, com angústia, dividido entre os demônios do desejo e a negação.

- Quer é a mim? Ou isto? - Disse aumentando a fricção contra o corpo dela.

- É a você que quero. - Respondeu ela, enroscando os dedos entre os cabelos - Desejo você dentro de mim. Para que você seja o primeiro - Ele gemeu e deixou cair a cabeça; os cabelos suaves como plumas roçavam sua pele. Segurou seu rosto entre as mãos obrigando-o a olhar pra ela. - Não sei o que você fez comigo, acabou com todas as

minhas crenças, e entretanto não posso deixar de pensar em você, de morrer de desejo por você.

- Deus... - Ele apoiou a testa na sua, ainda se esfregava contra ela, media com a ponta do pênis o clitóris tenso com cada meneio, apertava-lhe os quadris com fúria, acendia um ardente tumulto de desejo, com a respiração violenta junto a seu ouvido - Estive pensando nisto... em estar dentro de você, em como me sentiria. Céus, quero odiar você. Por que não posso odiá-la?

- O que foi que eu fiz? - a pergunta soou como um lamento, como uma necessidade de compreender o que o angustiava.- Me diga, Caine. É por causa de Olivia?

Ele agitou a cabeça bruscamente, um brilho selvagem se refletiu em seus olhos.

- Não mencione esse nome. Não agora. Somos você e eu. Não importa o que aconteça, recorda que eu tentei afastá-la. Céus, tentei, mas não posso. - Ele gemeu com os ombros trêmulos - Não posso.

- Então não o faça - ela inspirou, atraiu a cabeça dele para si, e o beijou da forma como tinha querido beijá-lo toda a noite, todo o dia. Sempre, diria.

A união de suas bocas era sensual úmida; ele afundava a língua enquanto se esfregava mais forte contra o corpo dela, mais rápido, acariciando apenas as pontas sensíveis dos mamilos, com um sussurro erótico que descrevia sensações somente de prazer, atraindo-a para um labirinto escuro e quente de urgência sexual onde ele era sua única salvação

Passou um braço pelas suas costas para erguê-la e beijar seu mamilo; aquele simples contato a deixou à beira do êxtase com o corpo convulsionado, rompendo-se em milhões de pedaços, como se a tivessem empurrado de um buraco rochoso.

- Se... - Ele lambia o clitóris tenso, sem dar trégua ao tumulto que tinha gerado em seu interior, introduzindo em seu corpo o dedo mais longo, com uma expressão dolorosa no rosto, tratando de controlar-se quando ela se elevava e empurrava a mão, até que a comporta que refreava seu controle explodiu.

Agarrou as suas mãos com uma só e as levou acima da cabeça.

- Você é minha - disse com um grunhido - Enquanto as

palpitações continuavam correndo pelas veias em ondas de prazer ardente, Caine a penetrou de uma só investida rápida e dilaceradora; a penetração foi profunda, dolorosa e prazenteira, quente como o fogo.

Bliss soltou um grito, afundando as unhas nas costas quando o empurrava mais. Era tão grande, muito grande.

- Caine...

- Ssh... Farei que se sinta melhor, prometo-lhe isso. - empurrou lentamente a princípio, entrando e saindo, empurrando cada vez um pouco mais, uma doce pressão que terminava na união de ambos quando ele a enchia, profundo e apertado levantando-a em cada investida poderosa.

Bliss beijou a curva do pescoço, provou o sal de sua pele, saboreou sua essência e o almíscar e embriagador aroma de sexo. De maneira instintiva, ela elevou as pernas ao redor de seus quadris e elevou a pélvis, aumentando o prazer que vibrava entre os corpos ardentes.

Oh, Deus, ele era dele, tudo inteiro dentro dela, quente, duro e profundo. E ela se sentia insaciável. Em chamas.

Ele tinha despertado algo nela, algo que necessitava com desespero.

Algo que ela temia que nenhum homem jamais voltaria despertar.

E todo o tempo ele a olhava nos olhos enquanto o faziam amor. Não a deixava tirar o olhar nem negar a ele ser testemunha nem de um milésimo do que ela estava sentindo: essa paixão desenfreada e uma emoção tão intensa que inundava cada um dos sentidos.

Ele se inclinou para frente e umedeceu seu mamilo, soprando na ponta franzida e dolorida enquanto sussurrava:

- Me dê o que você não deu a nenhum outro homem.

Ela o fez, uma vez mais, o prazer e a pressão atravessou o centro de seu ser. Endureceu os músculos, apertando o membro grande e rígido, atraindo-o para seu interior mais e mais profundo ainda. Ele a segurou forte pelos quadris enquanto dava investidas emitindo um som gutural que rasgava a garganta até que finalmente encontrou seu próprio alívio.

Bliss deslizou para o chão em uma nuvem de saciedade.

A brisa fresca da noite percorreu seu corpo quando estava alí, lânguida, repleta, olhando o céu tingido de um azul quase negro.

Uma maravilhosa sensação de felicidade se mesclava com uma agridoce desesperança. O que acabava de acontecer entre eles tinha sido explosivo, incrível; entretanto, nada tinha mudado. Ela não podia estar com ele nessas condições, com o fantasma de outra mulher rondando entre eles.

Ela queria mais. Um compromisso que sabia que ele jamais seria capaz de cumprir; e ao perceber que desejava de Caine algo estável e genuíno estremeceu até a medula. Jamais teria imaginado que algum homem fosse significar tanto pra ela.

Sentou-se, fazendo uma careta pela dor que sentia entre as coxas. Caine estava de costas sobre a pedra com o olhar perdido em algum lugar distante, novamente mais perdido no bramido do mar, como um atormentado Ulisses em busca de seu lugar no mundo.

Era tão bonito que doía olhá-lo, com o corpo delineado pela luz da lua com o semblante taciturno tranquilo, despojado de sua habitual severidade. Mostrava-se derrotado e tão impenetrável que parecia ser uma extensão da pedra que tinha à suas costas.

— Caine...

— Não fale...

— O que aconteceu...

— Foi um engano — falou rispidamente. — Disse a você que eu não era uma boa pessoa. Pedi que me resistisse. Agora não jogue a culpa sobre mim, por se arrepender do que aconteceu.

— Não me arrependi. Nem por um instante.

Deveria. Talvez viesse a se arrepender, mas não nesse momento.

Agora compreendia o significado de ser uma mulher, como era sentir-se livre. Esteve perdendo o elemento mais essencial: o poder de seu próprio corpo. Nem todos os livros do mundo poderiam ter lhe ensinado o que Caine tinha dado a ela essa noite.

Desceu da pedra e parou na frente dele, e quando conseguiu estar em sua linha de visão, ele desviou a vista para o outro lado.

Ela colocou a mão em seu braço.

— Me olhe, por favor.

Com relutância ele o fez, mas Bliss não conseguiu ver seus olhos, apenas a mandíbula apertada, a tensão no pescoço, a vontade contida de um homem à beira da histeria.

— Não usei nenhuma proteção — disse em meio ao silêncio.

— Sei.

— Será que não percebe? Posso estar levando um filho seu no meu útero. — Ele soltou uma gargalhada cruel e passou a mão pelos cabelos. — Céus, o que foi que você fez comigo? Nunca me descuidei. Você me confunde.

— Nos desejamos na mesma proporção. Também sou culpada. Mas era minha primeira vez; certamente não acontecerá nada. Não acredito...

— Sim, claro. — interrompe-a cruelmente. — Se você acha... Você é como veneno. Está me matando. — Sua voz parecia uma condenação. — Céus, você me está matando.

Por um longo momento, ele a olhou fixamente como se fosse uma estranha e ele tivesse perdido o caminho. Olhou como um viajante desorientado que tivesse parado em um lugar onde não tinha intenção de chegar. Ela desejava estender sua mão e suavizar a tensa linha de sua mandíbula, relaxar a boca apertada, mas o instante se esvaiu como fumaça.

— Maldição! É tão estudada e tão ingênua. — Falou áspero. — Vá! Foge para o mais longe que puder e me deixe em paz, por mil demônios.

Afastou-se da pedra e passou roçando em seu corpo, rumo aos escarpados... quase como se fosse saltar.

— Caine! — Correu atrás dele, agarrou-o pelo braço e ficou em sua frente.

Ele tinha o olhar fixos no mar; a água açoitava com fúria repentina devido a uma rajada de vento, a tempestade formava redemoinhos ao redor deles, deixando-os no centro.

— Como acha que é? — disse ele, com a voz que se confundia com o vento que se levantava. - Buscar sua própria morte, sem caminho

de de volta. Sem possibilidade de arrependimento. Vendo imagens do fracasso abismal que foi sua vida. — Um estremecimento percorreu todo o seu corpo. — Acha que alguém se sente livre?

— Não. — Ela agitou a cabeça, com o vento que batia os cabelos sobre seu rosto. — Isso não é liberdade.

— Não se pergunta a respeito da morte? Como seria tomar o destino com suas próprias mãos e simplesmente soltá-lo?

— Não, porque quero estar aqui amanhã sem importar o que aconteceu.

— E se não tiver esperança alguma e o amanhã não tiver importância?

— Sempre existe algo. Só precisa conseguir.

— Você tem todas as respostas não é verdade?

— Nem todas — respondeu ela de maneira impotente — e nenhuma em que esteja envolvido.

Finalmente ele a olhou, estudando o seu rosto.

— Por que se entregou para mim? — perguntou-lhe com uma intensidade nos olhos que ela não conseguia interpretar.

Poderia mentir economizando o dano que poderia causar a si mesma a sua honestidade, Mas algo lhe dizia que ele precisava saber a verdade e que isso poderia fazer diferença;

— Quando cheguei você me disse que eu estava negando a atração que havia entre nós e estava certo. Não queria passar o resto da minha vida me perguntando como teria sido estar com você.

A luz refletida nos olhos dele, mostrou que tinha interpretado mal suas palavras.

— Então? Satisfiz sua curiosidade? Acariciei você nos lugares certos

— Por favor — pediu num sussurro. — Não estrague o que houve entre nós...

Ele se separou dela abruptamente.

— Retorna para casa.

— Não sem você.

— Não saltarei. Pelo amor de Deus. — Deixou claro no rosto

severo. — Agora vá.

Bliss não queria deixá-lo. Ele parecia nesse momento que estava mais animado que ela. Ela tinha se mantido flutuando na vida, guardada por suas crenças, protegida da dura realidade da vida simplesmente porque era a filha de um duque... e uma mulher.

Tinha desprezado sempre o papel que estava destinada a desempenhar. Não sabia o que era estar do outro lado e como poderia se sentir um homem privado de tudo o que tivera uma vez.

Abriu a boca com intenção de dizer algo, mas viu que seria em vão, ele não a escutaria. Será que mudaria alguma coisa?

Ela não podia ficar. Não podia arriscar-se e se arriscar a receber a dor que facilmente lhe infligia. Vá — Havia dito "Ou se não..." Froram suas palavras silenciosas. Se não a destruiria sem piedade.

As lágrimas caíram livremente quando ela esticou-se para beijar o seu rosto.

— Adeus. — Sussurrou e fugiu no meio da da noite.

Caine quis alcançá-la. Um pânico mudo apertou sua garganta e impediu as palavras saírem e chamá-la, para pedir que ficasse em seus braços uma hora mais, sem nada mais que seus corpos unidos na primitiva comunhão.

Baixou o braço e amaldiçoou-se por ter cruzado sua vida e ter posto em ridículo tudo o que ele tinha acreditado firmemente, por provocar o desejo de coisas que ele tinha jurado jamais sentir.

Ele tinha se julgado imune havia construído um muro de pedra dia após dia e que julgava ser impenetrável. Mas somente o fato de escutar seu nome sussurrado nos lábios de Bliss e aquela simples rendição tinham tinham sido sua perdição.

Gemeu profundamente, com o som cortado pelo vento enquanto uma tormenta se formava na paisagem.

O horizonte longínquo desapareceu quando nuvens negras se formaram sobre a mansão, com os trovões que retumbavam e os relâmpagos bifurcando-se sobre o mar. Mas o redemoinho que se aproximava nem se comparava à agitação que havia em seu interior.

Ele tentou armar-se de fúria evocando imagens do rosto sorridente do pai e do caixão fechado. De repente, a cicatriz do rosto

pareceu queimar. Ele estava marcado e todo mundo estava a par de sua desgraça. Não podia olhar-se no espelho sem sentir aquela lembrança permanente, a dor, a raiva. A culpa.

Mas já tinha tido sua revanche. Tinha acalmado sua luxúria com a filha do inimigo. A possuía exatamente como tinha imaginado, a teve debaixo dele retorcendo-se, gemendo seu nome, recebendo-o dentro de sua cavidade apertada e quente, arranhando seus ombros com as unhas quando ele a penetrava.

Tinha vencido.

Então por que diabos não sentia satisfação alguma?

E por que desejava a única coisa que ela não lhe dera?

Seu coração.

Bliss entrou na casa silenciosa, com a mente cheia de dúvidas por ter abandonado Caine com aquele estado de ânimo tão volátil. Se avontecesse algo a ele...

— Milady?!

Bliss se sobressaltou e o coração subiu à garganta ao voltar-se e encontrar Olivia emergindo da penumbra.

— Como você está

— Bem, obrigado - mentiu Bliss.

— É tarde para andar perambulando pelos páramos. Pode lhe fazer mal, ou pior ainda, sofrer uma queda mortal.

Caine a tinha salvado dessa sorte, e o que se tinha seguido a isso tinha mudado sua vida.

— Não podia dormir.

— Entendo. Eu também estou com dificuldades para dormir. Ao que parece meu amante não se encontra em casa. Talvez você o tenha visto.

Seu amante. Aquelas palavras soaram como uma provocação intencionada. O que Olivia sabia? Havia um brilho nos olhos da mulher, algo que fez Bliss pensar que estava jogando com ela.

— Lady Bliss? - insistiu ao ver que Bliss não emitia resposta.

— Temo não saber onde se encontra seu... o conde. Agora, se me desculpar, estou bastante esgotada.

— Sim. Imagino que esteja.

Algo no tom da voz deteve Bliss.

— Perdão?!

A mulher caminhou como deslizando-se pelo chão até parar frente a ela, percorreu Bliss lentamente com o olhar, com um alto grau de malícia.

— Fazer amor com Caine pode se transformar num exercício de resistência — disse com um sorriso estranho que provocou um calafrio em Bliss e foi até os ossos. — Ele é capaz de dar prazer a uma mulher durante horas. Francamente, surpreende-me em vê-la de volta tão depressa. Pensei que ia fazer amor com você até o amanhecer, já que sua obsessão por possuí-la era tão forte... Suponho que sua vontade não era tão grande como pensei.

Palavras de negação brotaram automaticamente dos lábios de Bliss, embora o temor fizesse seu estômago se embrulhar.

— Não sei de que está...

— Seus olhos a denunciavam, querida. Não é tão mundana nem tão sofisticada como nos tem feito acreditar, não é mesmo? Devo confessar que me surpreendeu que Caine estivesse disposto a deixar de lado sua repugnância inicial para cumprir com o trato. Entretanto, tinha uma motivação substancial (e eu sei com certeza quão devoto pode chegar a ser por uma causa quando se propõe a isso). Muito delicioso.

Em algum lugar da casa um relógio soava marcando cada insuportável segundo.

— Quase a invejo — continuou Olivia com tranquilidade. — Quando está zangado, Caine é um espécime de primeira classe, absolutamente soberbo. Só espero que não tenha usado em você toda essa encantadora frustração enjaulada. Estou louca, faminta para receber sua marca sexual neste instante. É por isso que permito a ele tanta liberdade.

— Você sabia...? - articulou Bliss, lutando desesperadamente para que sua voz soasse normal.

— É óbvio. Sei de tudo o que Caine faz. Até estive olhando-os um momento. Ele é como uma besta no cio, não é mesmo?, verdade?

O rosto de Bliss começou a arder e o corpo a esfriar-se.

— Você nos viu?

— Suspeito que a metade da casa os tenha visto. Como já deve ter notado, somos um grupo bastante pervertido. — Passou um dedo pelo pescoço de Bliss, e riu baixo quando ela se afastou de um salto. — Minhas amigas que pensavam que eu exagerava as extraordinárias habilidades de Caine, simplesmente tiveram que averiguar por sua própria conta. A meu entender, nenhuma delas o achou insignificante. Eu não teria tolerado seu mau humor tanto tempo, se não fosse pelo tamanho de seu... entusiasmo, eu diria.

— Não acredito em você.

— Ah mas deveria. Eu o conheço muito mais que você. Dentro e fora da quarto, embora este último ocorra com menor frequência.

Esse desprezo ardia nos pulmões de Bliss, mas não podia expressá-lo.

— Por que ele iria querer me machucar?

— Realmente não sabe, certo?

Bliss sentia desejos de esbofetear a mulher e tirar da sua cara aquela expressão de prazer. Queria procurar Caine e exigir uma explicação. Mas não permitiria a Olivia o prazer de vê-la desmoralizar-se.

— Não, não sei — respondeu-lhe, mantendo a compostura que pendia de um fio. — Mas vejo que esta morrendo de vontade de me contar isso. Então do que se trata? Considerava-me um desafio muito grande para resistir? Ou simplesmente devia seduzir a qualquer mulher que pusesse os pés nesta casa?

— Se fosse assim tão simples... Como já deve saber, Caine é um homem complicado. Passa boa parte do seu tempo armando vingança contra os que o prejudicaram. E acho que você foi um objetivo irresistível.

Uma vez Caine havia dito que a odiava, mas Bliss jamais tinha acreditado que aquele ódio fosse resultado do incidente com os cavalos.

— O que foi que eu fiz a ele?

— Você nada. Tem a ver com seu pai. Você só foi a desafortuna

depositária da tremenda ira de Caine.

— O que meu pai fez?

— Você é surpreendentemente desinformada, não é? Embora eu já esperasse por isso. Se você soubesse o que enfrentava, talvez teria sido mais fácil desprezar Caine. Possivelmente eu deveria tê-la prevenido, mas, realmente, qual teria sido a graça?

Por um instante, Bliss não pôde mais que olhar fixamente o belo e gélido rosto da mulher.

— Você o incitou a fazer o que ele fez essa esta noite?

— Não, não, minha querida. Eu simplesmente fui espectadora de seus planos. Caine planejou esta cena absolutamente sozinho. E não é de se espantar, considerando que seu pai foi o causador da ruína de Caine.

Bliss sacudiu a cabeça.

— Não acredito em você. Meu pai jamais poderia machucar ninguém.

— Não? Então por que não pergunta a ele o que sabe a respeito de Henry Ballinger? Pergunte a respeito da dívida que o pai de Caine tinha com ele e que o levou a suicidar-se.

— Está mentindo.

— Então pergunte ao Caine, se não acredita em mim. Com certeza ele ficará contente em confirmar o que acabo de dizer. A dívida que o levou a uma morte trágica e prematura era para seu amado pai, a quem Caine odeia com uma ferocidade sem igual. E manchar a filha do homem que destruiu seu pai é uma vingança apropriada, não acha?

Nesse momento, Bliss viu tudo com clareza. A irritação de Caine, sua crueldade, a facilidade com que tinha afirmado odiá-la. Ele tinha recusado falar de seu pai abertamente, se negou a baixar a guarda. Cada beijo ardente, cada carícia exploradora tinha sido um cruel prelúdio calculado que tinha culminado com sua queda. Ele tinha jurado que seria sua perdição.

E ela se entregou ao sacrifício voluntariamente.

SEGUNDA PARTE

França

O amor é uma fonte profunda onde se pode beber muitas vezes, mas onde se pode cair uma só vez.

Ellye Howell Glover

Capítulo XV

*Partir é morrer um pouco, é morrer por aquilo que se ama.
Em todo os lugar e sempre, alguém deixa para trás uma parte de si mesmo.*

Edmond Haraucourt

Le Ville Lumière.

Paris -A Cidade-luz.

Mas essa noite, o setor da cidade onde Bliss se encontrava estava às escuras. Havia apenas uma luz acesa na rua, fora do apartamento que ela compartilhava com sua mãe na *Rué de le Chaussée d'Antin*.

Fazia quase uma semana que estava em casa, decidida a tirar Caine da cabeça, embora o objetivo se tornasse cada dia mais difícil. A raiva era a única coisa que evitava sua frustração por ter acreditado que ele precisasse dela de verdade.

Ele havia dito que ela devia desprezá-lo, afastá-lo, mas ela não

tinha tido a força para fazê-lo. Jogar a culpa nela era mais fácil que culpar a si mesmo, já que ao fazê-lo poderia significar reconhecer sentimentos mais profundos.

Demorou alguns dias para tomar coragem e escrever a seu pai, para perguntar-lhe a respeito do que tinha ocorrido entre ele e Henry Ballinger. Custava a acreditar que o pai pudesse estar envolvido na destruição da vida de outro homem, mas tinha que saber a verdade, para sua própria tranquilidade. Justo essa manhã, tinha recebido a resposta.

Minha querida filha:

Não sei o que aconteceu para que me pergunte sobre este assunto, embora suspeite que tenha ficado informada desta terrível tragédia, conforme me informa, ao viajar para Northcote.

Talvez devesse ter preparado você para essa possibilidade, mas quando chegou a hora confesso que me acovardei. Temia pelo que pudesse pensar de mim, pois eu sabia o motivo que havia por trás da morte de Henry Ballinger, embora não fosse de conhecimento público.

Espero que acredite em mim, quando digo, que teria concedido ao conde mais tempo para devolver o dinheiro que me devia. Conhecia Henry desde muito tempo e o considerava um homem honesto. Jamais teria desejado mal algum a ele.

Quanto a seu filho, estou desconcertado pelo que me falou. Caine jamais veio me ver, pois se tivesse feito, certamente teria falado com ele.

Talvez eu devesse ter me aproximado dele, mas admito não ter encontrado as palavras apropriadas para consolá-lo. Preocupei-me que pudesse pensar que eu só quisesse aliviar minha consciência. Pela primeira vez em minha vida, faltaram-me as palavras.

Ainda estou desconsolado pela perda de Henry, e me sinto um pouco responsável com respeito a seu filho. Possivelmente você poderia convencer Caine vir a Londres e tomar seu lugar na Câmara dos Lordes. Se ele fizesse isso contaria com todo meu apoio.

Sinto sua falta filha. Volta logo. E diga a sua mãe... diga e ela que espero esteja indo bem.

Seu pai que a adora.

A propósito, seu primo Court acaba de me informar que tem intenção de a mão de Lady Rebecca St. Claire em casamento. Eu aprovo o casal completamente..

Envia saudações a você.

Bliss sentiu um grande alívio enquanto dobrava a carta e a guardava em uma gaveta. Seu pai era inocente das acusações de Caine, como ela sabia que seria. Então por que Caine acreditava que seu pai tinha algo a ver com a morte do conde? Será que sua acusação só se devia à dor mesmo ou a uma necessidade de jogar a culpa em alguém, em lugar de acreditar que seu pai fora capaz de tirar a própria vida? Será que tinha acontecido algo mais? Algo que podia ter levado Caine a pensar que o pai dela tinha culpa? Mas o que?

Bliss deixou as perguntas de lado. Caine já não era de sua incumbência, jamais o tinha sido. Tinha que concentrar-se em seguir adiante, pensar nas boas notícias que seu pai tinha dado.

Court ia se casar. Ela não ficara surpresa; ele tinha ficado absolutamente apaixonado por Lady Rebecca e Bliss estava certa de que ambos seriam felizes. Só sentia pena por havê-lo preocupado ao anunciar sua decisão de abandonar Northcote um dia antes e retornar a Paris.

Ele sabia que ela estava fugindo e que essa fuga tinha a ver com Caine. Ela rezava para que nunca descobrisse até onde tinha chegado sua insensatez. Jamais se perdoaria se seus atos egoístas fizessem com que ele perdesse Lady Rebecca nem que ele interviesse imprudentemente e falasse com Caine.

Desde que tinha retornado para casa, Bliss se tinha esforçado para tirar Caine da cabeça, mantendo-se ocupada pintando retratos para seus clientes habituais. Tinha seu estúdio localizado no mezanino, um lugar iluminado e alegre, e era o único ambiente da casa que oferecia uma vista de todo o centro de *Montmartre*.

Não havia nada mais encantador que a colina quando o sol pintava o chão de vermelho ocre e temperava em tons de pimenta os sinuosos barrancos e estreitos atalhos. E o céu ao anoitecer se

transformando num azul escuro e tons avermelhados.

Mas não importava seus dias ocupados, não tinha como fugir das longas noites solitárias quando não tinha nada no que ocupar seus pensamentos e os sonhos com Caine a perseguiram.

Em algumas manhãs tinha despertado com o travesseiro úmido pelas lágrimas que não se permitia derramar durante o dia. Não por alguém que a tinha usado como ferramenta de vingança. Outras manhãs caía em um sono irregular, cheio de imagens da posse ardente de Caine, que deixara com seus lábios e mãos um selo e a fizera sua de maneira tão sensual.

Algumas vezes ela acariciava as partes que ele havia tocado, sentindo um formigamente nos seus mamilos, desejando ardentemente que os lábios quentes os devorassem, a língua ardente, a massagem erótica dos dedos quando brincava e a torturava. Ele a enfeitiçara e seu corpo estava preso em uma rede de luxúria da que ela não podia libertar-se.

— Sonhando de novo, *non?*

Aquela voz masculina tão querida e familiar a desperto de seus pensamentos. Virou-se e encontrou seu amigo modelo e confidente, o temperamental, François Gervaux, que olhava desde sua pose no sofá, com as sobrancelhas elevadas em um gesto de interrogação, com um aspecto angelical que contradizia com a fantasia diabólica que ela estava tendo naquele instante.

Tinha conhecido François há cinco anos, quando andava pela Avenue de Clichy retratando um grupo de garotos magricelas e meninos de rua desgrehados e sua ira crescera ao observar que as pessoas ricas passavam insensivelmente junto a aqueles rostos jovens e famintos sem sequer voltar o olhar.

François estava logo atrás dela e dirigiu-se a ela, assusando-a. Disse-lhe que tinha estado naquela mesma condição de pobreza noutros tempos. Abandonado aos sete anos de idade, tinha fugido do orfanato onde estavam acostumados a espancá-lo sempre.

Tinha vivido nas ruas, vendendo seu corpo, entregando-se a homens luxuriosos, que sentiam prazer em rapazes bem jovens.

Então, um respeitado artista o tinha encontrado e ficou impressionado com sua beleza. Resgatou François das ruas e o incluiu

como um de seus modelos.

Depois disso, tinha posado para a maioria dos artistas promissores, e se gabava com orgulho de ter sido retratado em tela por notáveis artistas como *Renoir, Bazille, Degas e Maitre*. O homem que o resgatara pertencia a um grupo de elite. Seu nome era *Manet*.

Ainda com o pincel na mão, Bliss se voltou para o pedaço de pano que estava sobre o cavalete no centro do ambiente.

— Não estou sonhando — respondeu enquanto secava a tinta que tinha caído no polegar. Depois de limpar o pincel, colocou-o no lugar próprio.

— Chèrie! Sei quando alguém está sonhando. Depois de tudo o que passei, sou perito nesse assunto. Me aperfeiçoei na arte de andar em estado de melancolia com aspecto pálido e trágico. Você me retratou nesse estado — fez um gesto aéreo com a mão — centenas de vezes, *oui*.

-- Eu não pareço pálida e trágica!

-- Pálida não, já que você passa muito tempo com o rosto no sol, mas *mon ange*, parece definitivamente trágica, percebo sua dor.

-- Por favor, François, não seja dramático!

-- Também me destaco nisso. Nós os franceses temos uma inclinação para o drama. Está no nosso sangue. Agora conte ao seu querido François: quem a deixou nesse estado de infelicidade

-- Não sou infeliz. -- Ela quase soava convincente, mas François era muito esperto para deixar-se enganar.

-- Pobre François, agora vão mentir pra você? - suspirou revirando os olhos -- *jolie*, pensa que não percebi que você não é a mesma desde que retornou da pagã Inglaterra?

-- A Inglaterra não é pagã -- embora alguns de seus habitantes o fossem.

Ele inspirou com desdém e a olhava com olhos de pessoa traída e que transmitiam que tinha sido mal interpretado e que estava gravemente ferido.

Alegou que sua antipatia por tudo o que fosse inglês era herdada, mas Bliss sabia que sua animosidade tinha começado quando um inglês o tinha ferido quando desprezou sua adoração. Para um

francês, ser desprezado no amor era como ser cortado em pedaços com uma faca afiada.

-- Olhe pra mim -- disse. -- Estou a ponto de explodir de curiosidade. Por que você me tortura deste modo? Você sabe como sou sensível à essas perturbações desnecessárias.

-- Vire-se para a direita e levante o braço um pouco mais -- falou Bliss, com a esperança de que ele esquecesse aquela conversa.

-- Esta é a primeira vez que requer meus servidos desde que retornou para casa. Se eu não gostasse tanto, tanto de você, me sentiria ferido sem possibilidade de recuperação por não ter me chamado no exato momento em que pôs o pé de novo em Paris.

-- Levanta o queixo por favor.

-- *Fille mechante* -- suspirou ele ao ficar mais impaciente com ela. - É tão difícil soltar informação quando está irritada...!

-- Eu não estou irritada. -- Melancólica, talvez, mas logo estaria de novo levando sua vida normal. Seus sentimentos por Caine seguiriam seu curso e isso seria tudo. Só desejava saber quanto tempo levaria, porque a sensação de vazio em seu interior ainda estava lá. Em certos dias ela se abatia. -- Agora tira o lençol, por favor.

Ele fez o que ela pediu; puxou o lençol para um lado, como um desafiante conquistador romano e deixou descoberto o que seus admiradores masculinos mais apreciavam dele. Gostava de dizer que não precisaria de força para ficar pendurado.

Geralmente, não lhe interessava a imagem daquela parte dele orgulhosamente ereta. Era simplesmente uma parte mais do corpo humano, como um braço ou uma perna, de valor unicamente estético.

Mas esse dia, a imagem dessa parte tão elementar recordava Caine: o prazer que tinha lhe dado, todas as coisas deliciosas e maravilhosas que ele tinha feito no seu corpo. E seu corpo ardeu até deixá-la incomodada.

Esforçou-se para tirar todo pensamento ligado a Caine e concentrar-se na tarefa que a ocupava, nas pinceladas suaves e fluídas sobre o tecido. Estava tão absorta que não percebeu imediatamente que a imagem que estava desenhando, não parecia Francois e sim Caine.

-- *Mon ange?*

Distraída, Bliss olhou para François.

-- Sim?

-- Será que por acaso, você se deitou com um homem?

Por um instante, Bliss o olhou e piscou em silêncio, logo um rubor repentino lhe subiu pelas bochechas. Deveria ter esperado aquela pergunta tão direta e perspicaz, pois François não tinha escrúpulos em abordar nenhum tema.

Ante seu rubor delator, François se sentou de um salto, olhando-a fixamente como se o virgem Maria acabasse de se materializar na frente dele.

-- *Dieu doux dans o ciel!* Você fez isso! Oh, despedaçou meu coração, menina descarada -- queixou-se. -- Eu ia ser o primeiro. Eu ia iniciar você na arte de fazer amor. Nenhum homem faz amor com a habilidade de um francês.

Bliss evitou seu olhar acusador e examinou a tela.

-- Não me lembro que já tenhamos tido esse tipo de conversa.

François agitou uma mão com gesto desdenhoso.

-- Detalhes insignificantes. Não compreendo uma coisa.

-- O que seria?

-- *Mon Dieu*, não aprendeu nada no país desses porcos? Estragaram-na. Jamais voltará a desejar ter um verdadeiro homem entre suas pernas. Seria demais pra você! -- Como se aquela tivesse sido a frase mais espantosa lançada do firmamento sobre um mortal, ele levantou as mãos e voltou a se afundar entre as almofadas e essa foi sua melhor imitação de alguém mal-humorado e zangado.

-- Não foi tão ruim. -- Bliss aguardou que um trovão rasgasse o céu com seu estrondo por aquela mentira tão óbvia. Jamais tinha imaginado que fazer amor com um homem pudesse ser tão maravilhoso.

François levantou o antebraço que tinha apoiados na frente para olhá-la.

-- Não foi tão ruim? A primeira vez de uma mulher deve ser a experiência mais memorável de sua vida, não uma coisa qualquer. Você me golpeou mortalmente. Acredito que jamais me recuperarei.

-- E eu acredito que se recuperará assim que o salão de baile

abrir suas portas esta noite.

Olhou-a de esguelha.

-- Esse canalha não só roubou sua virgindade, mas também a deixou como uma bruxa com língua de cobra, e ainda usurparam o afeto de seu amado François. Acho que vou matar esse intruso.

-- Está se esquecendo de algo -- disse Bliss, se esforçando para parecer indiferente e olhando para a tela que pintava.

-- *Né?* - perguntou com tom ofendido.

-- Você prefere os homens.

-- Isso... -- encolheu os ombros de maneira indiferente. - Não é o mesmo, *chérie*. Nessa hora eu teria sido capaz de deixar de lado minha repulsão natural para o sexo feminino. Você é a exceção, é obvio.

-- É obvio. -- Riu Bliss em tom suave.

-- Eu sou seu amigo, portanto, tinha certa obrigação de fazer esse favor tão importante. Mas -- disse com um suspiro desconsolado, -- o fato está *fait accompli*. Assim agora a pergunta que fica é: quem é esse homem que ganhou seu coração?

-- Não ganhou meu coração.

O olhar de François era alarmantemente direto.

-- Você, que descartou os homens como se fossem nada...

-- Eu jamais descartei alguém como se fosse nada.

-- Você, que deixou corações despedaçados por toda Paris, sem jamais oferecer a um homem algo mais que um olhar superficial, arrastando-os pelo chão...

Uma batida na porta salvou Bliss da pergunta que ia surgir em seguida. Nesse momento seria capaz de dar boas-vindas ao próprio demônio se isso conseguisse distrair François.

Ao chegar à porta, Bliss a abriu de repente, pensando que era sua mãe com uma bandeja com comida.

No entanto, parado com ar descuidado na porta, estava o demônio que ela tinha invocado: com aspecto aristocrático por onde quer que o olhasse. Vestido com uma jaqueta finíssima de cor azul marinho que moldava seus ombros robustos, um colete do brocado cor creme que realçava seu peito largo, e calças de cor cinza chumbo, que

aderia às pernas musculosas.

Aquele demônio chamado conde de Hartland.

Capítulo XVI

Em algum rincão do peito volta a queimar o último cartucho, e torna sentir um pulsar perdido de sentimento.

Matthew Arnold

Bliss não conseguia sustentar a respiração, com o olhar fixo naqueles penetrantes olhos escuros como a meia-noite que ela acabava de pintar.

— Surpresa? — murmurou Caine, com aquela voz profunda e ressonante que a fez estremecer.

Ela se livrou do traidor calafrio provocado por sua aparição inesperada e recuperou o equilíbrio. Este homem a tinha usado. Não tinha direito de aparecer de repente em sua porta como se não tivesse

feito algo rui, especialmente com um aspecto tão calmo e fascinante.

-- O que você está fazendo aqui? -- quis saber ela.

-- Vim visitá-la. -- aproximou-se dela, assaltando-a com aquele incrível calor. -- Desculpe se não avisei. Sou mesmo uma pessoa amabilíssima. -- De repente tinha a boca junto ao ouvido dela, sentiu sua respiração como uma suave pressão na garganta quando sussurrou ao seu ouvido: -- Senti sua falta.

Uma dor aguda invadiu Bliss. Esforçou-se para permanecer rígida, olhando-o ferozmente.

-- Sua arrogância não conhece limites, milord.

Ele se endireitou lentamente.

-- Absolutamente -- Curvou aqueles lábios carnudos num gesto tão conhecido. -- Posso entrar?

-- Não.

-- Vejo que ainda é perita em por limites. Ainda bem que não sou fácil de dissuadir. -- separou-se do marco da porta e avançou um pouco. Bliss elevou a mão para bloquear sua passagem de maneira impulsiva. Ele levantou uma sobrancelha naquele gesto já conhecido, com o desafio claramente escrito nas linhas de seu belo rosto. -- Vamos travar uma discussão? Preferiria evitar isso, se for possível.

-- Então parta e não haverá problemas.

Ele a tocou levemente no queixo.

-- Me lembre de levar você ao *Gentleman Joe* para um combate no ring. Minha aposta vai por você. -- Quando ele entrou no quarto, ela tentou empurrá-lo, e sua mão roçou em seu peito, deixando uma esteira ardente e denunciadora.

-- Acolhedor -- murmurou enquanto esquadrihava as pertences dela até que franziu o cenho, e rugiu. -- Quem diabos é você? -- Pelo tom agressivo ela se deu conta de que tinha encontrado François.

Nu.

-- Quem diabos é você? -- exigiu François em resposta, sem ficar nem um pouco intimidado, embora Caine o superasse em pelo menos em uns dez quilos.

Contendo uma risada inesperada, Bliss ficou aliviada ao ver que François se tampou com o lençol, embora a fina seda esculpia sua generosidade em todo seu esplendor. Para qualquer um pareceria que era um encontro sexual clandestino no final do dia. E a julgar pelo perfil tenso de Caine era exatamente a essa conclusão que ele tinha chegado.

Aqueles olhos, agora muito mais negros que azuis, pousaram nela.

— Já começou a coletar informações?

Bliss levou um segundo para entender o significado daquele comentário. Uma vez ele tinha perguntado de maneira zombeteira sobre o grau de prazer que lhe despertava e ela tinha respondido que precisaria investigar outros homens para fazer uma comparação apropriada de suas habilidades.

Elevou o queixo e respondeu:

— Sim, estou. Agora, se não for incômodo, saia daqui. Assim poderei continuar com minhas lições. Sou uma aluna muito estudiosa, você deve se lembrar. Mas há certas coisas que requerem muito tempo e devoção para as poder dominar.

O brilho de posse que de repente acendeu em seu olhos a advertiu que não era aconselhável provocá-lo.

— Passou nessa lição em particular com louvor, se a memória não me enganar.

A inflexão sensual de suas palavras evocava imagens que Bliss ainda não podia esquecer.

— Como entrou aqui?

— Uma criada gordinha, de rosto rosado, deu-me as boas-vindas com os braços abertos. Me parece que não é incomum o fato de que entretenha a homens em seu quarto.

— Este não é meu quarto. — Ele voltou os olhos para uma pequena cama que havia no quarto, e por algum motivo inexplicável, Bliss se ouviu dizer: — Às vezes trabalho até tarde.

Ele a presenteou com um sorriso irresistível.

— Que imagem atraente!

Sentiu o coração paralizado.

-- Se sua insaciável curiosidade ficou satisfeita...

-- Justamente o contrário...

-- Esse era seu sinal para partir, *monsieur* -- interrompeu François, amarrando o lençol ao redor dos quadris estreitos, ficando de pé com sua impressionante altura de quase dois metros o que o igualava a Caine - A menos que precise de ajuda para encontrar a porta.

-- E suponho que seria você a me ajudar? -- Caine olhou de maneira indiferente para seu potencial oponente.

-- *Mademoiselle* expressou o desejo de que a deixe. Se você não se mostrar muito disposto, então com toda segurança eu lhe mostrarei o caminho de saída. -- François avançou para Caine e ele fez o mesmo.

Bliss se meteu rapidamente entre ambos, dando as costas para François.

-- Acabem com isto.

Caine elevou uma sobrancelha, com um brilho de fúria em seus olhos.

-- Protegendo seu amante, carinho? Que encantador! -- Segurou em seu queixo. - Quando fica nervosa sim que é bastante apaixonada.

-- Quero que me deixe -- disse ela furiosa, detestando o fato de que uma parte dela ainda reagia daquela forma quando estava diante dele e outra parte não queria que ele se fosse.

Uma néstia de luz da rua iluminou a curva sombreada do rosto dele.

-- Tenho algo a falar com você.

-- Então diga e saia.

-- É um assunto particular. - Olhou de maneira cortante para François— por cima do ombro. -- Por que não sai seu velhaco? Se deseja tanto, mais tarde aceitarei seu oferecimento e sairemos pra rua. Mas por enquanto, saia daqui.

Bliss teve que bloquear François que estava quase em cima dela. Talvez ele preferisse homens em lugar de mulheres, mas isso não o tornava menos homem quando se tratava de sua honra.

-- Isto é um desatino! -- exclamou impaciente. -- Me permita despachar este grosseiro; assim continuaremos com o que estávamos fazendo.

-- E do que se tratava? -- perguntou Caine, agora percorrendo todo o ambiente como se tivesse direito de bisbilhotar.

-- Talvez estivéssemos fazendo amor -- respondeu François em tom provocador.

Caine o olhou por cima do ombro.

-- E talvez torça esse seu pescoço, francês.

-- Com ciúmes, inglês? -- François apoiou o braço no ombro de Bliss, tentando provocá-lo com esse gesto.

-- De você? -- perguntou Caine com uma risada sarcástica. -- Já vi o que tem para oferecer, e duvido muito que a dama tenha se impressionado.

O humor de Bliss desapareceu.

-- Seus cabeças-duras!... Fora! Os dois!

-- Mas, *chérie*... - começo François só para ficar silenciado pelo olhar dela.

-- Esperava isso de qualquer um, mas de você... Como pôde?

-- Eu só quis...

-- Já sei o que quis e acho que depois de algum tempo o perdorei. Mas não neste momento.

Ele suspirou com grande desânimo e recolheu sua roupa, e uma vez mais o velho e conhecido François disse:

-- E quanto a este? -- murmurou lançando xispas em Caine pelas costas.

Bliss olhou para onde Caine estava. Tinha os cabelos negros desordenados e com mexas douradas como pintadas pelo reflexo da luz de uma vela. Para ela, ele era um enigma; entretanto, isso parecia não afetar a fascinação que sentia por ele.

Virou-se para o François e disse:

-- Ele seguirá seus passos.

-- Está certa de que não quer que encha de socos essa cabeça dura? Nada me daria mais prazer.

-- Reservei esse prazer a mim mesma. Mas será de outra forma. -- Segurou as mãos e sorriu de modo reconfortante. -- Sei que só queria me proteger.

-- É ele, não é verdade?

O primeiro pensamento de Bliss foi negar, mas sabia que François descobriria.

-- Sim -- respondeu em voz baixa. -- É ele.

Agora que não tinha mais nenhum conflito, ele deu mostras de pouco interesse.

-- Não entendo o que você vê nele. Esses músculos tão ostentosos. É essa cara! Esses ângulos severos, toscos e taciturnos. Totalmente impróprio. Ele deve ser herança de uma longa linha de briguentos de classe média, suponho.

Como sabia que ele era o tema de conversa, Caine lançou-lhes um olhar, elevando a sobrancelha daquele modo provocante, com um sorriso claramente desafiante.

-- Bárbaro -- sibilou François com desdém. -- Ficarei a uma distância prudente, se por acaso necessitar de minha ajuda dê um grito. -- Com os objetos na mão, retirou-se deslizando com elegância, deixando com o lençol um rastro detrás de si como a túnica de imperador.

-- Fecha a porta -- Caine pediu a ela suavemente.

Bliss umedeceu os lábios e falou pausadamente:

-- Não.

Ele apoiou um ombro na parede, com os braços cruzados à altura do peito, exibindo aqueles músculos ostentosos (como se houvesse alguém capaz de ignorá-los).

Ela mesma os havia sentido fazia não muito tempo; os tinha acariciado em toda sua extensão, desfrutando de sua força, da maneira como seus corpos se amoldavam; tinha sentido esses músculos enquanto ele a penetrava. Estremeceu.

Avançou para ela até ficar em sua frente, com uma expressão indecifrável no olhar.

-- Ele fez amor com você? -- Ao ver que Bliss continuava muda, agarrou-a pelos braços e a apertou quase até quase ela sentir

dor. -- Fez?

-- Não! -- Não lhe daria a satisfação de saber que passaria muito tempo até que permitisse outro homem entrar em sua cama. - Agora, por favor, parte.

Com surpreendente suavidade, afastou uma mecha do seu cabelo; o leve contato de seus dedos no pescoço parecia tão íntimo como um beijo.

Bliss se afastou.

-- Não permitirei que entre e saia da minha vida, me fazendo mal impunemente. Já sei sobre seu ardil; Lady Buxton sentiu o prazer de me esfregar seu segredo sujo na minha cara.

Ele estendeu uma mão e lhe acariciou o rosto; o gesto terno se contrapunha à estranha severidade de seu olhar.

-- Ela não devia ter feito isso -- murmurou; soava quase como um lamento.

-- É obvio que não. -- Bliss se afastou pra longe de seu alcance. -- Tirou de você o prazer de fazê-lo.

Ele manteve a mão suspensa um instante, e logo a deixou cair.

-- Está certa de que eu gostaria disso?

-- Por que não? O fez antes. Mas me advertiu, não foi? Como você deve ter dado risada! Não precisou fazer nenhum esforço. Outra juvenzinha idiota lançando-se em seus braços.

-- Se bem me recordo, eu me lancei em seus braços.

Ele tentava enredá-la. Bliss ficou firme.

-- Se teve o trabalho de vir até aqui para comprovar que estou morta de arrependimento e afundada na autopiedade, ficará totalmente decepcionado. A autopiedade é teu território.

-- Talvez tenha razão.

Ela não queria que ele estivesse de acordo. Queria sim, que ele sentisse raiva, dor e traição do mesmo modo que ela.

-- Fiz amor com você e gostei. Derreteu a frígida filha do duque. Anota isso como um ponto pra você. Mas me enganei na escolha. Da próxima vez escolherei melhor. Talvez tenha sido o primeiro milord, mas não será o último.

Ele continuava observando-a de um modo resignado.

-- Não vim até aqui para me gabar do que fiz, não importa o que pense.

-- E para que veio? Deve ter tido algum motivo, e não vou me enganar pensando que sua vinda aqui se deva à preocupação por meus sentimentos. Sem dúvida não é isso.

— - Compreendo sua raiva.

-- Não sinto apenas raiva, milord. Estou furiosa!

Ele a olhou por um momento e então perguntou com calma.

-- Você considerou a possibilidade de que possa estar levando meu filho em seu ventre?

-- Quanto a isso não se preocupe. Jamais pediria que me desse a honra de ter seu nome. Preferiria dormirei num ninho de víboras.

Ele apertou a mandíbula, num gesto que indicava estar se estava esforçando para reprimir seu temperamento. Continuou:

-- Se estiver grávida, eu me encarregarei de você e do bebê.

-- Mas como você é magnânimo! -- A imagem de um bebê em seu seio enquanto ele os olhava, quase partiu seu coração. -- Deve ter percebido, que não preciso de você. Que motivo me obrigaria a me submeter a seu mau humor?

-- Talvez porque talvez sinta algo pelo homem que poderia ser o pai de seu filho.

Bliss desejou que isso não fosse verdade, embora seus sentimentos por ele a preocupava. Tinha detectado reações doces e vulneráveis sob a aparência severa de Caine. Mas ele não estava preocupado com ela. Para ele, ela só significava um meio para chegar a um fim.

-- E se estivesse grávida o que faria? Trabalharia todas as noites na cama de Lady Buxton pra nos manter? Com certeza, porque não chegaria nem perto da minha.

De repente, o inferno ardeu no olhar dele e esse foi o único indício percebido por ela de que estava perdendo o controle. Avançou até que ela ficou com as costas na parede e tomou a cabeça entre as mãos.

— Não me tente provar a você, como poderia facilmente fazê-la mudar de idéia. Se não sentisse nada por mim, não estaria se comportando como uma fera. Eu interesso a você, maldição. E eu... sinto algo por você

Bliss estremeceu. Deus! Quanta saudade tinha sentido daquele detestável e belo miserável! Ela se deu conta de que o provocava para que ele explodisse. Era muito orgulhosa para confessar-lhe que desejava que a beijasse e sussurrasse ao seu ouvido que jamais a abandonaria, como tinha feito uma vez.

— O único sentimento que tem por mim, milord — começou a dizer com desdém, — está entre suas pernas. — Apoiou uma mão na parte dianteira das calças de maneira desavergonhada, a dureza que ia subindo de temperatura ao contato com a palma de sua mão indicou que ela ainda o afetava.

Ele trincou os dentes, com o fogo nos ardendo em seus olhos, quando a segurou deixando-a sem escapatória enquanto prendia o corpo dela entre sua figura rígida e quente, e a parede.

O ar saiu com dificuldade de seus pulmões. Olhou para ele desafiadoramente. Quase soluçou de alívio quando ele a beijou.

Capítulo VXII

Quando não há risco na briga não há glória no triunfo.

Fierre Corneille

Ele a beijou intensamente, com a boca aberta, apertou os quadris contra ela e a fez sentir a urgente rigidez da ereção que ela tinha acariciado tão desavergonhadamente.

Parecia ter as mãos dele por todo o corpo, sem deixar-lhe nem um instante para recuperar o fôlego, ativando cada canto faminto e ardente de sua alma.

Bliss tentou manter um pingo de resistência, tentando não dar

a Caine o que ele desejava. Mas colocou os braços sobre seus ombros, deixando as mãos ao alcance da tentação: o firme contorno de seus ombros, o quente e longo pescoço, e os cabelos tão suaves e indomáveis que pareciam implorar que acariciassem os macios fios entre os dedos e logo os puxou fortemente atraindo mais a cabeça. Os gemidos dele se mesclavam com os suaves gritinhos dela até que o mundo a seu redor não foi mais que um filete de fumaça.

Ela estava se afogando nele, consumida por seu ardor, o contorno tenso do corpo masculino se alinhava com o seu, os poderosos músculos se moviam quando a beijou com uma posse flagrante e deliberada.

Ele tirou os grampos dos cabelos dela, até que caíssem pesadamente sobre os ombros.

Pegou uma mecha, segurando fortemente empurrou sua cabeça para trás para poder saborear a curva do pescoço, o ponto sensível detrás da orelha. Um suspiro dolorido brotou fundo da sua garganta e ele capturou o som com a boca.

O coração pulsava desordenadamente, a excitação corria pelas veias quando Caine inclinou a boca para beijá-la; um êxtase agudo a percorreu dos mamilos até o ventre, para florescer entre suas coxas.

Mas com os olhos fechados, as imagens começaram a invadi-la: imagens de Caine com outras mulheres, acabando com suas inibições magistralmente, como estava fazendo com ela, todas sucumbindo ante sua sedução, todas sentindo o sinuoso vigor de seu corpo, retorcendo-se sob suas peritas carícias. Os rostos das mulheres ficaram difusos e ao cobrar nitidez apareceu um sozinho: Olivia Hamilton.

O aspecto zombador e frio da mulher apareceu ante os olhos de Bliss; as palavras cruéis ressoaram como um sino penetrante que rasgava seu coração.

"Ele passa boa parte de seu tempo tramando vingança contra aqueles que o prejudicaram. E temo que você tenha sido um objetivo irresistível",

Bliss afastou a boca.

— Me deixe em paz. — Separou-o com um empurrão tentando golpear o peito com os punhos.

Ele a segurou pelos pulsos, prendendo-os ao lado do corpo com

a respiração difícil e os olhos cheios de paixão ao olhá-la.

-- Basta. Me solte.

Ele vacilou e com um som mudo de frustração a soltou. Bliss fugiu para o outro extremo do quarto e se virou para olhá-lo.

-- Não foi suficiente u—ma vez? -- tentando dar à voz um tom afetado como se o detestasse. - Já se vingou. Tomou minha virgindade como seu troféu. A memória de seu pai foi vingada. O que quer mais?

O silêncio invadiu o quarto enquanto Caine a olhava.

-- Talvez -- disse com uma voz que quebrava seu coração em pedaços -- eu queira você.

A confissão deixou-a impactada e sentiu um frêmito de alegria se acender em seu interior. Mas não podia acreditar nele. Não o faria. Estava brincando com ela de novo.

-- Por que? -- perguntou zangada. -- Há algum outro membro da família que meu pai tenha ofendido?

Ele se aproximou e olhou pela janela. As nuvens se entrelaçavam no céu noturno, as sombras dançavam lentamente em seu rosto antes de seguir seu caminho. Ele se virou muito devagar para olhá-la; a luz da lua exagerava as linhas cinzeladas de sua mandíbula. Tinha a boca firme, e ele podia ver os olhos assaltados por um tumulto de emoções.

-- Isso não a ver com meu pai nem o seu -- disse-lhe.

-- Ah, não? Falou isso no momento que planejou me seduzir.

-- Tratei de me deter.

-- Será que a paixão pra você é uma coisa tão banal milord, que pode simplesmente acendê-la ou apagá-la quando bem quiser? Me desejou pelo menos um pouco? Ou é tão perito em seduzir mulheres que faz com que acreditem que significam algo para você?

Ele apertou a mandíbula.

-- Você sabe que a desejei, maldição.

-- A sede de vingança e a grande quantidade de álcool teem o poder de motivar até o sujeito mais resistente.

-- A vingança não tem nada a ver com o que aconteceu entre

nós.

-- Me desculpe mas não concordo. -- Bliss se deu conta de que estava segurando a saia com força. Soltou o tecido e se obrigou a caminhar. -- E então me diga, o que realmente impulsionou sua visita de hoje? Será que descobriu que tem uma semana de vida e deve consertar suas faltas diante de Deus? Ou será que deu em você, milagrosamente, um repentino ataque de consciência?

-- Segundo você, eu não tenho consciência.

Ante o grave som de sua voz, Bliss o olhou, incomodada pelo modo como ele parecia seguir seus movimentos.

-- Quaisquer que sejam os motivos que tenham trazido você até aqui, pelo menos me deu a possibilidade de dizer-lhe o que penso. --
-- Olhou-o de frente, com a voz tremendo de fúria -- Acredito em suas acusações contra meu pai, mas ele jamais faria mal a alguém intencionalmente. Não é esse tipo de pessoa. -- Poderia ter falado a ele sobre a carta, ou dado para que a lesse, mas não lhe daria a satisfação de saber que ela tinha duvidado de seu pai embora tenha sido por um instante apenas. -- Sinto o que aconteceu a seu pai. Sinceramente. Mas não assumirei a culpa.

As sombras cobriram tudo exceto os olhos dele, extremamente azuis e decididos.

-- Descarreguei minha fúria em você. Tinha me convencido de que a odiava. Mas em algum ponto do caminho... -- deteve-se e com tom desanimado continuou: -- em algum ponto do caminho, as coisas mudaram. Quando você partiu...

-- Deu-se conta de que tinha perdido alguém a quem acoitar -- terminou ela a frase num tom amargo.

Ele apertou os dentes, com uma expressão fria:

-- Não, percebi que tinha cometido um engano.

Essa frase a deteve súbito. Logo lembrou que estava conversando com um perito manipulador e sedutor.

-- Desculpa, se não me sinto tão lisonjeada. Não quero ver você nunca mais.

Girou sobre seus próprios pés, a saia fazendo um ruído seco quando foi em direção à porta. Num segundo, Caine a alcançou e a

colocou outra vez de frente pra ele.

-- Acredito que o beijo que compartilhamos há um momento atrás, diz que sente exatamente o contrário.

-- Pense como quiser. Me desculpe, mas interrompeu meu trabalho afugentando meu modelo.

-- Era isso que esse palhaço estava fazendo aqui? Posando para você. Acredito que o mais justo seria compensá-la me oferecendo para substituí-lo. -- Levantou o canto dos lábios num gesto de intenção pecaminosa enquanto tirava o paletó e o caro objeto caiu a seus pés na escuridão.

-- O que você pensa estar fazendo?

-- Me despindo. -- Tirou o colete com aquele sorriso imoral que a provocava.

-- Bem, pare.

Ele a ignorou e sustentou seu olhar enquanto desabotoava as abotoaduras e ambas caíram ao chão com um leve tinido. Logo levou as mãos ao pescoço para tirar a gravata, o tecido branco caiu ao chão em câmera lenta. Desabotoou a camisa do mesmo modo tranquilo, deixando ver cada centímetro daquele peito bem musculoso e tentador.

Por mais que tentasse, Bliss queria tirar os olhos e não conseguia. A camisa também caiu sussurrando algo enquanto se juntava aos outros objetos. Ele ficou de pé e a luz do abajur projetava sobre ele uma luz dourada e as palmas de suas mãos começaram a transpirar.

Quando estava a ponto de desabotoar o primeiro botão das calças, ela encontrou voz para gritar:

-- Não!

-- Por que não? -- Perguntou-lhe Caine com tom sedoso vendo o vermelho intenso no rosto dela, o modo como umedeceu os lábios secos com a língua e o peito que subia e descia rápido. -- Tem medo?

Ele se aproximou, deleitando-se de maneira perversa vendo como ela o devorava com os olhos, fazendo que ele se desintegrasse em pedacinhos. Aquele olhar o tinha estado perseguindo na maioria de seus sonhos. Aqueles olhos ardentes que o examinavam, sem perder nada, incapazes de mentir.

Ela tinha despertado algo em seu interior e ele era incapaz de

enfrentar isso. Tinha feito tudo para evitá-lo, enganando-se a si mesmo e pretendendo acreditar que o que sentia por ela, continuava sendo ódio.

Mas quando ela se foi e um dia vazio se fundia com o seguinte, deu-se conta de que o ódio tinha deixado de existir. Tinha sentido saudades: de seu sorriso, seu perfume, sua maneira de caminhar, do modo como o tinha enfrentado... Diabos! Até tinha sentido saudades do modo como ela o colocava em seu lugar com a língua afiada que tinha.

Mas do que mais tinha sentido saudades era o que sentia ao tê-la entre seus braços, como se moldava a seu corpo, como ela se entregava por inteiro quando a beijava.

Ele queria senti-la de novo. Ela não podia ocultar sua verdadeira essência quando a acariciava. Não tinha suficiente experiência para dissimular suas emoções.

Ele colocou a mão no bolso para tirar um objeto que havia trazido.

-- Lembra disso? -- perguntou-lhe.

Ela abriu os olhos assombrada, um ardor subiu lentamente pelo rosto.

-- É minha liga. -- Levantou os olhos para olhá-lo com aqueles formosos olhos mortificados. -- De onde a tirou?

-- De sua coxa. -- A confissão fez com que o tom rosado de seu rosto se intensificasse muito mais e Caine sorriu para si, sabendo que ela pensava que a teria tirado na noite que tinham feito amor. Sentiria prazer em contar quando se dera isso. -- Você não pode tomar álcool meu amor, ou qualquer descarado poderá se aproveitar desse fato.

Ela levou apenas alguns instantes para compreender o que ele falava.

-- Está dizendo que...

-- Que a despi quando estava muito bêbada para fazer isso sozinha? -- sorriu sem esperar resposta. -- Sim, é uma bêbada muito atraente, carinho. Difícil de resistir -- como ela estava naquele momento: envergonhada e a os olhos brilhando furiosamente -- depois disso, considero-me um homem bastante nobre.

-- Nobre? -- Exclamou ela em fúria.

-- Se soubesse como você estava tentadora com a luz da lua banhando seus seios tão deliciosos... Além disso, era eu ou St. Giles, e quero acreditar que teria me preferido.

-- Não teria preferido nenhum dos dois -- disse lançando chispas e no mesmo tom perguntou: -- Ele também estava no quarto?

-- Foi uma noite ocupada...

-- Ele não...

-- Digamos que dormir não estava em seus planos.

Ela estremeceu ao dar-se conta do que poderia ter acontecido.

-- O machucado na mandíbula do conde... Você o golpeou, não é verdade?

-- Diminuiria meu cavalheirismo se dissesse que gostei muito de ter feito o que fiz?

-- Não o entendo.

-- Temo que essa seja uma queixa generalizada. Mas o assunto que mais me preocupa neste momento é saber exatamente como você vai me agradecer. Estava pensando que poderia colocar sua boca na minha, talvez acariciar os meus cabelos e gemer um pouquinho. Já sabe a que me refiro, esse suave...

-- Quero que me devolva isso -- exigiu estendendo a mão. -- Por favor, me dê isso—!...

-- Não sei - disse ele em tom de brincadeira, enquanto se aproximava da escrivania; não queria que fugisse e tentava diminuir a distância que os separava. -- Desenvolvi um certo carinho por ela. - Acariciou a seda com os lábios, gostando do modo como Bliss o seguia com o olhar, com a respiração agitada. -- Mas poderia chegar a me despedir dela... com um, condição.

-- Qual seria?

Ele sorriu como um lobo.

-- Se voltar a colocá-la onde a encontrei.

Seu rosto parecia tingido de vermelho.

-- É obvio que não -- respondeu-lhe acalorada, levantando o queixo num gesto obstinado e o olhava fixamente, o que era uma

façanha tremenda, considerando sua pequena estatura.

-- Então suponho que terei que ficar com isso. -- Continuou Caine e a espremeu ao passar, obrigando-a a apoiar a parte posterior das pernas na beirada da cama.

Ela olhou para a porta, a encantadora porta fechada, e ao redor do quarto inteiro. Ele percebeu que ela estava calculando a distância, perguntando-se se poderia conseguir liberar-se antes de tê-lo sobre si.

-- Nem tente, carinho. -- Deslizou os dedos ao redor dos pulsos e olhou fixo aquele rosto lindo e enfurecido, gravando na memória aquelas sobrancelhas arqueadas e exóticas, a perfeição de seu nariz, os cílios de sereia que emolduravam esses olhos de brilho letal.

Ele se deu conta de que em algum lugar do caminho, o castigo que tinha planejado para ela havia se transformado em outra coisa. Ela o tinha à sua mercê.

-- Sentiu falta de mim? -- murmurou ele, acariciando-a de maneira suave.

-- Nem um pouquinho. -- A respiração quente e suave e o excitou.

-- Seus olhos me contam uma história diferente. -- Levantou o seu o queixo com o dedo e detectou seu pulsar na base da garganta.

Bliss afastou a cabeça com um puxão, rezando pra que ele percebesse apenas fúria em seus olhos.

-- Sério? E o que eles estão dizendo agora?

Ele sorriu, com aquele meio sorriso que provocava em seu coração sensações estranhas, como se não acreditasse nela.

-- O que me estão dizendo é que você espera que eu me transforme em uma bola de fogo, até ficar feito uma pilha de cinzas a seus pés.

-- Temo que não seja nada tão suave assim.

Ele riu baixo.

-- Provavelmente esteja certa, mas não muda o fato de que você deseja me beijar.

-- Você sempre tendeu a ser tão iludido?

Sua cálida respiração acariciou seu rosto quando ele se inclinou para dizer:

-- No que diz respeito as você, estou quase doente.

Por uma fração de segundo, ele quase a teve de novo acreditando nele. Mas ela piscou e recuperou a racionalidade.

-- Quer outra foda -- acusou ela.

Um brilho de fúria ardeu nos olhos dele, contradizendo o tom casual de suas palavras.

-- É obvio. Viajei toda essa distância, só pelo privilégio de montar entre suas pernas e penetrar sua ardente cavidade úmida e estreita, para sentir suas unhas em minhas costas enquanto você se arqueia contra meu corpo encostando seus lindos mamilos no meu peito, me apertando com suas pernas e levantando seus quadris para receber até as últimas gotas da minha rica semente...

-- É o suficiente!

-- ... quando há centenas, possivelmente até milhares de mulheres de Devon até aqui com quem eu poderia ter estado, que com prazer teriam levantado suas saias em lugar de me atirar dardos ou me desaprovar.

-- Pois bem, chegou até aqui -- disse ela sem fôlego, traída pelas imagens evocadas por suas palavras. -- Você vai me desculpar por não ser capaz de apreciar sua devoção como é preciso, pelo fato de você ser tão volúvel e imprevisível. Sugiro que use seu poder de persuasão com alguma de suas mulheres. Alguma sem cérebro na cabeça. Agora, se afaste para que eu passe.

A magnífica explanação feita, só serviu para incitar mais o desejo que Caine sentia para ela. E nesse momento se deu conta de que queria ouvi-la dizer que o amava. Possivelmente os motivos já não tinham nada a ver com Olivia nem com sua maldita aposta.

Já nem reconhecia a si mesmo. Cada dia parecia compreender menos o que o motivava. Depois que Bliss partira, ele se convenceu de que assim era melhor, que embora não tivesse triunfado em recuperar a casa, tinha satisfeito sua sede de vingança. Mas isso não havia trazido paz à sua alma.

Precisou reconhecer à força, que a absolvição que procurava devia surgir de seu interior. Todo esse tempo, ele tinha estado olhando

para fora para mitigar o peso da culpa que o pressionava, para encontrar a alguém que a assumisse. Embora tivesse dado um grande passo adiante no progresso lento e doloroso para a redenção, ainda não estava pronto para deixar a culpa de lado. Ainda não era capaz de se perdoar.

-- Está certa de que não quer me dar outra oportunidade, já que estou aqui? -- perguntou de maneira provocante, enquanto soprava uma mecha do rosto, sorrindo por dentro ao notar o leve estremecimento que provocou em sua pele.

-- A única coisa que quero ver, são as suas costas, quando se for.

-- Muito bem -- concordou ele e soltou um suspiro que soou bastante compungido. - Irei. Mas antes de partir exijo uma coisa. -- Cortou a distância que separava seus lábios e provou sua doçura.

As mãos dela bateram como asas de uma pomba até que pousaram na curva do pescoço dele. Cada músculo do corpo estremeceu em resposta. Céus... tinha sentido saudades do simples prazer das carícias dela! Não importava o que fizesse, ele não tinha conseguido afastar de sua memória o que sentia por ela.

Não havia tocado em Olivia desde que Bliss partira. Olivia pensava que ele estava zangado porque tinha arruinado a possibilidade de recuperar Northcote; mas no momento em que Bliss se entregara, aquela maldita casa tinha perdido a importância, como nesse momento, aumentando sua temperatura com aquele suave gemido.

Empurrou-a suavemente para trás até acomodá-la na cama, com a cabeça levantada para beijá-la. segurou fortemente na colcha para manter o equilíbrio, quando o que realmente desejava era esfregar seu corpo contra o dela e despertar a paixão que ela mostrava só quando estavam daquele modo.

A sua mente confusa levou um momento para perceber Bliss ficara tensa e se afastou dele. E levou um momento mais para perceber, que o som de surpresa que escutou não vinha dela.

Lentamente, Caine virou a cabeça e viu uma mulher pequena, com o cabelo de cor castanha avermelhada que o olhava com olhos os bem abertos; tinha a mão no trinco, como se a imagem de que tinha sido testemunha a tivesse deixado petrificada no mesmo lugar.

A mulher mostrou ser uma versão mais velha de Bliss, que nesse momento estava sentada na cama imóvel... enquanto ele se levantava o meio vestido e com aspecto de quem não tinha boa intenção em mente.

-- *Faraon* -- disse a mulher, com o suave tom e um sotaque francês -- Estou interrompendo?

Caine não esperava aquela atitude imperturbável. Tinha imaginado uma cena totalmente diferente, que implicava que as partes de seu corpo ficassem jogadas pelo chão, com o membro mais rígido de sua anatomia na primeira fila.

Bliss, incomodada, não fez absolutamente nada para esclarecer confusão. Em troca, permaneceu aí sentada, com os lábios machucados pelo beijo, como uma virgem a ponto de ser sacrificada no altar de luxúria.

-- Devo ir ? -- perguntou a mulher, com um sorriso divertido brincando em seus lábios olhando de um para o outro.

-- Não, mamãe -- disse Bliss, confirmando a suspeita de Caine, com um gemido estrangulado na garganta. -- Sua senhoria estava a ponto de retirar-se. -- Olhou-o desafiando-o contradizê-la. -- Não é isso, milord?

-- Sim... estava a ponto de me retirar. -- Recolheu a roupa muito mais rapidamente do que tinha levado tirar e Bliss teve que conter a risada. Jamais tinha pensado presenciar o dia em que o poderoso conde de Hartland parecesse um moço envergonhado a quem tinham pilhado com as mãos na massa.

Estava esbaforido; primeiro caiu a gravata e logo o colete quando ia caminho da porta, onde literalmente mergulhou. Se Bliss soubesse que a única coisa que precisava para que partisse era chamar sua mãe, possivelmente o tivesse feito muito antes que a beijasse (embora, na verdade, isso era duvidoso).

Deveria se envergonhar, mas tinha sentido desesperadamente saudades dele. Do modo como a beijava, da sua ternura rude, de suas mãos grandes que ficavam quietas ao acariciá-la, e como a barba crescendo raspava levemente seu rosto, e a profunda cadência de sua voz que jamais falhava em arrepiar sua pele. Tinha sentido saudades até de seus comentários mordazes e aqueles olhares pensativos.

Entretanto, o homem que tinha encontrado hoje era muito mais perigoso para seu coração. Ela sabia se defender de um Caine zangado e sarcástico, mas não de um Caine, cujos olhos irradiavam uma luz diferente, cujas palavras revelavam uma ternura nova; alguém que facilmente podia cativá-la se quisesse.

-- Então... é com esse homem que estive sonhando, não é?

A voz da mãe despertou-a de seu devaneio e se viu repetindo as mesmas palavras que havia dito a François.

-- Não estou sonhando -- alisou a saia, tirando uma ruga imaginária -- Entre você e François, não sei quem é o pior.

A mãe, ergueu o seu rosto e a observou com aqueles olhos verdes sagazes:

-- François e eu somos franceses, meu amor. Sabemos tudo a respeito-- de...

-- Sonhar. Sim, sei. Mas ambos estão equivocados. O dia que eu sonhar acordada com aquele irritante boneco de pano, arrogante... --Bliss procurava adjetivos.

-- Lindo? - Contribuiu a mãe.

-- Caipira despótico -- contrariou Bliss, -- será o dia em que me conv--erterei no modelo de comportamento feminino.

- Se você disse, filha... -- respondeu encolhendo os ombros. -- E também, está locamente apaixonada.

-- Não estou! -- protestou Bliss com muita veemência.

A mãe falou por cima de sua negativa.

-- Eu tenho descoberto que os homens mais revoltantes são os mais apaixonados, e freqüentemente os amantes com mais dedicação. Isso se deve a um excesso de orgulho e por sua avassaladora virilidade. E pelo que vi, esse adorável espécime possui esses atributos em abundância. Realmente devia tê-lo pintado nu. Imagino que deve ter uma textura assombrosa.

-- Mamãe!

A mãe a olhou de maneira inocente.

-- Você se incomoda, *ma douce*? Este tipo de conversa não a incomodava no passado.

Bliss encolheu os ombros num gesto indefeso.

— Isto é diferente.

- Ah... - — A mãe assentiu com a cabeça. — Sente algo por este homem. Sabia que algo tinha ocorrido em sua viagem à Inglaterra. Retornou com o olhar de quem foi abandonada por um amante. — Sentou-se na cama e segurou a mão de Bliss. — Me conte o que foi que aconteceu.

Quando Bliss era uma menina, sua mãe tinha a estranha habilidade de fazê-la confessar toda maldade simplesmente olhando-a daquele modo que lhe dizia que podia contar tudo (o que em geral ela fazia).

Bliss se entregou com um suspiro de resignação.

— Possivelmente pude ter sentido algo por ele. Algo ínfimo e que não vale a pena mencionar, já que não sinto mais.

— Non? Seus olhos, meu amor, a entregam. Sempre foi assim. — Aquelas palavras pareciam de Caine e Bliss decidiu que devia começar a usar venda nos olhos. — Ainda sente muito por este homem. Oxalá tivesse tido a oportunidade de falar com ele. Deve ser bastante espetacular para ter envolvido você assim.

— Ele não me enredou. E não é espetacular! É um mentiroso, um estelionatário e um cara de pau.

— Tudo isso? — A voz da sua mãe soava divertida.

Bliss saltou da cama e se voltou para olhá-la de frente.

— Ao menos por uma vez, queria que fosse igual às outras mães e desmaiasse ou chorasse, ou pegasse algo pesado para esmagar a cabeça dele.

A mãe entrelaçou as mãos sobre a saia e a observou.

— Você jamais precisou de mim para esmagar a cabeça a alguém, e especialmente de um homem.

Bliss ficou indignada um momento, logo suspirou e se deixou cair de novo na cama.

— Bem, talvez esta vez eu precise sim.

— Isso soa muito mal.

— É terrível. Não deveria sentir nada por ele.

-- Mas sente, *oui?*

-- Não faz nenhum sentido. Ele me usou e depois riu de mim, e entretanto, cada vez que o tenho perto, eu...

-- Sente-se aturdida?

-- Sim. É absolutamente ridículo.

-- Meu amor, tome o que vou dizer a você da melhor maneira, de mãe para filha. -- Deu um tapinha suave na mão e com um sorriso cálido continuou: -- Está sendo uma boba.

Bliss abriu a boca em sinal de protesto, gesto que a mãe evitou elevando uma mão.

-- Pare de afastar todo mundo, ou um dia ficará sozinha. Como eu.

-- Eu não estou afastando todo mundo!

-- Cada vez que um homem demonstrou o menor interesse, você deu um jeito de castigá-lo de alguma forma .

-- Não é verdade!

-- E o que fez com o Jacques? Ele a adorava, e jogaria pétalas de rosas a seus pés pelo resto de sua vida se tivesse dado uma palavra de esperança e, entretanto, você não tomou conhecimento de sua existência.

-- Ele era apenas cinco centímetros mais alto que eu!

-- Ah sim... agora seu afeto se apoia na estatura de um homem? -- A mãe meneou a cabeça. -- Não acredito que criei você desse jeito.

-- Era mais que isso. Ele era... aborrecido.

-- Talvez, mas a apreciava.

-- Não falava de outra coisa que não fossem as atividades bancárias.

-- Mas quando você falava ele se perdia em cada sílaba que pronunciava.

-- Bebia o chá fazendo barulho.

-- Ele pensava que o sol saía e ficava a seus pés.

-- Tinha cabelos nas orelhas!

-- Existia só para ver ver você sorrir.

-- Ele...

-- A suave risada da mãe a interrompeu.

-- Quantas desculpas -- disse com um sorriso sagaz. -- Esta vez deve enfrentar a verdade. Encontrou seu par neste inglês e estive procurando uma desculpa para terminar com ele.

Pode ser que tenha sido usada, como diz, mas imagino que você teve algo que ver com sua própria queda. Conheço-a muito, *ma petit*. Nenhum homem nunca poderia aproveitar-se de você se não fosse por sua própria vontade. Se ele a obrigou, é obvio que tomaremos medidas. Irá para prisão em *Conciergerie* esta noite mesmo. Me dirá que foi contra sua vontade?

Bliss estremeceu ao pensar que alguém pudesse ser enviado a *Conciergerie*. Era um lugar desolado e deprimente, com uma história sangrenta. Perto de trezentos homens e mulheres tinham estado na prisão ali durante a Revolução antes de ser decapitados.

Abraçou-se a si mesma e desviando o olhar disse:

-- Não, não me obrigou.

-- Me conte o que foi que aconteceu. -- A mãe esperou pacientemente que ela comesse. Bliss contou a história toda, incluindo a revelação que Olivia tinha feito. A mãe digeriu tudo e disse:

-- Seu jovem está muito aflito. Bastante parecido com seu pai quando tinha a mesma idade.

Bliss a olhou.

-- Meu pai? Ele é todo moralidade! Não se parece com Caine em nada.

-- Há muitas coisas que não sabe a respeito de seu pai. Algumas vezes ele foi um homem bastante mundano.

Bliss não podia imaginar a seu doce e afetuoso pai como alguém nem próximo a um *bom vivant*...

-- Não está exagerando um pouquinho? Suponho que todos os homens tenham seus momentos de descuido -- disse ela duvidando do que a mãe dissera.

-- Oh, seu pai era realmente um irresponsável. -- Um sorriso

triste brincou em seus lábios. -- Um verdadeiro bagunceiro. Grande, atrevido, arrogante e preparado para brigar com qualquer pessoa.

-- Meu pai?

A mãe assentiu com a cabeça, com os olhos brilhante pela lembrança.

-- Apareceu em minha vida como um ciclone e embora eu o resistisse, outras mulheres simplesmente batiam seus leques timidamente e se desmanchavam ridiculamente ante um sorriso dele, e eu sabia que não ia poder resistir a seus encantos para sempre. Na verdade, meu coração foi dele desde o primeiro momento em que o vi, embora eu negasse até que ele me obrigou a admitir o que sentia. Deflorou-me sob o velho pinheiro dos Scots, junto ao riacho na fronteira de Exmoor.

Bliss a olhou atônita e ao ver sua expressão a mãe riu entre dentes.

-- Jamais pensei presenciar o dia em que deixaria a minha indômita filha sem fala.

-- Bom, não pode me culpar. Jamais me contou nada disso.

-- Nunca senti a necessidade de fazê-lo até agora. Nestes dias há poucas oportunidades em que posso repartir alguma sabedoria. Você já não precisa tanto de mim como quando era uma menina pequena.

Bliss apertou sua mão com doçura.

-- Sempre precisarei de você.

A mãe sorriu com amor.

-- E eu de você. Mas deveria ter intervindo antes, ao ver como se fechava aos homens que se interessavam muito por você. Suspeito que não quer terminar como eu, separada do homem que ama.

Bliss sentiu como se finalmente estivesse conseguindo vislumbrar algo no interior do coração da mãe.

-- Fale seriamente: ainda ama a papai?

-- Sim, *ma douce* - disse em tom suave. -- Ainda o amo. E suspeito que o amarei sempre.

A pergunta que a atormentara desde os dez anos, quando tinha

ficado imóvel no corredor ao escutar uma horrível briga entre seus pais acreditando que ela era a causa, tinha ficado presa em sua garganta. Naquele momento tinha fugido da verdade e ainda continuava fugindo. Colocá-la em palavras a tornaria real.

A ternura brilhou nos olhos da mãe.

-- Quando uma mulher se apaixona, segue seu coração, embora isso possa não ser o mais sensato (como já deve ter se dado conta). Os homens são criaturas volúveis. A pedem em casamento e depois saem correndo mais rápido que o vento para evitar o compromisso. Se você demonstra o mesmo desinteresse que eles, ficam desesperados para levá-la ao altar o mais rápido possível.

Bliss meneou a cabeça.

-- Isso é muito difícil de entender.

A mãe rodeou seus ombros com os braços.

— - Preferiria que desmaiasse como qualquer outra mãe, para acordar como elas?

Bliss deu uma gargalhada.

-- Obrigada pelo oferecimento, mas acredito que isso poderia me deixar confundida.

A mãe deu um tapinha no braço em um gesto reconfortante.

— Sempre soube que seria capaz. É muito parecida comigo: você gosta dos anjos cansados do céu. Tenha fé que a resposta chegará quando estiver pronta para escutá-la.

Capítulo XVIII

Assumo que és mortal e que podes errar

James Shirley

O Cimetière du Père Lachaise era o maior e o mais

impressionante cemitério de Paris, de imponente arquitetura gótica e tumbas ornamentadas com extraordinárias estátuas, erguidas em campos de granito como se estivessem escutado um ruído ou que tivessem se transformado em pedra no meio de um baile, sem aviso prévio.

A figura melancólica de Jacob Robles olhou Bliss atentamente quando ela passava caminhando pela *Rué du Repos*, com o rosto e o gesto do dedo nos lábios invocando um silêncio reverente.

A companhia mais fiel dos residentes eram as centenas de gatos que faziam do *Lachaise* seu lar, e que descansavam tranquilamente sob a sombra das árvores ou em cima das lápides.

Bliss inspirou profundamente o ar fresco e seco enquanto caminhava, com essa serenidade que era como um bálsamo para sua alma. Os franceses não consideravam os cemitérios deprimentes; tampouco sentiam uma fascinação mórbida ou anormal por eles, mas sim os viam como um prolongamento da vida.

E *Lachaise* era um dos lugares mais bonitos, em especial nesse momento, ao cair a tarde que pintava o céu com nervuras de cor ameixa claro e safira escuro, com fitas de seda de um dourado avermelhado que salpicavam bolas vermelho-fogo nas lápides de cor cinza prata, e uma leve fumaça que saía da grama coberta de orvalho, vestígios de uma garoa das primeiras horas da tarde.

Aquele dia ela precisava sentir a presença de seus avós, escutar os conselhos que compartilhariam com ela em meio à quietude e o silêncio, talvez com a esperança de que fossem eles que atenuassem a culpa que sentia por seu papel na dissolução do casamento de seus pais e para que a ajudassem a esclarecer a confusão que sentia por Caine.

Na noite anterior, ela tinha acreditado que ele retornaria, que se materializaria daquele seu modo tão surpreendente e voltaria a dizer que a tinha sentido saudades. Ficou todo o dia em casa com o pretexto de ter trabalho, mas ele não voltou a aparecer.

Talvez tivesse retornado a Devon; qualquer que fosse o motivo que o trouxe até Paris, evaporou-se ao vê-la. E não era isso o que ela queria? Que ele se fosse? Em primeiro lugar, era melhor que nem tivesse aparecido para reabrir a ferida e obrigá-la a pensar nele, a desejá-lo.

Durante toda a noite Bliss havia dito a si mesma que não sucumbiria ante seus beijos, mas ele tinha maquinado muito bem para levá-la até a cama em uma velocidade devastadora.

Se sua mãe não tivesse chegado naquele momento, Bliss não sabia o que poderia ter acontecido (coisa que a assustava muitíssimo). Ela temia que a mãe estivesse certa, e que Caine fosse um homem que não se poderia tirar da cabeça.

"Tenha fé", havia dito. Talvez isso era o que Bliss esperava encontrar ali.

Com estes pensamentos opressivos, virou o último atalho ladeado de árvores, com os passos fazendo um fraco eco sobre as lajes. Parou em frente a duas tumbas próximas, uma com uma silhueta masculina esculpida e a outra a de uma mulher, capturados na plenitude de sua juventude e vitalidade, com os corpos um frente ao outro para toda a eternidade.

Bliss apoiou a mão na pedra, com um repentino e doloroso baque de emoção que estremeceu seu coração.

— *Bonsoir, avó e avô* — murmurou enquanto tirava as flores murchas de sua última visita e as substituía por uns *cravos* e umas *esporas* frescas.

Sentou-se no pequeno banco de mármore que havia perto das tumbas. A última vez que os tinha visto com vida tinha dez anos e a França estava no meio de uma revolução que a conduziria à Segunda República.

Seu avô tinha estado gravemente doente e a mãe tinha decidido ir visitá-lo, temendo que, uma vez fechadas as fronteiras, não poderia vê-lo antes de morrer. Bliss estava decidida a ir com ela à França. O pai tinha protestado porque era muito perigoso, mas a mãe tinha desafiado sua autoridade e partiram, viajando clandestinamente para manter distância dos bandos que tinham insurgido contra a revolução.

O que aconteceu naquele dezembro, mudou sua vida para sempre. Tinha perdido seus dois avós ao final de uma semana, e então o amor de seus pais tinha começado a desmoronar-se irremediavelmente.

Se ela tivesse escutado o pai e tivesse ficado em seu lar, aonde pertencia... Se não tivesse sido tão obstinada, talvez o pai não teria

culpado sua mãe de arriscar a própria vida e a de sua única filha quase até a morte.

Uma lágrima escorreu pelo rosto e caiu sobre o bloco de papel de desenho, a úmida mancha aumentava ao se misturar com outras lágrimas. Parecia que não podia parar. Ela não queria terminar como seus pais (sozinha, infeliz, cheia de um orgulho que não permitia curar velhas feridas). Embora temesse estar seguindo o mesmo caminho.

Uma sensação de estar sendo observada a fez levantar a cabeça e uma percepção intensa a impulsionou a ficar de pé. Com o coração tamborilando no peito girou sobre si para enfrentar o intruso.

E ali, a um poucos metros, estava Caine, com o corpo coberto de sombras claras e escuras que se moviam, uma silhueta elegante tendo como pano de fundo o sol poente, e estava tão quieto como uma das estátuas e contemplando-a com olhos indecifráveis.

-- M... me assustou -- disse-lhe, com as lágrimas que pingavam dos olhos e as emoções que ameaçavam entrar em erupção.

-- Sinto muito -- disse em voz baixa. -- Não pretendia assustar você. Pensei que tivesse escutado me aproximar.

Ela não queria que a visse nesse estado, embora morresse de vontade de apoiar sua cabeça em seu ombro e deixar que as lágrimas rolassem.

Desviou o olhar por um instante e piscou.

-- O que você está fazendo aqui?

-- Quando estava chegando à sua casa a vi sair e resolvi segui-la.

--Por quê?

-- Quero me desculpar com você. -- As sombras envolveram as curvas e as cavidades de seu rosto, a luz que ia se desvanecendo criava figuras que dançavam no chão entre ambos. -- Não é meu forte -- admitiu com um sorriso sem graça. -- Não tive muita prática. Sei que ontem estraguei as coisas. É que... quando te vi aí com o francês...

-- Chama-se François.

Sua carranca quase arrancou um sorriso de Bliss. Ele afundou as mãos nos bolsos.

-- Fiquei um pouco louco. Sinto muito. -- Olhou-a através

daquelas pestanas indecentemente longas, com olhos arrependidos quando acrescentou com tom suave — Por tudo.

Naquele momento, seria fácil perdoá-lo. Em parte queria acreditar que o que tinha começado como um golpe contra o pai dela, no caminho se transformou em algo diferente.

Realmente a assustava e muito essa vontade de acreditar nele. Nada na vida a tinha preparado para Caine, e nada tinha lhe provocado tanto temor.

Afastou-se dele, sem as palavras apropriadas aparecessem. Passou um instante e ele se aproximou por trás, com o corpo como um muro sólido contra as costas dela. Podia sentir seu peito subindo e descendo, e seu perfume masculino e evocador a envolvia.

— Me conte por que estava chorando quando cheguei — murmurou num tom difícil de resistir.

Bliss meneou a cabeça sentindo a dor que ressurgia ao lembrar.

— De quem são estas tumbas?

Ela fechou os olhos brevemente e tratou de respirar para aliviar o nó que lhe apertava o peito.

— De meus avós.

— Sente saudades?

— Muito - disse ela com voz angustiada. — Só pude vê-los poucas vezes no ano anterior à ... — Ela mordeu o lábio para evitar que tremesse. — no ano anterior à morte deles.

Caine acariciou levemente sua têmpora com os dedos.

— Mas ainda conserva muitas lembranças deles, não é verdade?

— Sim.

— Me conte suas lembranças.

Bliss vacilou e olhou para suas mãos.

— - A minha avó gostava de cantar— - ouviu-se dizer: — Tinha uma voz maravilhosa, era soprano. Sempre estava sorrindo. Sempre feliz.

Uma imagem de seus avós se descortinou em sua memória e trouxe consigo uma onda de emoções. Quanta saudade sentia!

Desta vez ela faria as coisas de outra maneira. Não cometeria

tantos erros.

-- Meu avô tinha um modo particular de cativar as pessoas com suas histórias. Contava as histórias de batalhas da Primeira República com paixão... Ele me ensinou o compromisso com os necessitados.

-- Parece que eram pessoas maravilhosas.

-- E foram. Interessavam-se por muitos temas e odiavam injustiça de todo tipo. Foi através de seu olhar que eu comecei a ver o mundo de um modo diferente, embora eu mostre meus sentimentos através da arte.

-- Ontem a noite vi parte do seu trabalho. Tem muito talento
-- Parou um instante. -- Posso? -- perguntou indicando o bloco de desenho que estava sobre o banco de mármore.

Bliss vacilou. Nunca tinha compartilhado seu trabalho pessoal com ninguém.

-- Sim. -- murmurou finalmente.

Ele se afastou e pegou o bloco. O diário particular do que existia fora dos muros do cemitério. Ao abrir a primeira página, estudou os desenhos e a olhou com uma expressão que Bliss jamais tinha visto em seus olhos. Pena e compaixão.

-- Seu nome era Fantine -- respondeu à pergunta muda. Era sapateira. Cruzei com ela quando pedia ao açougueiro que lhe vendesse a crédito. O dono a botou para fora.

-- O que acontecia na casa dela?

-- O marido a espancava -- respondeu Bliss com voz pastosa pelo sabor repugnante que as palavras deixavam. -- Ele gastava o pouco dinheiro que tinham na taberna e ainda aparecia cambaleando na porta de casa esperando que a comida estivesse na mesa. Quando não tinha, jogava a culpa sobre ela, como se ela tivesse algo a ver com seu esbanjamento. Ele não se importava se seus filhos tivessem o que comer ou não.

Caine o amaldiçoou entre dentes.

-- O filho da puta deveria ser pendurado pelos testículos -- disse com ferocidade. -- Bliss desejava que a solução tivesse sido tão simples. -- E onde está a mulher agora?

Bliss fechou os olhos.

-- Está morta. Tinha que encontrar um modo de alimentar sua família e começou a vender seu corpo em *Faubourgs*. Um dos homens ficou muito violento e a estrangulou.

-- Céus.

-- Agora seus filhos estão no colégio interno. -- Ela abriu os olhos e encontrou o olhar preocupado de Caine. -- Sabe algo sobre "esses" colégios internos?

-- Não muito.

-- São horríveis. A maioria das pessoas preferem passar por todas as coisas na rua do que submeter-se à quase fome e humilhação que este tipo de lugares fomenta. -- Bliss jamais esqueceria a ansiedade que tinha invadido os muros úmidos e os rostos sujos quando ela tinha ido com o vigário visitar os meninos. -- São como prisioneiros, com algumas visitas permitidas e frequentemente sujeitos a duras disciplinas, e muitos são separados de seus familiares.

-- E o governo não faz nada a respeito?

-- O governo o avaliza e quando há queixa, se nega a ouvir. -- Bliss passou à página seguinte do bloco e mostrou-lhe o retrato de uma menina com um rosto que alguma vez tinha sido angélico, congelado como uma máscara grafite. -- Ela sofre de necrose fosforada do maxilar, um tipo de necrose causada pelo fósforo. Algumas pessoas fazem meninos de sete e oito anos trabalhar igual os adultos em oficinas insalubres, onde não chega nem ar nem a luz do sol.

Caine esfregou os olhos como se a imagem fosse demais até para ele. Os desenhos restantes eram similares: rostos de mulheres e meninos, com a cara faminta, muitos trabalhando com velas acesas, as mãos rachadas e em carne viva.

-- Há algo que se possa fazer a respeito?

-- Interessar-se -- respondeu Bliss. -- Nossa sociedade castiga os pobres como se a pobreza fosse resultado da pouca vontade de trabalhar, e não da adversidade devido os tempos difíceis ou a outras circunstâncias que vão além do controle das pessoas.

-- Está claro que você se preocupa bastante com a condição deles.

-- Eu os retrato, mas o que é o que realmente tenho feito por eles?

-- Quando você a desenhou, falou por ela...

-- Mas minha voz não é suficiente. Sou mulher: eu não posso mudar as leis. E não possuo a mesma fortaleza que meus avós. Se eles acreditavam em algo, lutavam por isso incondicionalmente.

-- Você se parece bastante com eles.

Ela meneou a cabeça e levantou os olhos para o céu noturno: as estrelas começavam a brilhar na abóbada de veludo.

-- Tento ser tão firme como eles foram em suas convicções, mas eu sou uma espectadora: capturo emoções e sentimentos na tela, mas jamais as expresse verbalmente.

Caine acariciou levemente seu pescoço com um dedo, quase com a intenção de um abraço.

-- Jamais conheci uma mulher tão apaixonada pelo que crê. Aceitou-me, não foi? Se foi capaz disso, é capaz de qualquer coisa. Deveria mostrar sua arte para que o mundo veja esta crueldade com seus próprios olhos.

Bliss baixou os olhos e passou os próprios braços em torno do corpo.

-- Não sei.

Caine estendeu-lhe a mão, com a palma para cima, em um terno oferecimento de apoio.

A maneira vacilante do gesto quase a fez chorar. Ela pousou sua mão sobre a dele. Ele deslizou as pontas dos dedos, provocando nela um estremecimento reconfortante e em seguida a segurou forte com aquela mão morena, firme e forte, tirando com seu calor o gelo que a impregnar até os ossos.

-- O que é o que diz a inscrição? -- perguntou com discrição, indicando com um gesto o epitáfio da lápide da avó.

Bliss leu as palavras gravadas no mármore: *"ILS FLORENT É MERVEILLÉS DU BEAU VOYAGE QUI LES MENA JUSQU'AU BOUT DE LA VIE"*.

-- "Foi maravilhosa a viagem que fizeram até o fim da vida" -- recitou ela em tom suave.

-- É um sentimento lindo.

-- Sim. Amavam muito um ao outro. -- Sua voz e Caine ficou trêmula e Caine apertou seus dedos em um gesto reconfortante, apoiando o rosto em seus cabelos. -- Morreram com uma semana de diferença. Meu avô já estava doente, mas eu acredito que a inesperada morte de minha avó o fez abandonar a batalha e deixar-se ir. Tinha perdido a razão mais importante para manter-se vivo.

-- Deve ter sido devastador para você perder tão de repente duas pessoas que amava.

-- Foi.

-- Como morreu sua avó?

-- Ela foi assassinada.

-- Sinto muito -- murmurou ele, e a beijou levemente na têmpora.

As lágrimas que Bliss tinha tentado conter começaram a rodar por suas faces.

-- Parecia um dia tranquilo. Mas olhando para trás, percebo que era um silêncio inquietante.

-- Quer me contar o que aconteceu?

Ela vacilou, mas as lembranças brotaram.

-- A tensão que estava crescendo entre o governo e a população descontente se agravou. O distrito dos arredores da *Rué Montmartre* e da *Rué du Tempere* estava convulsionado pelo crescente mal-estar. De repente levantaram dezenas de barricadas; algumas ocupadas por mais de uma centena de guardas armados. Eu chegava a ver os soldados da janela da casa de meus avós. - Estremeceu ao recordar-se.

Caine a abraçou pela cintura e a apertou ainda mais.

-- Devia estar aterrorizada.

-- Acho que eu não compreendia o que estava acontecendo. Lembro de estar me sentindo estranhamente alheia, como se estivesse vendo a cena de fora. Minha mãe tinha me proibido ir quando ela e minha avó saíram à rua, mas eu as segui assim mesmo, mantendo distância para que não me vissem. No topo do monte havia uma mulher parada lendo um manifesto escrito por *Víctor Hugo*. Centenas de pessoas reunidas escutavam e havia perto de milhares de guardas a

postos.

-- E então, o que aconteceu? -- insistiu sutilmente.

-- Escutei os sinos da catedral de *Notre Dame* bater. Eram três horas em ponto. Um momento depois, alguém gritou: "*Viva a República!*". E logo se ouviu um disparo; ninguém soube de onde veio. Enquanto a multidão se equilibrava pra ver o que acontecia, os soldados disparavam.

O incidente completo não durou mais que cinco minutos, mas ao final, uma dezena de pessoas jazia morta nas ruas. Ainda me parece ver o olhar fixo de um velho estendido na beirada da calçada segurando ainda seu guarda-chuva, um rapaz com o corpo arrebitado pelos disparos... e minha avó.

As lágrimas começaram a rolar copiosamente.

-- Parecia algo impossível. Eu acreditava que era um pesadelo do que despertaria a qualquer momento. Fiquei ali, imóvel, minha mãe ajoelhada a seu lado, emitindo um terrível lamento. Eu estava paralisada, vendo a luz se apagando dos olhos de minha avó. Achava que o pesadelo ia terminar e ela voltaria. Só tinha uma pequena mancha de sangue no peito, certamente não suficiente para derrubar uma mulher que tinha sobrevivido a tanto.

Ela me estendeu a mão mas eu não pude segurar. Sabia que estava se despedindo e eu não queria que ela se fosse... - soluçou do fundo da alma - era minha última oportunidade e eu... deixei passar.

Caine a braços com força, deixando-a chorar. Enroscou os dedos nos cabelos soltos e com a outra mão acariciou sua nuca.

Permaneceram nessa posição um longo momento. Quando as lágrimas começaram a parar, ele a levou até um banco de mármore e a fez sentar-se encostada em seu peito.

-- Sente-se melhor? -- murmurou.

Ela assentiu, secando os olhos com um lenço que ele tinha posto em sua mão.

-- Era apenas uma menina -- disse conciliador -- não pode se culpar por temer algo que não compreendia.

-- Devia ter implorado para que não fossem.

-- E como você faria para que a ouvissem?

-- Não sei -- ela disse fungando, -- mas devia ter tentado. Devia ter dito à minha mãe que ficasse em casa quando meu pai a proibiu de vir aqui. Ele sabia que era perigoso. Talvez se eu tivesse implorado, teríamos ficado e então nem ela nem minha avó teriam saído à rua e minha mãe e meu pai ainda se amariam até hoje.

Caine aconchegou a sua cabeça contra o peito dele, acariciando seus cabelos ritmadamente até que se acalmasse. Levantou o queixo dela e beijou ligeiramente nos lábios.

O amor floresceu no coração de Bliss, frágil e apavorado. Em algum momento ela se apaixonou pelo desprestigiado Conde de Hartland. Quem diria? A acirrada defensora inglesa das mulheres se apaixonou pelo acirrado corruptor inglês de mulheres.

-- Se pudesse pintar em algum lugar do mundo -- disse num tom suave, com a luz do entardecer ao redor de ambos, -- qual seria?

Bliss olhou para os lindos anjos alados esculpidos no alto das tumbas que havia por trás deles: o olho do arcanjo de pedra parecia pousar nela com certa curiosidade.

-- Não sei - respondeu ela. -- Acho que todos os aspirantes a artistas parecem encontrar seu caminho em Paris.

-- Acha ou está certa? -- Seus olhos pareciam escuros e profundos como o céu sobre suas cabeças. -- Pra que lugar você mais gostaria de ir?

A resposta veio imediatamente.

-- De novo em casa. Em Examoor.

-- Por que?

-- Porque lá eu fui feliz.

-- E aqui não é feliz?

-- O suficiente -- murmurou ela, acariciando a gravata em seu pescoço, tão perfeitamente colocada, e bem apresentada, como se ele tivesse erradicado o homem furioso que tinha sido em Devon, que tomava o que desejava até mesmo do diabo com tudo o que isso implicava. E sem dúvida, por trás da aparência de esplendor, Bliss suspeitava que existiam os dois homens, e essa possibilidade a confundia

-- O que você mais deseja? -- perguntou ele.

-- Uma verdadeira família -- respondeu ela do fundo do coração. -- Parece que fiz parte de uma em outra vida. -- Ao contar de seu desejo absurdo, ela desviou os olhos dele. -- Isto deve soar tolo pra você. Já sou uma mulher adulta, não uma menina.

-- Família é família, não importa a idade que tenha. -- Acariciou-a no queixo insistindo em olhar pra ela. -- Só fomos meu pai e eu até onde me lembro. -- Ele olhou rapidamente as luzes cintilantes do bulevar, onde os salões de baile estavam abrindo as portas. -- Jamais conheci minha mãe de verdade. Ela morreu quando eu tinha quatro anos.

-- Sinto muito.

Havia certa frustração em seus olhos quando se virou para olhá-la.

-- Não há porque sentir pena. Não se pode sentir saudades do que nunca teve.

-- Eu acredito que sim.

A expressão de seu rosto mostrava determinação.

-- Me diga: o que você vê quando me olha?

Essa era a pergunta mais simples que ele tinha feito.

-- Vejo um homem que foi devastado -- respondeu em tom suave. -- Que está obcecado. Envergonhado. Que me enfraquece mas que também me fortalece. Que é compassivo quando ninguém vê. Cruel quando fere. Amável quando quer ser severo.

Ele a olhou fixamente durante um longo momento, como se ela tivesse triunfado ao deixá-lo sem fala. Então ele acariciou a curva dos lábios.

-- Uma vez me acusou de não pedir o que desejava.

O pulso do Bliss se acelerou e com quase sem ar disse:

-- E o que você deseja?

-- Um beijo, para começar -- murmurou ele, enquanto deslizava uma mão pela nuca e erguia sua boca. -- E depois, desejo o seu coração.

Capítulo XIX

Conquistar não é o suficiente; tem que saber seduzir.

Voltaire

A boca cobriu o suspiro de surpresa, as palavras acenderam uma chama de esperança no coração enquanto colocava os braços em volta do pescoço dele. Uma mão enorme segurou-a pela cintura e acariciou a pele por baixo do vestido, acendendo uma luz que começou a arder em seu interior.

Beijou seu rosto, o queixo, a garganta. Ela arqueou o corpo, quando ele levou a boca à pele que havia debaixo do corpete. Acariciou-a por todo o corpo até chegar ao seio, delineando sua forma, e o cobriu descaradamente. Bliss gemeu dentro da boca dele com a primeira carícia nos mamilos.

-- Deus. É tão doce e sensível. -- Acariciou seu pescoço com o nariz, com os lábios quentes como uma carícia embriagadora. Bliss sussurrou seu nome, estimulando-o. Apertou o rosto seu contra o dela e com voz rouca, disse: -- Tenho que parar ou possuirei você aqui mesmo, meu amor!

Bliss demorou um instante para se lembrar que estavam em público, onde qualquer pessoa poderia vê-los.

Quase pulou do colo de Caine. A risada dele a incomodou, e olhou a seu redor para ver se havia alguém por perto. Felizmente, a hora avançada tinha deixado o cemitério vazio.

Olhou para Caine e viu o brilho divertido em seus olhos juntamente com a paixão reprimida.

-- Você é perverso. -- Um breve sorriso curvava seus lábios ao ver a expressão de luxúria, e a cicatriz do rosto visível na escuridão.

Desviou o olhar para aquela linha fina. Estendeu vacilante a mão para toca-la. Ele não a deteve. A pele era sedosa e agradável ao toque, diferente da textura áspera do queixo.

-- Escrevi a meu pai -- disse ela, sentindo a tensão invadir Caine ante o comentário. -- Disse que jamais soube de sua ida para vê-lo e que se tivesse sabido teria falado com você. -- Passou o dedo por toda a cicatriz e sentiu seu leve estremecimento. Então, se inclinou e a beijou.

-- Bliss -- gemeu como uma súplica.

-- Ele sente pesar pelo que aconteceu com você... do mesmo

modo que sente terrivelmente o que aconteceu com seu pai. Ele jamais teve intensão de fazer algum mal ao conde. — Ela parou na esperança de que ele dissesse algo, mas ficou quieto e calado. — Disse-me que se você quiser tomar seu posto na Câmara dos Lordes, ele dará todo o seu apoio.

Olhou-a longamente e Bliss se preparou para uma explosão, mas ao contrário ele concordou balançando a cabeça. Ele a tinha escutado e prestado atenção. Não podia pedir mais.

Ela estremeceu quando um vento frio passou por eles e ela se lembrou que não tinha levado seu xale. Caine tirou o casaco e o pôs sobre os ombros. O calor de seu corpo tinha impregnado o forro: o perfume de sândalo e charuto era gostoso e reconfortante. Ajudou-a a erguer-se.

Bliss beijou a palma de sua mão e a colocou sobre as tumbas dos avós e sussurrou:

— *Je t'aime* — E deixou que Caine a guiasse.

Caminharam em um agradável silêncio durante um bom tempo, com o vento acariciando seus rostos, ouvindo o mocho e o som de gatos miando. Tudo era música para seus ouvidos.

No final da alameda Caine se deteve.

— O que é isso? — Perguntou mostrando com um gesto uma cripta que havia numa curva, com uma triste donzela vitoriana adornando a frente.

— Essa é a sepultura de Chopin.

— E por que estão ali todos esses pedacinhos de papel?

— Os amantes colocam bilhetes nas fendas. Virou uma lenda e dizem que na realidade a donzela é um anjo da guarda.

Caine olhou a estátua de maneira inquisidora e olhou o bloco de desenho dela.

— Você se importa?

Bliss negou com a cabeça, e observou como ele foi até o final do bloco e cortou um pedacinho de papel que não servia

Rabiscou algo com o lado fino do lápis de desenho (lápis-carvão). Ela tentou olhar por cima do ombro, mas ele tampou o escrito. Então se aproximou e colocou o pedaço de papel no espaço estreito que

havia à altura do calcanhar da donzela de pedra.

— O que escreveu?

Ele sorriu.

— Apenas Chopin e eu devemos saber. — Entrelaçou os dedos nos dela, recusando-se a satisfazer sua curiosidade enquanto saíam do cemitério para o bulevar onde ele chamou um carro e deu o endereço ao condutor.

Ajudou-a a subir. Bliss acomodou as saias e o viu ainda parado indeciso do lado de fora, com as mãos afundadas nos bolsos.

— Vem? - perguntou ela.

— Quer que vá?

A resposta veio rapidamente:

— Sim. — Ela sabia como terminaria aquela noite. Desejava conhecer este novo Caine Ballinger solícito, saber dele tudo o que pudesse. O veículo afundou um pouco quando ele subiu e fechou a porta atrás de si, ficando encerrados em um casulo escuro, a não ser pela luz tênue de um farol que havia no lado do carro.

O suave ruído dos cascos do cavalo sobre os paralelepípedos e a luz que se balançava pelo movimento da carruagem a deixou relaxada. Caine estendeu as longas pernas prendendo as suas como dentro de um arco; olhavam-se fixamente, com o desejo que tinham conseguido conter ainda fervendo na superfície.

— Se agora pudesse estar em outra parte — murmurou ela repetindo a mesma pergunta que ele tinha feito antes, — onde estaria?

As almofadas que tinha debaixo rangeram levemente quando ele se inclinou para frente, tomou as mãos e acariciou os nódulos e as palmas com movimentos lentos e rítmicos.

— Estaria aqui mesmo, onde estou agora — disse-lhe. E a beijou, suave, respeitosamente, mas com um desejo que a queimava.

— Caine... — Seus lábios sussurravam com ânsia ao sentir a que acariciava seu rosto com as costas da mão. Ele levantou a cabeça e depositou um beijo quente no centro da palma.

— Vem aqui. — Pegou-a pelos braços e com suavidade fez com que encurtasse a distância que os separava e a sentou sobre seus

joelhos. -- Assim está muito melhor.

Ergueu sua mão e beijou cada um dos dedos, também no pulso, subiu pelo antebraço até o cotovelo, com tanta sensualidade que a deixou louca.

Bliss fechou os olhos e suspirou se entregando, consciente do quanto tinha desejado ter essa intimidade com ele. Roçou seus seios túrgidos com o queixo até chegar ao lugar onde não havia tecido para impedir seus lábios exploradores. Então a beijou de novo com renovada paixão.

Ele levantou um pouco a cabeça e a olhou com os olhos entrecerrados. Sua mão tremeu pouco quando subiu até o pescoço e quase cobriu sua clavícula inteira.

-- Tão frágil. Tão doce. -- Baixou a palma da mão até os seios e Bliss mordeu o lábio, aguardando, desejando.

Ele começou a soltar os pequenos botões de madrepérola, e baixou o corpete até que os seios ficaram expostos, com os mamilos já eretos.

-- Preciosos -- disse ele, com voz rouca de desejo enquanto beijava cada uma das pontas doloridas. A carícia quase sussurrada a fez vibrar com antecipada excitação. -- São tão eretos e rosados... -- Voltou a provar, sugou-os por um longo tempo e ela se contorceu. -- Sinto-os como seda na minha língua. E quando os chupo forte se moldam na minha boca. -- Torturou as pontas, o que provocou um torvelinho de prazer em seu interior -- e você geme meu nome. Sim, assim. Com um som de prazer no fundo da sua garganta. Deus, isso me deixa louco. -- Lambeu as pontas proeminentes.

Bliss sentia o pulsar de seu corpo, e o desejo por Caine cada vez mais avassalador.

-- O cocheiro, -- murmurou ela vagamente quando a carruagem começou a diminuir a velocidade.

Caine a protegeu com o corpo, baixou o painel que havia detrás e pediu ao condutor:

-- Continue andando até eu mandar que pare. -- Então fechou o painel com um ruído seco.

-- O que ele vai pensar?

-- Não importa nem um pouco o que pense. E agora, onde estávamos? Ah, sim. Seus lindos mamilos e como os sinto em minha boca. -- Inclinou-se e colocou uma ponta dolorida entre os lábios e o roçou apenas com os dentes, aumentando sua sensibilidade.

Bliss sentiu a mão dele no tornozelo, subindo as saias, sua palma cálida roçando a pantorrilha, excitando esse lugar sensível na parte de trás do joelho, até chegar entre suas coxas, convidando com suavidade a que abrisse para ele. E ela o fez.

Ele a cobriu seu sexo com a mão, deslizando um dedo através dos pêlos encaracolados até encontrar a pérola quente em seu interior.

-- Delicioso... -- disse com um tom muito rouco que brotava da garganta. -- Porém pode ficar ainda melhor, como um delicioso creme. E isto -- disse ao massagear o clitóris em círculos lentos -- é como um morango doce.

As palavras provocaram uma cascata de calor que invadiu Bliss, com imagens da boca dele ali em baixo, sugando no mesmo ritmo delicioso que fazia com os mamilos.

Ele baixou a cabeça até a curva do pescoço.

-- Está pensando em minha boca alí?

-- Sim - suspirou ela.

Ela podia sentir seu sorriso na pele. Logo a pôs de pé e a sentou de cost—as para ele.

- Ponha as pernas em cima das minhas.

Obediente, Bliss fez o que ele pediu. Subiu sua saia até a cintura e ela ficou sentada em cima como uma prostituta, com as pernas abertas e o sexo exposto. Ele abriu suas pernas até que ela tensionou os músculos e tremeu.

Beijou seu ombro e a nuca, enquanto apertava o contorno dos seios e os moldava, excitando os mamilos ao massageá-los com os dedos.

— Sente isso? — murmurou ao seu ouvido.

— Sim — disse ela com um gemido baixo rouco. — Oh, sim.

Deslizou uma mão lentamente até o estômago e ela tremeu por antecipação quando ele deslizou os dedos no interior do vale úmido e voltou a encontrar a protuberância palpitante uma vez mais.

Bliss se arqueou e soltou um gemido ao sentir o delicioso e longo dedo de Caine em contato com a carne inflamada em cada terminação nervosa que ardia em chamas. Os seios altos e túrgidos em contraste com a carícia suave dos dedos nos mamilos provocavam uma sensação maravilhosa.

-- Caine -- disse ela com voz queixosa, com o corpo alcançando o topo celestial.

-- Sim amor, me deixa senti-la.

Enquanto ele acariciava seus mamilos com a mão, tão grande que podia estar nos dois seios ao mesmo tempo, com o outro dedo acariciava o centro do seu prazer, e o deslizava em seu interior, entrando e saindo enquanto torturava o sexo úmido com o polegar.

-- Pensa em mim dentro de você -- disse baixinho, com a respiração morna junto ao pescoço. -- Bem fundo, o máximo que puder. Me movendo assim. -- Deslizou outro dedo mais profundamente e deu uma estocada tão forte, que ela levantou o corpo.

Bliss sentia-se inconsciente, como uma drogada. Não existia mais nada, além do que estava fazendo.

Ele continuou brincando com seus mamilos e apertou a mandíbula ao rodear os casulos eretos e dando pequenos golpes até que sentiu o útero dela palpitar e ela apertou os músculos ao redor de seu dedo

-- Sim -- disse ele atraindo-a para si.

Ele pegou um dos seios e colocou na boca apenas o bico. Ao primeiro contato com a ponta dolorida, Bliss chegou ao orgasmo: as palpitantes convulsões brotavam do mais profundo de seu ser, uma atrás da outra, até cair em espiral em uma profunda letargia.

-- Delicioso -- sussurrou ao seu ouvido e ela ruborizou-se ao pensar em como se contorcera querendo mais. -- Você é incrivelmente adorável quando está sentindo prazer... Não me canso de olhar pra você e ver como seu corpo sente prazer com minhas mãos.

Bliss colocou a cabeça debaixo de seu queixo. Sentia um acanhamento que lhe era pouco característico.

-- Em também quero dar prazer a você!

-- Já me deu. Beijou-a na cabeça. -- Apenas tocando em você

me excito. Quando gozou com meus dedos dentro de você, com essa sensação quente e úmida que me apertava... Deus! Quase gozei também. Nunca me aconteceu isso antes. Você me excita tanto, que parece que vou explodir. -- Encostou seu sexo teso contra o bumbum dela para provar que falava a verdade. -- Mas aqui não. Assim não. Quero você numa cama com lençóis macios e velas.

Beijou seus mamilos mais uma vez e ajudou-a a se vestir. Num gesto amável amarrou o corpete, baixou sua saia e a embalou no peito como tinha feito antes.

Baixou o painel e falou ao cocheiro outra vez.

Bliss estava lângua em seus braços. O perdoara. Ele tinha ido a Paris por causa dela. Tinha sentido saudades. E isso certamente queria dizer que estava interessado nela.

Um momento depois, pararam em frente ao número 12 da *Rué Chausée d'Antin*, na casa dela. A beijou com paixão e com pesar a devolveu ao assento em frente; aqueles olhos de azul um azul profundo, prometiam prazeres que ela nem podia imaginar.

Beijou sua mão enquanto o cocheiro descia para baixar a escada e a porta se abriu.

Mas não era o cocheiro que estava do outro lado, olhando-os fixamente com uma sobrancelha levantada como se os estivesse recriminado e com aquele sorriso cruel.

Era Olívia!

-- Carinho! -- disse com voz melodiosa. -- Que maldade de sua parte me deixar esperando! Disse que nos encontrássemos aqui às nove em ponto, lembra? Agradar à juvenzinha demorou mais tempo do que esperava, não é? -- Olhou para Bliss, e a avaliou começando de baixo para cima, sem perder o detalhe dos cabelos nem da roupa desordenada, nem do rubor de seu rosto e a parte superior dos seios. -- A julgar pela aparência, é evidente que foi bom.

Bliss ficou congelada no último degrau. A mão de Caine queimava em suas costas, tinha o corpo tenso. A felicidade que acabara de sentir começou a desmoronar diante de seus olhos.

-- Que diabos você está fazendo aqui, Olivia? -- perguntou Caine em tom furioso, ajudando Bliss descer o último degrau porque seus pés não respondiam mais o comando do cérebro.

Com muito custo, Bliss percebeu que ele segurava fortemente seu braço, como se temesse que ela fosse fugir, mas ela não tinha forças para se soltar e correr escada acima, e se proteger do que temia na casa onde morava.

-- Como disse, estava esperando por você.

-- Você bem sabe do que estou falando. O que está fazendo aqui em Paris? Deixei você em Devon para que apodrecesse no inferno.

Olívia riu, dando coquetes batidinhas no antebraço com o leque, como se estivessem no meio de um salão de baile e não no meio de uma rua empoeirada.

-- Não seja ridículo, querido. Chegamos juntos.

-- Vá embora daqui, Olivia -- advertiu Caine. -- E não volte. Se voltar a vê-la, não vai gostar das conseqüências. -- Sem afrouxar nem um milímetro, ele conduziu Bliss para a entrada da casa.

-- Ai, querido. Cheguei muito cedo, não é verdade? Ela ainda não pronunciou as palavras, não é mesmo?

O tempo parecia correr como se nada acontecesse, quando Bliss se deteve e olhou para Caine; rogava do fundo do coração que ele não estivesse brincando com ela outra vez.

-- Maldição, Bliss, não a ouça. Eu não vim com ela. Juro isso a você. Ela está mentindo.

-- O que eu teria que dizer?

-- Nada. Deus... tudo mudou, não percebe? Não pude fazer. Eu... -- Seu rosto expressava arrependimento e desespero. -- Não pude fazer.

-- O que você não pôde fazer?

-- Já não tem importância. Não o fiz. Não o faria. -- Ele disse.

-- Minha querida Lady Bliss... -- Olivia estendeu a mão para consolá-la e a apoiou ligeiramente em seu braço.

Bliss deu um salto para trás.

-- Não se atreva a me tocar -- falou, com uma crescente onda de fúria que substituíra o intumescimento que a tinha tido.

-- Compreendo o que deve estar sentindo -- disse-lhe Olivia

com um tom de falsa afinidade, - mas, por favor, não jogue toda a culpa em Caine. Acho que tenho tanta culpa quanto ele. Foi apenas um jogo, idealizado por dois amantes esgotados que simplesmente procuravam uma diversão para aliviar seu aborrecimento.

-- Cale essa sua boca, Olivia -- grunhiu Caine com os dentes apertados.

-- Já fomos descobertos, milord. Já não há necessidade de continuarmos fingindo. Temos o dever de confessar nossas maldades à dama. -- Voltou a olhar para Bliss. -- Realmente não pensei ele que fosse chegar tão longe.

-- Bliss -- disse Caine, ficando de frente pra ela afastando Olivia. -- Não a escute. Eu a amo. Deveria ter dito isso a você antes, mas... Deus, tinha medo. É muito boa para mim. Pensei que podia deixar passar, esquecer você. Mas não pude.

-- Diga a verdade a ela, Caine. Diga que a usou para recuperar sua casa.

-- Eu não usei você Bliss. Eu a desejei. Sempre a desejei.

-- Conte a ela a aposta que fizemos - provocou Olívia.

Ele olhou de modo suplicante para Bliss.

-- Não pude ir até o fim.

-- Já sabe milady, que sua desonra não foi apenas por causa da vingança. Sim, Caine queria vingar-se de seu pai.

-- Cale-se maldita! -- virando rapidamente e olhando-a de frente.

-- Mas também queria recuperar sua casa -- continuou. -- E eu também queria algo. Um filho de Caine. E ele estava mais que disposto a me dar isso, caso não conseguisse cumprir sua parte no trato.

Caine avançou para ela que retrocedeu mas suas palavras continuaram sendo ouvidas.

-- Que melhor maneira de vingar a morte do pai tomando não apenas sua virgindade mas também fazendo com que se apaixonasse perdidamente? Ele não queria seu coração, querida. Queria sua alma.

-- Cale-se! -- rugiu Caine.

— Bastardo apaixonado — gargalhou: — Estúpido! Acha mesmo que ela poderia se interessar por alguém como você? Você e eu somos da mesma espécie. Pecadores ao extremo. O que nos interessa é a nossa própria gratificação pessoal. Como acha que chegou tão longe? Porque é um canalha safado. Seu único interesse era colocar seu pênis na próxima mulher disponível e deixou seu pobre pai sofrendo porque precisava satisfazer seus apetites.

-- Já chega! -- a ordem saiu da boca de Bliss.

-- Não -- disse Olivia energicamente. -- Não falei nem a metade. Você foi enganada por um perito, menina. Como eu tinha muito em jogo, tinha que proteger meu investimento. Caine é tão habilidoso na arte da sedução... percebe que eu sabia que ele ia levá-la pra cama e você teria confessado a ele seu amor eterno antes que se desse conta do que estava acontecendo. Acha que ele estaria aqui se tivesse feito você dizer que o amava ainda em Devon? -- Continuou destilando veneno. -- Pensa, querida: Caine estava disposto a me dar tudo o que desejava, fazer o que eu o mandasse fazer, ou desempenhar qualquer ato sexual que eu desejasse, como maneira de permanecer na casa.

Acha que estragaria todo esse árduo trabalho por uma virgem idiota como você? Estou fazendo a você um tremendo favor, querida. Pergunte você mesma se não acredita em mim.

Todo o corpo de Bliss doía pela frustração; com movimento lento o olhou.

-- É verdade o que ela está dizendo? Tudo foi... tudo foi porque queria recuperar sua casa?

Ele se apoiou na parede, com a cabeça para trás e os olhos fixos no céu noturno.

-- Pensei que seria tão simples... -- disse com voz oca. -- Pensei que sabia como jogar cada parte. Que você não me importaria; que não a desejaria. E juro por Deus que acreditei que não precisaria de você. Mas você me desafiou a todo momento. Me transformou. -- Moveu a cabeça contra a pedra dura, com os olhos vazios ao olhá-la, como se não estivesse ali. -- Por um breve instante, me fez esquecer de quem eu era.

-- Que sensível! -- pronunciou lentamente Olivia em tom de indignação. -- Está desfigurado pela culpa, que patético! Bem, querido, já que chegou tão longe, bem que você poderia confessar à sua amada o

resto. Além do mais, é uma história tão interessante...

-- Não -- implorou ele. -- Se significa alguma coisa pra você Olivia, não o faça.

-- Claro que significa (tanto quanto eu significo para você e ambos sabemos quanto). Eu falei para que não me tratasse tão cruelmente. Havia tanto ainda para eu aproveitar de você... inclusive seu adorável pênis, capaz de fazer com o meu corpo maravilhas. Mas St. Giles ocupou seu lugar em minha cama e embora nem suas habilidades nem sua virilidade sejam comparáveis às suas, faz o que eu mando. Então, já não preciso de você. Seus serviços findaram. De todo modo, já não vale nada. O que tem? Nada. É um conde despejado. Pode apodrecer na rua, meu amor. É isso que você significa pra mim.

-- Por que faz isto com ele? -- perguntou Bliss, com pena de Caine; mesmo que ele tivesse quebrado seu coração, ela simplesmente não podia deixar de amá-lo. Tinha que defendê-lo, pois ele tinha caído muito baixo para fazer isso por si mesmo.

-- Por que? -- rebateu Olivia com uma forte gargalhada. - Porque posso. Mas realmente, o que pode saber disto uma simplória como você? Você sabe guerrear com palavras, mas contra um homem, é melhor ganhar a guerra com sexo. Eles têm o cérebro nas calças, minha querida. Aconselho que tenha isso em mente.

-- Eu não preciso de nenhum conselho seu. Você é uma bruxa cruel e calculista.

-- Ah, finalmente está descobrindo. Mas antes que comece a me pôr rótulos e a sentir pena deste débil projeto de homem, pensa o seguinte: ele se confabulou contra você. Você foi uma marionete. - Olhou maliciosamente para Caine, que estava encostado contra a parede, com a cabeça entre as mãos. -- Agora conte, Caine. Diga a ela porque deveria jogar toda a culpa sobre suas costas. Conte em detalhes o que fez de pior.

-- Por favor, Olivia -- sua voz saiu num sussurro, negando com a cabeça. -- Não faça isso.

Ela zombou dele:

-- A julgar por seu tom de voz, vejo que está absolutamente derrotado. Bem. Então direi eu. -- Olhou nos olhos de Bliss e com calma ajeitava as luvas e não como se estivesse a ponto de aniquilar

verbalmente um homem na rua. — O pai dele não saltou do escarpado milady. Seu próprio filho o matou.

Capítulo XX

A iniquidade do esquecimento pulveriza papoulas às cegas, igual as lembranças dos homens, sem distinção de mérito perpetuamente.

Sir Thomas Browne

Bliss olhou a mulher fixamente em silêncio durante um breve instante.

— Não. — Meneou a cabeça. — Caine não pode ter feito algo assim.

— Isso não é de conhecimento público, é obvio. Por causa da minha gratificação sexual, senti a necessidade de guardar silêncio sobre a verdade a respeito da morte do conde. — Olivia tirou uma poeira imaginária da manga do vestido. — Agora já não preciso guardar.

Um milhão de pensamentos passaram pela cabeça de Bliss, embora uma só fosse verdadeira. A acusação de Olivia não podia ser verdadeira. Caine tinha amado o pai.

-- Você não estava ali quando o conde morreu — rebateu Bliss. — Não há como saber de coisa alguma.

-- Ah, pois está equivocada. Eu sei o bastante. Embora Northcote ofereça pouco no plano dos entretenimentos, uma de minhas empregadas estava lá na época do incidente e me contou tudo. Ela trabalhava para Henry Ballinger e viu o conde e seu filho discutir na beirada do escarpado. Então viu Caine empurrar o conde para a morte.

Um terrível som de desconsolo cortou o ar e assustou Bliss.

Caine tinha deslizado pelo muro, com expressão de angústia nos olhos e o rosto pálido.

— Eu queria salvá-lo... não pude... Estava fora do meu alcance. Tentei. Deus, por favor acredite em mim, tentei.

— Sim, querido — zombou Olivia em tom condescendente, como se falasse com um menino. — Estou certa de que tentou salvar o homem que arruinou seu futuro esbanjando tudo o que ganhara, junto com o dinheiro que sua amante tinha lhe dado. — Olhou para Bliss sentindo-se vitoriosa. — Embora o conde estivesse endividado, o verdadeiro motivo pelo qual se encontrava nos escarpados aquela noite era porque já não podia suportar o fato de que seu filho ser...

— Não! — Caine se levantou de um salto e implorou: — Não faça isso... — E caiu de joelhos diante dela.

Ela gargalhou.

— Isto não tem preço. O poderoso conde Hartland finalmente encontrou seu lugar apropriado. — Ela se inclinou e cruelmente sussurrou em seu ouvido: — Lembra quem o fez se pôr de joelhos, meu amor.

Bliss jamais tinha visto Caine como naquele momento, como se esperasse que alguém viesse e apunhalasse o coração e acabasse com ele. Ela sentia vontade de gritar com ele, sacudi-lo; queria que reagisse.

— Foi muito difícil descobrir que o filho não era quem acreditava ser — murmurou Olivia com voz quase terna enquanto o olhava fixo. — Não era seu filho amado. Não era o verdadeiro herdeiro. Era sim, o filho bastardo de uma mãe puta.

Um profundo lamento brotou da alma de Caine, com um violento tremor por todo o corpo.

— Deixe-o em paz — ordenou Bliss. Não ia permitir que essa bruxa vingativa o ferisse. Não importava o que tinha feito, ele não merecia aquilo.

Os olhos de Olivia brilharam cinicamente se divertindo ao olhar para Bliss.

— Mas há tantas coisas mais a contar, querida... — Olhou para Caine. — Não é verdade, meu amor?

— Por favor... — sussurrou ele com voz rouca e entrecortada e Bliss morreu por dentro, apiedando-se dele. Nenhum homem tinha sido tão humilhado. Agora compreendia porque ele estava contemplando os escarpados e o mar com tanta nostalgia, como se quizesse esquecer e se libertar da culpa e da dor.

— Lembro os primeiros meses, quando se envolveu comigo — disse Olivia. — Ele ficava completamente bêbado e era deliciosamente rude na cama. Mas álcool e culpa são terríveis companheiros de quarto... não é verdade, querido? Pouco a pouco foi revelando a sórdida história. E uma vez que a jovem criada contou o que tinha visto, descobri que a maioria dos velhos criados de seu pai sabiam a verdade (embora a ameaça de que suas vidas já miseráveis se tornassem ainda piores os obrigou a manter a boca fechada).

Olivia olhou para Bliss.

— Eu não sei o que ele disse a você, mas sua mãe suicidou para não conviver com sua própria vergonha. Seu marido não soube a não ser muitos anos depois. Na semana anterior a seu falecimento, o conde mandou chamar seu filho, para que retornasse do bordel ou da cama de alguma mulher e voltasse para casa.

Quando Caine chegou naquela fatídica noite, encontrou o pai com garrafas de álcool vazias esparramadas ao redor. Depois de guardar seu horrível segredo durante anos, se enganando religiosamente (como o filho que se engana ao pensar que tudo foi um terrível e triste acidente), o conde já não podia suportar a carga. Sentia que seu filho merecia saber a verdade a respeito de sua linhagem, o que com certeza explicaria o comportamento indecente de Caine, como bom filho de prostituta que era. Bem, estou certa de que pode deduzir o que aconteceu depois, porque já provou do temperamento de Caine.

Ao ver que Bliss permanecia em silêncio, Olivia continuou: — Ele não podia acreditar que era um simples bastardo. Nosso moço sempre foi tão cheio de si mesmo, tão arrogante e tão seguro de seu lugar no mundo... Ele era o príncipe herdeiro de Devon! Mas naquela noite, viu que era um farsante. E isto acendeu seu temperamento explosivo e atacou o pai.

— Não — rugiu Caine, como se estivesse sangrando, ajoelhado ali no chão duro como que diante de Deus em busca de perdão. — Eu

não o empurrei. Deus, me ajude... ele queria morrer. Ele queria estar com ela. Só ficou todos esses anos por mim, ele me disse. — As palavras brotavam vacilantes de seus lábios, como uma confissão. — E eu nem sequer era seu verdadeiro filho. Ele desejava me deixar tudo, mas eu joguei tudo na sua cara: o amaldiçoei, amaldiçoei minha mãe. Então foi quando ele me bateu. Jamais tinha me batido antes e eu enlouqueci de fúria e dor. Disse que ele deveria ter ido com minha mãe para a sepultura. Que era muito melhor se estivesse morto.

Seu corpo tremia descontroladamente, as lembranças o devolviam a esse terrível momento.

- Eu o deixei lá, sabendo que estava bêbado e vulnerável. Na metade da colina, parei e olhei. O vi parado na beirada do precipício, olhando para baixo com o vento o empurrando para as profundidades que se abriam a seus pés.

Então soube. E corri...

Deus, não faça isso! Gritei seu nome muitas vezes, supliquei, mas ele só olhou por cima do ombro. E depois... quase o alcancei mas ele se inclinou para frente... e... Oh Deus! — Fechou forte os olhos.

As lágrimas corriam pelo rosto de Bliss, com o coração dolorido por causa da tortura que Caine tinha vivido durante os dois últimos anos: se sentia responsável pela morte de seu pai, quando estava claro que ele tinha ido aos escarpados para morrer,

Naquele momento, detestou o pai de Caine. O tinha trazido de volta para casa para fazer a grande revelação e então matar-se diante de seus olhos, e o deixar com a culpa de algo que nada tinha que ver com ele.

— Caine... — ela se aproximou dele, estendeu a sua mão, mas ele ficou de pé com dificuldade e se afastou dela.

Olivia riu.

— Finalmente o garanhão selvagem ficou estraçalhado — Riu. — De certo modo, é uma vergonha. Os cavalos domados não têm leite nem graça. — deu de ombros. — Bem, pelo menos terei o prazer de domar Khan. A diferença de seu antigo e orgulhoso dono, é que brigará muito, mas acabará cumprindo minhas ordens, disso não há dúvida. — Inspirou com satisfação. — Parece que ganhei por todos os lados. Que estupendo! Bem, desejo a você um "*passé bem*", ou "*adieu*", como dizem

os franceses — Com um giro exagerado, virou-se para partir.

As palavras de Bliss fizeram com que parasse.

— Não vá ainda milady, ou perderá a melhor parte.

Olívia olhou Bliss por cima do ombro com expressão cautelosa.

— E do que se trata querida? Fará esse canalha lamber suas botas? Com muito prazer ficarei para ver isso.

— Não, vou fazer algo muito mais simples — replicou se aproximando até ficar parada em frente da mulher.

— Por favor, não me aborreça com seus sermões santarrões — disse com um suspiro. — São tão enfadonhos...

— Sem semão. Apenas algumas palavras

— E o que poderia ser remotamente interessante aos meus ouvidos?

— Apenas isto: amo Caine.

Olívia a olhou incrédula.

— Você deve estar brincando.

Bliss a olhou fixamente sem piscar.

— Não, não estou. Eu o amo. Com todo o meu coração. E já que teve o trabalho de viajar até aqui, não poderia negar a você o direito de me ouvir dizer isso.

— A boca de Olívia se fechou de maneira furiosa.

— Não fala sério. Não pode. Ele riu de você. A usou e a deixou arruinada para outros homens.

— Sim, falo sério. Embora tenha razão numa coisa: é verdade, Caine me arruinou. Nunca mais vou querer outro homem. Somente a ele.

— Meu deus! Está tão louca quanto ele.

— Talvez, mas isso não é da sua conta. E, já que Caine cumpriu a parte dele no trato, espero que lhe devolva a casa imediatamente.

Olívia a olhou boquiaberta.

- De maneira nenhuma!

Bliss se adiantou um pouco mais para ela, com o nariz quase encostando em seu queixo. Olívia pesava uns seis quilos a mais que ela, mas Bliss não se importou com isso.

— Ou devolve Northcote para Caine amanhã pela manhã, ou a perseguirei e prometo que você não vai gostar do que vou fazer se a encontrar.

— Não seria capaz!

— Com toda segurança.

A mulher bufou de raiva com um olhar que prometia desforra.

— Está bem — disse bruscamente em voz baixa cheia de fúria.

— Que fique com sua maldita casa. De qualquer maneira, o lugar parece mesmo um necrotério. Que viva ali e perambule por seus corredores até que a madeira do chão apodreça sob os seus pés. Isso não mudará o fato de que você é (e sempre o será) um pária social. E amanhã pela manhã, toda a Inglaterra saberá de seu sangue manchado e suas tendências homicidas.

Bliss jamais havia sentido uma fúria assim em toda sua vida.

— Seria pouco inteligente de sua parte ameaçar com exposição pública. Seus atos só fariam as pessoas vê-la como uma amante desprezada.

— Desprezada? — A risada da Olivia foi curta. — Nenhum homem jamais me desprezou. Sou eu que os abandona. — Se virou para Caine, que estava de costas para elas. — Você não foi o único com idéia de vingança, milord. Cada uma das vezes que estava comigo na cama, sempre se reprimindo um pouco, eu planejava o golpe final de sua queda. Pensou que estava me fazendo de boba, mas era eu que o estava fazendo de idiota. Agora arderá no fogo do inferno.

Sem pensar duas vezes, Bliss esbofeteou Olivia fazendo com que cambaleasse; a força da bofetada fez soltar a peruca.

Apertando com a mão a face avermelhada, olhou Bliss com o rosto assustado.

— Me esbofeteou!

Bliss olhou furiosamente para a mulher que estava encolhida de medo a seus pés, com a raiva correndo por suas veias.

— E voltarei a fazer se descobrir que você comentou uma só palavra do que aconteceu aqui. Utilizarei toda a grande influência do meu pai para levá-la à ruína se tentar fazer alguma coisa contra o Caine. Entendeu?

Com a mão ainda no rosto, Olivia assentiu. Enquanto ficava de pé, falou num fio de voz:

— Que faça bom proveito. Vocês dois são iguais.

Entrou na escuridão como um vendaval e com voz enfurecida falou bruscamente ao cocheiro, em seguida o barulho seco de uma porta e o barulho das rodas sobre a pavimentação.

Bliss ainda permaneceu ali tentando compreender todas aquelas assombrosas revelações. No início se sentiu ferida e também furiosa. Mas logo uma estranha sensação de calma a invadiu e soube exatamente o que fazer.

Nesse momento as palavras da mãe pareceram proféticas. De fato, as respostas chegaram quando ela estava preparada para ouvir. E ao ver Caine de joelhos, tudo ficou claro. Para o bem ou para o mal.

— Ela não terá a menor compaixão, sabia?

Bliss se virou para olhar Caine que não se moveu. Sua postura era tensa, rígida e ela desejava rodear seu pescoço e abraçá-lo.

— Não me interessa. Essa bruxa malvada recebeu seu castigo. Espero que seu rosto doa a semana inteira.

Caine meneou a cabeça.

— Lady Bliss Ashton uma fanfarrona. Quem diria!

— Possivelmente, mas foi muito bom.

— A revanche sempre é.

Havia algo em seu tom de voz que de repente a desconcertou. Era como se ele estivesse zombando dela.

— Está chateado comigo?

— Chateado? Por que eu deveria estar chateado? Isso seria bastante estranho da minha parte não acha?

— Não sei.

— Sério? Ele saiu das sombras que o ocultavam parcialmente, o que permitiu a ela distinguir o desdém em sua expressão. — E eu que pensava que sabia tudo...! Com certeza age como se fosse defensora dos direitos das mulheres e salvadora de condes impulsivos e insensíveis.

— Caine...

Ele levantou a mão. — O que está feito está feito.

Bliss se aproximou parando na sua frente e pousou amavelmente a mão em seu braço.

Ele a olhou longamente com severidade, como se a julgasse. Tinha os olhos frios, diferentes dos que tinha visto há algumas horas.

Afastou-se dela e deixou-a ali parada, confusa e sozinha. De novo a deixava de lado.

Será que ele não percebia que ela compreendia suas razões e a cínica perspectiva do mundo?

Ela o seguiu e o deteve no meio da rua. — Aonde vai?

Olhou-a bruscamente, sem nenhuma emoção: — Para longe de você.

— Caine, por favor. Entendo que esteja triste.

— Triste? — a gargalhada breve que ele deu, cortou-a como uma faca. — Céus, abra os olhos! Você foi usada. Não ouviu o que disse Olívia?

— Ouvi, mas não acreditei no que ela falou — respondeu.

A firme confiança dela nele, quase o arrebentou. Queria que ela o odiasse. Precisava disso. Maldita alma linda e fiel!

— Acredite. Você falou com um só objetivo em mente que era recuperar minha casa. Conseguiu. Já não preciso mais dos seus serviços. Considera isso como sua condenação, minha querida.

— Por que está falando dessa maneira?

Porque ele não tinha o que oferecer. Estava sem um centavo. Os inquilinos de Northcot podiam manter-se por conta própria. Não deveria pensar neles para encher seus bolsos. Como faria para sustentá-la? Viveriam às custas do pai dela. Preferia morrer antes.

Seu único saldo estava entre as suas pernas e ele jamais voltaria a tocar outra mulher desse modo; Bliss o tinha estragado para as outras mulheres. Viu seu sofrimento para recuperar a casa, e a vitória era vazia.

Não significava nada sem ela.

— Disse a você que haviam muitas lições e que poderia ensiná-las. — Falou de forma cruel intencionalmente. — Agora pode se

considerar um objeto de valor. Os homens matariam para levar pra cama uma mulher apaixonada e você, minha querida, conta com essa vantagem. — Inclinou-se e tocou seu rosto enquanto sussurrava em seu ouvido: — Deveria ter seguido seu instinto e não ter acreditado em mim. Que ironia, não é verdade? Você tinha razão a respeito dos motivos para eu vir atrás de você hoje... A única coisa que eu queria era que levantasse as saias.

— Mas não o fez — disse ela, torturando-o com a ternura da resposta, e a fé ainda brilhando nos olhos.

— Um descuido — disse com irritação. — Imaginei que quando retornássemos me convidaria para seu quarto e estaria tão excitada que me daria a melhor *montaria* em muito tempo.

Emoldurou-lhe o rosto com dois dedos e a sentiu tremer enquanto ele se obrigava a olhar friamente aqueles olhos tão confiantes.

— Recobra o ânimo carinho. Haverá outros homens. Possivelmente algum pobre tolo que se apaixone por você.

Ela permaneceu ali, olhando-o com o coração nos olhos. Ele não podia deixá-la assim, mas devia fazê-lo. Olivia o tinha deixado exposto com tudo o que era: o filho de uma prostituta. Mesmo se tivesse riqueza que se equiparasse a seu título, ainda assim não seria o suficiente para Bliss. Em seu passado havia muito pecado e depravação.

— Amo você, Caine — disse ela com voz suave, mas com convicção, com as lágrimas brilhando nos olhos, gesto que o rasgou por dentro.

Nenhuma mulher havia dito essas palavras a ele. Nenhuma mulher o tinha visto como algo mais que um meio para dar prazer. Nesse momento a odiava, por oferecer a ele um vislumbre de algo que ele nunca teria, ou seria. Sentia vontade de castigá-la por amá-lo, por não haver se afastado antes que ele a destruísse.

Pegou-a pelo braço, afundando os dedos na carne enquanto a arrastava.

— Por mais de uma vez adverti você que a arruinaria. Dei razões mais que suficientes para que fugisse, mas você e suas ridículas idéias de salvação fizeram com que não protegesse a si mesma. Não me jogue a culpa de sua insensatez. — Ele apertou os dentes e pronunciou

com dificuldade: — Procura um marido. Dê a ele meia dúzia de melequentos e me esqueça. Porque eu certamente o farei. — Soltou-a com um empurrão e ela falou gaguejando, com lágrimas caindo dos olhos.

— Você... não me esquecerá — sussurrou.

— Já esqueci — mentiu ele e a custo partiu.

Capítulo XXI

Procedi como um insensato e cometi um grande engano.

1 Samuel 26:21

Bliss olhava pela janela do mezanino e observava como o sol ia desvanecendo no céu, deixando atrás de si um rastro de cores vivas, uma vista que a teria inspirado até uma semana atrás. Agora simplesmente significava o fim de mais um dia.

Depois da cruel despedida, Bliss tinha acreditado que Caine só estava zangado com ela por ter intervindo em seu favor com Olivia e que retornaria. Possuía uma grande cota de orgulho e ela tinha lutado a batalha dele em seu lugar.

Mas quando ao terceiro dia se seguiu o quarto, e logo ao quinto, o sexto, ela percebeu que tinha que deixar de se enganar. Caine a tinha usado e esquecido, tal como havia dito.

Isso devia ser motivo suficiente para odiá-lo, mas os sentimentos não lhe concediam a vantagem de ficar de acordo com o senso comum. Tirou o chapéu derramando lágrimas sem querer, e que encheu de pânico o pobre Francois, que nunca a tinha visto chorar.

Ela jamais imaginou que se converteria no tipo de mulher que amaria um homem até o ponto de desejar passar por cima de seu

comportamento indecente ou permitir-se acreditar no que ele havia dito antes. Mas era exatamente nesse tipo de mulher que se convertera. Só o tempo marcaria uma diferença. Só a distância. E a essas alturas Caine certamente já estaria bem longe de Paris.

Alguém tocou levemente a porta, mas Bliss se sentia muito desinteressada para responder à chamada. Um momento depois a porta se abriu e o ruído da baixela indicou que tinha entrado alguém com uma bandeja de comida; o passo forte e o suspiro ainda mais forte indicaram que se tratava de François.

— Trouxe algo de comer — estava incomodado com ela.

— Obrigada — murmurou ela enquanto observava o *Moulin de la Galette* que girava lentamente.

François resmungou um impropério e depositou a bandeja fazendo ruído e expressando seu desgosto.

— Aqui ainda há dois pratos cheios. *Mon Dieu* tem que comer! Está se consumindo em vão.

— Não tenho fome.

— Já escutei isso antes e estou farto. Vai comer nem que eu tenha que forçar a passagem de cada pedaço pela sua garganta.

Bliss estava tão perdida em seus pensamentos, que não o escutou aproximar-se por trás. Sobressaltou-se quando pôs as mãos sobre seus ombros.

— Relaxe, *ma belle*. Está tão tensa... — Começou a massagear seus ombros com delicadeza e Bliss esperou brigasse com ela, mas, um silêncio agradável se estendeu entre ambos.

— Sinto muito — disse ela finalmente. — Sei que ultimamente não estou sendo a mesma.

— Compreendo, e eu não gosto de vê-la sofrer

— Sei.

Ele fez uma pausa e logo disse: — Ainda está interessada no inglês?

Embora fosse ridículo mentir, Bliss o fez assim mesmo.

— Não... faz tempo que ele está esquecido. Eu só estou... esgotada. — Parecia que o mundo inteiro tinha perdido a graça. Mas

superaria. Não tinha alternativa.

— Isso é porque você não comeu nem tomou ar fresco. Se encerrou neste quarto como em uma torre, como uma princesa melancólica. Isto não é próprio de você. Você é uma mulher de têmpera e paixão.

Bliss se virou para olhá-lo, com uma lágrima descendo pelo rosto..

— O que foi que me aconteceu? — sussurrou com voz trêmula.

François colocou a mão em seu rosto e secou a lágrima.

— O amor, minha menina. Aconteceu com você o amor. Eu sei, já me apaixonei muitas vezes e a cada vez que acontece acho que a dor não será tão grande, mas é. Não se alivia nem um pouco. Mas passa.

— Quando?

— Em grande parte depende de você mesma. Deve assumir que está amando e se obrigar a continuar. E quando menos espera, as coisas voltarão a ser como antes. E não há melhor momento que o agora, para começar. Esta mesma noite iremos ao *Moulin de la Gallette*.

— Não... — disse Bliss balançando a cabeça. — Não, não poderia. Não esta noite. Ainda não.

— *Oui*, esta noite.

— É muito cedo.

— Tolice. Fará bem a você!

— Mas...

— Ia manter em segredo, mas agora me vejo forçado a falar. Manet estará pintando ali esta noite e pediu especialmente que você fosse.

Bliss esqueceu seus problemas momentaneamente.

— Manet perguntou por mim? — Ser convidada por um artista não só era atípico mas também cobiçado. Ele era um homem absolutamente reservado que só frequentava lugares escolhidos a dedo.

François assentiu com a cabeça.

— Ele viu alguns de seus trabalhos e disse que tem um futuro promissor. E então? Quer perder a oportunidade de vê-lo pintar?

Ela tinha sido admiradora de Manet durante muitos anos e uma das milhares de pessoas que iam ao *Salão* para ver as mostras de seu trabalho.

Bem lá no fundo, a velha chama acordou para a vida. Talvez François tivesse razão. Ela precisava obrigar-se a sair, a esquecer. Provavelmente Caine já a tinha esquecido por completo. De fato, talvez estava brindando por sua sorte e levando para a cama alguma prostituta de peito grande e olhos de cervo que não lhe causasse problemas, nem lhe desse sermões. Não desse mais nada que não fosse prazer. Infinitas horas de prazer.

— Oh, meu Deus, lágrimas de novo não! — disse François numa mistura de exasperação e preocupação, e a abraçou.

— Eu o detesto — sussurrou Bliss com voz carregada de emoção, secando as lágrimas com raiva.

— É assim deve ser. Ele é um descarado da pior espécie.

— Mas eu o amo.

— É obvio — suspirou ele, agitando um lenço em frente aos olhos nublados dela.

Bliss levantou os olhos com os cílios úmidos de lágrimas e murmurou um fraco "obrigado". Então se endireitou, decidida que essa seria a última vez que derramava uma só lágrima por um auto proclamado hedonista. Assoou o nariz e levantou o queixo para dizer:

— Me dê uns minutos para me aprontar.

Caine tinha perdido a conta dos dias, em que passava a maior parte do tempo bebendo. Preferia muito mais o papel de bêbado de *Montmartre* do que o de maior bastardo e imbecil número um da Inglaterra.

Quando estava bêbado, a imagem de Bliss não ficava tão clara e penetrante, aqueles olhos azuis não pareciam tão doídos e confusos, o queixo ainda se mostrava erguido e orgulhoso, seus lábios não tremiam pela dor que tinha causado.

Ele tinha estado tão afogado no álcool e na frustração, que não tinha sido capaz de levantar um só dedo para dar um murro nesse estúpido *francesinho* quando ele se sentou valentemente à mesa que

Caine estava ocupando quase permanentemente desde que deixara Bliss de pé na rua.

O *francesinho* tinha tido a coragem de olhá-lo fixamente na cara e dizer que ele era totalmente imbecil e que não merecia Bliss, e que em Paris, meia dúzia de homens estavam apaixonados por ela. Caine queria ser agressivo, mas o canalha tinha razão. Mas se um só desses malditos mequetrefes chegasse a pôr uma mão em cima, ele a cortaria.

Olhou fixamente o copo e o levou aos lábios perguntando-se (como tinha feito durante as últimas semanas) se no fundo do copo finalmente encontraria o esquecimento que procurava.

Bliss olhou através da janela da carruagem de aluguel enquanto este rodava pelos buracos da rua. O tempo estava piorando, as nuvens cinzas que deslizavam pelo horizonte deixariam pela manhã a cidade com as ruas cobertas de lama e as copas das árvores brilhantes.

Ela havia trazido consigo o bloco de desenho e os lápis-carvões para fazer alguns rascunhos por sua conta. A vida noturna de *Montmartre* estava repleta dos personagens mais incomuns, muitos dos quais perambulavam fora de sua janela enquanto a carruagem subia a colina com dificuldade.

Ela observou uma mendiga que procurava algo entre os refugos do lixo. A mulher levantou a cabeça quando começou a cair uma leve neblina, seu rosto ficou descoberto sob o reflexo amarelo do farol. *Isabelle Bourdreaux*, um personagem conhecido do *bulevar*.

Debaixo do lenço desgrenhado aparecia uma pele pálida, fina como o papel, com uma boca desdentada como um nicho e os olhos inflamados e machucados. Uma rajada de vento agoitou os cabelos que costumavam ser como fios de seda.

Noutros tempos, Isabelle tinha sido uma mulher bonita, a elite entre as mulheres de baixa reputação, e Paris inteira havia trepado com ela. Mas seus admiradores haviam morrido há muito tempo. A doença e o vício em absinto a tinham consumido por completo.

Bliss a chamou, querendo proteger a mulher da garoa. Mas quando Isabelle ergueu os olhos, uma expressão sombria nublou o seu rosto. Era o olhar de alguém que tinha sido testemunha de muita privação e abuso. Sumiu rapidamente na escuridão dos becos dos

arredores.

Com um suspiro de derrota, Bliss voltou a afundar-se nas almofadas. Mulheres como Isabelle eram a razão pela qual ela pintava. Seu rosto, como o de muitos outros, era como a tela da vida dura que lhes fora dada para viver, da luta diária pela sobrevivência.

Talvez fosse por Isabelle e as de sua classe que Bliss estivesse indo até um clube noturno tão desclassificado para reunir-se com o Manet. Caine tinha razão: ela precisava dar o passo seguinte, mostrar sua arte. Se conseguisse ganhar o interesse de Manet, poderia ter a possibilidade de expor suas pinturas na próxima *Grande Mostra*.

A carruagem parou chiando em frente ao *Moulin de la Galette*, moinho que Bliss estava acostumado a contemplar de sua janela. O edifício estava inclinado, com a beirada da fachada caindo. No entanto, o jeito descuidado não diminuía em nada seu aspecto acolhedor

No meio do alvoroço das vozes que saíam pelas portas abertas, se ouvia uma *mussette* cantada com uma voz gutural, a respeito de uma menina que chega ao fim de sua vida de maneira trágica e prematura. A melodia era um retrato exato do que acontecia, pensou Bliss enquanto via uma indigente oferecer seu corpo a um transeunte.

Um fino véu de fumaça envolveu Bliss e François quando entraram no salão. Sobre o palco, bailarinas com anáguas de múltiplos babados, dançando o *Camcan* batiam as saias, mostrando pedaços fugazes de tornozelos e pantorrilhas.

Bliss achou lugar num canto de onde podia observar tudo, com o olhar fixo e ansioso procurando em qualquer parte algum indício da presença do Manet.

— Não o vejo — disse ela, olhando François que aparentava estar inquieto. Estava se comportando de maneira estranha desde que tinham saído de casa.

— Deve chegar a qualquer momento. Gosta de algum refresco? Antes que Bliss respondesse, ele se misturou com a multidão, abrindo um espaço de onde havia saído.

De repente, o olhar dela se chocou com ferozes olhos azuis e o mundo girou. Caine estava sentado justamente na frente dela, com uma postura desajeitada, pensativo, mal vestido e segurando uma taça vazia. Ficou em Paris. No *Montmartre*. Por que?

A alegria que ela sentiu ao vê-lo, se eclipsou um segundo depois, quando uma garçonne pouco vestida foi em sua direção e se sentou em seu colo descaradamente, jogando os braços em volta do seu pescoço de maneira desavergonhada, e apertando seus generosos seios contra o peito dele. Um grupo de espectadores aplaudiu ruidosamente o espetáculo.

Bliss implorava que ele afastasse a mulher, mas em vez disso pôs as mãos na cintura dela e, sustentando o olhar em Bliss, atraiu ainda mais a garçonne para si e deu nela um beijo que deixou os farristas dando gritos.

Aquele golpe tinha sido o pior que ele poderia ter desferido, e embora ela sentisse desejo de sair correndo os pés não a obedeciam.

De repente uma mão a pegou pelo braço. Ela olhou bruscamente pensando que ia encontrasse François: jamais esperou ver o conde de St. Giles olhando-a fixamente.

Capítulo XXII

Você, tirano, os ciúmes tiranos.

John Dryden

— Sinto muito — disse ele, com um sorriso como que pedindo desculpa e os modos aristocráticos pronunciados nos olhos com um brilho entre dourado e prateado, olhando-a fixamente. — Não era minha intenção assustá-la.

Bliss respirou fundo para acalmar-se, lembrando da história que Caine tinha contado a respeito de como o conde entrara em seu quarto tentado aproveitar-se dela enquanto dormia. Teria sido verdade? Ou simplesmente seria um de seus contos para fazê-la acreditar que ele tinha vindo para resgatá-la?

— O que é o que está fazendo aqui, milord?

A marca azul-escuro da mandíbula tinha desaparecido por completo e era de novo o cavalheiro encantador com rosto angelical que deixava todas as damas do salão enlouquecidas.

— Estou certo que está surpresa, milady, como eu estou. Jamais pensei encontrar Vossa Senhoria num lugar como este.

— Estou com um amigo. — Onde estava François?

Voltou a olhar Caine de maneira nervosa. Ele não se moveu, tampouco a garçonete, que nesse momento o beijava no pescoço descaradamente. A única coisa que indicou a Bliss que ele tinha notado a chegada do conde foi o olhar violento de clara advertência a ela, que devolveu furiosa.

Como se atrevia a olhá-la como se fosse ela que estivesse fazendo alguma coisa errada!? Ele dito sem rodeios que não a queria mais.

Bliss sentia a necessidade de fazê-lo pagar com a mesma moeda a dor que tinha provocado nela de propósito e então devolveu um doce sorriso ao conde.

— Você é uma mulher muito bonita, milady — elogiou.

— Obrigada, milord — murmurou ela entreabrindo os olhos.

Ele tocou seu queixo e o levantou. Ele viu o desejo que fervia em seus olhos e soube que devia preocupar-se, mas não conseguia tirar da mente a imagem de Caine e a moça.

— Confesso que encontrar com você deste jeito, fez valer o esforço de sair com este tempo. Espero que me dê oportunidade de nos conhecer melhor. Houve circunstâncias que impediram isso lá em Devon.

Bliss não precisava que desse mais explicações a respeito de quais eram essas "circunstâncias" às que se referia. A principal estava ao outro lado do salão: o calor de seu olhar era como um peso nas costas dela.

Embora uma voz dissesse a ela que não permitisse que o conde pensasse que nutria algum interesse por ele, disse: — eu adoraria. — Um flerte inofensivo não daria em nada e Caine estava desfrutando com suas paqueras. Por que ela não podia fazer o mesmo?

Bliss localizou François que vinha caminhando pelo salão com o cenho tão franzido que deixava suas sobrancelhas juntas com evidente desagrado ao parar junto dela.

— Venha comigo — disse-lhe sem preâmbulo, afundando os

dedos no braço e a levando para outro lado do salão.

Bliss se soltou com um safanão e o olhou encolarizada.

— O que está acontecendo com você?

— Esse homem é uma víbora.

— Você não sabe nada dele.

— Sei o suficiente para ver que só quer estar com mulheres.

— Pode ser um defeito comum entre vocês homens — replicou ela acaloradamente. — Deus não permita que chegue a conhecer uma mulher.

— Sua irritação é sem propósito.

— Pode ser, mas sinceramente estou me cansando de homens que acham que podem me dar ordens.

— Eu estou dando conselhos a você, não ordens. Embora seja evidente que não está pensando com clareza, se assim fosse, já teria percebido.

— Foi você mesmo que disse que eu deveria esquecer e seguir em frente.

— *Oui*, mas está indo pelo caminho errado. É meu dever proteger você porque está sendo muito teimosa pra fazer isso sozinha.

— Não preciso de proteção. Sou perfeitamente capaz de me cuidar sozinha.

— Teimosa, como já falei. Você não acha que pode falhar como qualquer pessoa.

— Como qualquer mulher, é o que quer dizer.

— Não me fará cair nessa armadilha, *chérie*. Vou continuar sendo seu amigo você goste ou não, e não permitirei que cometa um engano de que vá se arrepender.

— Você não tem nem voz nem voto.

— Está brincando com fogo, *man coeur*. Está despeitada por ver o homem que ama com outra mulher. Isso está nublando o seu julgamento.

Uma pequena dor ferroou o seu coração.

— Ele não é o homem que amo.

François emitiu um som incompreensível, mas antes que pudesse responder, uma voz o interrompeu:

— Está tudo bem, milady?

Bliss olhou para o conde que a vigiava com os olhos cinzas acesos de preocupação.

— Sim, está tudo bem — mentiu ela, e tirando a taça da mão de François disse em voz suficientemente alta para que a escutasse: — Não me trate como uma menina. E não me siga. — E se afastou recusando ver seu olhar de advertência.

— Se incomodaria de ir a outro lugar mais tranquilo para conversarmos? — O conde perguntou com gentileza e um olhar amável.

Bliss olhou furtivamente para Caine e o viu desaparecer através de uma porta atrás do botequim, afastando a garçonete maneira impaciente e ela ria aberta e gostosamente para as suas amigas ao passar, indo atrás dele. Elas se abanavam como se fossem cair mortas por causa da sorte de sua amiga.

O último pedaço do coração maltratado de Bliss se quebrou irremediavelmente, mas ela segurou as lágrimas e olhou para o conde e aceitou, assentindo com a cabeça.

Ele sorriu e a pegou mão, levou-a na mesma direção onde Caine acabava de levar a empregada peituda e a conduziu até uma porta adjacente.

Caminharam por um corredor estreito, o som da rua chegando até eles abafado; os tênues candelabros das paredes os envolviam em sombras. Bliss fechou forte os olhos, desejando desesperadamente que desaparecessem as imagens de Caine com a bonita garçonete.

Um calor repentino a invadiu e ela abriu os olhos de repente. O conde abriu um lado de uma cortina vermelha de veludo, que dava para uma sala de espera. A trêmula luz das velas projetava sombras retorcidas na parede enquanto o olhar atônito de Bliss captava a cena que tinha diante dela. Havia homens que gemiam e mulheres entrelaçadas despudoradamente sobre sofás de um laranjado vivo, e sobre almofadas de cetim no chão, deixando ver esse setor do botequim e sua função: um bordel.

O estalo de um trovão fez vibrar o piso, a força arrancou gemidos dos casais unidos, como se a dinâmica da tormenta tivesse

misturado seus desejos com a eletricidade dos relâmpagos que rasgavam a terra.

Antes que tivesse tempo para recuperar os sentidos, o conde a conduziu para uma das salas anexas; a segurava rudemente e a empurrou para que passasse diante de uma porta de onde afastou outra cortina obrigando-a a olhar e ver Caine assentado em uma cadeira, com a cabeça apoiada no encosto e os olhos fechados... e a garçonne de joelhos diante dele, acariciando suas coxas.

— Veja como gosta de uma puta. — debochou o conde. — Esta é sua vida e você não pode mudá-la.

As mãos da garçonne acariciavam sua virilha e um som de frustração saiu dos lábios de Bliss. Esse leve ruído fez com que Caine levantasse a cabeça, abrisse os olhos bruscamente e uma expressão de pena e remorso se desenhou fugazmente em seu rosto antes que a fúria o dominasse.

Abafou o choro e se virou e fugiu, com o grito de Caine ressoando às suas costas; St. Giles a seguiu de perto. Segurou-a e olhando-a de frente.

— O que achou, milady? — zombou — Que espetáculo! verdade? Muito melhor que o do cenário, não é verdade?

Bliss o olhou de maneira aturdida e viu desejo no brilho dos olhos dele.

— Quero ir — disse-lhe com voz triste. — Me tire daqui.

— Ir embora? Mas acabarmos de chegar!

— Cometi um engano.

— Sim — disse ele com um grunhido, — um engano, que começou em Devon quando permitiu que este canalha colocasse seu cacete em você, que ficou lá, ofegando como uma cadela no cio. — Empurrou-a contra a parede e ela sentiu a dureza de sua excitação de encontro ao seu estômago, o que lhe provocou asco.

— Basta! — Ela tentou se soltar mas ele apertou seu braço, e seu bloco de desenho caiu no chão e as folhas se esparramaram. — Meu trabalho! — gritou ela, estendendo a mão para recuperar os papéis, com um grito de dor quando St. Giles pegou-a pelo cabelo. Prendeu com força os seios e os apertou dolorosamente e o grito dela ficou mudo pela boca dele ao fechar a sua de repente com

brutalidade.

Um instante depois, já não estava mais; o corpo voou tão violentamente que sentiu o vento sobre sua pele. Estatalou contra o chão com Caine em cima como um deus guerreiro; os músculos dos braços estavam tensos quando agarrou o conde pelo pescoço, e arremeteu o outro punho contra a mandíbula do homem com uma força tão grande que o osso rangeu. que lhe fez ranger o osso.

O conde se retraiu a seus pés quando Caine voltou a levantar o punho. Bliss o agarrou fortemente pelo braço para detê-lo antes que o matasse e ele a olhou de maneira enlouquecida.

Caine engoliu a saliva de maneira convulsiva, ambos presos em uma estranha sensação e tornou a olhar para o conde.

— Se voltar a tocá-la — grunhiu, — corto os seus testículo e os coloco garganta abaixo. — A cabeça do conde caiu pesada no chão quando Caine o soltou.

Bliss viu a cara de preocupação de Francois enquanto esse abria caminho aos empurrões em meio à multidão que se amontoou para ver o espetáculo. Ela meneou a cabeça, pedindo em silêncio que ficasse onde estava.

Caine segurou forte uma das mãos e a puxou atrás dele; e a a multidão se afastou quando ele a conduziu para um dos quartos que encontrou aberto.

Soltou-a violentamente fazendo com que caísse sobre um sofá de veludo na cor púrpura. Ficou alí, olhando-a, com os olhos tumultuados e o rosto molhado de suor. Sua presença era absorvente e Bliss não podia respirar.

Quando começou a aproximar-se, ela se levantou de um salto e afastou. A fúria de seu olhar se transformou em luxúria e aumentou o calor do quarto.

O corpo de Bliss vibrava de medo e desejo, enquanto Caine continuava avançando para ela, exalando masculinidade e fúria em cada movimento. Ficou parado na frente dela, projetando sobre ela sua sombra a impedindo de escapar. Colocou a mão na sua nuca e a atraiu com força contra seu mão na peito.

Uma rajada de ar, úmido de chuva, entrou pela janela e a chuva caía forte contra os beirais, parecendo o tumulto que Bliss sentia em

seu interior por ter Caine de novo tão perto de si; o amor que sentia por ele era como um ser devastador que ela não conseguia aniquilar.

— Devia ter matado St Giles por tocar em você. A bem da verdade, mataria a qualquer homem que a toque.

Blisso o empurrou: — Volta pra sua puta!

Ele a segurou mais forte.

— Isso que acontece entre nós... não posso me conter... — roçou seu rosto com os lábios — É minha Bliss! Você é minha.

— Eu não sou sua. — tentou se soltar. — Você me abandonou. Deixou que outra mulher o tocasse. Jamais o perdooarei por isso.

Ele apertou as mandíbulas, pegou-a em seus braços e a deitou no sofá.

— Vou fazer amor com você Bliss e então saberemos a verdade.

Antes que pudesse protestar, tomou sua boca e prendia com seus braços, enquanto a boa a deixava sem fôlego, e perdia a razão; ela o segurou pelos ombros para atraí-lo mais para si.

— Céus! Senti saudades de você — sussurrou amargamente ao ouvindo, acariciando a garganta e o queixo com os lábios, — todos os dias, todas as noites. Você me enfeitiçou. Não conseguia mais dormir. Fiquei louco!

— Você me magoou — Bliss quase chorou quando ele beijou a curva dos seus lábios, os olhos. — Pensei que fosse morrer quando o vi com outra mulher.

— Eu sei, meu amor. Eu sei. — Acalmou-a com a boca, com o calor que crescia em cada lugar que acariciava, passando a ponta dos dedos nos mamilos através do tecido do vestido. — Quando sorriu para St. Giles... Deus, não pude suportar. — Encostou a cabeça na curva do pescoço dela, com a boca faminta que seguia o rastro do calor. — Preciso de você. Quero estar dentro de você. Não posso deixar que vá. É como uma febre no meu sangue.

Suas mãos tremiam quando Bliss depositou um beijo nas palmas, sentiu que ele estremecia e sentia a mesma necessidade imperiosa.

O coração pulsava em um ritmo selvagem quando ele desabotoou os botões do corpete, sustentou seu olhar até que o último botão de madrepérola se soltou e deixou ver os peitos turgentes

debaixo da roupa.

Desfez-se rapidamente das fitas do espartilho e afastou o tecido descobrindo os seios, e acariciou seus mamilos com os dedos. Ela gemeu de prazer.

Tinha as mãos tão grandes, tão morenas em contraste com sua pele quando abrangeu os suaves globos, os massageou e então rodeou as pontas doloridas com os dedos, provocando um calor que brotava do mais profundo de seu ser.

A pôs de pé e começou a tirar a roupa, uma a uma e seu olhar sensual fez seu sangue borbulhar até que ficou parada em frente dele, completamente nua.

— Sente-se com a perna aberta no meu colo. — falou com voz rouca.

Bliss fez o que ele pediu, desejando ardentemente o prazer que só ele podia lhe dar enquanto ele tocava seu sexo úmido com os dedos para acariciar seu clitóris. O corpo dela ardia por ele e um gemido desesperado saiu da sua garganta, quando deslizou o dedo mais profundamente.

— Se incline para frente — disse com voz baixa e urgente, enquanto pegava um mamilo com a boca e o mordida suavemente enquanto a observava.

Ela queria acariciá-lo para lhe mostrar o que ele a fazia sentir e desceu as mãos até a virilha. Desabotoou-lhe as calças, tomou sua ereção e a embainhou entre as mãos; o pênis sedoso ficava mais rígido em contato com suas mãos, enquanto acariciava ao redor da cabeça com a ponta dos dedos. Quando uma gota úmida ficou na ponta como uma pérola, ela a tirou com um dedo, a levou aos lábios e a chupou. Salgada e quente.

— Meu Deus, Bliss — gemeu ele, movendo-se contra ela. Ela se afastou rebolando e se enfiou entre suas pernas, desejando lhe dar prazer.

— Me diga o que tenho que fazer — sussurrou contra a carne rígida enquanto modelava a ereção, sentiu a suavidade da pele quando rodeou a cabeça com a língua. — Você gosta assim? — Envolveu o membro com os lábios e o afundou um pouco mais dentro da boca.

— Sim... meu Deus, sim...

Ela se excitava em apenas o acariciar daquele modo tão íntimo, percorrendo a veia com a língua, até as bolas apertadas mais abaixo que lambia com receio. Ele respondeu contraindo e esticando cada músculo do corpo; tinha os olhos quase negros quando a olhou e levantou os quadris para se achar mais à língua dela.

Ela cobriu o membro com uma mão e com a outra fez o mesmo na base, deslizou a boca e a apertou chupando o mais profundo possível, várias vezes.

— Deus... Deus...

Ele era delicioso, tão quente e masculino...

Afastou-a e colocou a parte inchada entre os seios macios, apertando-os forte contra si. Começou a mover-se lentamente, muito lentamente até que o corpo chegou ao limite. E a ergueu até a seus joelhos. Os gemidos de paixão dela encheram o quarto quando ele chupou os mamilos muitas vezes até deixá-los como pontos ardentes de prazer, enquanto a acariciava com o dedo cada vez mais rápido, e ao mesmo tempo suave concentrando-se no centro de seu sexo.

A ponto de chegar a um orgasmo demolidor, levantou seus quadris e a jogou de joelhos de quatro, e ficou por trás com o pênis duro como uma pedra encostando em seus glúteos e começou a se balançar para frente e para trás.

Então colocou seu pênis ereto entre as coxas dela dentro de sua vagina molhada.

— Fique assim.

Bliss estava frenética pelo desejo, pressionando o membro contra seu úmido calor enquanto ele começou a mover-se para frente e para trás, exercendo uma pressão contra o clitóris molhado, provocando-a tão deliciosamente, cobrindo os seios com as mãos, com os mamilos mais sensíveis nessa posição quando os beliscava suavemente; ela tensionou o clitóris e os gemidos aumentaram quando ele trabalhou em seu corpo até levá-la perto do topo, movendo-se mais e mais rápido...

Penetrou-a quando o primeiro espasmo se apoderou dela, entrando cada vez mais fundo, com as mãos nos ombros dela, aproximando-a mais, tensionando o clitóris contra ele ao investir com arremetidas poderosas para enchê-la por completo.

Seus olhos prometiam lhe dar todo o prazer que suportasse e isso provocou nele, um novo arrebatamento demolidor antes de sair dela, virá-la e sentá-la sobre o membro ereto, dando estocadas enquanto o prazer chegava em ondas.

Ficou de pé, com o pênis ainda metido profundamente em seu interior e esmagou seu corpo contra a parede. Bliss rodeou seus ombros com os braços, e segurou com força nele enquanto se mexia e a enchia.

- Caine... por favor, por favor.

Caine viu que ela não tinha percebido ainda que ele estava atrasando o próprio prazer de propósito. Só assim, com os corpos fundidos, ele era capaz de dar a única coisa que sabia dar a uma mulher: prazer. E a Bliss daria todo o prazer que estivesse a seu alcance.

Penetrava-a, fazendo vibrar as paredes com cada investida. O fascinava o modo como que ela respondia, como se acelerava e o mantinha apertado em seu interior.

— Vamos, meu amor — sussurrou-lhe no pescoço. — Goza pra mim. — Ele apertou o peito contra os mamilos, aquelas lindas pontas eretas que o deixavam louco, e enterrou dentro dela tudo o que podia. — Sente o tamanho. Sente o quanto a desejo. — Empurrava longo e forte e a sentia retesar-se. — Isso — gemeu quando as contrações lentas e doces dela o espremeram.

Finalmente, ela relaxou. Caine sorriu e a beijou na testa; levou-a com cuidado de novo ao sofá, onde a embalou contra seu peito até que ela piscou e abriu os olhos uns segundos depois.

Então a beijou, de uma maneira feroz e devastadora que expressava o que ele não era capaz de falar. Ele sabia que talvez aquilo jamais voltasse a acontecer, que tinha que partir e deixá-la em paz. Tinha que lhe dar a oportunidade de encontrar outra pessoa, embora isso o matasse.

— Me deixe levar você para casa — murmurou sem querer olhá-la nos olhos.

Vestiram-se em silêncio, mas Caine podia sentir seu olhar, querendo escutar algo dele, que dissesse que não havia usado-a de novo. Mas ele a deixaria pensar o pior; era melhor desse modo.

Guiou-a pelo corredor deserto e pela escada da parte de trás até o beco escuro; o miado de um gato fazia eco em toda a pavimentação destruída. Caine viu que a chuva tinha grudado sua roupa no corpo pois usava a sua jaqueta pra cobrir a cabeça de Bliss.

Uma carruagem passou pela rua a grande velocidade, sem nenhuma intenção de parar, deixando uma esteira de água que escorria como um pequeno riacho. Caine parou na frente da carruagem e os cavalos retrocederam quando o chofer segurou as rédeas freneticamente.

— *Uow* meninos! *Uow!* — As rodas pararam chiando e dando saltos, quase derrubando o condutor do assento. Olhou furisamente para Caine e gritou: — Está louco? Poderia ter matado você!

Caine o ignorou e abriu a porta da carruagem e ajudava Bliss a subir. Ele percebeu que ela estava esperando que a seguisse, mas não o faria, sem se importar com que o seu coração desejasse. Olhou-o com os olhos brilhantes.

Usou todo o auto-controle que conseguiu reunir para fechar a porta e retroceder até a calçada, enquanto o rosto ovalado e pálido de Bliss o olhava fixamente. Ele sabia que aquela imagem embelezaria sua memória para sempre.

Se virou para sair mas viu seu caminho bloqueado por dois homens fortes, com um traje claramente reconhecível até na penumbra. Um indefinido grupo de pessoas se apinhou na porta do bordel, para observá-los avidamente.

O mais alto dos homens se adiantou e segurou Caine pelo braço.

— Faça o favor de nos acompanhar, *monsieur*.

Caine olhou para a mão que o tinha segurado e logo a seguir para o rosto solene do policial.

— Para que?

— Estamos levando o senhor sob custódia.

Caine ouviu o ruído da porta da carruagem se abrindo e ouviu seu nome dos lábios de Bliss, de uma maneira interrogativa e apavorada.

— E por que estão me prendendo?

O segundo policial se colocou do outro lado dele e algemou seu

pulso, enquanto respondia:

—Pelo assassinato do conde do St. Giles.

Capítulo XXIII

“Um homem brindou toda a sorte que restava, e com ela todos seus bens terrenos, só para perder o coração inteiro em um único beijo depositado sobre seus lábios perfeitos.”

Alfred, Lorde Tensão

Bliss só escutava o batido frenético do seu coração quando o oficial Barnaby a levava a um quarto sem janelas da *Conciergerie*. O aspecto desolado da prisão e de suas histórias podia infundir temor até à alma mais dura.

Com amabilidade, o homem jogou uma manta de lã áspera sobre os ombros, pensando ela tremia devido as roupas úmidas grudadas no corpo. Mas não era assim.

St. Giles estava morto e acreditavam que Caine era o assassino.

O tinham levado do bordel, sem permitir que o visse nem conversar com ele. François, rodeou os braços na sua cintura, e tinha evitado que Bliss o seguisse. Por que não se declarou inocente? Ele não tinha nada que ver com a morte do conde.

— Melhor, milady? — perguntou Barnaby com um brilho de preocupação nos olhos castanhos, enquanto a olhava por baixo de umas sobancelhas que pareciam arame e com uma expressão solene no rosto corado.

Bliss assentiu com a cabeça e abraçou o próprio corpo, tentando parar de tremer.

— Caine não assassinou o conde — disse com toda a convicção que saiu do coração. — St. Giles me atacou. Caine só me protegeu dele.

Barnaby curvou uma sobrancelha em um gesto cético.

— Degolando-o, *mademoiselle*? Eu diria que é um pouco demais, não acha?

— *Degollánd...* — Um terrível calafrio invadiu o corpo de Bliss e ela sacudiu a cabeça. — Caine lhe deu um murro. E isso foi tudo.

— O conde foi achado no beco, morto e não houve outra pessoa com a que ele tivesse tido uma briga além do Lorde Hartland. Também temos testemunhas que dizem que Lorde Hartland ameaçou St. Giles de morte.

— Quem disse?

— Sua ex-amante... — O oficial repassou anotações. — Ah, sim, aqui está. — Ergueu os olhos para estudar a reação dela ao responder: — Lady Buxton. — Bateu levemente sobre a mesa com a beirada do relógio. — Ao que parece, Lorde Hartland tinha motivos de sobra para assassinar o Lorde St. Giles. O conde não só roubou o afeto da dama, mas aparentemente também tinha a intenção de usurpar seus afetos, milady.

— Isso não é verdade — protestou Bliss. — Caine... quero dizer, Lorde Hartland tinha terminado sua relação com Lady Buxton. Ela estava furiosa e jurou que ele se arrependeria.

— Aí foi quando começou com você, *Oui*?

— Sim, mas...

— E é obvio você deve ter seus motivos para não querer vê-lo enforcado pelo crime que cometeu.

— Enforcado...? — Bliss fechou os olhos para tirar a imagem da cabeça.

— Esse é o castigo que corresponde a um ato tão atroz.

— Mas ele não fez nada! — rebateu ela acaloradamente. — Ele esteve toda a noite comigo.

O homem franziu as sobrancelhas.

— Esteve? Ele não me disse isso. De fato, sua senhoria me disse que não tinha estado com você. Declarou que estava sozinho. E temo que isso não deixe que ninguém mais acredite em seu álibi.

Bliss olhava para o homem desconcertadamente.

— Não, isso não é certo. — Em um lampejo, ela percebeu o que Caine estava fazendo. — Oh, Deus. Ele pensa que se as pessoas se inteirarem de que estivemos juntos minha reputação ficará manchada.

— E não seria assim?

— E o senhor acha que me interessa algo tão absurdo quando está em jogo a vida de uma pessoa?

— *Non* — respondeu ele concordando. — Eu acredito que você o ama, por isso também acredito que estaria disposta a mentir por ele.

— Eu não estou mentindo!

— Acalme-se, milady.

— Quero vê-lo. Devo vê-lo!

— Temo que neste momento, isso seja impossível.

Bliss ficou de pé abruptamente e a cadeira caiu para trás. Sem pensar, passou correndo junto ao oficial que gritou para que parasse.

Tinha que encontrar Caine, tinha que fazer com que dissesse a verdade. Mas onde estava? A prisão era um labirinto de corredores largos e sombrios que se abriam a sua volta como as pernas uma aranha.

Respirando com dificuldade pelo esforço excessivo, o oficial a alcançou e a agarrou pelo ombro.

— Não resista.

Bliss deu a volta sobre si mesma para o olhar de frente.

— Tem que me deixar vê-lo! Tenho que fazer com que diga a verdade.

— Me desculpe se não consigo compreender sua devoção por ele. Foi isso que escutei: ele a seduziu intencionalmente para recuperar sua casa. Ou não foi assim?

— O senhor não entende.

— Não vale a pena andar sofrendo por um homem assim, *mademoiselle*. Peço encarecidamente que me escute. Você é jovem e bela. Esqueça isto. Ele não vale a angústia que certamente causará.

Bliss o olhou com fúria.

— A vida é minha e agradeceria muito se ficasse de fora. Você não sabe nada a respeito de Lorde Hartland. Julgou-o injustamente.

Ele apertou os lábios.

— Se é como diz, *mademoiselle*... Talvez o prefeito mostre certa indulgência, já que, ao que parece, Lorde Hartland não tinha intenção de matar o conde, mas foi tomado pelo ciúmes e assassinou o seu rival em um ataque de fúria.

— Ele não matou a ninguém! Por que não me escuta? — O homem a observou com benevolência, como se fosse uma menina desafiadora que terei que controlar.

— Talvez isto faça com que aceite a situação com mais facilidade. — Afundou a mão no bolso da jaqueta e tirou uma pequena caixa de mogno. — Estava com lorde Hartland quando foi posto sob custódia. Pediu-me que entregasse a você.

Com mãos trêmulas, Bliss pegou a caixa, olhou-a por um longo momento, temerosa de ver o que havia dentro. Parecia não poder respirar ao abrir a tampa.

Um soluço brotou de seus lábios. Dentro estava a liga, um único pé da meia de seda, um pente de jade e madrepérola que ela achava que tinha perdido, várias presilhas de cabelo... e uma flor seca.

— Não... não ficarei com isto. — Olhou para o oficial com as lágrimas descendo pelo seu rosto. — Devolva a ele e diga que deve guardá-la.

O homem a olhou com pena.

— Sinto muito, milady. Sei que deve ser difícil para você.

As palavras não saíam. Apenas sentia uma dolorosa necessidade de estar com Caine. Tinha que encontrá-lo. Separou-se do oficial com um empurrão e correu pelo corredor.

— Caine! — gritou e o nome ecoou ao longo das paredes de pedra fria e dura.

O oficial gritou vociferando ordens mandando que seus companheiros a detivessem. Bliss sentia que estavam se aproximando mas não se deteria.

De repente, uma mão saiu do meio das sombras, através das barras de ferro de uma das celas e a pegou pelas saias; o tecido se rasgou pela força com que foi segurada, e o grito morreu em seus lábios quando se deu conta de quem se tratava.

— Caine! — Olhou-a da escuridão da cela com o rosto entre os ferros.

Ela sentia desejo de abraçá-lo, mas os ferros a impediam. Estendeu a mão através das grades de metal e apoiou a palma no rosto, enquanto lançava um olhar temeroso aos homens que vinham correndo pelo corredor em sua direção.

— O que é o que está fazendo aqui? — reclamou ele.

— Tinha que vê-lo.

— Já me viu. Agora vá.

— Mas...

Agarrou-a pelos pulsos.

— Me escute, Bliss. Tem que ir. Você não é parte disto. Não é de sua conta, entendeu? Volta para casa. Vá fazer suas pinturas. Mostre-as ao mundo e se esqueça de mim.

— Não — sussurrou ela com uma angústia que contraía os seus pulmões. — Jamais. — Passou os dedos nos cabelos dele. — Fala a verdade, Caine. Por favor, — pediu ela enquanto os homens vinham de encontro a ela. — diga a verdade a eles. — Puxaram-na bruscamente e a arrancaram das barras de ferro onde segurava.

— Deixem-na em paz, malditos! — grunhiu Caine, enquanto golpeava os homens e a porta fazia um ruído metálico.

— Caine! diga a verdade a eles. — O oficial tentou afastá-la. Por favor, sim? Eu amo você!

— Vá para casa, Bliss!

— Eu o amo! Não o deixarei.

— Não me ame.

— Sim. Amo você.

— Então é uma idiota — disse zombeteiramente. — Quer saber o que fiz depois que a deixei na porta de sua casa aquela noite? — Segurou fortemente as grades — voltei com a Olivia. Disse a você que em meu corpo não restava um único osso digno, nobre. Enquanto você chorava por mim, eu estava fazendo amor com outra mulher. Estava disposto a dar à Olivia o filho que ela desejava.

— Está mentindo — disse ela com firmeza. — Não acredito em

você.

—Pelo amor de Deus, tirem ela daqui! — Ordenou o oficial Barnaby, enquanto seus homens a afastavam, ele sustentava o olhar de Caine com aqueles olhos azuis até que ele desviou os dele antes que ficasse louco. Apertou a fronte contra a grade, convencendo-se de ter feito o certo pelo menos uma vez na vida, embora soubesse que Bliss o perseguiria até o dia de sua morte.

Bliss procurou qualquer pessoa que pudesse escutá-la e trabalhou longas horas para reunir provas ajudar Caine. Mas Olivia tinha sido meticulosa em sua sede de vingança: assegurou-se de que o oficial não deixasse de falar com nenhuma “*testemunha*”, como Lynford e Clarendon, que maliciosamente tinham dado detalhes sobre a ameaça de morte que Caine tinha feito a St. Giles.

Parecia não ter importância o fato de algumas pessoas terem visto um homem ruivo bem vestido ajudando o conde a levantar-se do chão depois de Caine o ter golpeado. Mas ninguém podia descrever a cara do homem, já que os corredores tinham pouca luz. Ante os olhos da lei, Caine era culpado. Ele era capaz de vender corpo e alma para segurar que lhe pertencia, e as pessoas estavam mais que dispostas a condená-lo.

No décimo dia, Bliss desmaiou nas escadas do lado de fora de seu quarto, ao retornar da residência do rei em *Agrada de le Concorde* onde tinham negado uma audiência com sua majestade. Ela tinha nutrido grande esperança de que ele a recebesse, já que tinha encomendado retratar a sua filha bebê, *Enjoe Amelle*. Mas ele tinha assuntos muito mais importantes para atender do que a difícil situação de um amigo em desgraça.

Nesse mesmo dia seu pai chegou a Paris; por seu aspecto tenso, Bliss soube que tinha feito o impossível para chegar o mais breve possível ante o chamado da mãe.

Ouviu uma leve batida na porta de seu quarto.

— Entre — disse Bliss.

O pai enfiou o rosto na fenda da porta, e sorriu com calor iluminando-a com o olhar. Bliss devolveu o melhor sorriso que pôde.

— Como se sente, minha menina? —perguntou-lhe com evidente preocupação.

— Bem — mentiu ela, estendendo a mão. Ele a tomou e se sentou na cama junto dela. Tinha a espessa cabeleira cinza ainda com algumas mechas negras, e Bliss suspeitava que ele tinha passado a mão nela inúmeras vezes, pela forma como estava.

— Não há necessidade de se preocupar tanto.

— Sou seu pai. Isso é o que melhor faço.

Bliss jamais tinha duvidado do amor de seu pai, nem mesmo nos piores momentos. Nem imaginava como Caine se sentira ao levantar um dia e descobrir que não era quem acreditava ser.

— Parece que hoje você está melhor — disse ele enquanto o silêncio crescia ao redor de ambos.

— Sinto-me melhor. — Ela não queria dar mais motivos de preocupação a ele. Entretanto, vislumbrou uma nova tensão em seus olhos que provocou um redemoinho de ansiedade em seu estômago. — Aconteceu alguma coisa?

Ele titubeou e então respondeu:

— Hoje fui ver o Caine. — O coração de Bliss deu cambalhotas. Sentou-se direito contra as almofadas.

— O que tinha pra dizer?

— Não muito. — O pai ficou de pé, com o rosto fechado ao afundar as mãos nos bolsos. — É um homem obstinado.

— Eu sei.

— Embora tenha me dito algo. — Virou-se para olhá-la de frente, com clara aflição nos olhos. — Disse que a tinha comprometido. É isso verdade?

— Não, não me comprometeu. O que aconteceu entre nós foi recíproco. — As lágrimas vieram aos seus olhos inesperadamente. — Eu o amo, papai. O amo mais do que acreditei ser possível.

Segurou sua mão meigamente e deu uns tapinhas nela assentindo.

— Sim, já percebi isso. E embora suspeite que Caine negue, creio que ele também a ama com a mesma intensidade. Acredito que estava tentando me chatear com suas declarações, com a esperança de que eu não quizesse ajudá-lo.

— Mas você não deixaria de ajudá-lo, não é?

Segurou seu rosto em concha com ambas as mãos.

— É obvio que não — disse em tom amável. — Caine está muito ferido e amargurado, mas está perdido sem você. Não posso culpar um homem por ver em você o que eu sempre vi.

— E ele aceitará sua ajuda?

O pai suspirou.

— Não. Não acredito que me queira ver envolvido, por temer que você se envolva. Ele está decidido a resolver isto por conta própria.

Bliss fechou os olhos, prendendo a manta nos punhos. Jamais havia se sentido tão inútil.

— Bliss! — exclamou uma voz mesmo antes de abrir a porta. François ficou parado na soleira, respirando com dificuldade.

Bliss jogou o edredom de lado, sentindo um temor que subia até a garganta e o pânico que tensionava seus membros. Segurou com força na cabeceira da cama para se apoiar, temendo o pior.

— O que aconteceu?

— Tenho notícias.

— De Caine?

— *Oui*.

As pernas de Bliss amoleceram.

François se aproximou rapidamente dela.

— Ele está bem, me desculpe por preocupá-la. Acabo de chegar da *Conciergerie*. — Segurou forte a sua mão e sorriu. — Está livre, *mon ange*. Ele foi liberado!...

Bliss o olhou fixamente.

— Livre? — sussurrou com esperança e incredulidade.

— *Oui*. O culpado do assassinato de St. Giles foi detido

— Quem...?

— O conde du Lac — respondeu e o nome soou conhecido. — Sua amada condessa o entregou. Aparentemente, ela descobriu que o conde tinha estado mantendo um relacionamento com sua melhor amiga. Pior

ainda, o idiota tinha açoitado todos os amantes dela, incluindo St. Giles, a quem...

— ... jurou matar se tornasse a pôr os pés em Paris.

Agora Bliss lembrava. Ela tinha escutado o nome do conde ser mencionado durante aquele incômodo jantar em Northcote. Estendeu a mão para François. — É verdade que tudo isso terminou? — Tinha muito medo de acreditar.

— *Oui, chérie.* Terminou de verdade.

Bliss caminhou para a janela e olhou para a prisão, onde o sol se punha depois do horizonte como uma bola brilhante e ardente.

Permaneceu ali muito tempo depois que François e o pai se retiraram, observando passar cada transporte, com a esperança de que algum parasse e dele saísse Caine, finalmente capaz de confiar no amor de ambos.

À meia-noite, ela se afastou.

Capítulo XXIV

“Sem ti minha vida é uma carga... Quero-te. E quero que me permita te dizer que te amo mais uma vez!”

Thomas Hardy

Fazia uma semana que Bliss ficou sabendo que Caine tinha ido embora da França e voltado para as regiões selvagens do Devon.

Seu pai ficou em Paris durante um mês, tentando protegê-la das desventuras da vida, como fazia quando era menina. Mas com sua preocupação só fazia aumentar a dor que sentia.

Ela encontrou certa cota de felicidade no fato de que seus pais estavam voltando a conversar. O leve contato entre eles denotava amizade, que talvez um dia chegasse a se transformar em algo mais. Agora falavam com maior frequência, tomavam o tempo para escutar o que o outro falava. Havia esperança onde em algum momento não tinha

existido nada. Algo mais era algo mais.

Durante os quatro meses seguintes, o pai visitou Paris todas as vezes que podia dar uma escapada do parlamento. Bliss se consolava com a idéia de que ao menos tinha ficado uma coisa positiva de seu desconsolo.

Ou melhor dizendo, duas coisas, pensou com um débil sorriso enquanto apoiava uma mão na delicada curva redonda de seu ventre. debaixo da ponta dos dedos, o menino se movia levemente. Quase o tinha perdido ao cair doente depois da prisão de Caine, sem desconfiar que a falta de apetite e o enjôo eram sintomas de que seu corpo estava se preparando para a maternidade.

Seu coração se encheu. O Senhor a tinha abençoado e passou os dias experimentando uma espécie de euforia agri-doce, deixando a mente vazia sem pensar na dor que significava viver sem Caine.

Seus pais tinham tentado fazê-la enxergar com lucidez insistindo para que falasse com Caine sobre o bebê. Mas, uma vez, tinha dito a ele que caso ficasse grávida, não o procuraria nem queria o amparo de um sobrenome, e isso continuava sendo o que achava, e ainda tinha um motivo a mais que era o seu orgulho.

Se falasse com Caine sobre o bebê e ele voltasse, ela saberia que não era o amor que o estava trazendo de volta a seu lado. E não estava disposta a aceitar de Caine nada menos que seu coração inteiro.

Uma leve batida na porta a perturbou e Bliss se virou para encontrar seu pai entrando, e desviou o olhar para sua barriga.

— Como está meu neto hoje?

— Não terá querido dizer neta? — Perguntou a mãe que apareceu detrás dos largos ombros do marido, piscando um olho para Bliss. — Sinceramente. Sua Excelência, o que o faz estar tão seguro de que nossa filha espera um varão?

Ele franziu o cenho para a esposa com simpatia.

— Porque todas as mulheres Ashton primeiro dão a luz a um varão.

A mãe riu diante da lógica machista.

— Eu não.

— Isso é porque você se recusa a fazer o que deve, querida

minha.

— Talvez você não tenha feito o que devia — respondeu ela brincando.

Bliss sorriu com a brincadeira de seus pais, sentindo uma pontinha de inveja. Afastou-se, e acariciou com amor o edredom que tinha feito bebê, um trabalho de recortes de cores suaves como a mesa de um casa de jogo clandestino. Logo chegaria o dia em que embalaria a seu filho envolto nela e o seguraria perto do coração.

Uma mão suave sobre seu ombro a fez voltar o olhar para o rosto preocupado do pai.

— Fez maravilhas com este quarto — disse-lhe.

Bliss tinha convertido seu estúdio no quarto para o menino, pintando as paredes com criaturas e fadas do bosque. Pela primeira vez, sua arte descrevia algo puro e são.

— Bliss — começou a dizer o pai. — Quero falar sobre o Caine.

Bliss se aproximou da mesa onde estavam seus pincéis e os tocou de maneira distraída:

— Não tenho vontade de falar dele, papai.

— Ele é o pai de seu bebê.

— Já falamos disso antes — disse ela em tom cansado.

— Sim, e você se nega a me escutar quando tento dizer que ele mudou...

Bliss se virou para o olhar de frente.

— Se ele não estiver disposto a vir por sua própria vontade, então não é o homem que sei que poderia ser (e não me conformarei com menos que isso).

— Querida, — Falou a mãe, com tanta compaixão no olhar, que quase desarmou Bliss. — Seu pai e eu só queremos o melhor para você e o bebê.

— Então entendam que eu não aceitarei nada menos que amor. — Agarrou o xale e passou rápido perto deles; sentia necessidade de estar sozinha.

Bliss fugiu para o lugar onde sabia que sua dor encontraria consolo. Ali onde não tinha sido capaz de ir durante quatro longos

meses, por temer que lhe trouxesse muitos lembranças de Caine.

Agora procurava seu refúgio, afundada no banco de mármore junto da sepultura de seus avós, com o bebê inquieto debaixo do coração que lhe pulsava de maneira desordenada.

— Sssh... — cantarolou ninando o bebê, secando as lágrimas dos olhos. — Tudo ficará bem, prometo isso a você.

O silêncio do crepúsculo a envolveu, como bálsamo reconfortante para a alma. Entretanto, seus pensamentos continuavam confusos, centrados em Caine.

Seu pai havia dito que ele tinha mudado, dando a entender várias vezes que ele sentia saudades. Mas Bliss se negava a ter esperança. Para proteger-se. Ela não daria o primeiro passo para receber de novo Caine em sua vida ou em seu coração; se ele não era capaz voltar para ela voluntariamente, não valia a pena e seria autodestrutivo.

— Bliss...

Seu nome soou como um sussurro de lamento no vento, quase irreal e a fez levantar a cabeça deixando-a trêmula e incapaz de mover-se ao sabendo que era Caine que estava ali. Nem se perguntou como isso era possível.

— Olhe pra mim, Bliss — pediu com suavidade.

Ela colocou a cabeça entre as mãos.

— Vá embora. Por favor.

— Não posso. Demorei muito tempo para controlar meus nervos e vir enfrentar você.

— O que está fazendo aqui?

— Vim com seu pai. Tinha que vê-la.

— Para que? Deixou seus sentimentos muito claros quando partiu.

— Por favor Bliss, olhe pra mim...

Ela não podia. Sabia que ele veria o desejo vivo que ainda sentia por ele e que provavelmente sentiria para sempre. O xale comprido ocultava sua condição.

— Como soube onde me encontrar?

— Me arrisquei — murmurou ele em um tom que ainda tinha o poder de derretê-la.

— E meu pai é o motivo pelo qual está aqui? Ele... disse algo? — perguntou, rezando para que seu pai não tivesse traído sua confiança.

— Como o que? Que estava sofrendo por mim? De fato, estava certo de que tinha me apagado da sua cabeça. — Fez uma pausa e então perguntou com calma: — Me tirou da cabeça, Bliss?

— Sinceramente isso o interessa? — Seu coração estava acelerado, mas ela não queria ter vãs esperanças.

— Sim — disse ele, com a voz se aproximando cada vez mais. — Você continuou me dando todas as oportunidades mas eu estava muito cego para aproveitá-las. Obriguei-me a pensar que estaria melhor sem mim durante aquelas longas noites em que percorria os frios e vazios corredores de uma casa que já não significa nada para mim. Não sem você .

— Não... — implorou ele baixinho, querendo tampar os ouvidos com as mãos.

— Durante o primeiro mês, não acredito ter estado sóbrio durante mais de uma hora seguida. Em meus momentos de lucidez caminhava pelos escarpados, procurando algo que tinha perdido, algo que precisava voltar a encontrar desesperadamente. Jamais consegui agarrá-lo, mas em troca, acabei descobrindo uma coisa interessante. Quer saber o que foi?

— Não — mentiu ela.

— Meu coração, Bliss. Descobri meu coração. Pensei que o tinha perdido para sempre. Mas você, meu amor, o fez bater de novo, me fez sentir vivo de um modo que jamais havia me sentido antes. Então soube que tinha que mostrar que posso ser um homem merecedor de seu amor. Só que não sabia como. Mas inclusive nisso você me ajudou. Uma vez me disse que seu pai achava que eu podia tomar meu lugar na Câmara dos Lordes. E o fiz. Me fiz ouvir. Falei dos pobres, das injustas condições trabalhistas e dos asilos. Até falei dos direitos da mulher.

Bliss esqueceu sua promessa de não olhar para ele e levantou os olhos, bebendo a imagem completa dele. Estava mais magro, mais esbelto o que o deixava ainda mais bonito, com as covinhas pronunciadas no rosto, com círculos escuros ao redor daqueles olhos

mais azuis que nunca, como se realmente tivesse sofrido. Mas acreditar nisso era admitir que ela ainda se interessava por ele. Será que ela podia confiar na sinceridade dele?

— Por que? — perguntou com calma.

— Por você. Por você e somente por você, Bliss. Eu queria ser um homem melhor, para você que pudesse ver em mim alguém que valesse a pena. Alguém que mereça ser amado, porque eu preciso que me ame, Bliss. Não sou completo sem você.

— Caine...

— Só me escute. Passei muito tempo com seu pai. Desculpei-me por tê-lo culpado da morte de meu pai. Quando a névoa saiu da minha mente, percebi que vivera enganado. Reinventei a história em minha cabeça para justificar o ódio que guardava dentro de mim. Ódio que queria dirigir a alguém que não fosse eu mesmo.

Aproximou dela com passos inseguros como se quisesse chegar no interior de sua alma com seu olhar.

— Não quero mais viver com dor, Bliss. Quero recuperar minha vida. Quero recuperar você.

Aproximou-se e ficou a poucos passos dela e estendeu a mão para acariciar seu rosto, mas desistiu e fechou a mão.

— Descobri um veio de carvão mineral em minha propriedade — disse num tom reservado. — Agora tenho dinheiro. Não muito, mas o suficiente para comprar algumas ovelhas e sementes para cultivar e para ter um bom começo de cria de árabes puro sangue. — Balançou a cabeça de leve com um sorriso que curvou o lábio. — Jamais pensei que fosse chegar o dia em que eu ia querer me transformar em um fazendeiro honrado. Mas estou preparado para assentar a cabeça.

— Seu pai ficaria muito feliz.

— Eu também gosto de pensar que provavelmente ele ficaria orgulhoso de mim.

— É claro que sim.

Ajoelhou-se na frente dela e tomou as mãos frias entre suas mãos mornas e a olhou de uma maneira como nuncs tinha olhado antes.

— Não queria ter ficado afastado tanto tempo, mas tinha que ter a certeza de possuir algo sólido para oferecer a você. Sei que a

feri e que não a mereço, mas peço que me perdoe. Vou passar cada dia da minha vida tentando compensá-la.

— Não! — O controle que tinha conseguido manter, de repente se partiu e as lágrimas rolaram copiosas pelo rosto. — Não diga o que não sente.

Tomou o rosto entre as mãos e secou as lágrimas com os dedos.

— Sim, é isso que eu sinto. Eu a amo e não posso viver sem você. Por favor, Bliss, não me faça viver sem você.

Um vento forte fez soltar a ponta do xale e ela o segurou, mas não a tempo de evitar que Caine descobrisse seu segredo. Ele deslizou os olhos para a barriga e com os longos dedos afastou o xale e ela levou a mão ao ventre involuntariamente.

Durante um momento interminável a olhou fixamente, com uma mescla de encanto e assombro até que olhou para ela de maneira aturdidada e inquisidora. A emoção pura ali refletida era tão real, que doía olhá-lo.

— Por que não me disse? — perguntou como se estivesse magoado.

Deu um suspiro profundo.

— Não pude.

Ele voltou a olhar o ventre com a respiração agitada até que finalmente com um estremecimento estendeu a mão e a pousou sobre as dela. O bebê se moveu inquieto debaixo de seus dedos, como se estivesse sabendo que ali estava seu pai.

— Nosso bebê. — As palavras soaram cheias de um profundo respeito enquanto segurou forte sua mão e a olhou nos olhos. — Não me prive disso, Bliss. Preciso de você. De ambos. Volta para Devon comigo. Vou construir para você um estúdio com vista para os escarpados; é tudo o que eu tenho.

Bliss fechou os olhos.

— Caine...

— Já sei. A feri e sinto muito. Se tiver que passar o resto da minha vida remediando isso, o farei.

Ela abaixou os olhos para as mãos entrelaçadas.

— Está me pedindo isso por causa do bebê?

Ele levantou o queixo dela para que o olhasse.

— Não, Deus, não. Vim aqui por você. Descobrir que vou ser pai me faz duplamente feliz. — Tinha o sorriso cheio de ternura. — Depois de tudo isso, parece que a donzela é real. Ela atendeu o meu pedido.

— A donzela? — perguntou sem entender.

— A da sepultura de Chopin. — Apontou para onde estava o anjo alado sobre a tumba do músico.

— Mas isso é apenas uma fábula de apaixonados.

— Para mim não. Veja e leia o que escrevi.

Bliss vacilou e então se levantou do banco, com as pernas bambas ao parar em frente à donzela, que parecia olhar para ela com aprovação. Inspirou fundo, desdobrou o pequeno pedaço de papel metido debaixo da pedra. As letras estavam meio borradas, mas a mensagem ainda era clara:

"A única coisa que peço é o privilégio de amar Bliss durante o resto de minha vida."

Com as lágrimas banhando seu rosto, Bliss olhou para Caine.

— Me perdoa Bliss? — Perguntou calmamente enquanto se aproximava, deixando que ela visse expresso em seus olhos tudo o que ele sentia por ela.

Bliss sabia que suas próprias preces tinham sido ouvidas.

Enquanto baixava a cabeça para beijá-la, para mostrar como se sentia, as mãos dele acariciaram com delicadeza o filho de ambos, abrigado sob o morno coração dela, protegido e amado.

Do mesmo modo como ela se sentia por estar entre seus braços.

Epílogo

“Se têm que te ensinar o significado do amor, isso é algo que seu coração deve aprender sozinho...”

“Duas almas, um só pensamento. Dois corações que pulsam como se fossem um só.”

Friedrich Halm

— Nossa paciente está bem, doutor? — Perguntou Bliss ansiosa, obeservando o veterinário calvo examinar a enorme barriga de *Ciara*.

Ele a olhou através de grossas lentes que aumentavam o tamanho de seus olhos umas dez vezes e faziam que se parecesse com uma coruja.

— Ela está bem, milady. Está se saindo muito bem. Nada a temer.

Bliss suspirou aliviada. Este nascimento era importante. O futuro de Northcote dependia desse resultado.

— E como está nossa menina hoje? — Escutou uma voz atrás dela.

Bliss se virou para olhar seu marido que estava apoiado contra a porta do estábulo, sorrindo daquele modo irresistível que sempre a excitava da cabeça aos pés.

Tinham se casado há dez gloriosos dias atrás: tinha sido muito rápido, em uma dessas pitorescas capelas de Paris, pronunciando seus votos em frente das pessoas mais importantes para eles. François, padrinho de Caine e Lisette, a moça que fora resgatada das ruas por Bliss, sua dama de honra e os três filhos de Lisette jogaram pétalas de rosa pelo corredor.

Tinham vencido a adversidade e avançado para um futuro melhor. E juntos podiam enfrentar qualquer coisa.

Bliss observou Caine se aproximar. Ela adorava a forma como ele se movia, na cama e fora dela. E esse olhar, ao parar na sua frente,

dizia que não esperariam até a noite para fazer o amor. Nesse tema, seus apetites tinham ficado famosos por causa das fofocas. Tinha feito amor com ela em quase todos os cômodos da casa, a qualquer hora do dia. Parecia achar sua gravidez um grande estimulante para a paixão; dizia que ela resplandecia. E ela suspeitava que era mesmo, pois se sentia feliz.

Suspirando com satisfação, recostou-se no ombro de seu marido. Ele a rodeou com o braço, desenhou pequenos círculos no pescoço enquanto brincava descaradamente com a outra mão nos seios entumecidos, provocando nela um estremecimento antecipado.

O doutor pareceu não perceber as travessuras do marido já que guardou os instrumentos e logo se endireitou.

— Não vejo a hora de ver a jóia de sua nova linha árabe, milord. O diabo deve ser absolutamente espetacular.

Colocou o chapéu na cabeça e se despediu felicitando-os pelo nascimento do bebê.

O olhar de Bliss seguiu o doutor enquanto se retirava até que desapareceu sob a névoa da manhã.

— É um bom homem.

— É um velho folgado — queixou-se Caine. Bliss riu divertida sabendo o que o incomodava. — Demorou muito tempo para terminar. Tive vontade de deitar você sobre este feno desde o primeiro dia que a vi aqui, causando problemas.

Bliss franziu a testa.

— Está me confundindo com outra pessoa, senhor... — Ele riu e apoiou a cabeça dela em seu ombro. Ela suspirou. — É muito malicioso, sabia?

Ele sorriu abertamente.

— E você me ama, não é?

— Com todo meu coração — respondeu ela, ficando na ponta dos pés para beijá-lo, e quando o beijo terminou estavam com a respiração acelerada.

Ele a atraiu mais para si e acariciou seus cabelos pensativo.

— Tudo está perfeito, não é mesmo?

— Bem... nem tudo está perfeito.

Ele a afastou para olhá-la com expressão séria.

— O que há, amor? Já se sente infeliz comigo?

— Nunca! — disse ela.

Fora das portas do estábulo, um alvoroço assinalou a chegada de alguém. Sorrindo, Bliss entrelaçou seus dedos nos dele e juntos saíram de volta ao sol brilhante de uma fresca manhã de outono.

— Ali está Hap que vem pela costa.

O encarregado do estábulo apareceu através de um prisma dourado.

Os escarpados formavam o pano de fundo, com manchas de diferentes tons que iam desde a escuridão intensa da maré, até o quente verde e marrom das sombras e das fendas escuras.

Os filhotes de gaivotas revoavam como flocos de neve sobre o escarpado central, onde uma cor cinza delicada se desvanecia até formar um rosado que ia se tornando vermelho, e do vermelho reluzia o púrpura. Mais à frente, um rebanho de ovelhas que subiam, ficavam suspensas na costa pronunciada como se fossem margaridas brancas. Esse era seu lar.

O suspiro dele mexeu com seus sentidos e desejou ter consigo pinturas e tela para poder capturar aquele momento para toda a eternidade. Mais especificamente o olhar no lindo rosto de seu marido.

— Vem montando ...?

— Sim — murmurou ela, enroscando os braços na cintura dele.

— É *Khan*.

Caine a olhou com expressão de confusão nos olhos azuis.

— Não entendo. Como...?

— Bom, tínhamos que contar com o melhor garanhã árabe já que vamos nos dedicar à criação de cavalos.

— Mas Olivia...

— Lady Buxton se sentiu mais do que feliz em desfazer-se dele (depois que ela e eu tivemos um pequeno bate-papo, claro).

O semblante carrancudo começou a obscurecer o rosto de seu adorado marido.

— Não me diga que você foi procurar aquela mulher, que se aproximou um centímetro que seja dessa bruxa.

— Minha mãe estava comigo — disse Bliss com calma. — Eu não corri nenhum risco. Simplesmente convoquei a marquesa para um pequeno *tete-a-tete* entre duas mulheres razoáveis e amadurecidas.

Antes que seu amado marido pudesse continuar repreendendo-a, Hap se deteve diante deles. Khan relinchou e sacudiu a cabeça orgulhoso, feliz por estar de volta aonde pertencia, com o homem que o tinha entesourado.

— Veja, meu amor — insistiu Bliss suavemente. — Dê as boas vindas ao *Khan*.

Uma infinidade de emoções marcaram o rosto do marido quando *Khan* chegou o focinho na mão estendida, como dois machos soberbos que se reconheciam. Aquela imagem deixou Bliss em lágrimas. E quando Caine se virou para olhá-la, ela viu o amor refletido em seus olhos.

— Como conseguiu? — perguntou. — Jamais pensei que Olivia aceitaria devolvê-lo.

Bliss apoiou o rosto contra o suave focinho de *Khan* e o acariciou no pescoço.

— Digamos que as mulheres fazem as coisas de maneira diferente dos homens. Quando eu expliquei a situação, ela percebeu o engano dos seus atos.

— Talvez isto o ajude a compreender melhor a situação, milord. — Hap tirou algo da bolsa. — O pai de sua senhoria me pediu que trouxesse isto para o senhor. — Entregou uma cópia do *London Post* de cinco dias atrás.

Bliss abriu os olhos ao ver a ousada manchete do artigo. Tirou o jornal da mão de seu marido e o escondeu atrás de si.

— Com certeza não vai se incomodar em ler fofoca insignificante, milord.

Ele arqueou a sobrancelha num gesto sagaz.

— Fofoca insignificante, não é? — Olhou-a. — Devolva-me isso amor.

— Mas... — antes que Bliss pudesse terminar a frase, Caine a encurralou contra uma árvore, ficando separados apenas pelo seu

volumoso ventre. Ela se mexia sem vergonha e o olhava com olhos com fingida inocência. Tinha trabalhado naqueles truques femininos desde que se tornou uma mulher casada. Os usava como meio de acabar com a raiva de seu marido quando fazia algo que ele não aprovava (o que acontecia frequentemente).

Mas suas manobras não o enganaram. Ela estava totalmente à sua mercê. Era só ele por um dedo no seu queixo e apenas roçar os lábios com os seus, Bliss se derretia de maneira desavergonhada.

— Não se zangue — disse antes de entregar o objeto da discórdia.

Deus a ele um olhar de advertência e abriu o jornal ruidosamente e leu o breve embora sem dúvida contundente artigo.

— Bliss... — disse num tom intimidador enquanto ela tentava escapar devagarinho.

Ela engoliu em seco e se virou.

— Sim, milord? — respondeu temerosa e ele percebeu.

— Por favor, me diga que não bateu em Olivia... de novo.

Bliss mordiscou o lábio inferior.

— Não bati nela, exatamente. Ela mesma tropeçou em meu pé quando estava se retirando. Não estava muito contente tendo perdido nossa aposta que fez com que eu recuperasse Khan...

— Aposta?!

Bliss se afastou.

— Bom, ela não quis aceitar o dinheiro que ofereci. E pensei que, como ela gosta de apostas, podíamos resolver o problema com um simples jogo de cartas. Desgraçadamente, ela tirou um dois de espadas. E eu a dama de ouro. — Tinha parecido romântico naquele momento, certamente o marido não estava apreciando a ironia.

— E se ela ganhasse o que você perderia? — perguntou ele com muita calma.

Bliss sacudiu os ombros com descaso:— Não me lembro exatamente.

O piolhento do Hap estava com vontade de falar. E falou.

— Os cabelos de sua senhoria, milord.

Bliss lançou um olhar mortal ao traidor.

Ele se virou para olhar para ela. Bliss tentou escapar de novo, mas Caine a segurou quando deu o primeiro passo.

Colocou a mão nos ombros dele para acalmá-lo.

— Marido meu, não se zangue. Eu tinha que fazer isso. Ela o magoou.

Esboçou um gesto relutante e curvou os lábios ao dizer:

— Você é uma mulher incrível, sabia disso? Supõe-se que eu deveria protegê-la e não o contrário.

— Como eu não mimaria a pessoa que amo e evitar que alguém a machuque?

A expressão de Caine ficou triste ao segurar a cabeça de Bliss entre as mãos.

— Teria cortado os cabelos se tivesse perdido?

— Sim. Mas eu não ia perder.

— Como sabe?

Bliss o abraçou, sentindo-se totalmente feliz, ao apertar a cabeça contra o peito de Caine e escutar seu coração batendo no mesmo ritmo do seu. Que agora era dele.

— Meu amor, porque se o tenho, sempre ganharei.

	Projeto Revisoras Traduções
	Grupo Romances Traduzidos
	http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/
	Comunidade Romances S.A.
	http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161